



PROJETO MONTTUR

DINÂMICAS ECONÓMICAS COM DESTAQUE PARA O TURISMO EM
MONTALEGRE: INVESTIMENTO, RETORNO E ESTRATÉGIAS PARA O FUTURO

Relatório Final

Julho de 2025





Ficha Técnica

Título : PROJETO MONTTUR –DINÂMICAS ECONÓMICAS COM DESTAQUE PARA O TURISMO EM MONTALEGRE: INVESTIMENTO, RETORNO E ESTRATÉGIAS PARA O FUTURO (Relatório Final)

Autores – (Equipa de Investigação):

Maria Helena Mesquita Pina (FLUP), Investigadora Responsável
André Samora-Arvela (FLUP), Co-Investigador Responsável
Beatriz da Silva Martins (FLUP), Coordenadora da Equipa de Voluntários
Maria Felisbela de Sousa Martins (FLUP), Investigadora
João Pedro Martins Furtado Barreiros (FLUP), Investigador
José Luís de Sousa Soares de Oliveira Braga (IEES), Investigador
Diogo Miguel Pinto (FLUP), Investigador
Célia Manuela da Silva Figueiras (FLUP), Investigador
Paola Vicentini Boni (FLUP), Investigadora
Maria Inês Ferreira de Amorim Brandão da Silva (FLUP), Investigadora
Jorge Bernardo Lacerda de Queiroz (FCUP), Investigador

Editor: Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Local de Edição: Porto

Ano de edição: 2025

ISBN – 978-989-9193-80-2

DOI - <https://doi.org/10.21747/978-989-9193-80-2/mont>

Contacto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Via Panorâmica, s/n
4150-564
Porto

Email sdi@letras.up.pt

Edição em formato eletrónico disponível em: <http://ler.letras.up.pt/site/default>

Esta publicação teve o apoio da Câmara Municipal de Montalegre.



Lista de alunos que participaram na análise de dados:

Rafaela Silva Gonçalves (FLUP)
Pedro Miguel Meireles Pereira (FLUP)
José Isolino Oliveira da Rocha (FLUP)
Hugo André Lima Duro (FLUP)
Cristiana Amaral Soares Silva (FLUP)
Carina Alves Moura (FLUP)
Gonçalo Maggessi (NOVA FCSH)
Duarte Vargas (NOVA FCSH)
Sofia Mariano (NOVA FCSH)

Voluntários na aplicação de inquéritos:

Alexandra Alves; Alexandre Marques; Alexandre dos Santos Franco; Alice Polaro; Aline Bispo; Ana Beatriz de Carvalho Ideias Pinho; Ana Carolina Meireles Marques; Ana Carolina Ramalho; Ana Carolina Tinoco; Ana Flávia Martins Polaro; António Luis Mota Guimarães; António José Oliveira Ramalho; Beatriz Arieira; Beatriz Moreira Ferreira; Beatriz dos Santos Martins; Caio Martins; Carina Alves Moura; Cláudia Fernandes; Cristiana Amaral Soares Silva; Célia Rodrigues; Daniel Rodrigues Pinto; Diogo Miguel Soares Bento; Débora Ferreira Ribeiro; Fabiana Gonçalves Ribeiro; Filipe Sousa; Francisco Cunha; Francisco Pereira; Hugo Duro; Joana Beatriz Rocha Morais; José Isolino Rocha; João Bernardo Gonçalves; Lara Sofia Guimarães da Silva; Lara Vieira Melo; Leonardo Miguel Brasil Macedo; Leonor Almeida; Marco Vasquez; Maria Francisca Silva Mesquita; Maria Inês Oliveira Neto; Maria Inês Ramos Machado Cruz; Maria Luísa Scharlau; Martim Pinho Ferreira; Matilde da Silva Caraméz; Mayara Brandão; Pedro Miguel Pereira; Rafaela Silva Gonçalves; Rebeca Bento; Salete Vieira.







Índice

INTRODUÇÃO	3
1– Enquadramento do projeto.	3
2- Objetivos do projeto.	3
3- Estrutura do relatório.	3
4- Resultados esperados.	4
PARTE I – O CONCELHO DE MONTALEGRE- BREVE CARACTERIZAÇÃO	5
1 – O CONCELHO DE MONTALEGRE.	6
1.1- Caracterização Biofísica.	6
1.1.1.O relevo e as condições climáticas.	7
1.1.2. Uso e ocupação do solo.....	9
1.2- Caracterização demográfica.	10
1.3 – Principais setores de atividade económica.	16
1.3.1- O setor agro-silvo-pastoril.	16
a) Algumas notas introdutórias.	16
b) Características das explorações agrícolas e da pecuária.....	17
c) O quadro humano de apoio às explorações agrícolas.	24
1.4- A produção de suínos e a Feira do Fumeiro e do Presunto de Montalegre	29
1.4.1- Os expositores	30
a) O início de atividade: como surgiu a ideia de criar suínos e fazer fumeiro.	30
b) Os problemas encontrados e como foram superados.....	32
c) Os apoios para a produção/exploração.....	33
d) A sazonalidade da atividade.	35
1.4.2– Perfil dos responsáveis pelas explorações agrícolas produtoras de fumeiro.	36
a) Género, idade, grau de instrução e atividades desempenhadas pelos produtores.	36
b) Perfil dos elementos do agregado familiar que auxiliam na exploração agrícola.	37
c) A venda dos produtos autóctones	40
1.4.3 – Características das explorações agrícolas dos expositores na Feira.....	40
a) A área, em hectares, das explorações.	40
b) A produção de suínos.	41
1.4.4 – O Fumeiro.	43
a) Produção de fumeiro e locais de venda.	43
b) Evolução e perspetivas sobre a venda de fumeiro.	45

c) O Futuro das explorações agrícolas e da Produção de Fumeiro – algumas linhas estratégicas.	46
1.5- O Impacte do Turismo Em Montalegre	49
1.5.1 – Notas introdutórias.	49
1.5.2- Inventariação da oferta turística básica de Montalegre.	49
1.5.3- Análise estatística do Turismo em Montalegre.	52
1.5.4- O ecomuseu do Barroso.	55
1.5.5- O impacte da restauração em Montalegre.	57
1.5.6- Breves notas finais.	59
PARTE I – OS EVENTOS ICÓNICOS EM MONTALEGRE E DINÂMICAS ASSOCIADAS	60
1- Enquadramento Geral dos Eventos Locais	61
2- Rallycross	63
2.1- Perfil sociocultural dos visitantes e a sua perceção sobre o evento	63
2.2- Equipas do Rallycross – seu impacte local	71
3- Sexta-feira 13	73
3.1- Sexta-feira 13 de setembro de 2024	73
3.1.1- Perfil sociocultural dos visitantes e a sua perceção sobre o evento	73
3.1.2- Perfil sociocultural e perceção da população local sobre o evento	86
3.2- Sexta-feira 13 de dezembro de 2024	90
3.2.1- Perfil sociocultural dos visitantes e a sua perceção sobre o evento	90
3.2.2- Perfil sociocultural e perceção da população local sobre o evento	100
4- Feira do Fumeiro e do Presunto	104
4.1- Perfil sociocultural dos visitantes e a sua perceção sobre o evento	105
4.2- Perfil sociocultural e perceção da população local sobre o evento	115
5-- Conclusões e Recomendações	119
5.1- Principais Conclusões	119
5.2- Limitações e Perspetivas de Continuidade	120
Referências Bibliográficas	122
ANEXOS	123

INTRODUÇÃO

1. Enquadramento do projeto.

O projeto **MONTTUR** — Dinâmicas Económicas com Destaque para o Turismo em Montalegre: Investimento, Retorno e Estratégias para o Futuro — é uma iniciativa de investigação coordenada pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), com o apoio do CEGOT (Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território). O projeto tem por fim analisar e promover o desenvolvimento sustentável do turismo no concelho de Montalegre, tendo com foco primordial a valorização económica, social e cultural do território.

2. Objetivos do Projeto

Neste sentido gizaram-se objetivos mais específicos, a saber:

1. **Avaliar o impacto de eventos locais:** o projeto centra-se na análise de eventos emblemáticos como o *Rallycross*, as Sextas-Feiras 13 e a Feira do Fumeiro, procurando medir o retorno económico e social dessas iniciativas para a região.
2. **Promover o desenvolvimento rural sustentável:** através da investigação em áreas como geografia, sociologia e sistemas de informação geográfica, o projeto visa identificar estratégias que impulsionem o crescimento sustentável do turismo em espaços rurais, valorizando o seu património, nomeadamente o construído, incluindo o vernacular, mas também os produtos autóctones e as tradições culturais.
3. **Fomentar a inovação e a sustentabilidade no turismo rural:** o projeto inclui nas suas tarefa para além da aplicação de inquéritos aos visitantes e residentes no período em que se concretizaram os eventos selecionados para este estudo, dado o seu indissociável impacte local e regional, a organização de seminários e eventos, como o II Seminário “O Turismo na procura pela Sustentabilidade e Inovação em Espaços Rurais”, para discutir e promover práticas inovadoras e sustentáveis no setor turístico rural, para além do evento final de divulgação dos resultados obtidos numa perspetiva integradora, responsável e sustentável.
4. **Facilitar a colaboração entre os stakeholders:** MONTTUR busca criar um espaço inclusivo para a troca de ideias e experiências entre profissionais do turismo, autoridades para além da comunidade local, empresas privadas, visando o avanço do turismo e das outras atividades, no sentido de se caminhar para um desenvolvimento sustentável em áreas rurais, a enfrentarem desafios múltiplos, como é o caso de Montalegre, apesar do dinamismo indiscutível da edilidade.

3. Estrutura do relatório

O Projeto **MONTTUR** estruturou-se em seis fases. A primeira, a **Preparação**, consistiu na definição dos objetivos específicos do projeto, estabelecimento do desígnio da análise e identificação das partes interessadas. Foram concretizadas reuniões para auscultar os diferentes agentes locais e elencar projetos já em execução, bem como as dificuldades existentes na sua realização e as expectativas futuras; realizaram-se reuniões de preparação/auscultação de entidades locais como os principais agentes autárquicos, económicos, sociais e culturais de Montalegre, para além da população residente em geral, no sentido de se obter uma auscultação prévia tendente à preparação/motivação destes

importantes atores, para se atingirem os objetivos deste estudo. Não podemos ignorar que, para além da necessidade da colaboração de todos estes agentes, há que partilhar as suas experiências e expectativas.

Na segunda fase, a da **Recolha de Dados**, procedeu-se à recolha de dados de diversas fontes sobretudo de âmbito turístico, incluindo fluxo de turistas e visitantes, gastos médios, ocupação hoteleira e pesquisas de satisfação para avaliar a experiência destes visitantes/turistas; realizaram-se entrevistas a entidades autárquicas, responsáveis de movimentos associativos, culturais, setoriais, no sentido de conhecer o quadro atual, os obstáculos ao dinamismo das suas atividades e as potencialidades existentes; realizaram-se também inquéritos/entrevistas aos agentes económicos de Montalegre, designadamente aos produtores agrícolas e de pecuária, artesãos, membros do comércio local, da restauração e similares, avaliando as suas experiências, os obstáculos existentes e as expectativas; finalmente, recolheram-se dados através do contacto direto com a população residente (inquéritos/entrevistas, por amostragem), auscultando a sua perceção sobre os seus problemas, as expectativas futuras, para além da visão das potencialidades e perspetivas das iniciativas em análise, bem como formas de aumentar a operacionalidade dos eventos e fomentar maior participação nos mesmos.

Seguiu-se a terceira fase do projeto, **Análise da Informação Obtida**. Os dados recolhidos foram submetidos a análises estatísticas detalhadas para avaliar o impacto económico, direto e indireto dos eventos, assim como os sociais, os culturais e, obviamente, também os ambientais; identificaram-se, de igual modo, as principais tendências sazonais e os meios/estratégias de mitigar os impactos negativos, incrementando novas políticas e diretrizes, realçando não apenas as existentes, mas alicerçando também outras complementares, sustentáveis, sem esquecer as raízes culturais e as tradições, aspetos basilares nas dinâmicas locais; finalmente, foram utilizadas várias técnicas de estatística descritiva e inferencial e ainda análises espaciais com a utilização de elementos gráficos e cartográficos.

Após estas três primeiras fases, e com base nas análises efetuadas sob uma perspetiva holística, foram formuladas as **Recomendações estratégicas**, especificadas sectorialmente, considerando os elementos distintivos do município, as multifacetadas potencialidades, as expectativas dos diferentes intervenientes locais e dos residentes, afinal, os principais beneficiários das dinâmicas a abordar. Estas propostas estratégicas pretendem, acima de tudo, otimizar o retorno económico dos eventos turísticos existentes e outros a criar, eventualmente. Estarão expostas na parte final do relatório.

Procedeu-se de seguida à **Elaboração deste Relatório**. Este foi estruturado sob uma perspetiva mais analítica do que descritiva, de modo a permitir extrair conclusões setoriais dos eventos em análise. Passou por diversas fases e engloba a apresentação de propostas estratégicas, de aperfeiçoamento de processos e de modos de implementação, gestão e dinamização a, eventualmente, outros a adicionar aos já existentes.

4. Resultados esperados

Finalmente, serão apresentados os **Resultados Finais**. Este relatório, resulta de uma reflexão sobre os resultados e sobre as reuniões intercalares que foram ocorrendo ao longo do processo, com a participação de todos os agentes envolvidos e do seu feedback, numa perspetiva de inclusão e dinamização sustentável de Montalegre, conjugando a tradição com projetos/dinâmicas inovadoras. Numa fase posterior, concretizar-se-ão diversos eventos de apresentação/divulgação dos resultados, complementados por publicações científicas.

PARTE I –
O CONCELHO DE MONTALEGRE – BREVE CARACTERIZAÇÃO

1 – O CONCELHO DE MONTALEGRE

O concelho de Montalegre localiza-se no distrito de Vila Real, na Região Norte (NUT II), Alto Tâmega e Barroso (NUT III). A norte faz fronteira com a Galiza e é limitada a sul pelo concelho de Cabeceiras de Basto, a sudoeste pelo de Vieira do Minho, a oeste pelo concelho de Terras de Bouro a nascente pelos concelhos de Chaves e Boticas. Montalegre, um município localizado no extremo norte de Portugal, abrange uma área territorial de 806,19 km², distribuída por 25 freguesias (Fig. 1).

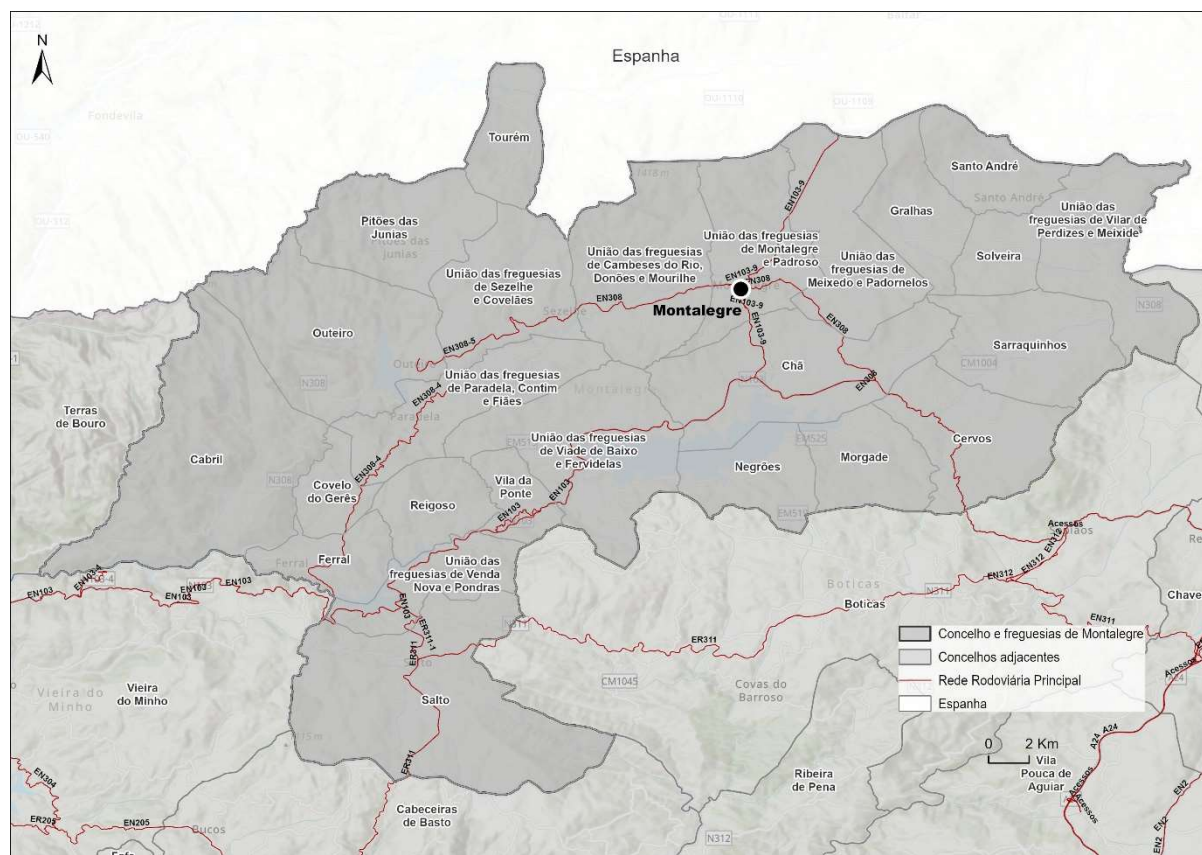


Figura 1 – Município de Montalegre. Concelho e freguesias.

1.1- Caracterização Biofísica.

O enquadramento territorial e populacional do concelho, bem como as suas características biofísicas contribuíram para a necessidade de consolidar um processo de desenvolvimento baseado em produtos endógenos, mas que também passa por um desenvolvimento turístico sustentado¹. Desta forma, a caracterização que aqui se apresenta, pretende enquadrar a importância de determinadas características biofísicas do território para a prossecução do modo de vida das comunidades locais e para o desenvolvimento das atividades económicas predominantes no concelho: os serviços e a agricultura. Justamente por isso, os autores optaram por incluir apenas algumas características que se revestem de maior relevância para este estudo.

¹ - Correia & Brito, 2010; Dias, 2013.

1.1.1. O relevo e as condições climáticas

O relevo sempre influenciou a distribuição espacial da população, deixando profundas marcas na forma como as comunidades se organizam, desenvolvem atividades e estabelecem demais interações. O concelho de Montalegre apresenta uma paisagem diversa, de expressivos contrastes entre as elevações acima dos 1000 metros de altitude e os vales encaixados dos principais rios e seus afluentes -Rio Cávado, Rio Rabagão e Rio Homem (Fig. 2).

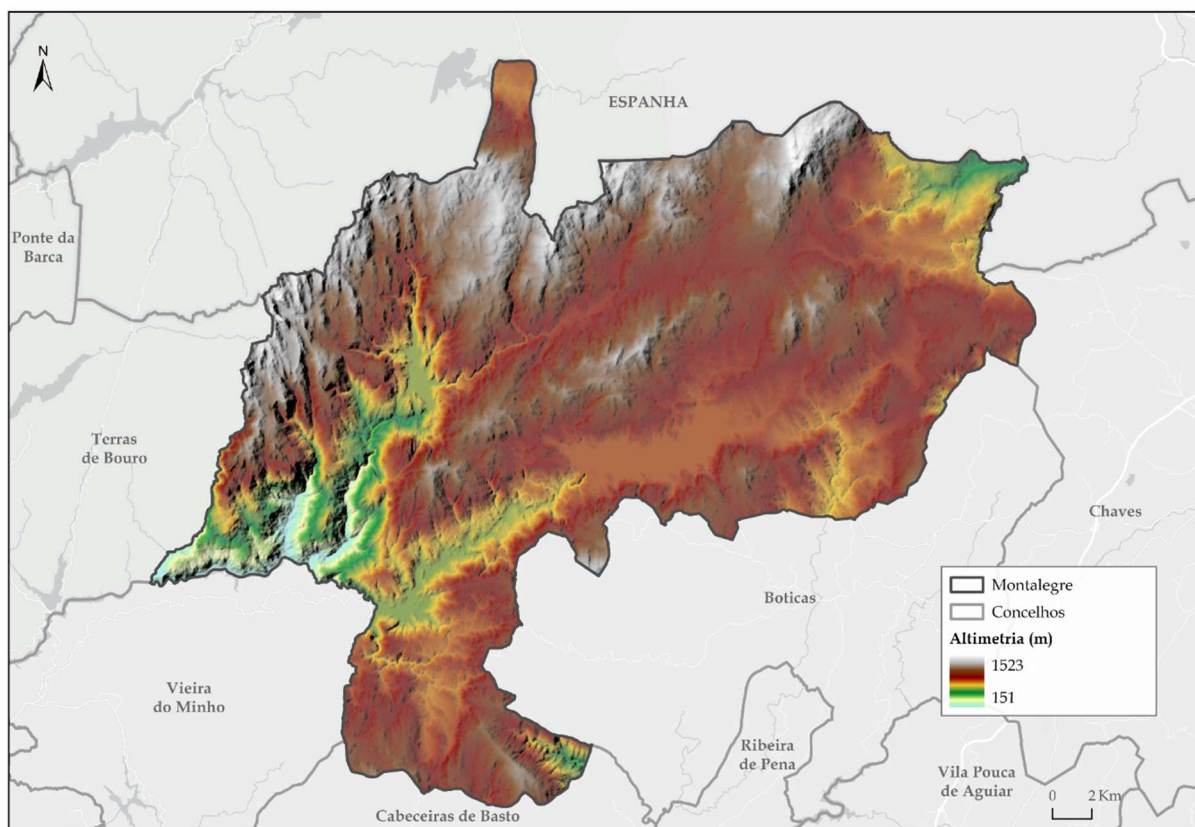


Figura 2 – Mapa hipsométrico do concelho de Montalegre.

Este território enquadra-se no maciço Galaico-Duriense² e é delimitado, essencialmente, por cinco serranias. Consta-se que a diferença de cotas altimétricas existentes em Montalegre ocorre, aproximadamente, entre os 150 e os 1500 metros, atingindo o seu máximo no extremo oeste do município, em concreto no Pico da Nevosa, Serra do Gerês, junto ao limite fronteiriço com Espanha e com o município de Terras de Bouro. Existe, por isso, uma ampla diversidade altimétrica. No nordeste do concelho, também junto à fronteira espanhola, a Serra do Larouco eleva-se acima dos 1500 metros, onde se encontra a nascente do Rio Cávado. Embora não haja qualquer edificação a partir dos 1200 metros de altitude, aqui se têm realizado uma série de atividades importantes para a dinamização da economia local, como a etapa da Volta a Portugal em bicicleta, em 2021 e 2023, ou os campeonatos Mundial e Nacional de Parapente. Já a Serra da Cabreira, que se eleva aos 1262 metros, divide as bacias hidrográficas do Cávado e do Tâmega. A paisagem, caracterizada por substratos predominantemente graníticos, é constituída por planaltos e elevações de blocos.

² - Gonçalves *et al.*, 2016

Para além da altitude, o fator exposição assume um papel determinante nestas regiões, com implicações ecológicas bem definidas, como se evidencia nas marcadas diferenças entre as paisagens orientadas a Norte e a Sul³

Além do relevo, também as condições edafoclimáticas influenciam a disposição e o tipo de culturas agrícolas que se encontram neste território. Estas condições variam dentro do próprio município, uma vez que este representa a transição entre o Minho e Trás os Montes, entre as Serras do Larouco e do Marão (Fig. 3).

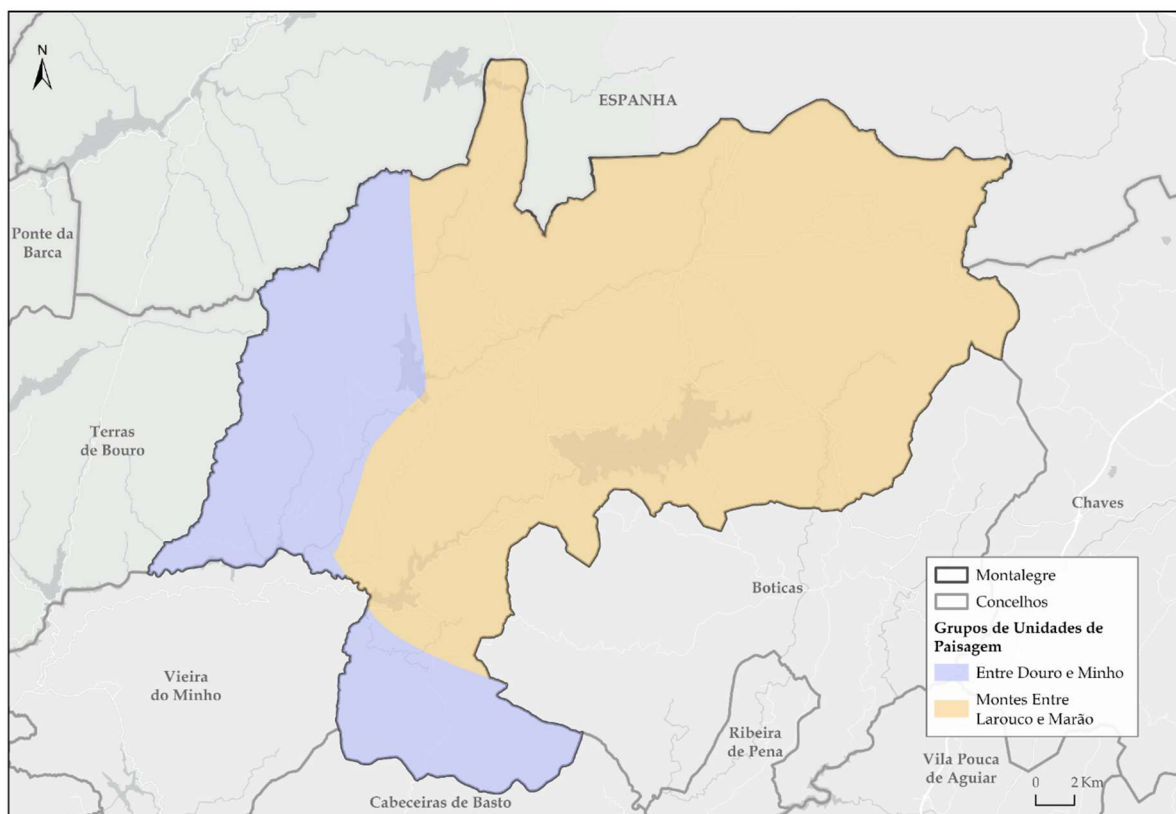


Figura 3- Grupos de Unidades de Paisagem no Município de Montalegre.

Fonte: DGT, D'abreu *et al.*, (2002)

Em termos genéricos, o concelho de Montalegre tem um clima temperado com verão seco e suave, embora o inverno seja, por norma, rigoroso. Este território caracteriza-se por níveis de pluviosidade anual elevados, com uma média de cerca de 1500 mm anuais, que se distribuem, principalmente, entre outubro e janeiro. Este aspeto também tem a ver com a sua localização face à proximidade do Atlântico. As temperaturas chegam a atingir os 10 graus negativos⁴ no inverno e, também por isso, em algumas áreas desta região regista-se, com frequência, queda de neve. No verão, as máximas são, habitualmente, superiores a 30 graus⁵. Os ventos, por seu turno, são muito irregulares ao longo do ano e apresentam uma grande variação na intensidade e orientação⁶. Este clima de amplas variações térmicas anuais, bem como elevadas humidades relativas e precipitação distribuída e abundante ao longo do ano, permitem que este território tenha, em grande parte da sua extensão, pastagens que se mantêm verdes e que, por isso, são capazes de alimentar o enorme número de cabeças de gado bovino, caprino e ovino existentes.

³- Gonçalves e Ferreira, 1994.

⁴- Costa, 1987.

⁵- Costa, 1987.

⁶- Costa, 1987.

1.1.2. Uso e ocupação do solo

Segundo a Carta Oficial de Uso e Ocupação do Solo de 2018⁷, a superfície territorial caracteriza-se por um solo maioritariamente ocupado por matos (43%), povoamentos florestais (30%) e agricultura (11%). Identificam-se espaços descobertos e de vegetação esparsa (8%) onde predominam afloramentos graníticos, nomeadamente a poente, na Serra do Gerês (Figs. 4 e 5). As áreas artificializadas correspondem, maioritariamente, a aglomerados urbanos dispersos, notando-se com maior expressão: a vila de Montalegre e a Sudoeste, a vila de Salto.

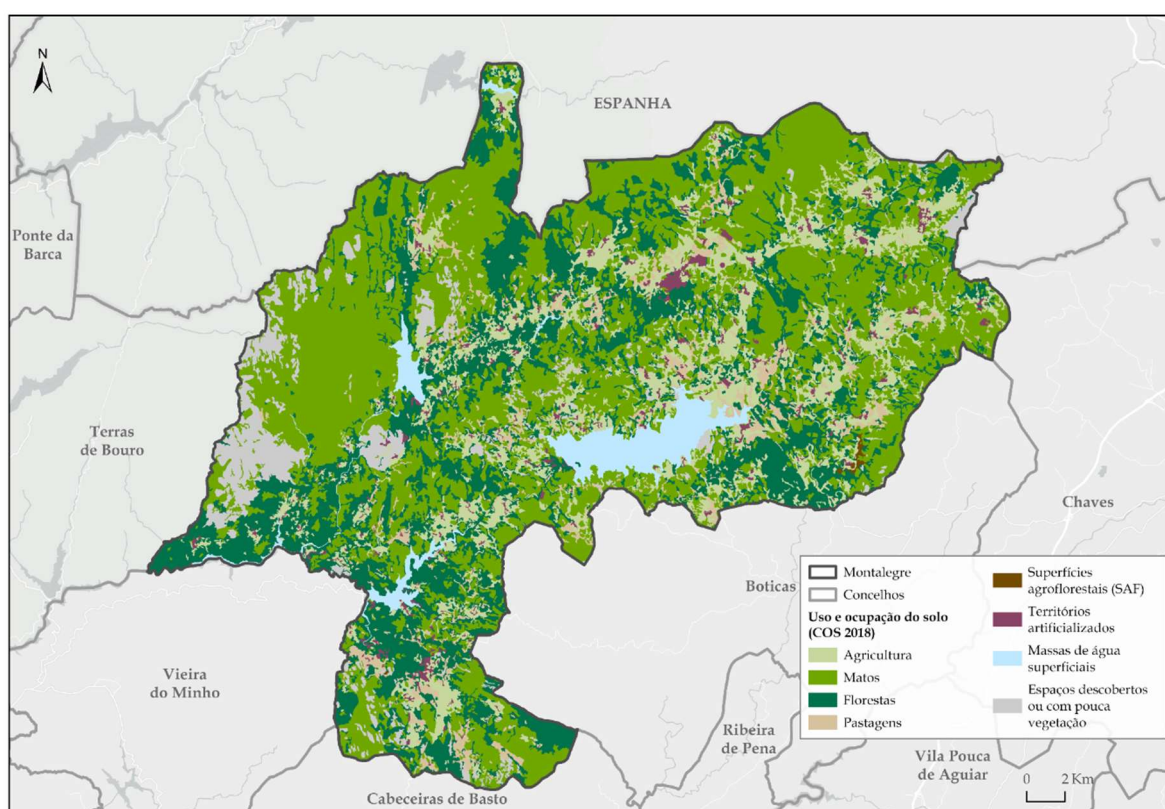


Figura 4- Uso e ocupação do solo no município de Montalegre.
Fonte: DGT, COS 2018.

Por outro lado, este é, de facto, um território onde o elemento água tem grande importância. Neste sentido, Montalegre abrange diferentes massas de água de dimensões consideráveis, nomeadamente a Albufeira do Alto Rabagão, a Albufeira de Paradela e a Albufeira de Venda Nova. Estas massas de água e os rios principais, bem como os seus afluentes, são essenciais para a sustentabilidade da prática agrícola e para a atividade da pecuária.

⁷ A versão 2.0.0 da COS 2018 é a versão mais recente de uma Carta de Uso e Ocupação do Solo consolidada.

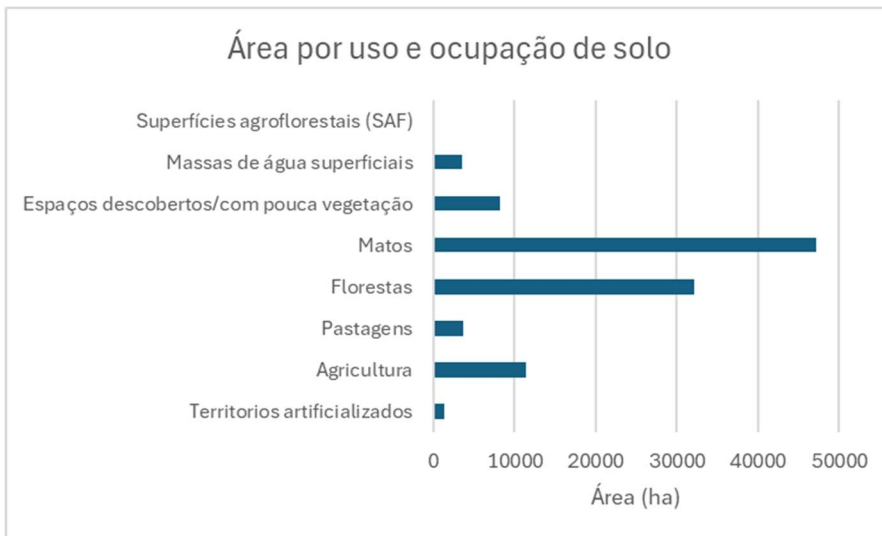


Figura 5- Área por uso e ocupação do solo segundo a COS 2018.
Fonte: DGT

1.2- Caracterização Demográfica

Montalegre é um concelho com 805,46 km² (INE, 2023) que tem vindo a perder população residente, sendo que, em 2011, residiam 10 537 habitantes (INE, 2013) no seu seio territorial, ao passo que, em 2021, esse número reduziu-se para 9 261 habitantes (INE, 2023). Entre 2011 e 2021, verificou-se, assim, uma diminuição de 1 276 habitantes ao longo da década, a qual representa uma redução de 12,1% da população residente (Fig. 6).

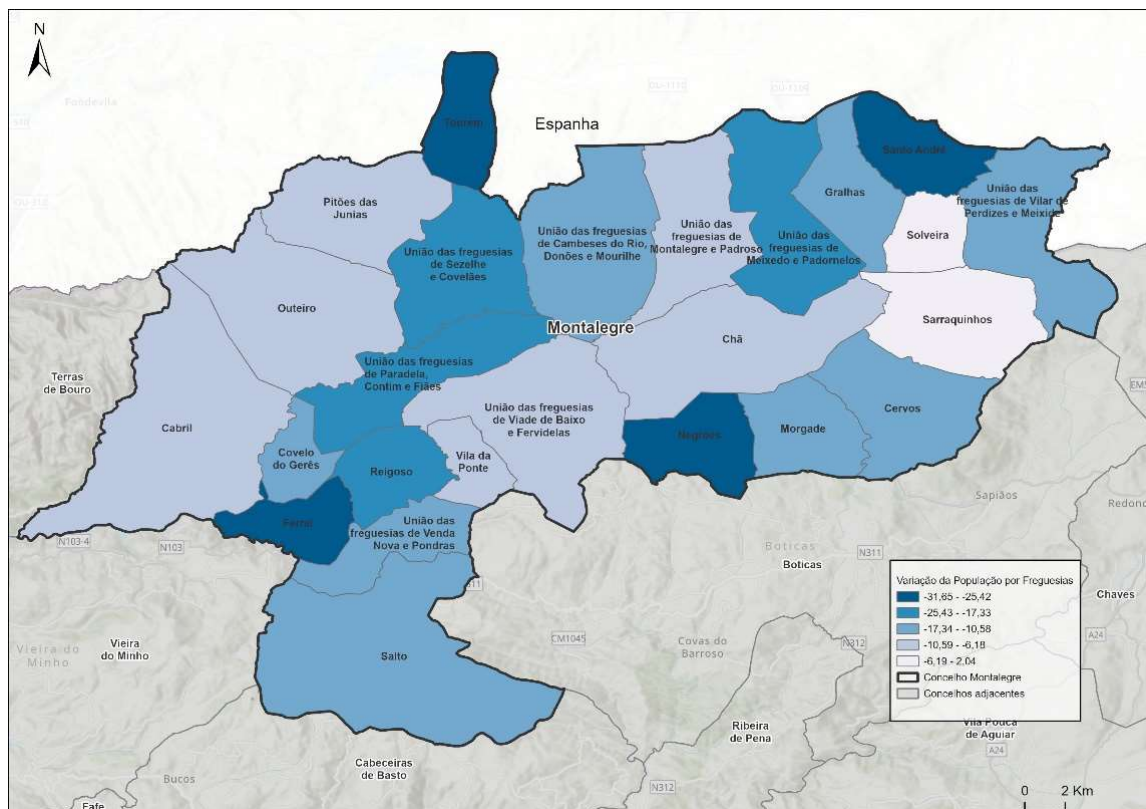


Figura 6-Varição da população residente entre 2011 e 2021, por freguesia.
Fonte: Recenseamentos Gerais da População de 2011 e 2021, INE

Atualmente, a densidade populacional situa-se em aproximadamente 11 habitantes por km² (INE, 2023).

Entre os Censos de 2011 e 2021 (INE, 2013; 2023), todas as freguesias do concelho de Montalegre registaram uma diminuição da população residente. Em termos quantitativos, observa-se que, em 2011, a freguesia com maior número de habitantes era Salto, com 1.198 residentes, seguindo-se Montalegre e Padroso com 1.570 habitantes, e Viade de Baixo e Fervidelas com 892. Em 2021, estas freguesias mantinham-se entre as mais populosas, ainda que com valores mais baixos: Salto passou a contar com 1.150 habitantes (uma redução de 3,98%) e Montalegre e Padroso com 1.492 (redução de 4,95%). Por outro lado, freguesias como Negrões, Reigoso e Meixedo e Padornelos apresentaram populações muito reduzidas, quer em 2011 quer em 2021. Por exemplo, Negrões contava com apenas 73 habitantes em 2011, valor que baixou para 53 em 2021, o que representa uma redução de 27,4%. Já Meixedo e Padornelos passou de 153 para 105 habitantes no mesmo período, registando a maior quebra percentual do concelho, com-31,37%. Outras freguesias que sofreram perdas significativas são Reigoso (de 205 para 151 habitantes, -26,29%), Solveira (de 173 para 129, -25,43%) e Ferral (de 183 para 137, -25,14%). A freguesia de Cabril, por exemplo, viu a sua população diminuir de 553 em 2011 para 512 em 2021, o que corresponde a uma variação de-7,41%. Chã, uma das freguesias com maior estabilidade, registou uma redução de apenas 6,28%, passando de 748 para 701 residentes. Por sua vez, Pitões das Júnias, uma freguesia com algum dinamismo turístico, desceu de 161 para 152 habitantes, o que representa uma variação de -5,63% (tabela 1).

Tabela 1. Variação da população residente no município de Montalegre em cada freguesia no período de 2011-2021. Extraído de: INE (2013, 2023).

População Residente- Freguesia	População 2011	População 2021	Variação (%)
Cabril	553	512	-7.41
Cambeses do Rio, Donões e Mourilhe	309	273	-11.65
Cervos	271	227	-16.24
Chã	748	701	-6.28
Covelo do Gerês	194	166	-14.43
Ferral	397	293	-26.2
Gralhas	208	186	-10.58
Meixedo e Padornelos	333	265	-20.42
Montalegre e Padroso	1923	1772	-7.85
Morgade	228	195	-14.47
Negrões	177	132	-25.42
Outeiro	156	143	-8.33
Paradela, Contim e Fiães	308	245	-20.45
Pitões das Júnias	161	151	-6.21
Reigoso	167	130	-22.16
Salto	1429	1263	-11.62
Santo André	218	149	-31.65
Sarraquinhos	294	300	2.04
Sezelhe e Covelães	277	229	-17.33
Solveira	154	150	-2.6
Tourém	151	110	-27.15
Venda Nova e Pondras	393	344	-12.47
Viade de Baixo e Fervidelas	762	695	-8.79
Vila da Ponte	178	167	-6.18
Vilar de Perdizes e Meixide	548	463	-15.51
Montalegre (Total)	10537	9261	-13.78%

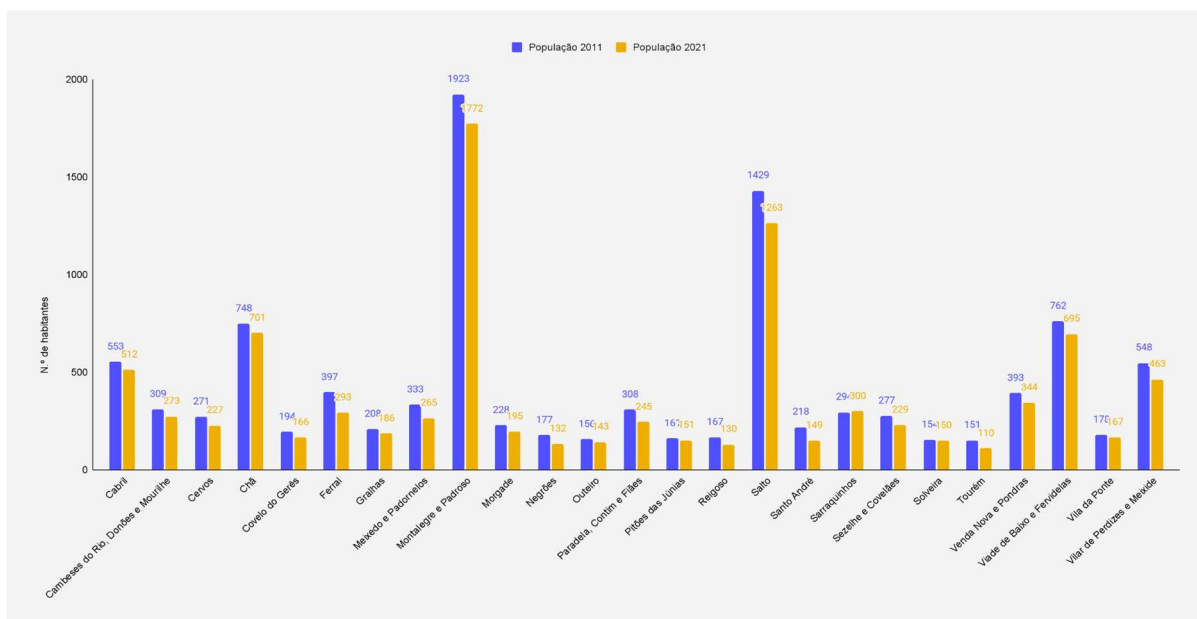


Figura 7 - População residente no município de Montalegre, por freguesia, em 2011 e 2021. Fonte: INE (2013, 2023).

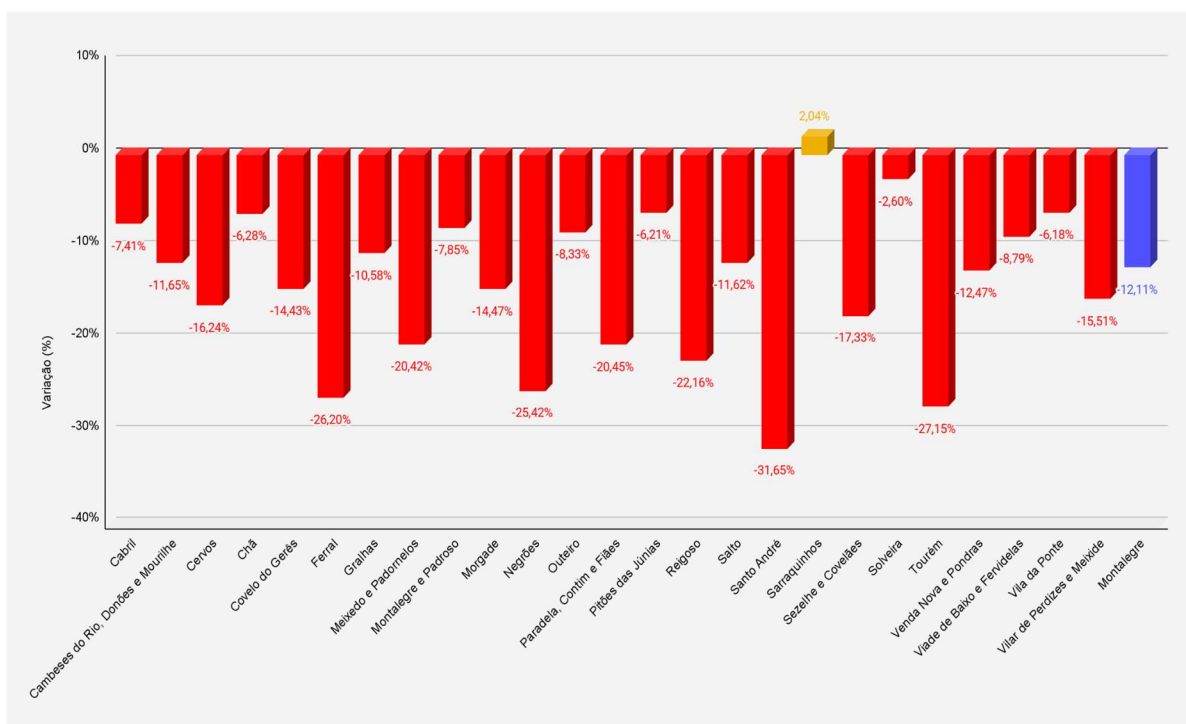


Figura 8- Variação da população residente no município de Montalegre, por freguesia, no período 2011-2021. Fonte: INE (2013, 2023).

Esta tendência reflete-se numa diminuição generalizada nos grupos etários mais jovens. No período entre 2011 e 2021, verificou-se uma baixa natalidade, expressa pela diminuição de 31,7% do grupo etário até aos 14 anos, acompanhado, porventura, de um relativo êxodo nos restantes grupos etários em idade ativa, nomeadamente sugerido pelo decréscimo do grupo etário dos 15-24 anos em 29,6% e do grupo etário dos 25-64 anos em 16,9% (Tabela 2).

Tabela 2 – Evolução da população residente em Montalegre

Grupo Etário	2011	2021	Varição
0-14 anos	1 003 (9,5%)	685 (7,4%)	-31,7%
15-24 anos	979 (9,3%)	689 (7,4%)	-29,6%
25-64 anos	5 074 (48,2%)	4 216 (45,5%)	-16,9%
65+ anos	3 481 (33,0%)	3 671 (39,6%)	+5,5%

Fonte: Elaboração própria, 2025

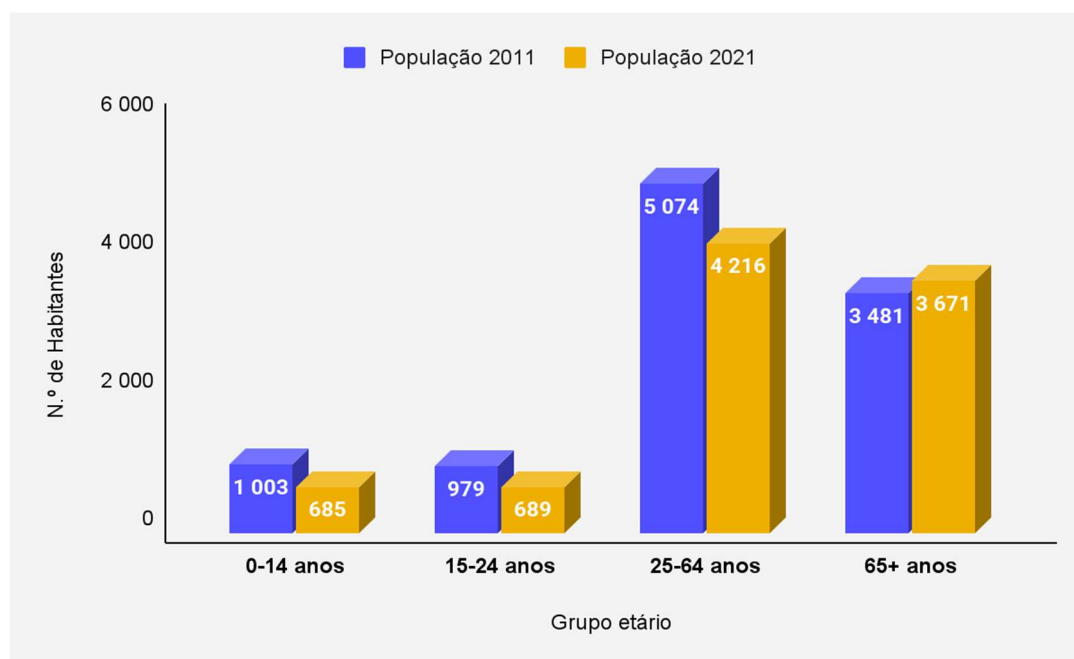


Figura 9 - População residente no município de Montalegre por grupos etários em 2011 e 2021.

Fonte: INE (2013, 2023)

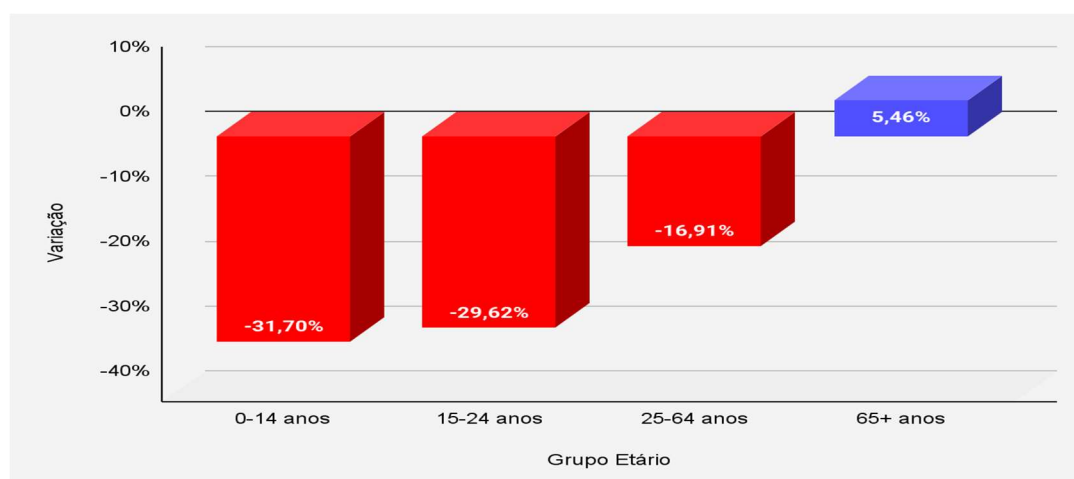


Figura 10 - Variação da população residente no município de Montalegre por grupos etários no período de 2011-2021.

Fonte: INE (2013, 2023).

Constata-se, portanto, uma diminuição da população jovem, na medida em que os menores de 25 anos passaram de quase 19% em 2011 para um pouco menos de 15% da população em 2021 (tabela 2). Alinhadamente, há uma clara inversão da pirâmide etária a ascendência inquestionável da população com 65 ou mais anos (aumento de 5,5%).

Posto isto, com base nos dados dos Censos de 2011 e 2021, é possível observar uma evolução significativa do índice de envelhecimento nas freguesias do concelho de Montalegre. Este índice, que representa o número de idosos (65 anos ou mais) por cada 100 jovens (com menos de 15 anos), revela tendências preocupantes associadas ao envelhecimento populacional acentuado em todo o território. Regista-se um aumento do Índice de Envelhecimento (INE, 2025) entre 2011 e 2021, transitando de aproximadamente 343 para 533 pessoas com 65 anos ou mais por cada 100 jovens com menos de 15 anos, evidenciando-se um aumento significativo no envelhecimento da população do concelho de Montalegre. No geral, embora existam diferenças na magnitude da perda populacional entre freguesias, nenhuma delas escapou à tendência de decréscimo. As freguesias mais afetadas são geralmente as mais pequenas e isoladas, enquanto as menos penalizadas tendem a beneficiar de maior centralidade ou de fatores de atração como o turismo ou a concentração de serviços. Em termos quantitativos, em 2011 o índice de envelhecimento já era elevado em praticamente todas as freguesias. Por exemplo, Cabril apresentava um índice de 366, Cervos de 386,4 e Negrões de 1.100, refletindo desde logo uma forte predominância da população idosa face à população jovem. Contudo, entre 2011 e 2021, a maioria das freguesias registou um agravamento expressivo deste indicador, demonstrando um agravamento do desequilíbrio etário. Em 2021, a situação tornou-se ainda mais crítica em várias localidades. O índice de envelhecimento atingiu valores extremamente elevados em freguesias como Cervos (791,67), Chã (451,72), Cambeses do Rio, Donões e Mourilhe (561,90) e Negrões (1.325,00). A variação percentual ao longo da década mostra aumentos substanciais: Chã, por exemplo, registou um crescimento de +125,86%, enquanto Cervos aumentou +104,88%. Estas subidas revelam não só o envelhecimento progressivo da população, mas também uma acentuada redução da população jovem. Por outro lado, algumas freguesias apresentaram uma redução no índice de envelhecimento, como Covelo do Gerês, que passou de 322,2 em 2011 para 265,0 em 2021, o que representa uma descida de -17,75%, e Meixedo e Padornelos, que desceu ligeiramente de 1.083,3 para 1.050,0 (-3,08%). Apesar de se manterem em níveis bastante elevados, estas quebras podem refletir alguma oscilação demográfica ou pequenas mudanças no perfil etário local.

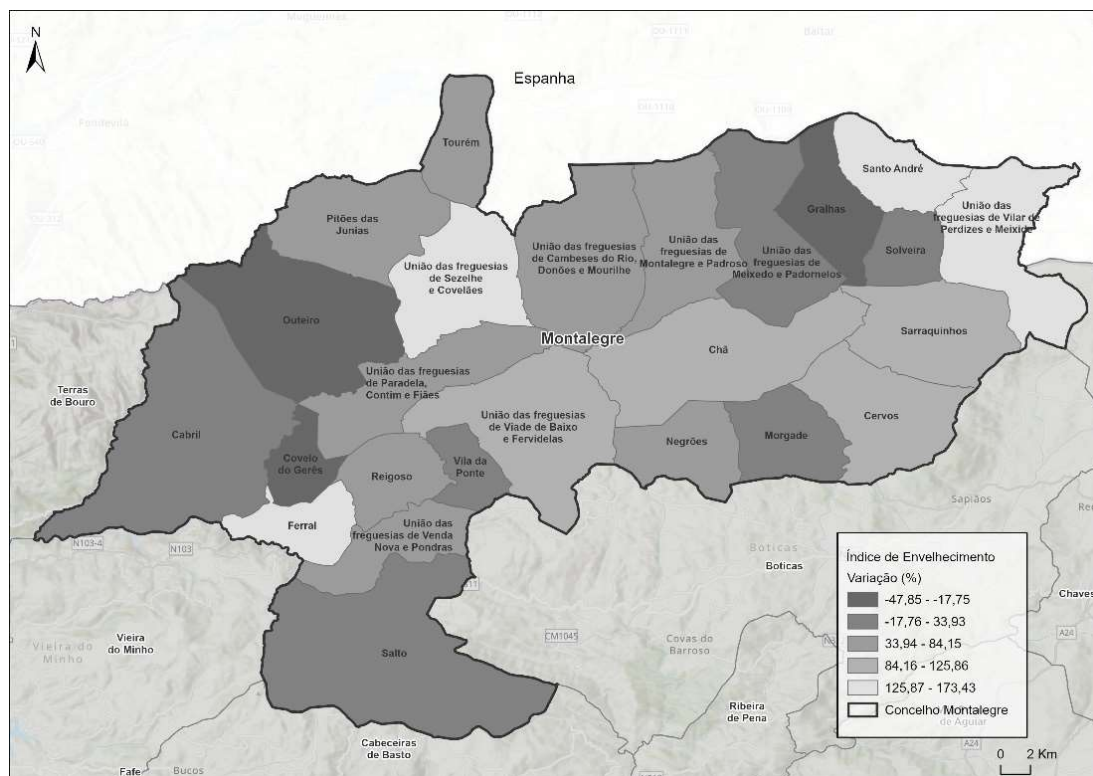


Figura 11- Variação do índice de envelhecimento entre 2011 e 2021, por freguesia.
 Fonte: Recenseamentos Gerais da População de 2011 e 2021, INE

Globalmente, os dados mostram que a maioria das freguesias de Montalegre viram o seu índice de envelhecimento aumentar significativamente, com variações percentuais acima dos 50% em muitas delas (fig. 11 e tabela 3). Esta análise revela um padrão preocupante de despovoamento contínuo, evidenciando os desafios demográficos nas freguesias do concelho de Montalegre.

Tabela 3. Variação da Índice de Envelhecimento de Montalegre no período de 2011-2021. Extraído de: INE (2025).

Freguesia	Censos 2011	Censos 2021	Varição (%)
Cabril	366	370.91	1.34
Cambeses do Rio, Donões e Mourilhe	331.4	561.9	69.55
Cervos	386.4	791.67	104.88
Chã	200	451.72	125.86
Covelo do Gerês	322.2	265	-17.75
Ferral	340.5	862.5	153.3
Gralhas	1557.1	1036.36	-33.44
Meixedo e Padornelos	588	787.5	33.93
Montalegre e Padroso	192.3	305.65	58.94
Morgade	525	600	14.29
Negrões	376.5	675	79.28
Outeiro	737.5	384.62	-47.85
Paradela, Contim e Fiães	509.5	808.33	58.65
Pitões das Júnias	427.3	722.22	69.02
Reigoso	1075	1850	72.09
Salto	346.7	443	27.78
Santo André	658.3	1800	173.43
Sarraquinhos	351.9	744.44	111.55
Sezelhe e Covelães	462.5	1177.78	154.66
Solveira	492.3	530.77	7.81
Tourém	700	1080	54.29
Venda Nova e Pondras	357.9	659.09	84.15
Viade de Baixo e Fervidelas	258.9	566.67	118.88
Vila da Ponte	1071.4	1157.14	8
Vilar de Perdizes e Meixide	584.6	1540	163.43
Montalegre (Total)	347.1	535.91	54.4

A tendência de diminuição populacional e o envelhecimento demográfico podem estar associados a fatores como a migração de jovens para áreas urbanas em busca de oportunidades de emprego e educação, bem como a baixa taxa de natalidade. A baixa densidade populacional pode influenciar a prestação de serviços públicos e o desenvolvimento económico local, exigindo políticas específicas para enfrentar os desafios demográficos.

Em resumo, Montalegre enfrenta desafios significativos relacionados com a diminuição e o envelhecimento da sua população, características comuns em várias regiões do interior de Portugal, com graves reflexos a todos os níveis. Exige-se, portanto, a aplicação de estratégias bem fundamentadas para mitigar e, se possível, reverter estas tendências negativas.

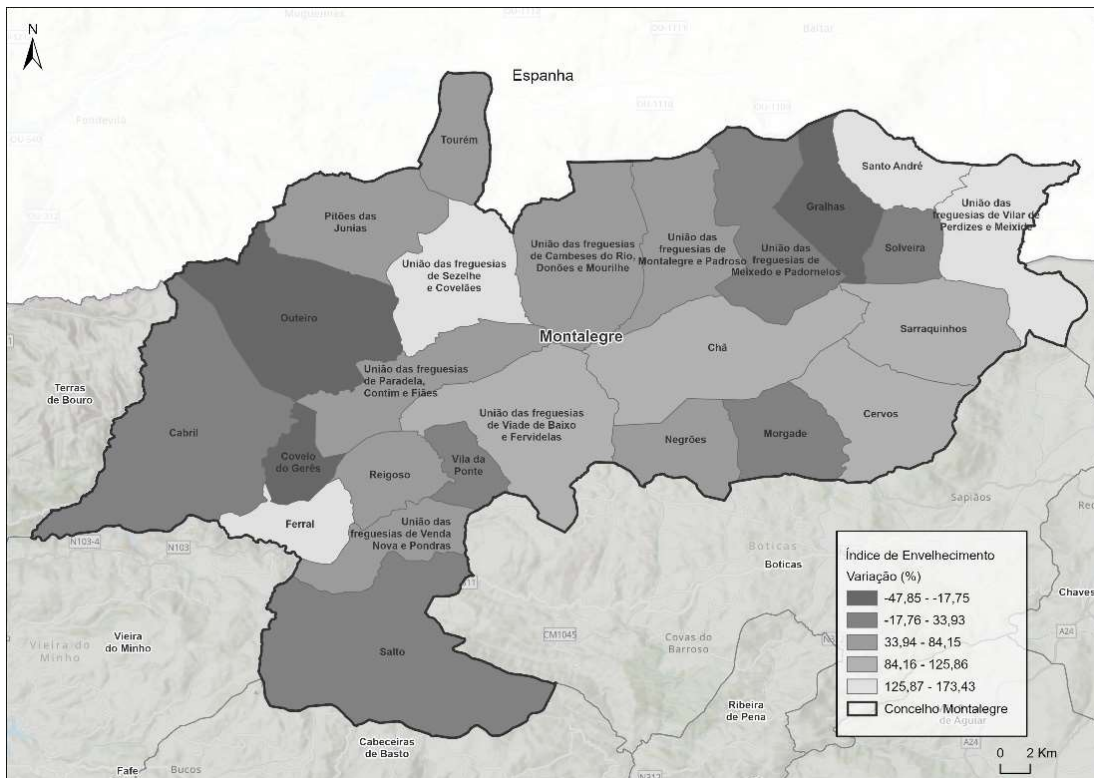


Figura 11- Variação do índice de envelhecimento entre 2022 e 2021, por freguesia.

Fonte: Recenseamentos Gerais da População de 2011 e 2021, INE

1.3- Principais Setores de Atividade Económica

1.3.1- O setor agropastoril de Montalegre

a). Algumas notas introdutórias

Montalegre apresenta uma grande variabilidade altimétrica, como já constatamos, onde domina uma cobertura vegetal também diversificada, nomeadamente nos espaços agrícolas, muito direcionados para a produção de hortícolas e rações para a alimentação dos animais. Envolve-se, contudo, numa estrutura fundiária muito adversa, onde o excessivo parcelamento da propriedade rústica surge como um desafio a enfrentar.

Pelo que já foi apontado, no concelho de Montalegre, verifica-se um acentuado abandono dos espaços agrícolas, reflexo do despovoamento rural, do envelhecimento da população agrícola que ainda subsiste e da baixa rentabilidade das explorações agrícolas. Consequentemente, avoluma-se o já significativo desafio associado à sucessão geracional nestes espaços rurais. Recordemos que, tal cenário, fundamenta a redução da atividade agrícola concretizada em moldes tradicionais, e, por conseguinte, a progressiva degradação do meio ambiente, com a inquestionável redução da vitalidade das comunidades rurais. Há, de facto, que atentar na importância das atividades agro-silvo-pastoris tendo em vista a preservação do equilíbrio ecológico, do meio ambiente, pois tal tem consequências graves. Na realidade, o declínio demográfico nestes espaços e a anulação das práticas agrícolas tradicionais, substituídas pelo abandono do solo, constitui uma ameaça à conservação das paisagens e dos ecossistemas locais. No caso do Município de Montalegre, dado o quadro ambiental apresentado, difícil, mas cativante, urge enfrentar estes desafios.

Correspondendo as atividades agro-silvo-pastoris à força motriz do concelho, há que as analisar com algum pormenor. Apoiamo-nos na informação disponibilizada pelos Recenseamentos Agrícolas do Instituto Nacional de Estatística (INE), nos quatro últimos Recenseamentos Agrícolas decenais (1989, 1999, 2009 e 2019).

b) Características das explorações agrícolas e da pecuária

Neste relatório fixamo-nos apenas em alguns indicadores que retratam o cenário antes apresentado de forma muito sucinta. Registe-se que é indiscutível uma acentuada diminuição do número de explorações agrícolas entre 1989 a 2019, sobretudo nos espaços de morfologia montanhosa mais acentuada, mas também um aumento da dimensão média das explorações sobejantes, as mais bem preparadas para acolher inovações técnicas, apesar de nem essas ostentarem uma estrutura muito favorável.

Por outro lado, tal problema confirma-se se analisarmos os quadros 1 a 4 (em anexo), onde deparamos com o número de explorações agrícolas desagregadas por classes de Superfície Agrícola Utilizada (SAU) e a sua evolução no período em análise. Rapidamente, constatamos que existe o domínio, em qualquer ano censitário, das explorações com 1 a <5 ha, seguindo-se as de 5 a < 20 ha. As de maiores dimensões localizam-se nas freguesias mais desenvolvidas, com maior densidade populacional e boas acessibilidades. Há, porém, que destacar a freguesia do Salto. Estamos, pois, perante freguesias de menor altitude e próximas, ou atravessadas, pelo Rio Rabagão e estradas principais (Quadros 1, 2, 3 e 4 em anexo).

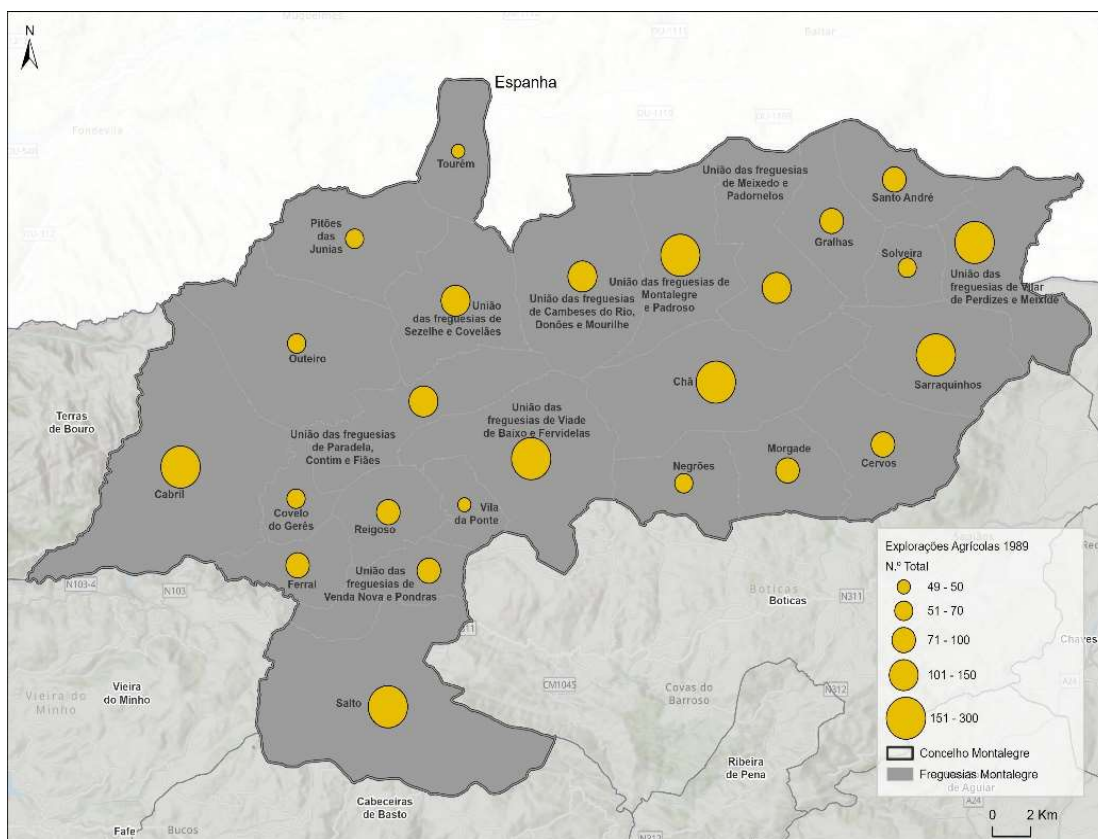


Figura 12- Número total de explorações agrícolas com SAU, por freguesia, em 1989.
Fonte: Recenseamento Agrícola de 1989, INE.

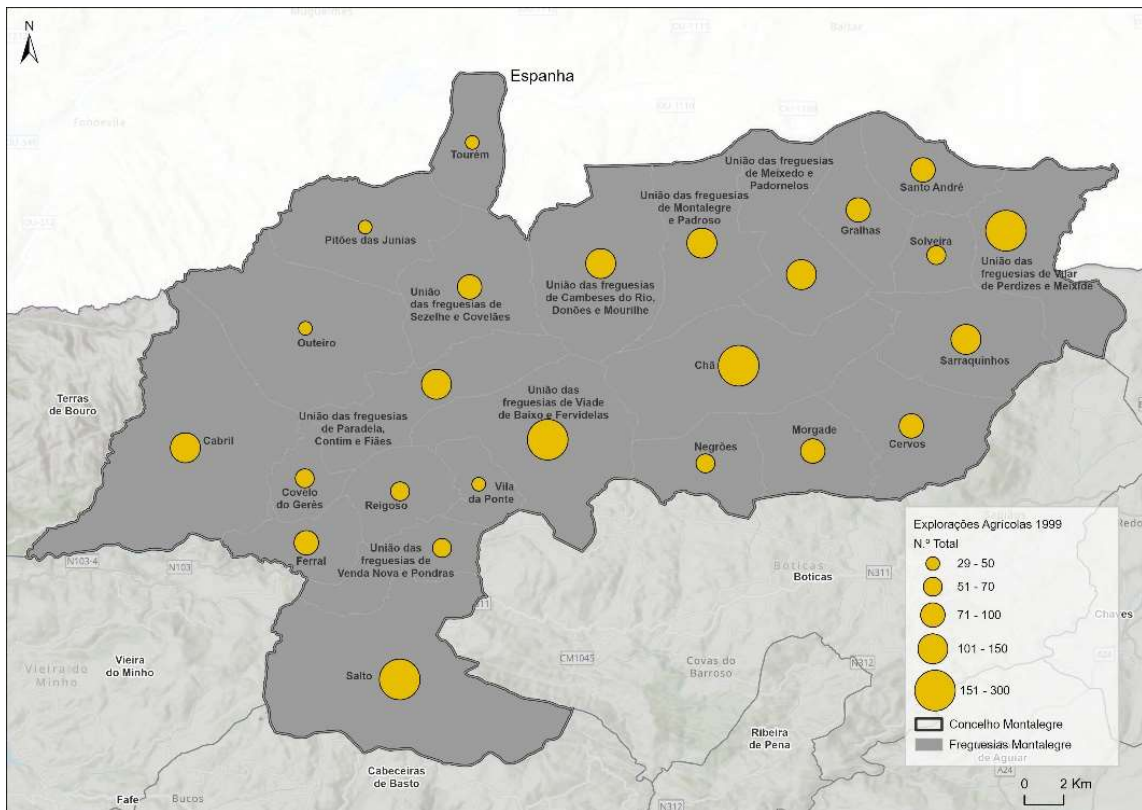


Figura 13- Número total de explorações agrícolas com SAU, por freguesia, em 1999.
 Fonte: Recenseamento Agrícola de 1999, INE

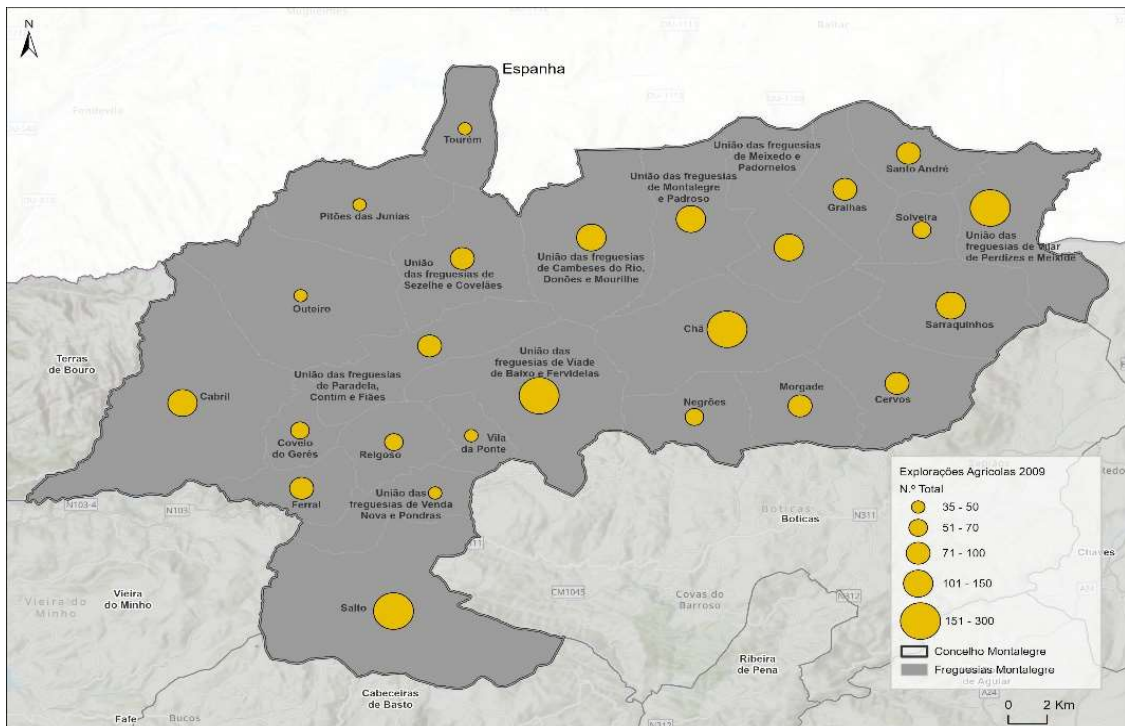


Figura 14- Número total de explorações agrícolas com SAU, por freguesia em 2009.
 Fonte: Recenseamento Agrícola de 2009, INE

Aparentemente em contradição, surge a informação referente à evolução da SAU média por exploração agrícola (Figs. 12 a 15) onde se observam acréscimos contínuos, ainda que, inesperadamente, em 2009 sobressaíssem valores muito elevados, dissonantes dos restantes. Coloca-se a questão: o que justifica esta situação? De facto, embora se transite de uma área média de SAU em 1989 de 6 ha, e no decénio seguinte deparemos com 13,9 ha, dez anos mais tarde este valor fixou-se em 22,8 ha, se bem que em 2019 recuasse para 12,8 ha.

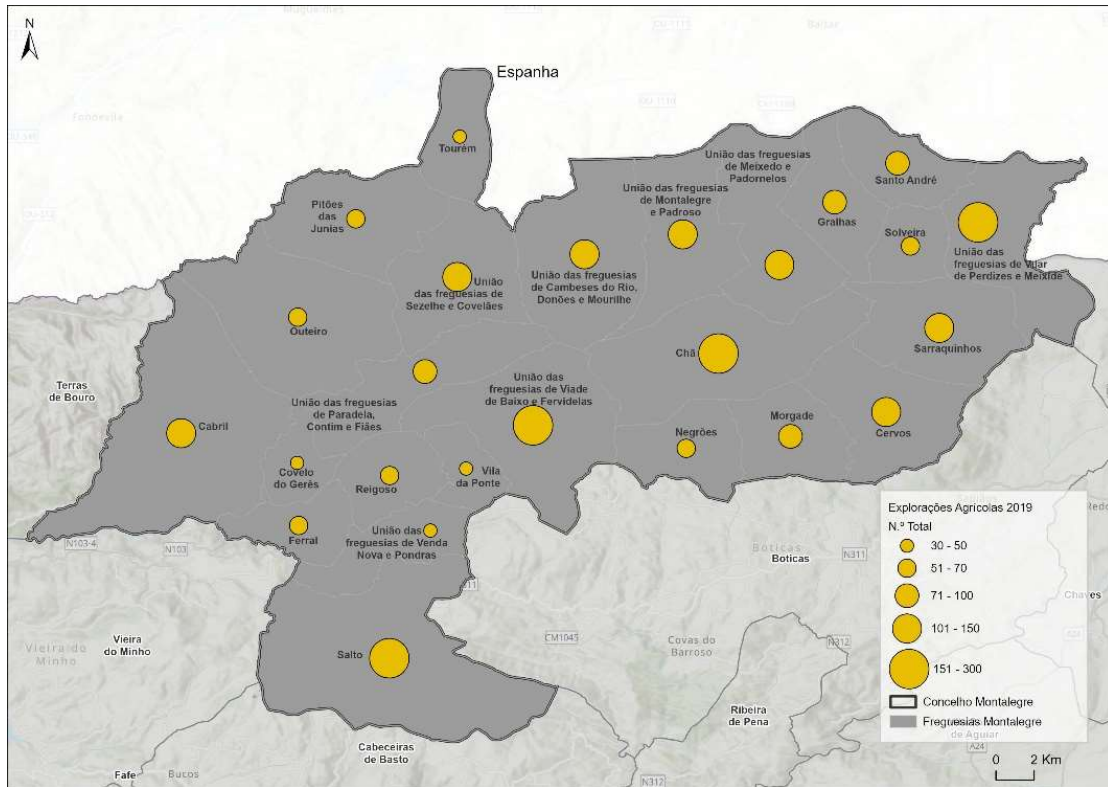


Figura 15- Número total de explorações agrícolas com SAU, por freguesia, em 2019.
Fonte: Recenseamento Agrícola de 2019, INE

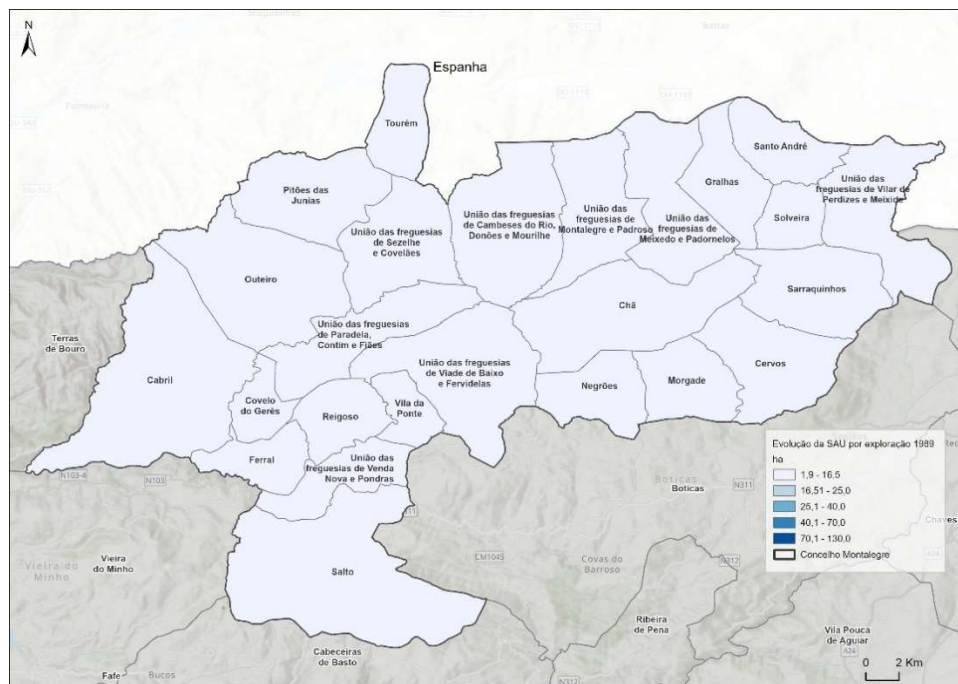


Figura 16- Dimensão média das explorações agrícolas (SAU) em 1989.
Fonte: Recenseamento Agrícola de 1989, INE

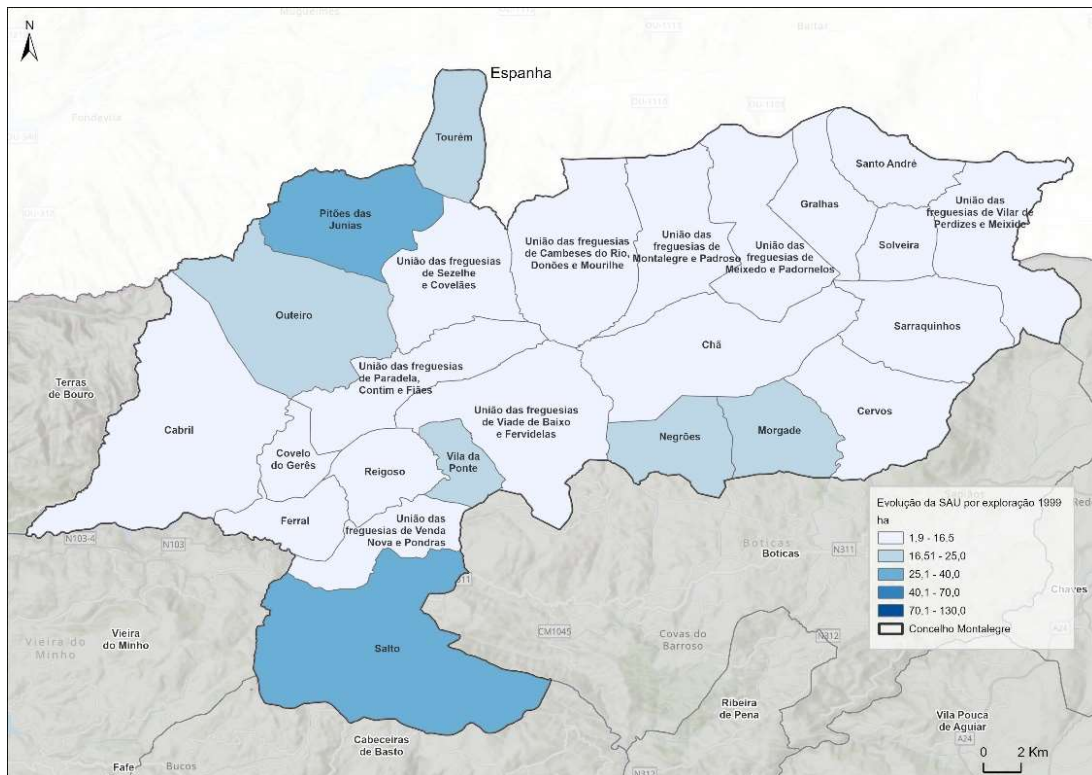


Figura 17- Dimensão média das explorações agrícolas (SAU) em 1999.
 Fonte: Recenseamento Agrícola de 1999, INE

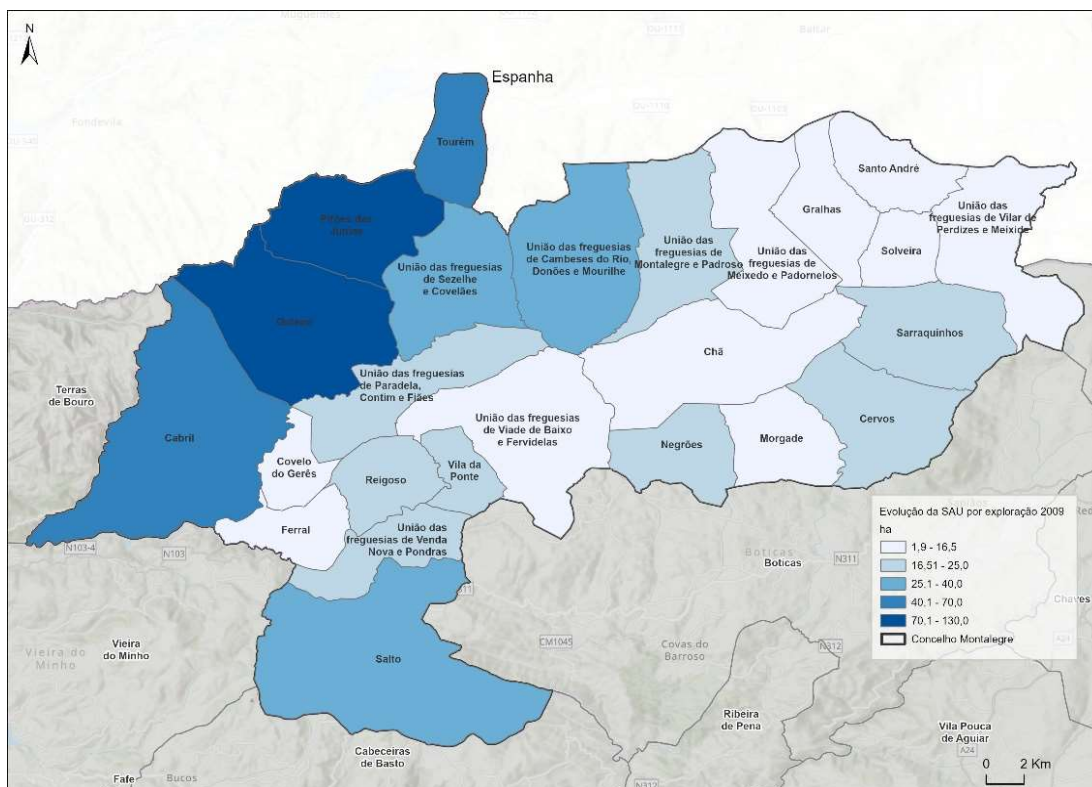


Figura 18- Dimensão média das explorações agrícolas (SAU) em 2009.
 Fonte: Recenseamento Agrícola de 2009, INE

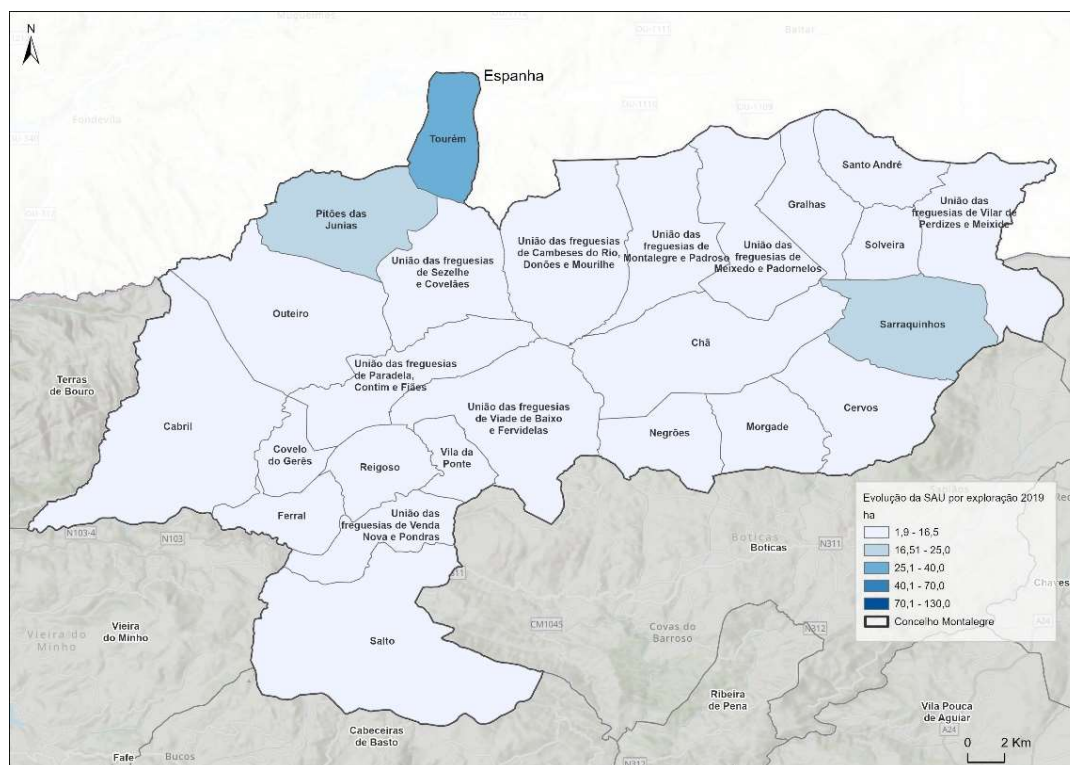


Figura 19- Dimensão média das explorações agrícolas (SAU) em 2019.
 Fonte: Recenseamento Agrícola de 2019, INE

Obviamente, os fatores explicativos são os antes citados, possibilitando que as situações menos problemáticas se encontrem nas freguesias com hipsometria e recursos hídricos mais favoráveis, ou seja, no oeste do concelho (Quadro 5, em anexo). Persiste também neste indicador a dúvida sobre a situação detetada em 2009.

Embora não analisemos, nesta fase, o grau de parcelamento e dispersão dos blocos agrícolas, ele é significativo, superando facilmente os 10 blocos por exploração. No entanto, este cenário coaduna-se com as práticas tradicionais, que persistem em Montalegre, relacionadas, sobretudo, com a criação de gado. Aliás, eis uma das atividades que tem já um longo historial e que sustenta a qualidade das carnes Barrosãs e toda a gastronomia que lhe está associada.

Debrucemo-nos, porém, sobre os suínos, sustentáculo do Famoso Fumeiro de Montalegre (Figs. 20 a 23 e Quadro 6, em anexo). É interessante verificar que as estatísticas evidenciam um aumento constante do número médio de suínos por exploração, ainda que demonstrando alguma "estabilidade" durante o século XX, sintomático da preponderância da produção de enchidos para autoconsumo e abastecimento apenas, e ocasionalmente, de familiares e amigos, enquanto no século XXI, de facto a situação se altera, expandindo-se o número médio de suínos por exploração. Sintonia clara com a "Feira do Fumeiro".

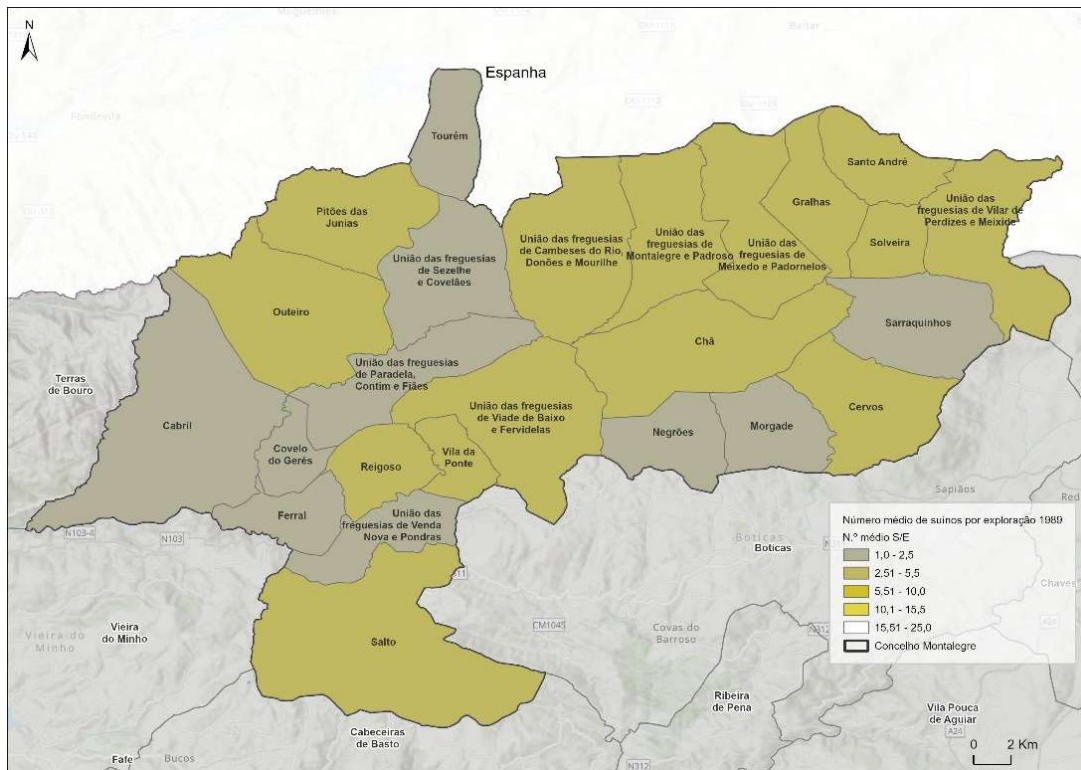


Figura 20 – Número médio de suínos por explorações agrícolas em 1989.
 Fonte: Fonte: Recenseamento Agrícola de 1989, INE

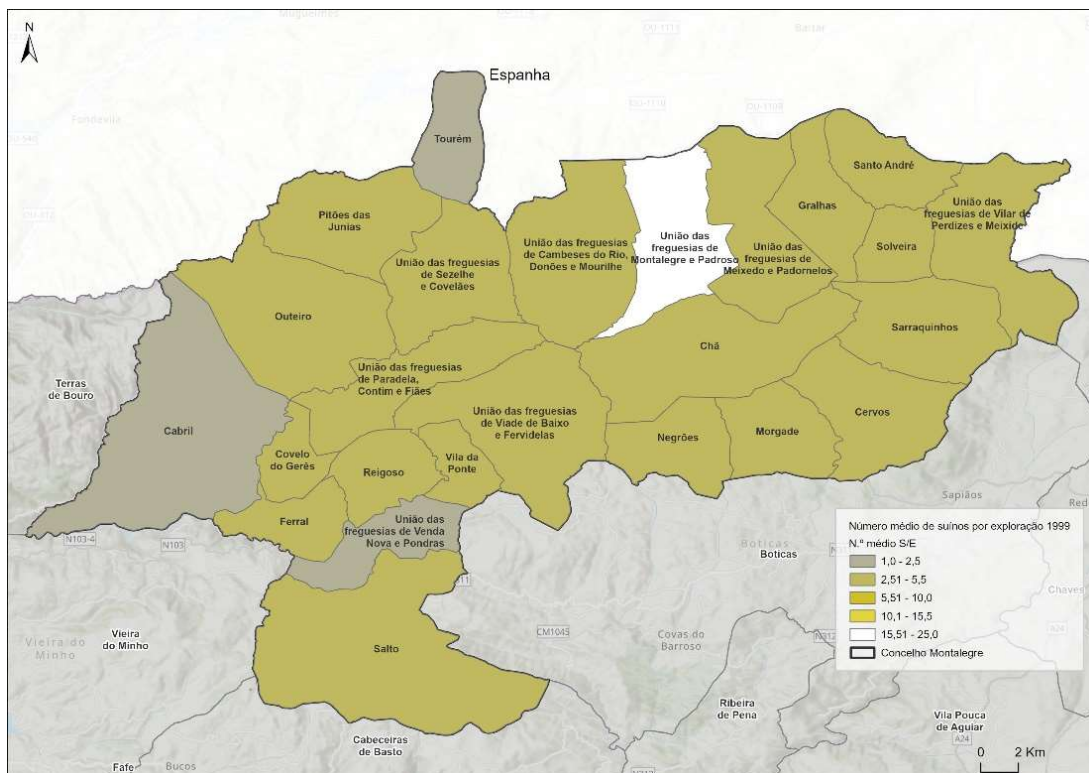


Figura 21– Número médio de suínos por explorações agrícolas em 1999.
 Fonte: Fonte: Recenseamento Agrícola de 1999, INE

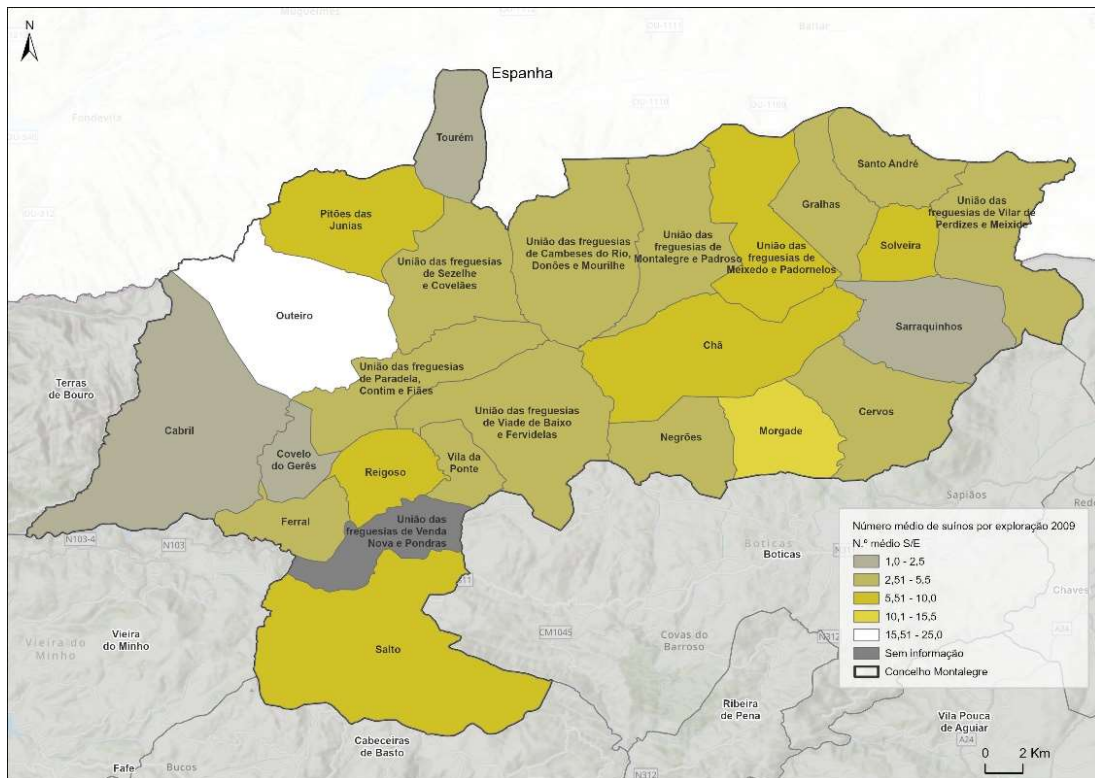


Figura 22 – Número médio de suínos por explorações agrícolas em 2009.
 Fonte: Recenseamento Agrícola de 2009, INE

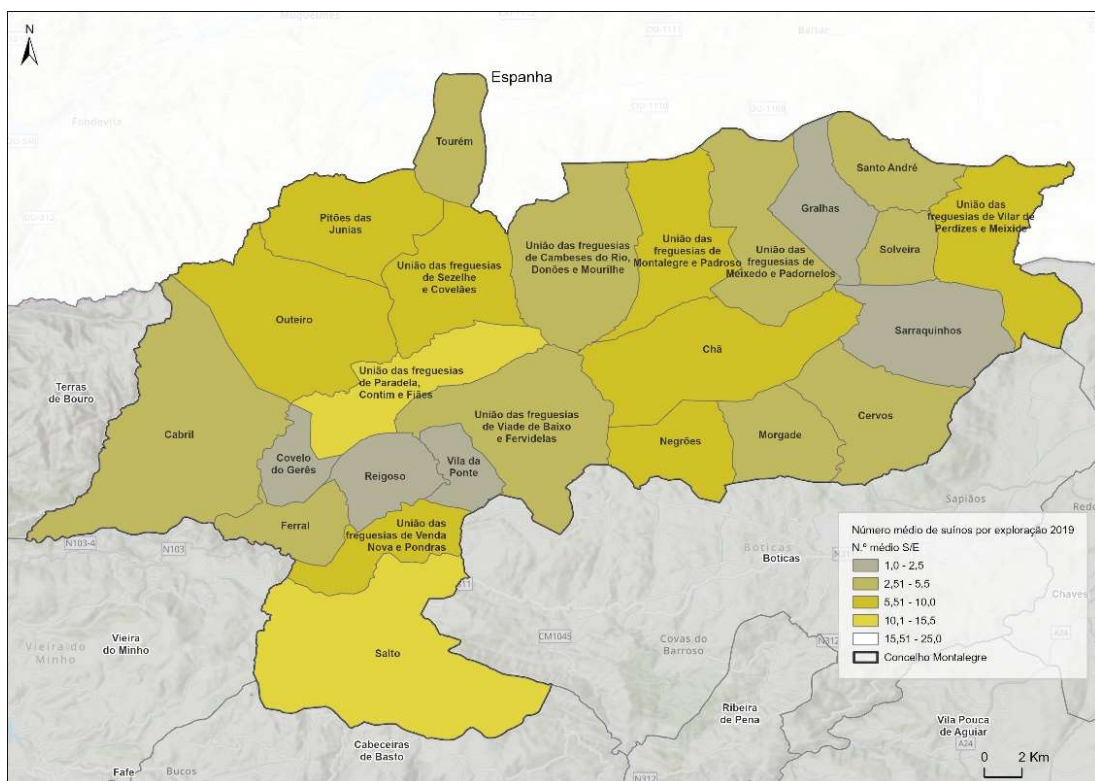


Figura 23 – Número médio de suínos por explorações agrícolas em 2019.
 Fonte: Recenseamento Agrícola de 2019, INE

Será interessante analisar também a evolução dos bovinos e dos caprinos e ovelhas, mas tal ocorrerá numa fase posterior. Em qualquer das circunstâncias, os valores mais significativos localizam-se nas freguesias mais abrigadas, de menores altitudes, onde é fácil a alimentação natural para estes animais. Também em consonância, reparamos que a área ocupada pelos prados e pastagens permanentes registaram um aumento até ao final do século XX, tendência interrompida em 2009 com um acréscimo enorme, mas que em 2019 foi anulado, subsistindo valores similares aos de 1999.

Que futuro se aguarda? A resposta a esta questão é indissociável do quadro humano de apoio a estas explorações agrícolas.

c) O quadro humano de apoio às explorações agrícolas

O cenário humano já indiciado anteriormente, em termos de população residente, repete-se mas com matizes mais problemáticas quando analisamos a informação estatística fornecida pelos Recenseamentos Agrícolas e estudamos, por exemplo, a evolução da população agrícola de Montalegre entre 1989 e 2019 (Quadros 7 a 10 em anexo).

Facilmente confirmamos a acentuada diminuição populacional no setor agrícola, transitando de 9900 habitantes associados a este setor em 1989, para 7328, dez anos mais tarde, e 6044 em 2009. De acordo com o último Recenseamento Agrícola, efetuado em Portugal em 2019, apenas persistiam 5673 habitantes a exercerem funções no setor agrícola, ou seja, em 2019 já detetávamos freguesias com menos de uma centena de agricultores e respetivos familiares!... Um exemplo significativo descobrimo-lo em Tourém. Em síntese, no período em análise, em 2019 apenas persistia uma população agrícola que correspondia a 57,3% da recenseada em 1989!

Por outro lado, o perfil desta população, em termos de grau de escolaridade melhorou significativamente, embora domine o ensino básico, todavia, enquanto em 1989, em média, 43% desta população tinha concluído o ensino básico, em 2019 esse valor rondava os 64%. Por seu lado, aumentou significativamente o grau de escolaridade entre os mais jovens.

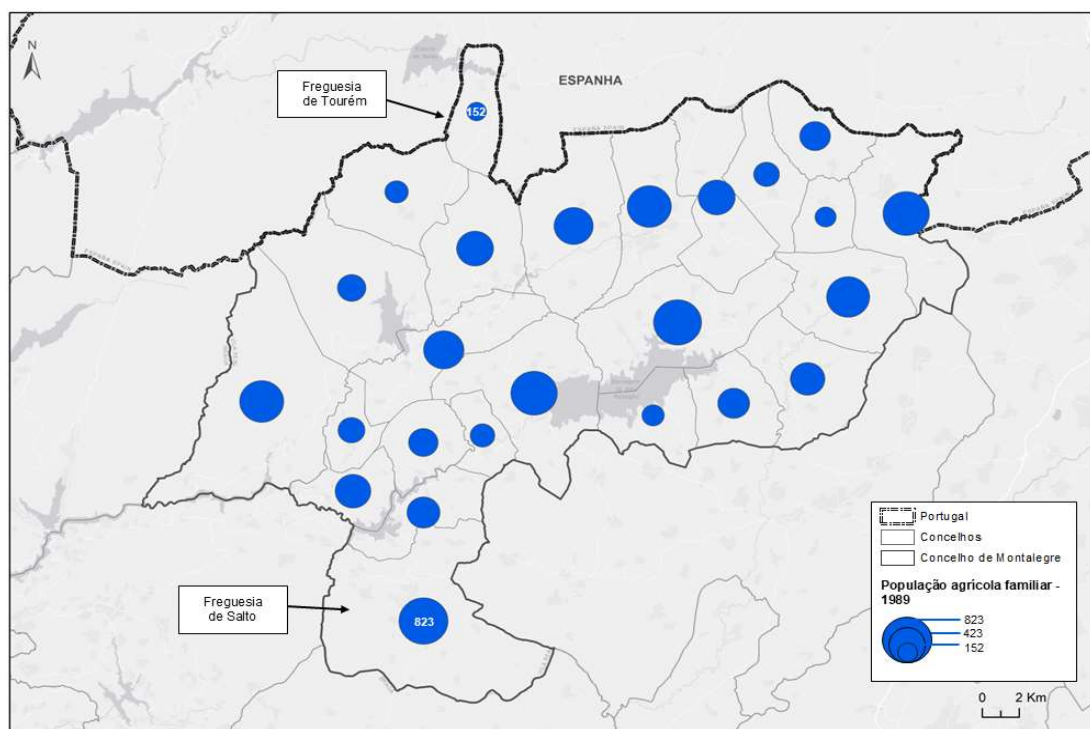


Figura 24 – População agrícola familiar (HM) em 1989.

Fonte: Fonte: Recenseamento Agrícola de 1989, INE

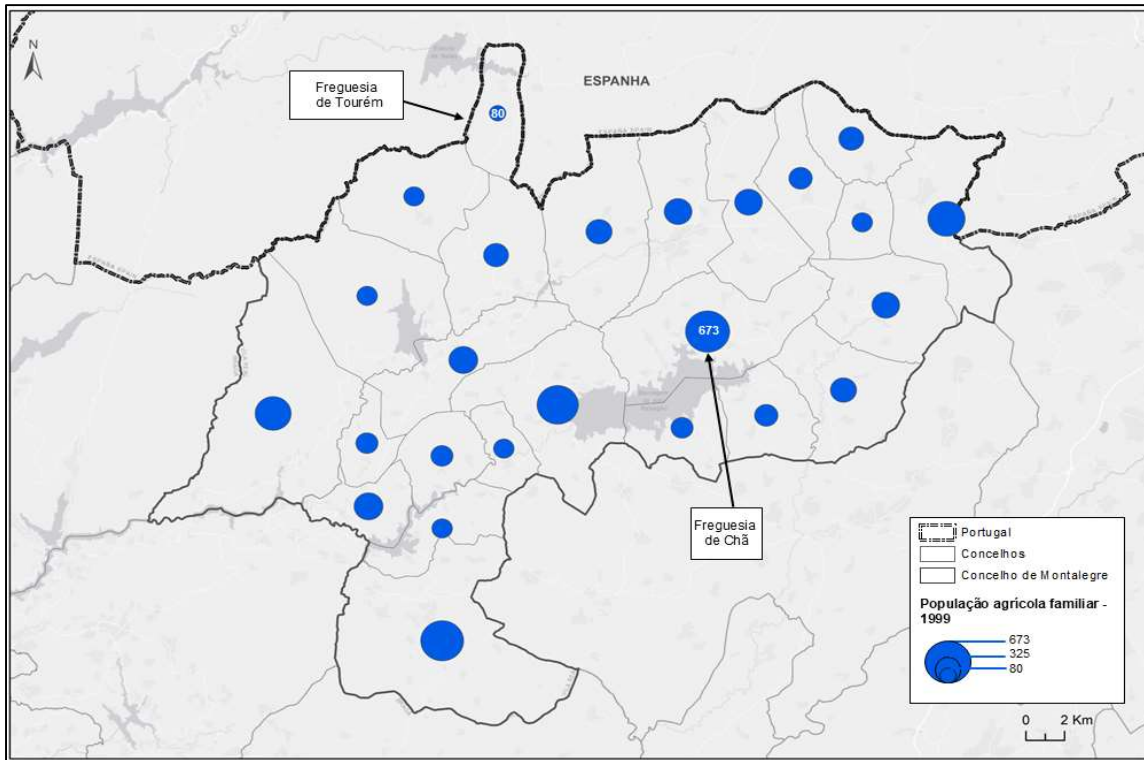


Figura 25 – População agrícola familiar (HM) em 1999.
 Fonte: Fonte: Recenseamento Agrícola de 1999, INE

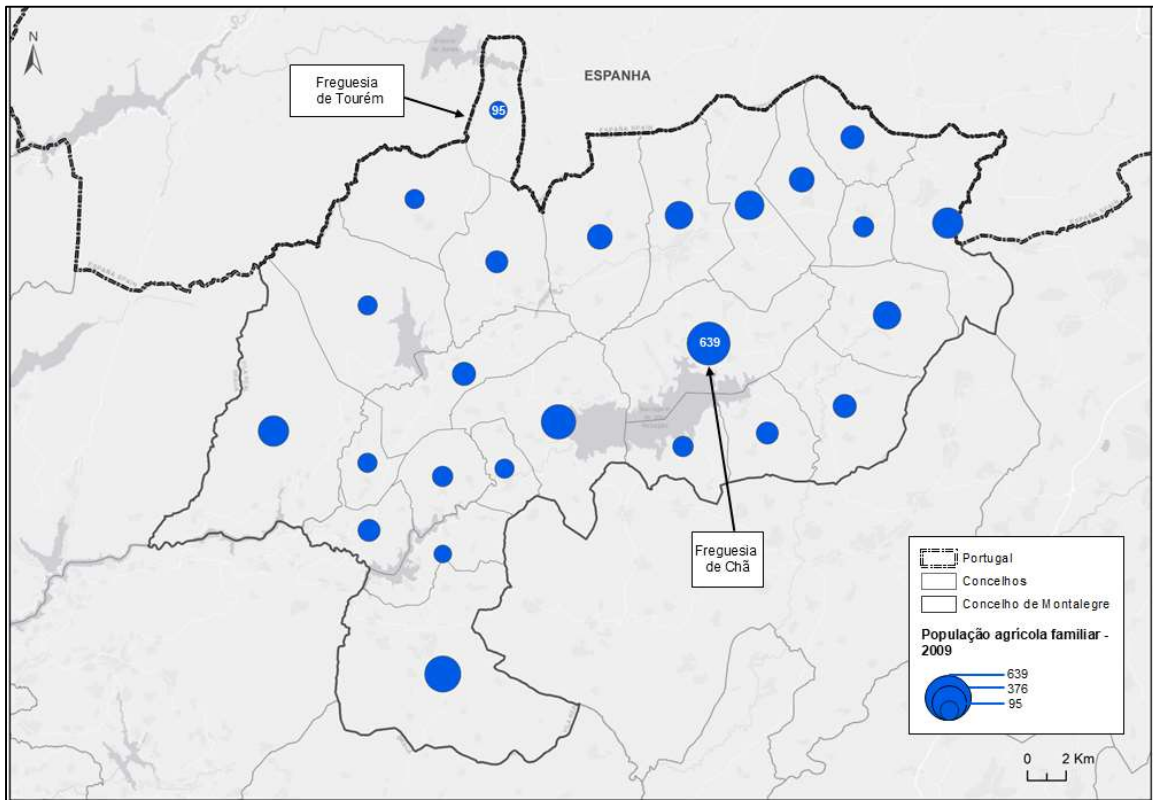


Figura 26 – População agrícola familiar (HM) em 2009.
 Fonte: Fonte: Recenseamento Agrícola de 2009, INE

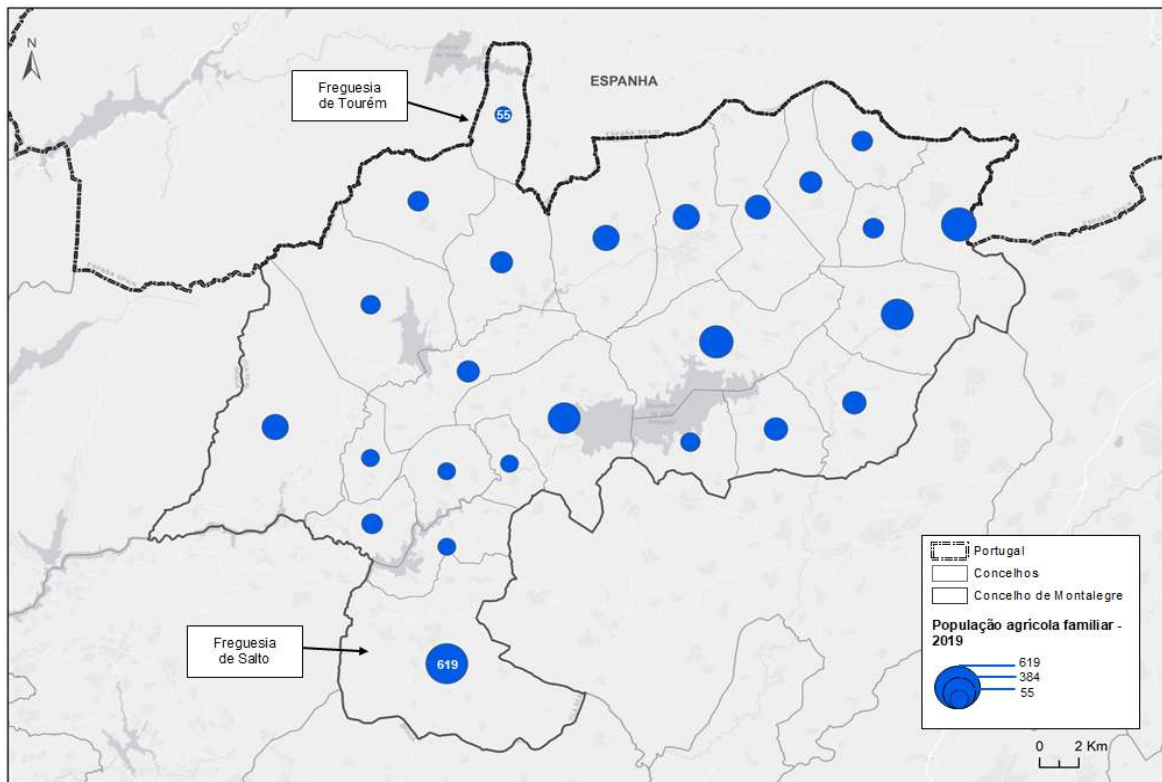


Figura 27 – População agrícola familiar (HM) em 2019.
 Fonte: Recenseamento Agrícola de 2019, INE

Mas, é o único indicador positivo, pois se nos reportarmos ao grupo etário, à idade dos produtores e da população agrícola, a situação é muito preocupante. Registe-se, que a idade média do produtor agrícola de ampliou significativamente e de forma continuada, proporcionando que, no período de quatro décadas, se observasse um aumento médio de 7 anos, com a situação mais preocupante em Gralhas e em Santo André (aumento, respetivamente, de 16 e 15 anos). Estamos perante freguesias com relevo muito acidentado e domínio das altitudes mais destacadas. Os valores menos preocupantes localizam-se nas freguesias com relevo mais favorável e boas acessibilidades.

Em suma, agrava-se o quadro humano entre os agricultores e respetivas famílias, onde o declínio demográfico é indisfarçável, enquanto o envelhecimento se aprofunda, já que os mais jovens ampliam o seu grau de escolaridade e afastam-se de Montalegre. Entre os que permanecem, domina o ensino básico (Figs. 28 a 31 e Quadros 7 a 10, em anexo). Cada vez com maior acuidade, coloca-se a seguinte questão: qual a sustentabilidade destas explorações e dos espaços agrícolas de Montalegre? Está assegurada a continuidade destas explorações?

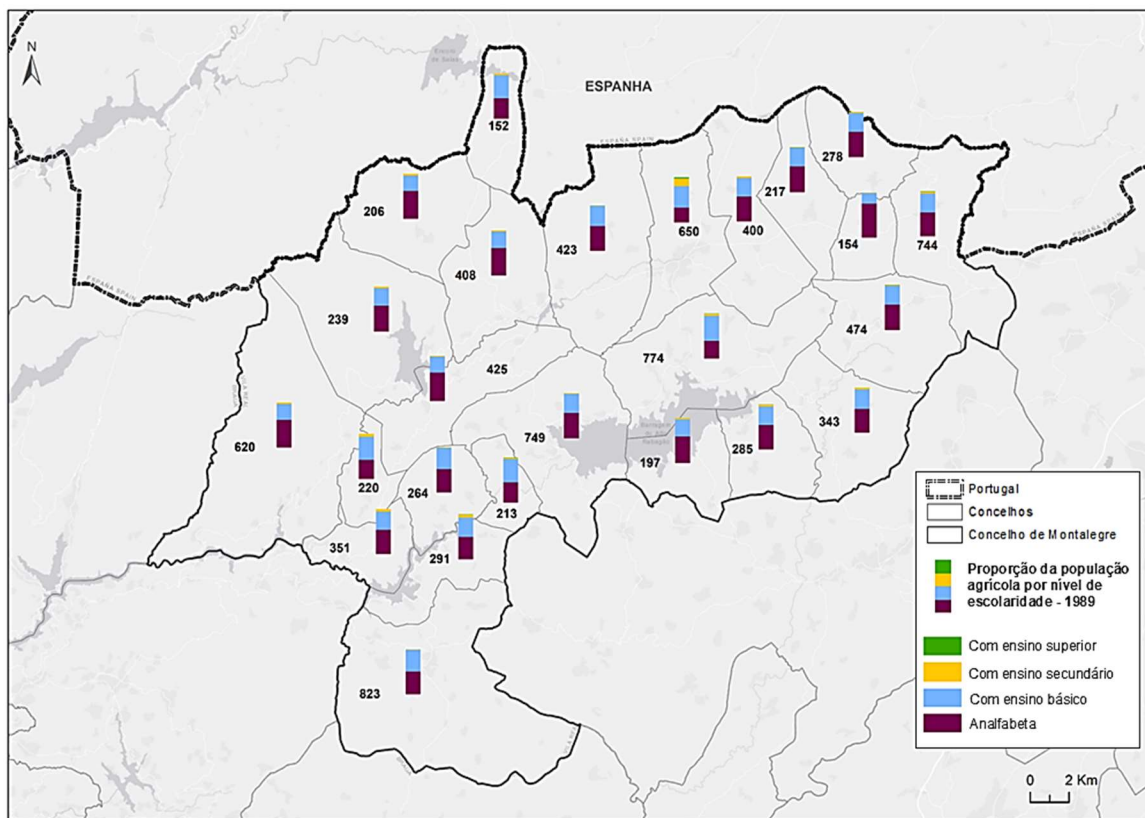


Figura 28 – População agrícola familiar (HM) por nível de escolaridade em 1989.
 Fonte: Recenseamento Agrícola de 1989, INE

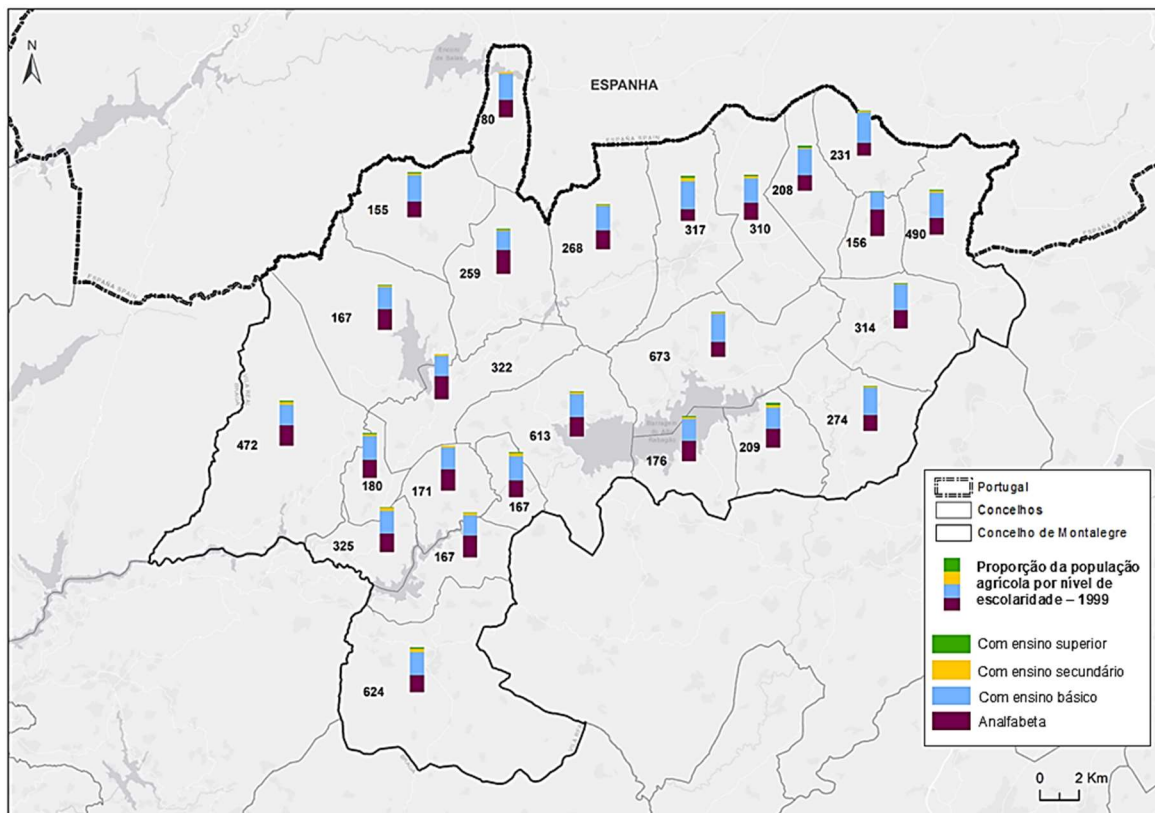


Figura 29 – População agrícola familiar (HM) com ensino básico em 1999.
 Fonte: Recenseamento Agrícola de 1999, INE

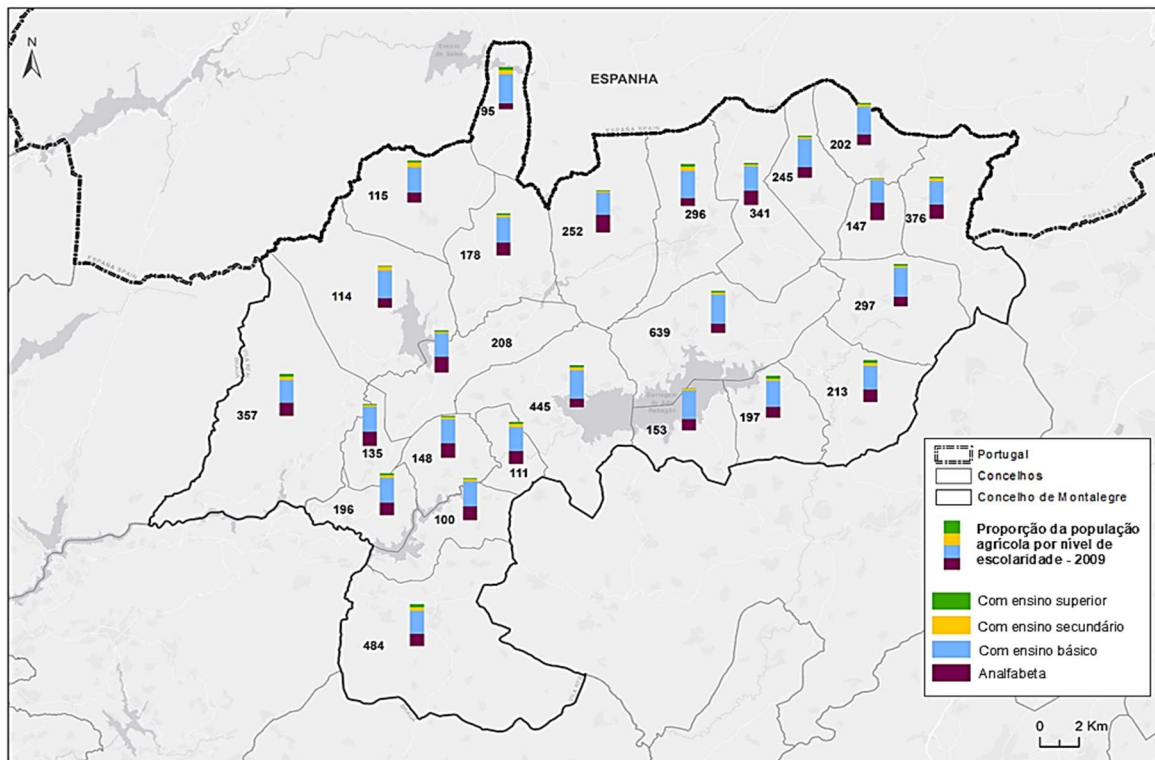


Figura 30 – População agrícola familiar (HM) com ensino básico em 2009.
 Fonte: Fonte: Recenseamento Agrícola de 2009, INE

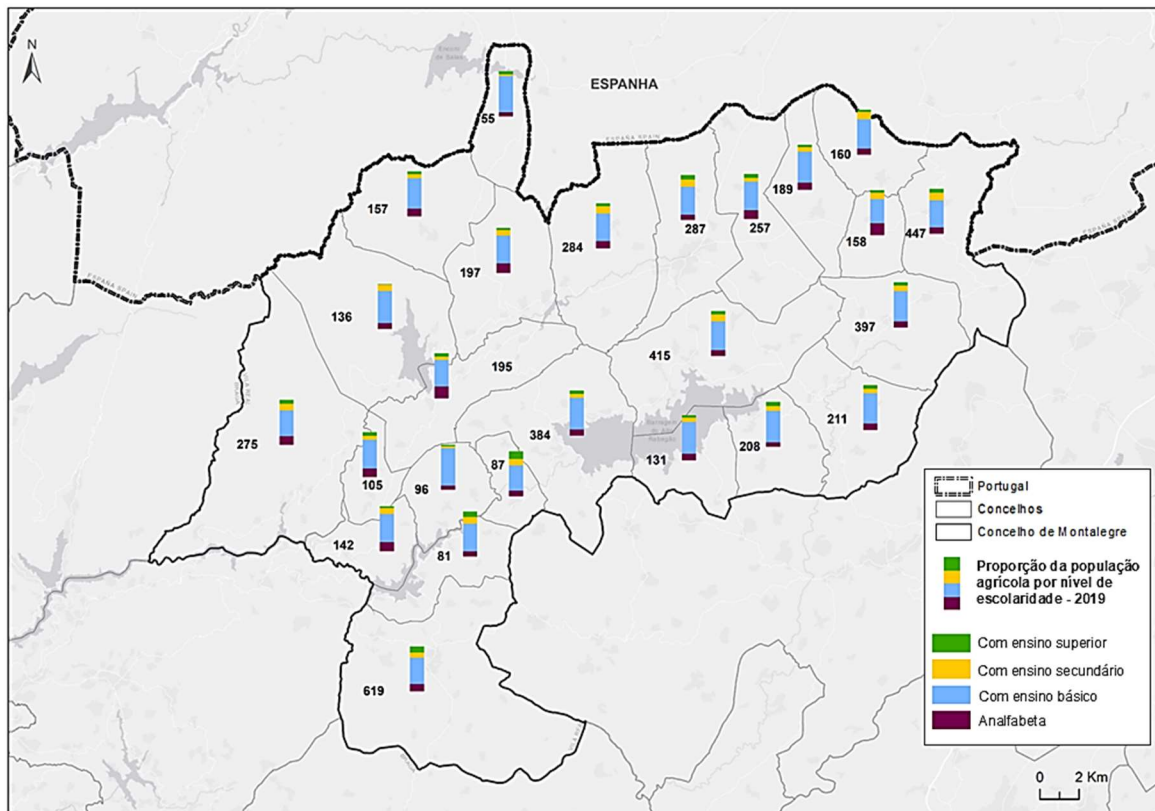


Figura 31 – População agrícola familiar (HM) com ensino básico em 2019.
 Fonte: Fonte: Recenseamento Agrícola de 2019, INE

Felizmente, os inquéritos efetuados em janeiro deste ano na Feira do Fumeiro, deixam algumas esperanças, já que a geração mais nova reúne às atividades agrícolas tradicionais, inovações e uma outra estrutura relacional entre os diferentes membros da comunidade. Outro aspeto a destacar é o intervencionismo de alguns presidentes das Juntas de Freguesia e, obviamente, das entidades municipais.

Há, de facto, que intervencionar neste setor económico com todo o vigor, pois está em causa a manutenção da distinção atribuída pela UNESCO, para além da preservação de algo único, como é o fumeiro montalegrense, ou a continuidade da produção da carne barrosã, com características organoléticas únicas.

1.4 - A produção de suínos e a Feira do Fumeiro e do Presunto de Montalegre

Correspondendo uma das grandes apostas municipais à preservação e dinamização do fumeiro e do presunto de Montalegre, há que aprofundar a análise deste setor, numa perspetiva conectada com a Feira do Fumeiro, que, indiscutivelmente, alavancou este setor. Não obstante, adivinham-se grandes desafios, como verificaremos através da análise dos inquéritos aplicados aos expositores da Feira do Fumeiro, através da qual percecionamos quer a vertente produtiva dos suínos, quer a consequente produção do fumeiro, hoje um baluarte do concelho. Anexamos a vertente humana, ou seja, o perfil dos produtores/expositores, dada a relevância deste parâmetro.

Já na 34ª edição, a Feira de Fumeiro de Montalegre decorreu entre 23 a 26 de janeiro de 2025, no Pavilhão de Exposições e Feiras de Montalegre, denominado também por Pavilhão Multiusos. Nela participaram 60 expositores, a maioria a transacionar o fumeiro, se bem que também existissem expositores que vendiam outros produtos como mel, licores, infusões medicinais e pão. A lista de expositores encontra-se em anexo. Foram realizadas entrevistas aos expositores nos dias da Feira, sendo os dados posteriormente objeto de análise estatística e de conteúdo, apresentando-se de seguida os resultados.

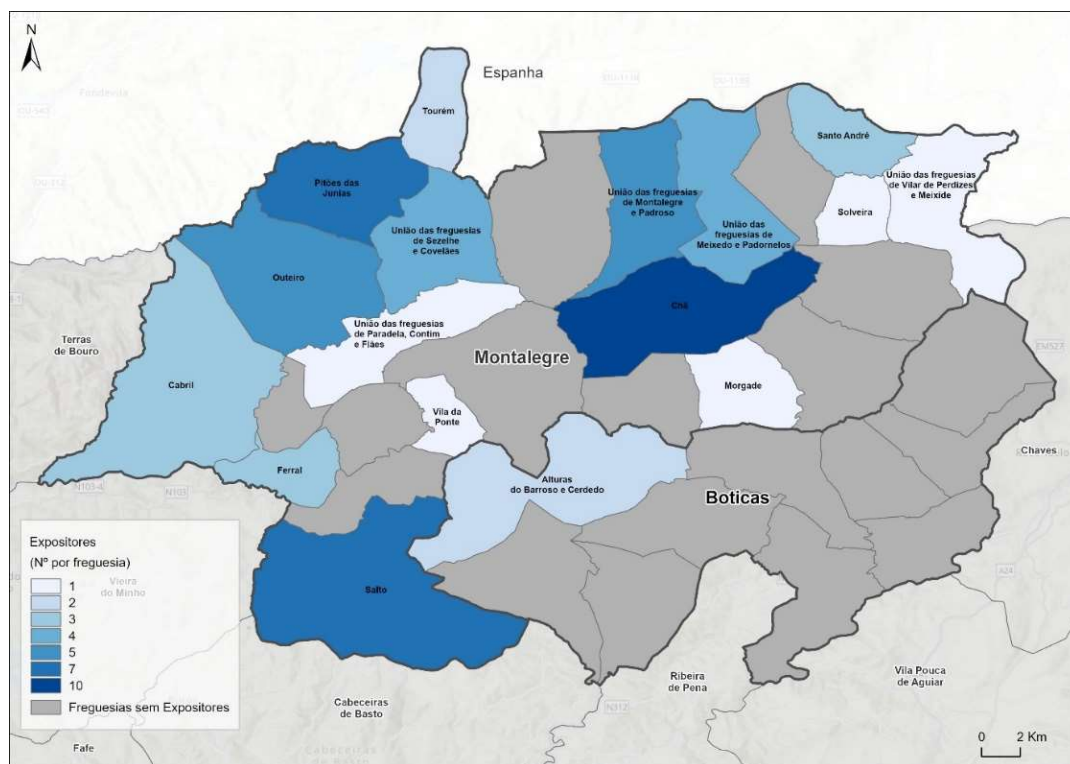


Figura 32- Distribuição do número de expositores de fumeiro por concelhos e freguesias.

Fonte: Associação de Produtores de Fumeiro de Montalegre (janeiro de 2025).

É importante referir que os dados que iremos analisar abrangem exclusivamente os produtores/expositores que participam na Feira do Fumeiro, sedeando-se as respetivas explorações agrícolas nos concelhos de Montalegre e um em Boticas, distribuindo-se por várias freguesias. Sobressai, contudo, a freguesia de Chã, de onde eram oriundos 10 expositores, seguindo-se a de Pitões de Júnias com 7 expositores, tal como a freguesia de Salto de onde provinha o mesmo número de expositores, ou seja, 7 (Figura 32 e Quadro 1, em anexo).

1.4.1– Os Expositores.

a) O início da atividade: como surgiu a ideia de criar suínos e fazer fumeiro

Criar suínos e fazer fumeiro são atividades tradicionais na região, transmitindo-se de geração em geração.

Dos 60 expositores presentes, 3 não responderam ao inquérito. É importante realçar que, embora a generalidade dos expositores estivesse associada ao fumeiro (produção e venda), os restantes 8 estavam a divulgar e vender outro tipo de produtos, como mel, compotas, licores, ervas medicinais e pão. Há que referir que esta situação não significa que estes expositores fossem alheios à criação de suínos e/ou à produção de fumeiro, todavia, nesta feira, optaram por expor e divulgar apenas produtos relacionados com outra atividade, também ela com raízes familiares, um negócio ao qual davam continuidade. Aliás, existiam outros fundamentos para esta diversidade de produtos expostos que incluía o gosto pelo contacto com a natureza e, num dos casos, pelo mundo das colmeias. Outros realçavam ainda a necessidade de ultrapassar a falta de emprego, o que, aliás, induziu à frequência e obtenção de cursos diversos de pequena duração (empreendedorismo feminino, apicultura, técnicas de comercialização). Em qualquer circunstância, a participação num curso de formação e uma apreciação extremamente positiva da formação obtida, por exemplo, favoreceu a produção artesanal de licores e de outros produtos.

No que à criação de suínos e produção de fumeiro diz respeito, a maioria dos expositores já o fazia artesanalmente no seio familiar (81,6%), (Fig. 33), reproduzindo os conhecimentos e técnicas transmitidas de geração em geração, se bem que tendo, então, como objetivo central, o autoconsumo. Os eventuais excedentes eram cedidos a familiares a residir nos grandes núcleos urbanos, ou, pontualmente, para venda a terceiros.

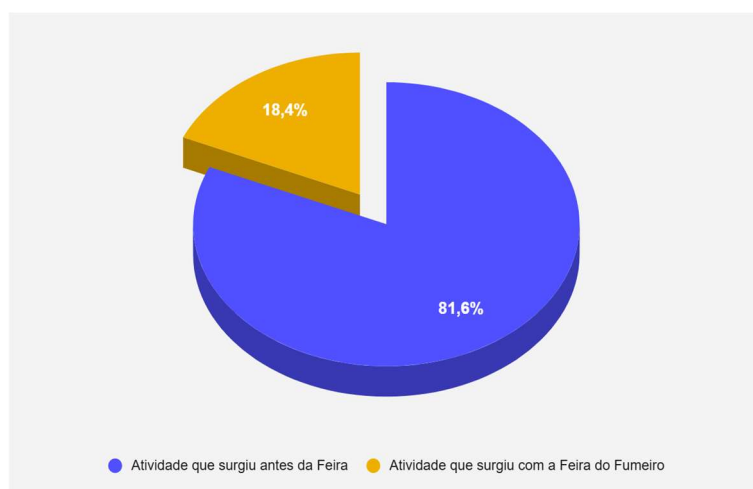


Figura 33- Início da produção de fumeiro pelos expositores na Feira do Fumeiro.
Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Atividade anterior à Feira do Fumeiro, não obstante, estes expositores e respetivas famílias, aproveitaram intensamente os incentivos que lhes foram direcionados, o que favoreceu o aumento da produção de fumeiro. Neste contexto, emergiram excedentes significativos e a necessidade de os escoarem. Consequentemente, surgiu a aposta na sua venda e na criação de uma Associação de Produtores de Fumeiro e de uma Feira, o que, como é óbvio, dilatou os rendimentos familiares. Assim se promoviam os produtos endógenos, específicos e de qualidade, e, facto a realçar, indissociável sempre do orgulho familiar, e mesmo da comunidade, nesta produção. Houve quem dissesse: “O fumeiro é uma terapia!”

Os restantes 18,4% dos expositores iniciaram a sua atividade na sequência do sucesso da Feira do Fumeiro, ainda que, inquestionavelmente, fossem as mães/avós do Barroso as grandes empreendedoras: das 9 expositoras, 3 acreditaram desde o início no projeto, na sua viabilidade e rentabilidade, investindo sem receios. Este sucesso, impulsionou posteriormente outros elementos do agregado familiar, pelo que, rapidamente, aumentou a criação de suínos de raça autóctone para venderem os produtos na Feira

Felizmente, emergem indícios de fluxos em sentido contrário, com o retorno de alguns elementos do estrangeiro que se instalam e residem no concelho e onde constituem família. Se a este grupo adicionarmos aqueles que atingiram a idade da reforma e, residindo ou não em Portugal, ou até na freguesia de origem, mas exercendo atividades distintas das agrícolas, regressam também às suas origens familiares, às suas tradições, retomando as atividades tradicionais, rapidamente compreendemos o aumento da produção então verificado, pois aderiram à criação de suínos e à posterior confeção do fumeiro, ampliando os seus rendimentos.

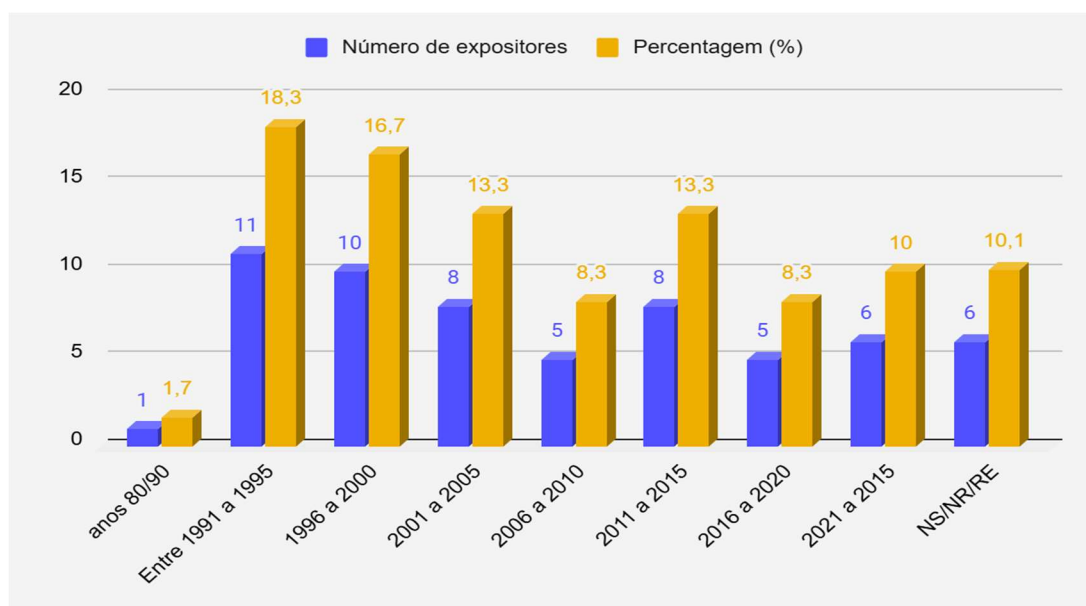


Figura 34- Ano de início da atividade na Feira do Fumeiro dos expositores.
Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Mas, indiscutivelmente, a criação de uma Associação de Produtores de Fumeiro e da Feira de Fumeiro, nascida em 1991, constituem um ponto fulcral na evolução e transformação desta atividade. Desde então, dos 22 expositores (36,6%) que iniciaram a sua atividade na Feira do Fumeiro, o seu número foi-se dilatando até à atualidade, surgindo mais 32 novos produtores nestes 25 anos (53,3%). Saliente-se que, neste grupo, se insere um expositor que reiniciou a sua atividade, após uma interrupção. (fig.34)

Ainda assim, o historial desta iniciativa nem sempre foi positivo, dado que o número máximo de expositores se aproximou da centena, valor registado no virar do século, regredindo lentamente nos

anos seguintes, posicionando-se nas seis dezenas existentes na atualidade. Recordemos, no entanto, que existem ainda outros produtores que não participam na Feira, apesar dos seus atrativos e rentabilidade confirmada (nesta Feira foram registados 39730 Kg- 17384,8 Kg de enchidos e 22345,1 Kg de presuntos). A evolução é indesmentível. Aliás, se adicionarmos aos produtos vendidos no certame os comprados online – 1170 Kg, constatamos que os valores globais se aproximam das 41 toneladas (Fonte: MRBAT, Câmara Municipal de Montalegre e Associação dos Produtores de Fumeiro).

b) – Os problemas encontrados e como foram superados.

Para criar suínos e produzir fumeiro (IGP) foi necessário cumprir regras em prol da qualidade e da preservação da especificidade autóctones destes produtos.

Inquiridos os expositores sobre os problemas que tiveram de superar para atingir a situação atual, mais de metade (61,7%), ou seja 37, referiram que as exigências a que tiveram de obedecer para venderem na Feira de Fumeiro, não constituíram qualquer problema. Não obstante, para além dos 3 que não responderam à questão, os restantes 20 (33,3%) apontaram alguns obstáculos. (Fig. 35 e 36 e Quadros 14 e 15, em anexo).

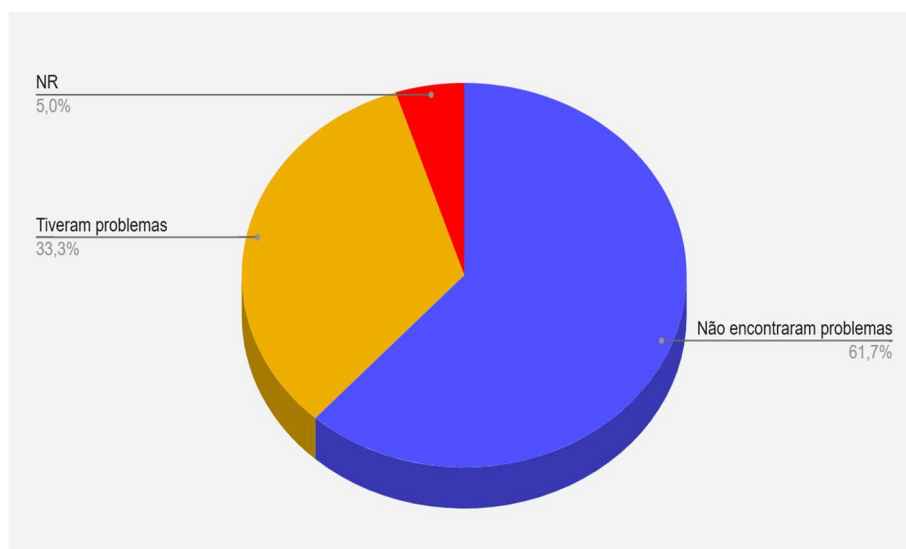


Figura 35- Existência de problemas encontrados pelos produtores/expositores.
Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Selecionemos os principais. Afirmaram que com o aumento das regras, tais como o equipamento e condições sanitárias das instalações requeridas pelas entidades responsáveis, associadas ainda às exigências alimentares e sanitárias relacionadas com animais, tornou a criação e a produção mais difícil. Outros invocaram o aumento dos custos de produção, a falta de mão de obra, o isolamento, a falta de clientes e de meios financeiros próprios disponíveis. Anexaram ainda a concorrência, os incêndios rurais que lhes roubavam a madeira necessária para a produção do fumeiro, e, noutra âmbito, a existência de doenças nas abelhas. Outro aspeto referido com alguma insistência relacionava-se com a dificuldade de adaptação dos suínos às novas instalações (o chão em cimento). (Figura 36 e quadro 14, em anexo)

Em suma, apesar dos desafios encontrados, é inquestionável que estes expositores foram bastante resilientes, já que 52 (86,66%), (Quadro 15, em anexo), terão resolvido autonomamente os problemas, pelo que nem sequer responderam à pergunta como superaram os problemas encontrados. Os restantes 20 que responderam (33,27%) indicaram que os porcos acabaram por se habituar às novas

instalações e os obstáculos financeiros foram ultrapassados transferindo meios resultantes da produção de carne de bovino e outros produtos para a criação dos porcos. Neste contexto, os problemas foram resolvidos à medida que iam surgindo. Só o combate à “Barroa” parece ter pouco sucesso, na medida em que, exigindo uma ação preventiva, não tem dado resultados visíveis. (Fig. 36, e Quadro 15, em anexo)

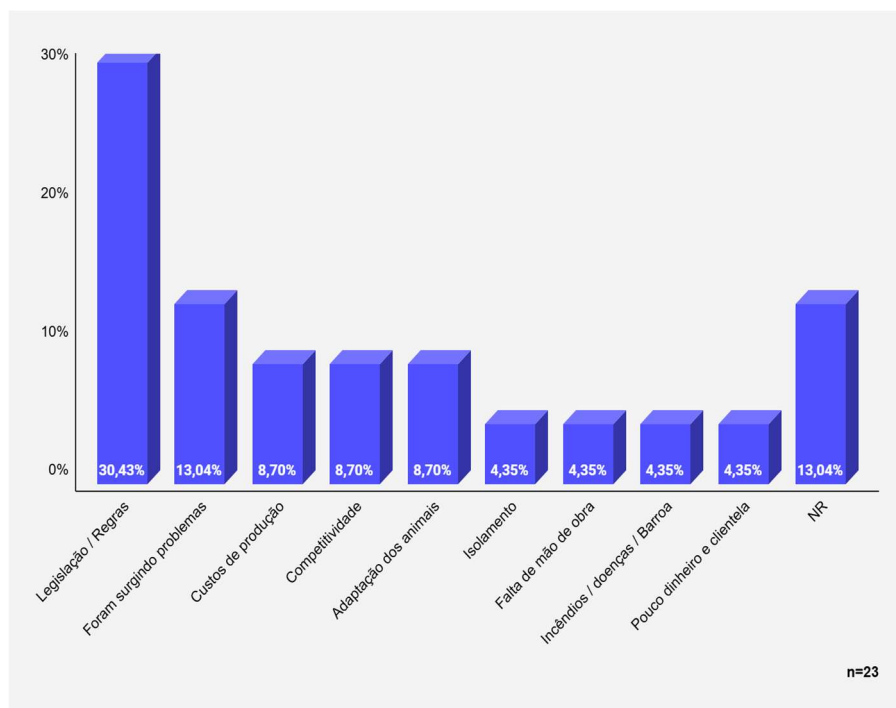


Figura 36 – Tipologia de problemas encontrados.
Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Outro aspeto muito valorizado relaciona-se com a unidade familiar, “um comunitarismo familiar” que lhes possibilitou a mitigação da falta de mão de obra, ou mesmo um “comunitarismo de aldeia” para além da opção pelo turismo (AL, por exemplo). Tais estratégias, não só lhes possibilitou aumentar os rendimentos, como auxiliar no escoamento dos produtos. Alteraram também, ocasionalmente, as produções agrícolas, substituindo, por exemplo, a produção do centeio pela aquisição deste cereal a outros fornecedores (falta de mão-de-obra, reservar maior área para pastagens, ou, nos casos mais problemáticos, o abandono dos prédios rústicos antes vocacionados para esta cultura).

c) – Os apoios para a produção/exploração.

Como referimos anteriormente, para levar a efeito a criação e produção do fumeiro transacionado na Feira do Fumeiro, foi necessário cumprir regras que contribuíssem para a preservação de uma excelente qualidade. Para implementar essas regras, 26,7% dos expositores não tiveram qualquer apoio, enquanto 8, ou seja, 13,33%, não tiveram apoios, mas gostariam de os ter tido (Fig.37 e Quadro, 16 em anexo)

Entretanto, 36,64% dos expositores foram apoiados (22), fundamentalmente, por parte da Câmara Municipal de Montalegre e pela Associação dos Produtores do Fumeiro. A título de exemplo refira-se o apoio para a matança dos suínos, um subsídio para mitigar as despesas, ou ainda o apoio sanitário e

a criação de uma plataforma *on line* para vendas, quando surgiu o COVID19. (Figura 38 e quadro 16, em anexo)

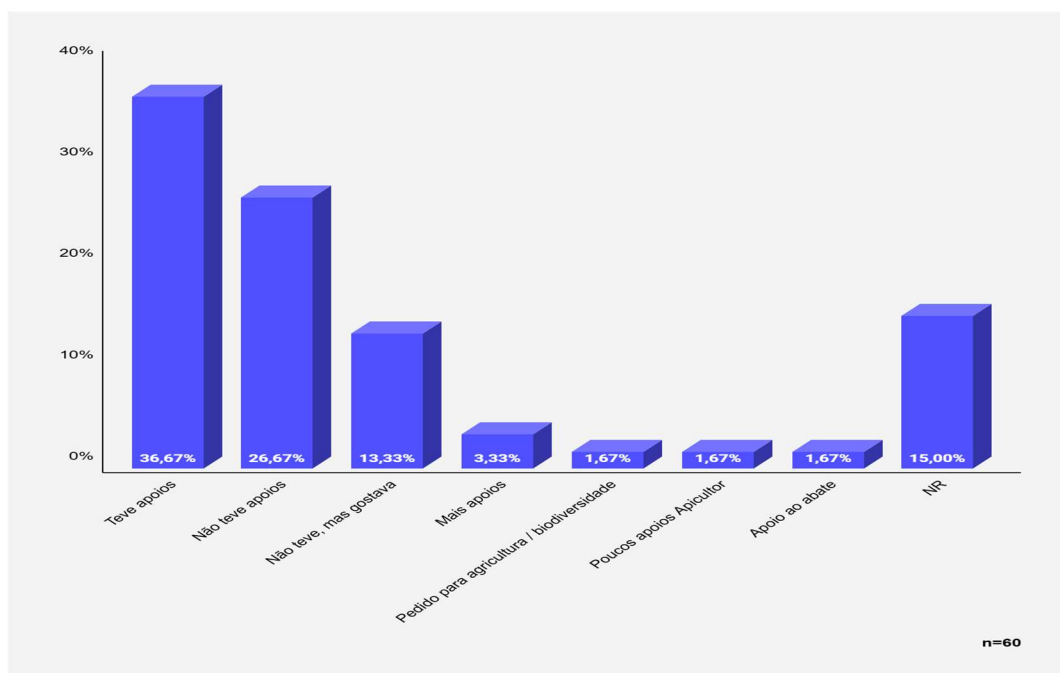


Figura 37 - Apoios disponibilizados aos produtores/expositores.
Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

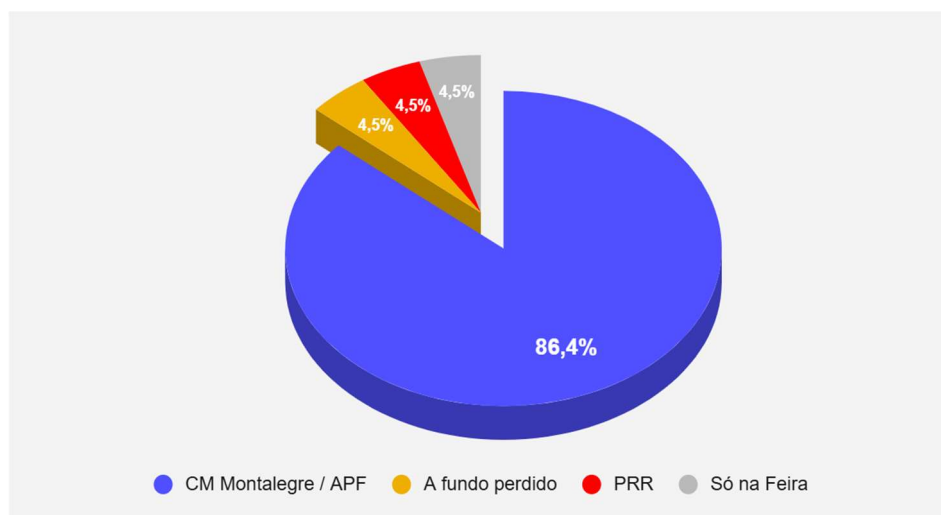


Figura 38- Tipologia de apoios disponibilizados aos produtores/expositores.
Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Os apicultores, por seu lado, têm maior dificuldade em obter ajudas e há expositores que gostariam de ter apoios, nomeadamente, para a prática de agricultura caseira, biológica, ou mesmo para montar a cozinha onde confeccionam a comida dos animais, para além da assistência do veterinário. Apesar de existir 1 expositor que pensa que os apoios são suficientes, a maioria gostaria de ter apoio monetário ou não responde (40 pessoas, ou seja, 66,66%).

Outro aspeto referido múltiplas vezes relaciona-se com a burocracia, demasiada, o que dificulta e prolonga no tempo a execução de determinados projetos, ou ainda a necessidade de subsidiar a criação do porco para que haja mais produção. Por último, há que apostar mais intensamente no *marketing* e na promoção da formação e, obviamente, atrair população jovem, só possível se a atividade e os apoios forem atrativos, suficientes.

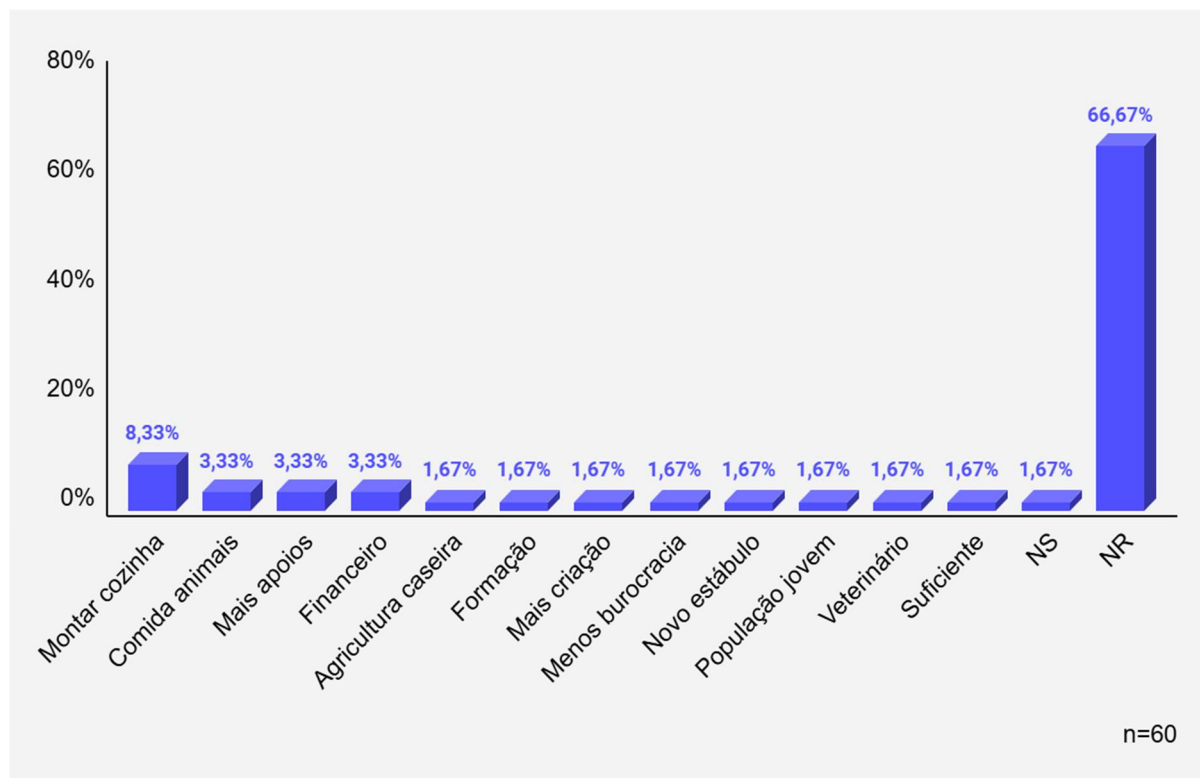


Figura 39 –Propostas de apoios apresentadas pelos expositores.

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

d) A sazonalidade da atividade

Para a venda do fumeiro a época mais favorável é o momento da Feira do Fumeiro. É o que pensam 93,33 % dos expositores. Alguns deles ainda indicaram que a Sexta Feira 13 e o Rally Cross, ou mesmo o Congresso de Vilar de Perdizes, podem também ser um bom momento, desde que coincidam com a época de produção de fumeiro.

Indicam ainda que seria bom prolongar um pouco o período de produção e venda do fumeiro, o que facilitaria o aumento da produção e a sua venda. Referem-se ao período entre outubro a março, suficiente para concretizar duas feiras e Fumeiro, e não apenas uma. Propõem uma entre outubro/novembro e a segunda em janeiro, tendo apenas o cuidado de não sobrepor com as outras feiras que se concretizam nos concelhos vizinhos. Ou seja, coincidente com o período atual. Para justificar este alargamento do período de produção e venda de fumeiro, referem que corresponde a uma época em que é possível vender diretamente aos clientes, alguns fixos, bem como aos supermercados próximos e ao pequeno comércio de produtos regionais instalado no Mercado Municipal de Montalegre.

Valorizam de igual modo, desde o período do Covid 19, a hipótese de venda *on line* ao longo de todo o ano, desde que existissem condições sanitárias e técnicas para tal, como por exemplo, refrigeração. Por fim, refira-se que, por regulamento, todos os expositores que participam na Feira do Fumeiro são

membros da Associação de Produtores de Fumeiro, que, em estreita ligação com a Câmara Municipal, promove e desenvolve esta feira emblemática.

1.4.2 - Perfil dos responsáveis pelas explorações agrícolas/ produtores fumeiro.

a) – Género, Idade e grau de instrução e atividades desenvolvidas

Muitos dos expositores da Feira do Fumeiro são também responsáveis pelas suas explorações agrícolas (73,3%), enquanto outros são familiares diretos do proprietário. De todos eles, 56,7% são mulheres e 43,3% são homens (Fig. 40 e quadro 18, em Anexo).

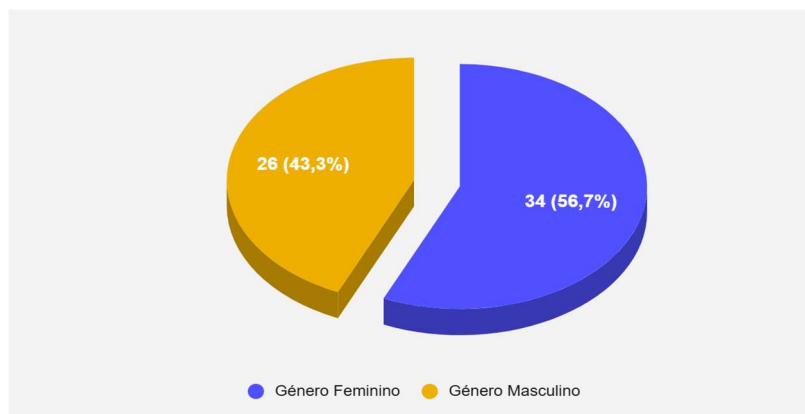


Figura 40- Género dos responsáveis pelas explorações agrícolas.
Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Por seu turno, destes proprietários, mais de metade (51,7%) possui entre 45 e 64 anos (31), e 23,3% têm mais de 65 anos. De facto, 75% dos responsáveis têm mais de 44 anos e apenas 3,3% se podem considerar bastante jovens (Fig. 41, e Quadro 19, em anexo).

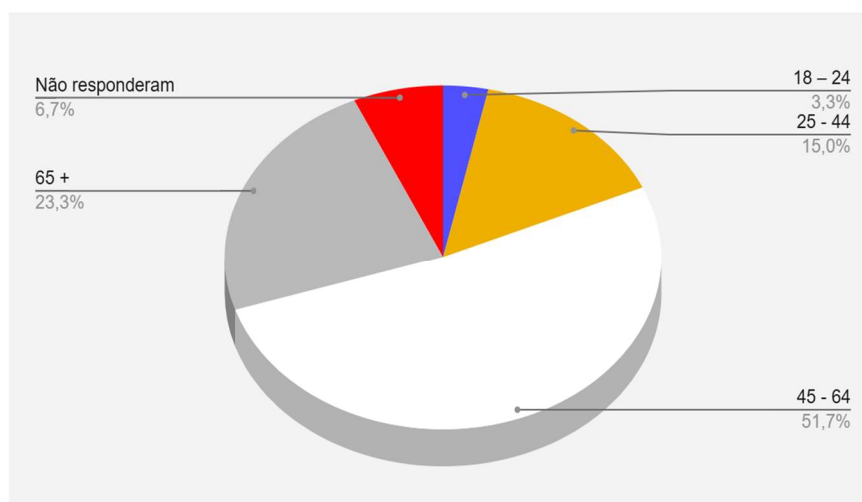


Figura 41 – Nível etário dos responsáveis pelas explorações agrícolas, criadoras de suínos e produtoras de fumeiro.
Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Quanto ao grau de escolaridade dos responsáveis pelas explorações agrícolas e pelos expositores na Feira (Fig. 42 e Quadro 20, em anexo), mais de metade, 53,3%, possui o 3º ciclo básico ou o ensino secundário, enquanto 20,0% concluíram a escolaridade obrigatória⁸ e 10,0% o Ensino Superior (5

⁸ - até aos 18 anos.

licenciados e um com o grau de Mestre, mas em áreas científicas distintas da agricultura ou da pecuária)

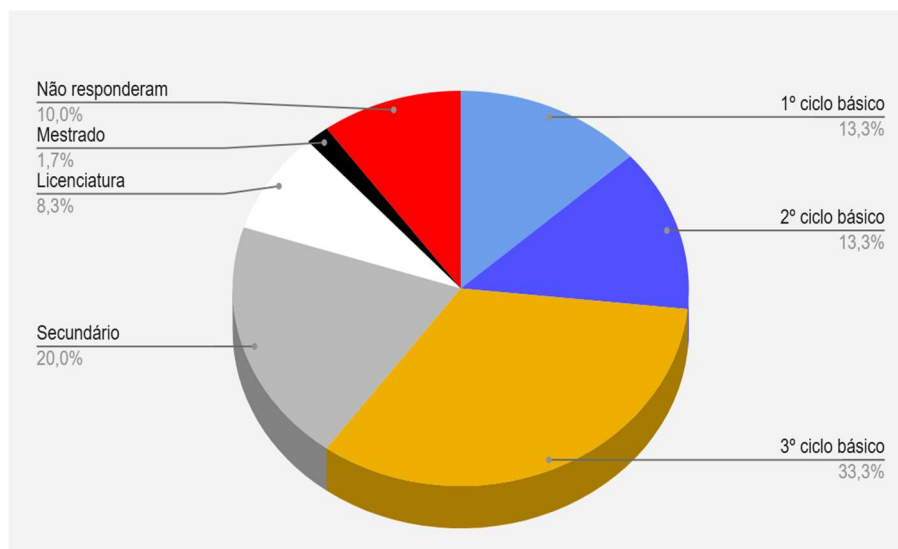


Figura 42– Grau de escolaridade dos responsáveis pelas explorações agrícolas onde se produz fumeiro, participantes na Feira. Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

No que se refere às atividades desempenhadas, 22 (36,7%) dedicam-se também à agricultura criando suínos, bovinos para carne, e, numa interligação direta, à produção do necessário para a alimentação dos referidos animais. Existe também a criação de cavalos, para além da produção de frutos, legumes e mel.

Os restantes 25 (41,7%), têm outras atividades associadas aos serviços e ao comércio. São funcionários dos CTT, da Administração Pública, ou exercem funções nos Serviços Administrativos como Assistentes Operacionais e, num caso, como Presidente da Junta de Freguesia.

Mas, indelevelmente, são os Serviços que agregam a maioria das situações, sobretudo entre os mais jovens e com formação. Referimo-nos a funcionários da CERCI, professores, advogados ou mesmo cuidadores de idosos. Aos anteriores adicionamos ainda feirantes, motorista, empresários da construção civil, empregados de supermercado local e empregadas de limpeza.

Como seria expectável num município onde existem eventos de grande abrangência territorial e impacte económico como as Sextas Feira 13, a Feira do Fumeiro ou os eventos desportivos, tal implica a existência de estabelecimentos capazes de acolher muitos turistas e visitantes, razão pela qual há que realçar também os proprietários de Alojamento Local e de Turismo de Habitação, ou de outras modalidades, com frequência a acumularem estas funções com a de produtores agrícolas nas maiores explorações. É de realçar também os restaurantes, cafés e similares. Finalmente 8 (13,3%) são reformados ou donas de casa. Saliente-se que, antes do 25 de abril de 1974, havia quem fizesse contrabando de gado para Espanha, perante a precariedade local.

b) – Perfil dos elementos do agregado familiar que auxiliam na exploração agrícola

Nas explorações agrícolas não são só os proprietários que as exploram e se dedicam à produção do fumeiro. São ajudados em todos os trabalhos por elementos do agregado familiar, quer do sexo feminino, quer do sexo masculino. É assim que 23,3% dos produtores (14) tem pelo menos 2 elementos que os auxiliam, 21,7% são apoiados por 4 elementos, enquanto (16,7%) têm ajuda de 3 elementos (10). São, pois, cerca de 63,3% (38) que têm 1 a 4 pessoas para os auxiliarem nos seus trabalhos. De facto, há apenas um produtor que se destaca, pois tem o apoio de 12 elementos (1,7%),

enquanto outros 2 têm 10 elementos (3,3%), a exercer funções, quer na produção do fumeiro (Figs. 43 e 44 e Quadros 21 e 22, em anexo), quer nos trabalhos agrícolas.

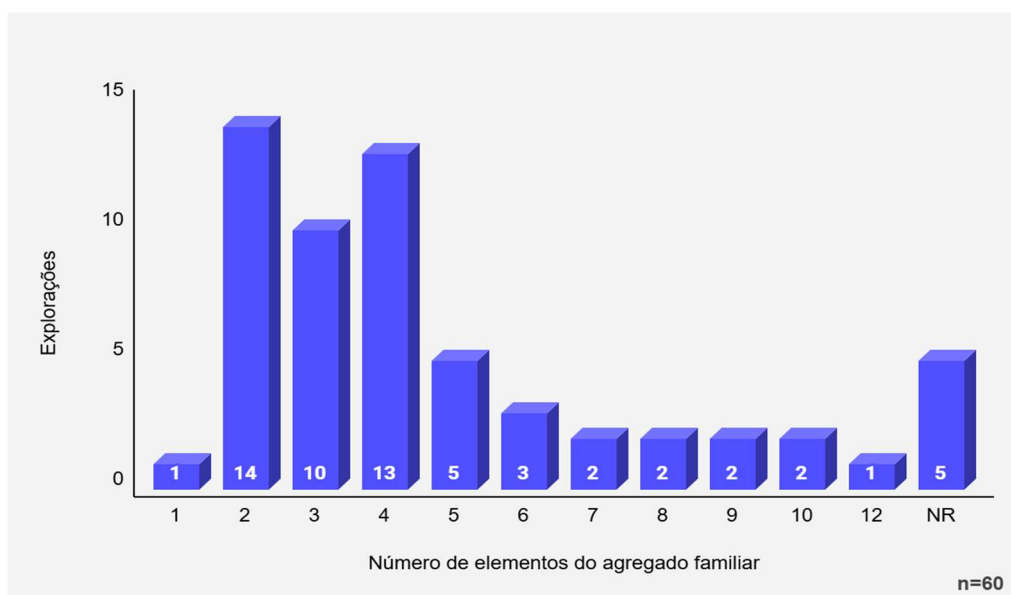


Figura 43 – Número de membros do agregado familiar que auxiliam nos trabalhos da exploração agrícola.
Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Entretanto, no que diz respeito aos elementos do sexo masculino, 22 proprietários são ajudados apenas por um homem, 12 recorrem a dois homens e 11 a três indivíduos. Por seu turno, no que diz respeito ao sexo feminino, 15 proprietários são ajudados por uma mulher, outros 15 por duas mulheres e 11 por três. Em suma, prossegue o domínio de uma estrutura familiar, sendo os membros do agregado familiar que auxiliam na concretização de todos os trabalhos incluídos no calendário agrícola e na produção de fumeiro e em número cada vez mais reduzido (1 a 3 pessoas). Não podemos ignorar que, sobretudo na produção do fumeiro, estamos perante uma atividade muito trabalhosa que exige saber e experiência, ou seja, mãos especializadas, nomeadamente a pessoa que condimenta os enchidos.

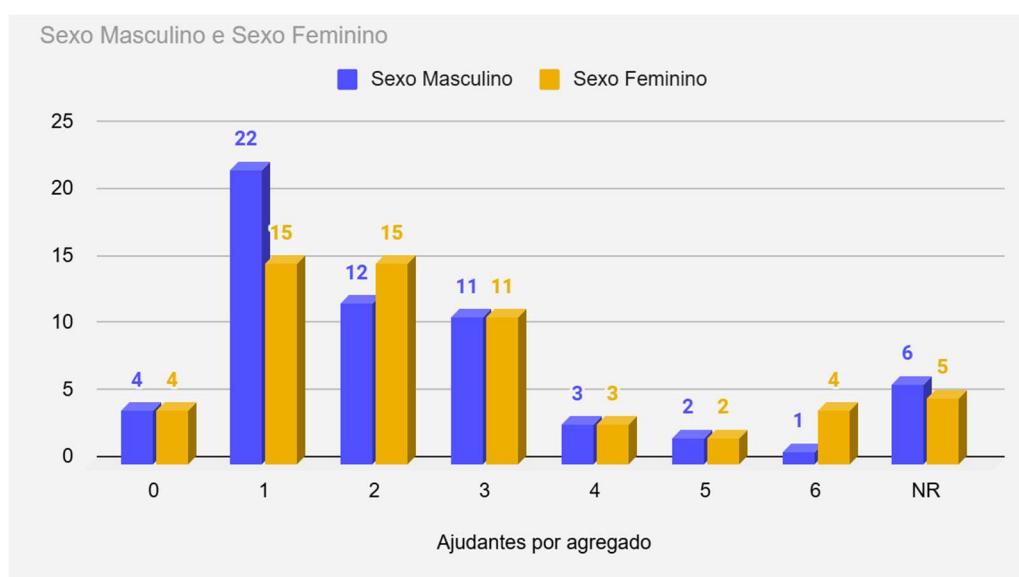


Figura 44 – Número de auxiliares nos trabalhos agrícolas, por género.
Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Não obstante, são sobretudo os mais velhos que ajudam na produção do fumeiro (Fig. 45 e Quadro 23, em anexo). Registe-se que, 40,27% encontram-se entre os 45 e os 64 anos de idade e 26,69% ultrapassaram os 65 anos. Possuem, predominantemente, o ensino básico (46,6%)- (89 pessoas), seguido do ensino secundário- 69 pessoas, ou seja, 36,1 %.

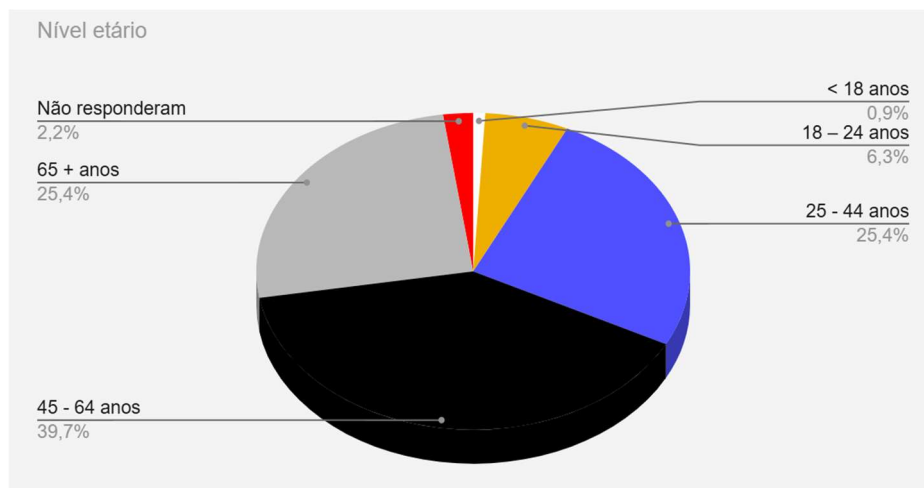


Figura 45- Número de auxiliares no agregado familiar, por grupo etário.
Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Como já referimos anteriormente, de igual modo são estes elementos que ajudam nos trabalhos agrícolas e na criação de gado como o ovino, mas sobretudo o bovino ou o suíno. Tal como entre os produtores, também entre os membros do seu agregado familiar sobressaem aqueles que se dedicam a outras atividades do setor secundário e terciário. São todos de nacionalidade portuguesa. E à semelhança dos produtores são indivíduos que possuem o ensino básico (46,6%) seguido do ensino secundário (36,1%), registando-se 17,3% com o ensino superior Fig.46 e quadro 24, em anexo).

Finalmente, estes responsáveis só excepcionalmente possuem assalariados, geralmente sazonais ou mesmo ocasionais.

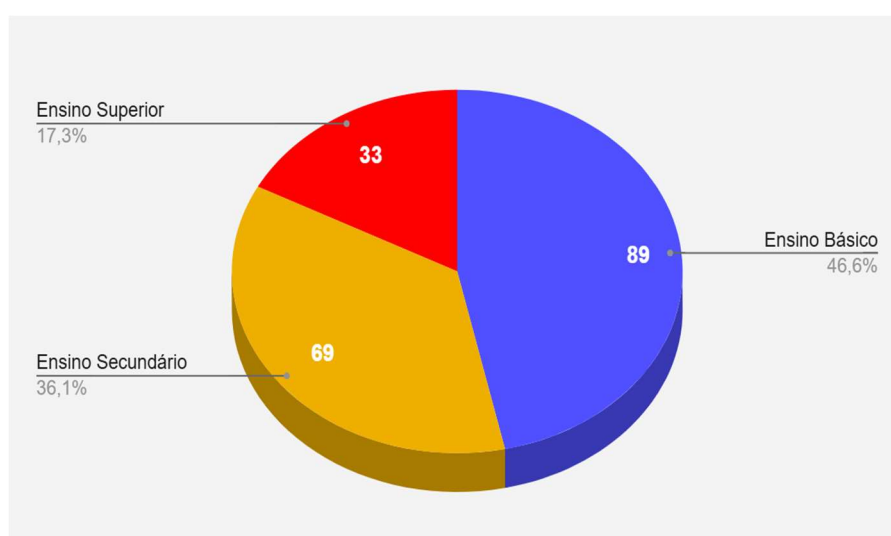


Figura 46- Grau de escolaridades dos ajudantes do agregado familiar.
Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

c)- A venda dos produtos autóctones

Muitos deles, sendo expositores na Feira do Fumeiro e, em simultâneo, proprietários das explorações agrícolas, vendem durante todo o ano, no domicílio, diretamente ao cliente, sendo alguns deles regulares, fidelizados pela qualidade encontrada. Todavia, abastecem também os supermercados e outros pequenos estabelecimentos locais e regionais. Acresce que também guarnecem os restaurantes, comercializam em feiras próximas como ambulantes e, mais recentemente, sobretudo após o Covid 19, multiplicaram-se as vendas através da internet, utilizando a plataforma da Câmara Municipal de Montalegre. Aliás, prosseguem com outra atividade iniciada também pela edilidade municipal. A Câmara Municipal pagava as taxas relacionadas com o transporte dos produtos locais direcionados aos núcleos urbanos regionais e, progressivamente, nacionais e internacionais. Esta estratégia continua, embora sem o apoio camarário, despachando os produtores os artigos por camionagem para todo o país e para os emigrantes que se encontram no estrangeiro, nomeadamente os enchidos que sobraram da Feira do Fumeiro.

Vendem ainda o gado bovino, caprino, ovino e suíno (leitões) para os talhos locais, com quem têm contratos, mas também para a Cooperativa de Boticas (1) e para múltiplos clientes fidelizados pela excelência dos produtos locais. Acrescem, obviamente, os restaurantes (2).

Pode-se ainda inferir, no que diz respeito a acordos/contratos com estabelecimentos comerciais de grandes dimensões, que eles são ocasionais. Só nos Ecomuseus de Montalegre e Fafião e outras atividades que são coordenadas pela Associação de Produtores de Fumeiro, nos parece haver acordos pré-estabelecidos. Há ainda a referir que 7 produtores não responderam e 1 vende também em Vieira do Minho.

1.4.3 – Características das explorações agrícolas dos expositores na Feira

a) – Área, em hectares, das explorações agrícolas

Quando nos referimos às explorações agrícolas dos expositores inquiridos na Feira do Fumeiro, constatamos que as respetivas explorações são de diversas dimensões: vão desde < de 1 ha até ≤ 100 ha. Predominam, contudo, as explorações com áreas compreendidas entre os 5 ha e < 20 ha (26,7%), seguindo-se aquelas que possuem 1 ha a <5 ha (21,7%) e, por fim, as de maiores dimensões, ou seja, entre 20 ha a < 50 ha (21,7%) (Fig. 47 e Quadro 25, em anexo). Neste contexto, temos de referir a importância dos baldios, fulcrais para a criação do gado.

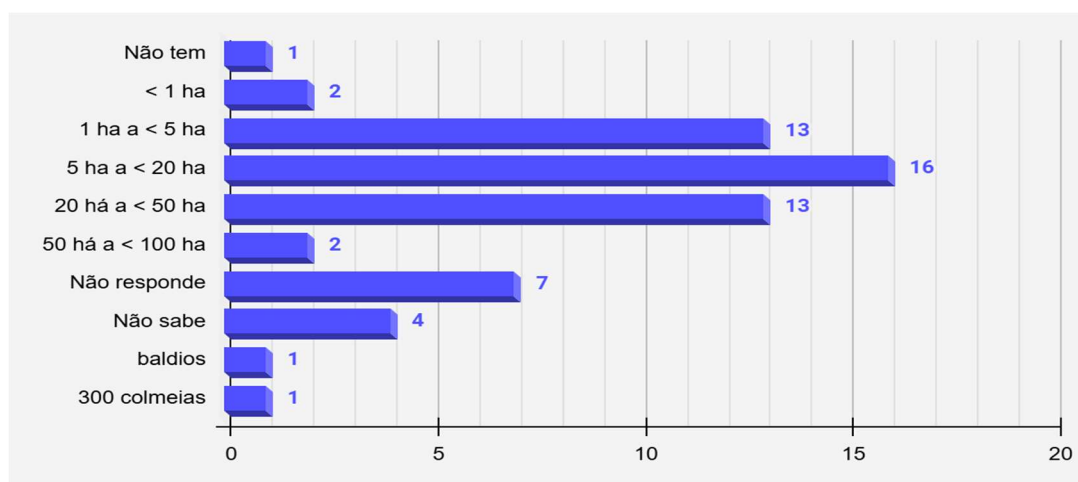


Figura 47 – Número e dimensão (ha) das explorações agrícolas onde se produz fumeiro (hectares).

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Inquirimos também 1 produtor agrícola que informou que não é proprietário de qualquer área, enquanto outros 4 não souberam identificar a área da sua exploração agrícola.

b) – A produção de suínos

Obviamente, temos de destacar a produção de suínos, fundamentais para a execução do fumeiro de Montalegre. A principal conclusão remete-nos para uma grande variabilidade do número de animais que decorre do número de crias que nascem, e/ou da produção/venda do ano anterior (Fig. 48). Tal foi referido por 5% dos produtores, mas a maior parte, 18, correspondentes a 30%, produzem de 11 a 20 porcos por ano, seguindo-se entre 1 e 10 (26,7%). Seis proprietários produzem entre 21 e 30 porcos (6 produtores e 4 entre 31 a 40 porcos. Existe apenas 1 proprietário que produz entre 61 a 70 suínos. (Fig.48 e quadro 26, em anexo)

Domina, pois, a pequena produção autónoma, condizente com a mão-de-obra e condições físicas para a execução de todas as tarefas.

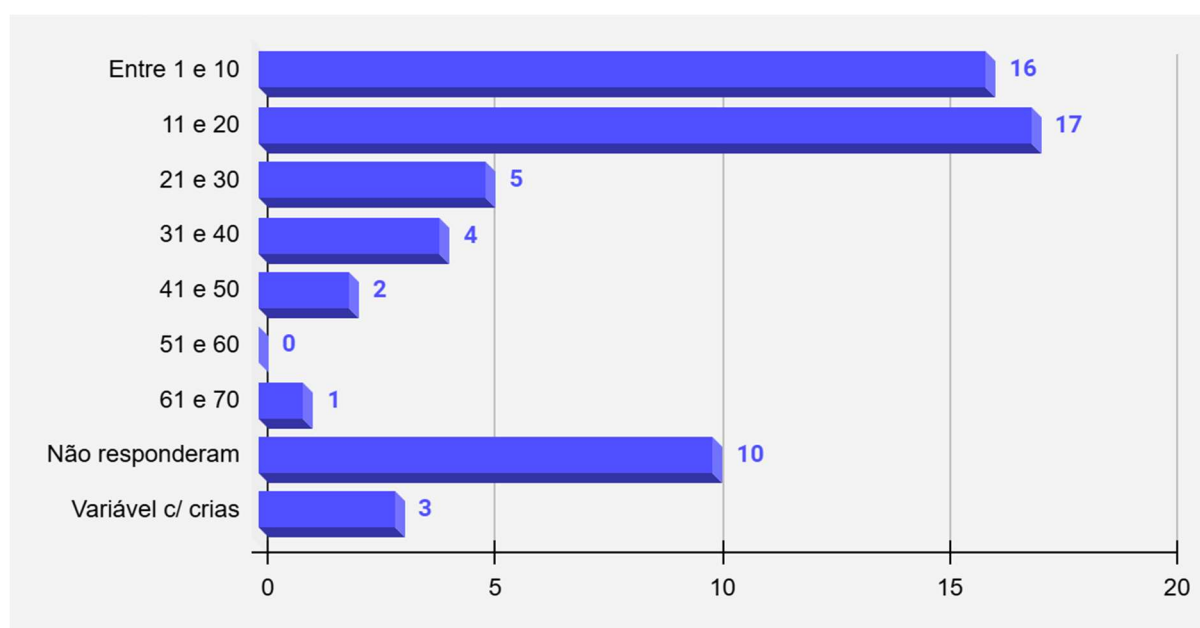


Figura 48 – Número de suínos criados anualmente por exploração agrícola.
Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Criam sobretudo a raça cruzada (50%), nomeadamente com a bísara (11,7%), ou a bísara pura (8,3%) – Fig.49 e Quadro 27, em anexo). A opção pela raça cruzada radica no maior equilíbrio que esta raça tem entre a massa muscular e a gordura. Regista-se ainda a presença das raças Pietrain, Duroc, LandRace e Branca, raças de médio porte, mas pouco agressivas, enquanto outras possuem bastante carne magra. Por último, realce-se ainda no momento de optarem pela raça dos animais, a habilidade materna das fêmeas em lidar com as crias, bem como o seu desempenho, para a opção que os proprietários tomam.

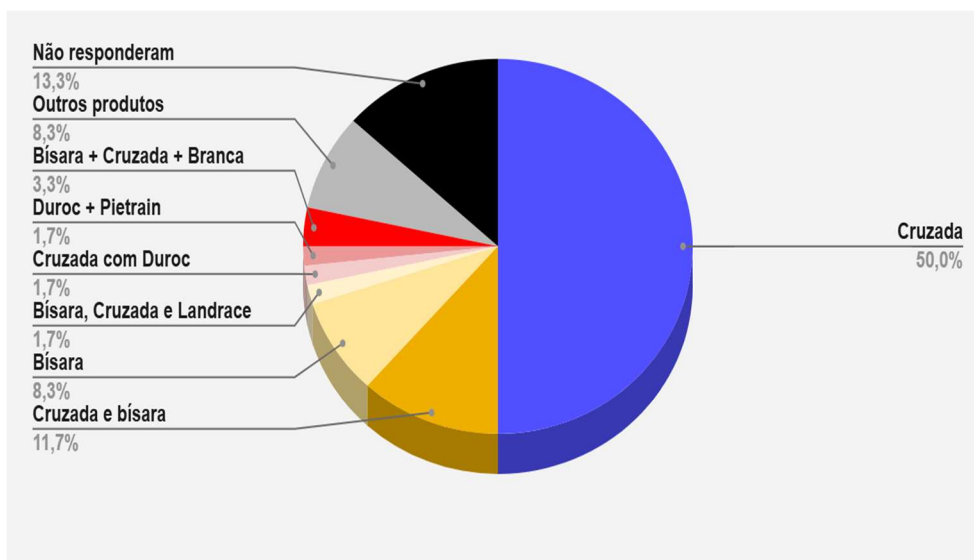


Figura 49- Proporção de suínos criados de acordo com a raça (%).
 Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Aquelas explorações agrícolas que recorrem à aquisição dos leitões, habitualmente fazem-no em Montalegre, Boticas, Vieira do Minho, Taipas, ou Póvoa de Lanhoso. Todavia, 31,03% não compram leitões, preferindo controlar toda a cadeia de produção, recorrendo a uma porca própria e sujeitando-se ao número de crias obtidas na ninhada. Mas, como é compreensível, quando não têm leitões suficientes para a produção, ou precisam, recorrem à inseminação, ou compram, como sucede também em 18 casos.

Recorde-se ainda que, tendo em atenção a qualidade superior pretendida, há produtores que compram pequenos leitões (10 produtores), muitas vezes após o desmame, pois a sua carne é de melhor qualidade se alimentados tradicionalmente na exploração do proprietário, já que assim controlam a alimentação dos animais e, conseqüentemente, as suas qualidades organolépticas (Fig. 50 e quadro 28, em anexo).

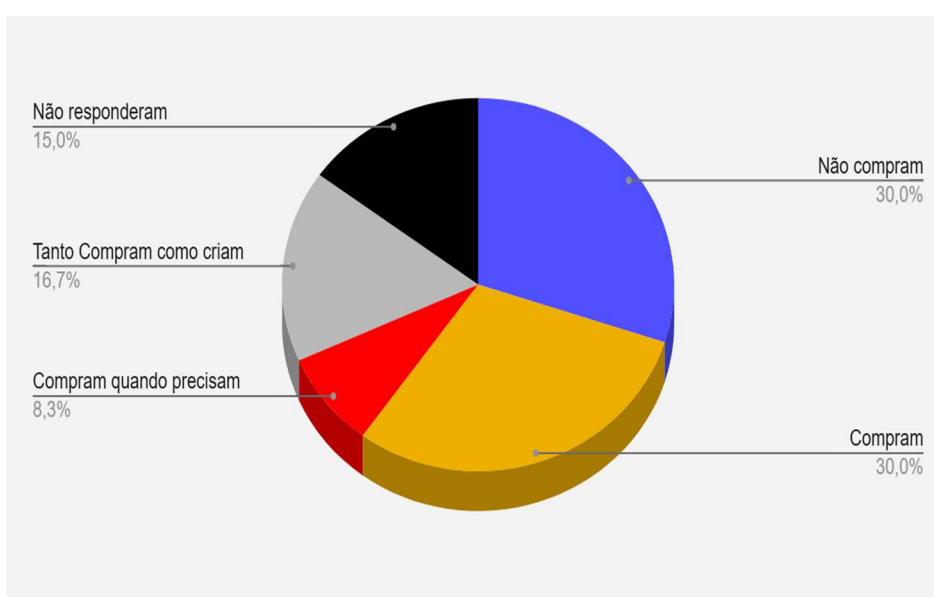


Figura 50 - Explorações agrícolas de acordo com a aquisição de leitões.
 Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

1.4.4– O Fumeiro

a) – Produção do Fumeiro e os locais de venda

O fumeiro é uma atividade familiar em que todos os membros do agregado participam, a que se reúnem, com frequência, amigos e vizinhos. Praticamente todos ajudam no período da confeção, reforçando, assim, os laços familiares e de vizinhança. Num sistema rotativo, todos transitam por todas as casas produtoras da aldeia, executando a globalidade das tarefas associadas à produção do fumeiro.

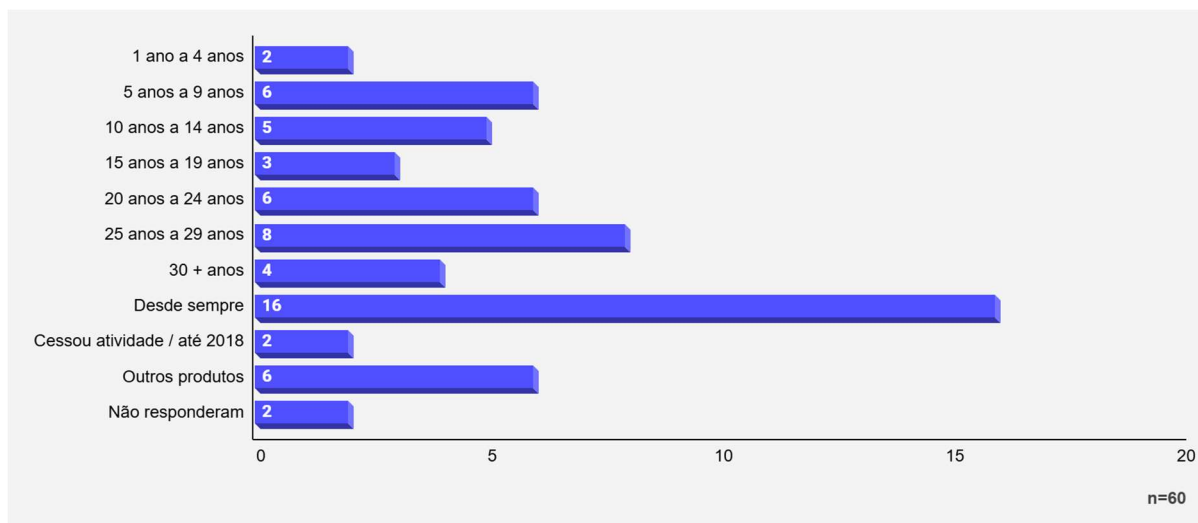


Figura 51 – Número de anos de atividade na produção de fumeiro.
Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

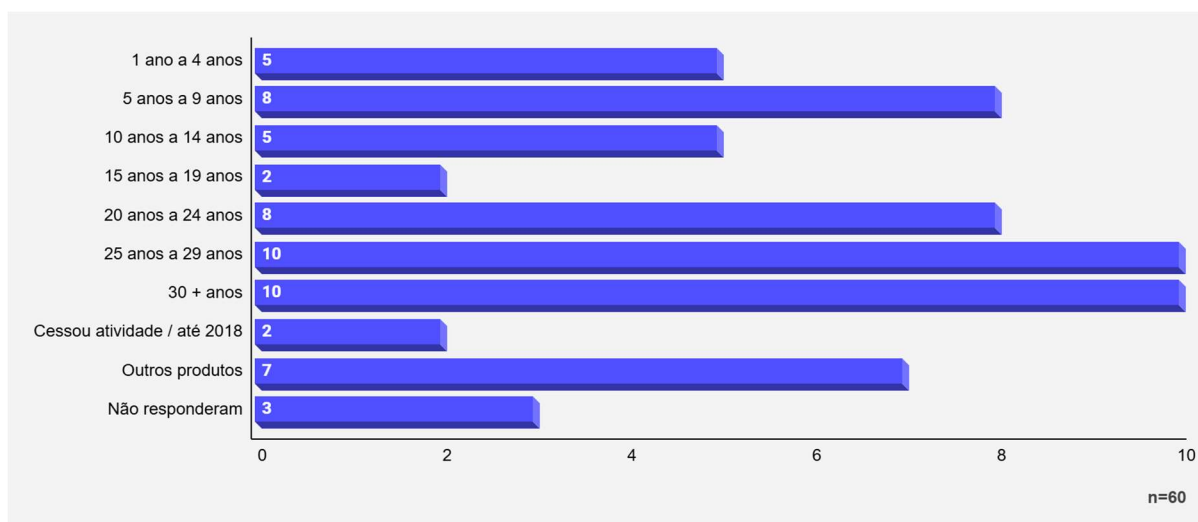


Figura 52 – Número de anos de adesão dos produtores à Feira do Fumeiro.
Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Quando são questionados sobre o início da confeção do fumeiro (Fig. 51 e Quadro 29, em anexo), com frequência a resposta é “desde sempre”, como sucede com 26,66% (16) dos produtores presentes na Feira, razão pela qual, todos os anos se observam novos aderentes à Feira de Fumeiro, embora se registem oscilações intercalares ao longo da vigência da feira, como já foi referido. Não obstante, a maioria participa neste evento há mais de 20 anos (Fig. 52), algo a realçar, pois permite inferir não só da satisfação obtida, como comprovam a sua importância na produção e escoamento dos produtos.

Por outro lado, para além da maioria dos expositores (37) venderem apenas na Feira do Fumeiro de Montalegre (Fig. 53 e quadro 31, em anexo), 13 (21,66 %) vendem também os seus artigos noutras Feiras, nomeadamente na de Boticas, Cabeceiras de Basto ou Salto, assim como na feira semanal da localidade, Montalegre. Vendem, de igual modo, nas feiras de Vieira do Minho, Chaves, Albergaria a Velha e na Vila do Gerês.

Existem também vendedores que testaram a venda em feiras como as de Boticas e Cabeceiras de Basto, mas, por rentabilidade considerada insuficiente, interromperam. Finalmente, há um produtor que acumula as vendas efetuadas na feira do Fumeiro de Montalegre, com a venda na Feira de Vieira do Minho.

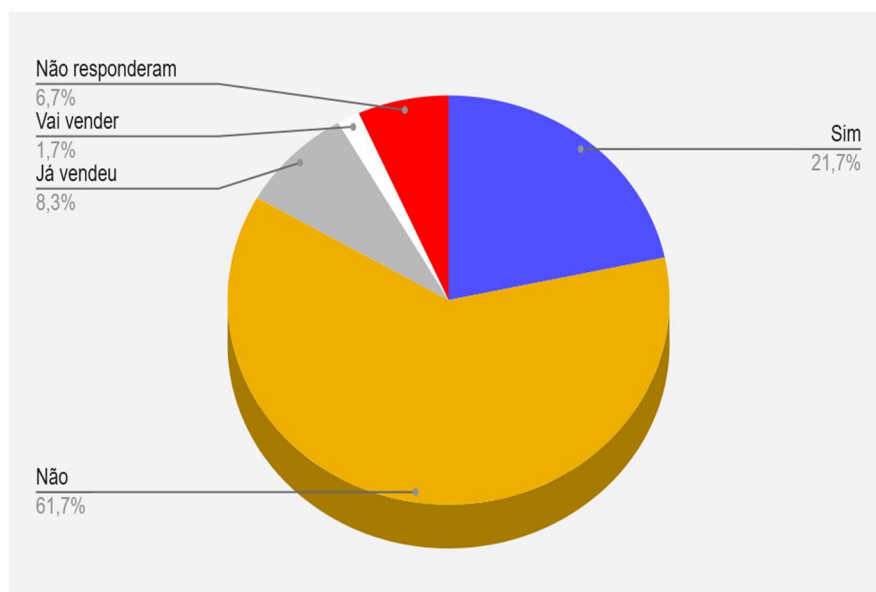


Figura 53 - Produtores/expositores que vendem fumeiro noutras feiras
Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Por outro lado, há que fazer algumas referências a questões de socialização, pois elas são importantíssimas e têm registado alterações com impactes significativos. Na sequência das alterações técnicas e na adaptação aos condicionalismos observados ao longo dos tempos, na atualidade, as tradições estão um pouco mudadas. Na realidade, recuando no tempo, a matança do porco, então efetuada no domicílio do produtor, era o momento de familiares, amigos e vizinhos se juntarem e todos ajudarem e socializarem. Era uma festa! Hoje, a matança realiza-se no matadouro, pois é proibida em casa. Apenas a desmancha é executada em casa, mas, ainda assim, é um momento de grande convívio social, reunindo a família e os vizinhos num jantar final, comemorando a conclusão dos trabalhos.

Em síntese, participar e vender na Feira do Fumeiro corresponde a um momento crucial para a divulgação e venda dos produtos, todavia subsiste a necessidade de ajuda a estes produtores. Repare-se que, para a venda dos produtos na Feira, é essencial o apoio de todos os membros da família, reunindo-se-lhes mesmo aqueles que trabalham e residem nos núcleos urbanos mais destacados, mas também no estrangeiro, incluindo, para tal, esta semana no seu período de férias.

Todos auxiliam, mas embora o número de membros do agregado familiar que apoia em todos os trabalhos associados à Feira seja variável, dominam os agregados com 2 e 4 elementos. Efetivamente, com frequência, é só a mãe, o pai e/ou filho(a) que executam todo o trabalho.

Dos elementos inquiridos, todos de nacionalidade portuguesa, 66 são do sexo feminino e 58 do sexo masculino. Quando necessário, associam-se nestas tarefas ajudantes que deixam o seu trabalho agrícola, ou outro, pela venda de fumeiro. É o caso de uma jovem, que reserva parte das suas férias para esta época, deslocando-se propositadamente de Londres, só para auxiliar os pais na feira. Não obstante, o nível etário destes auxiliares dos produtores/expositores é, ainda assim, bastante elevado: 54 indivíduos (35,3%) têm entre 45 a 64 anos, 31 indivíduos têm mais de 65 anos (20,3%) e só 40 têm entre 25 a 44 anos (26,1%). Também estes ajudantes possuem, fundamentalmente, o ensino básico e secundário.

b) – Evolução e perspectivas sobre as vendas de fumeiro

Quando os abordamos sobre se notaram alterações ao longo dos tempos no que se refere à criação de suínos e à produção de fumeiro, a maioria (31) não respondeu (51,7%), mas 18,3% dos produtores afirmaram que as vendas têm vindo a aumentar (11), enquanto 6,7% referem que se tem mantido (Fig. 54, e Quadro 32, em anexo). Nestes últimos casos, fundamentam esta “estagnação” na ausência de auxiliares, quer familiares, quer vizinhos ou mesmo assalariados. Finalmente, 6,7% indica que tem vindo a diminuir, interligando esta situação com a sua avançada idade e a falta de apoio familiar por parte dos mais jovens. Nestas circunstâncias, é de facto difícil aumentar a produção.

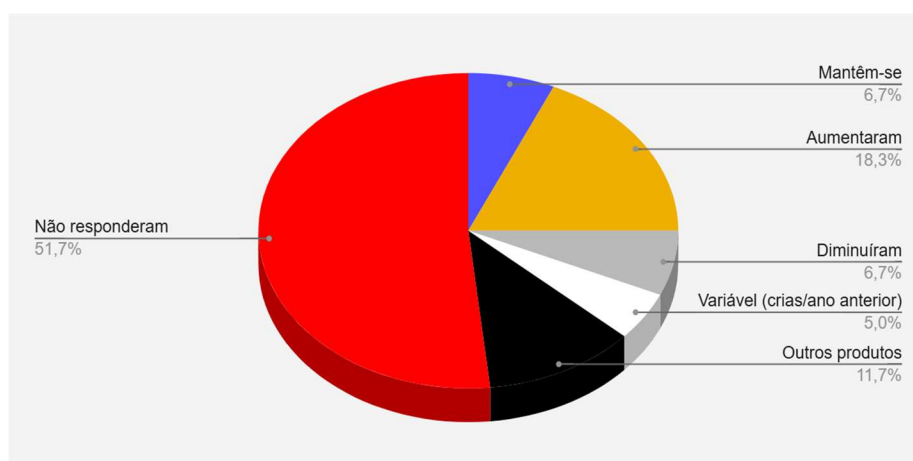


Figura 54 - Evolução da venda de fumeiro ao longo dos tempos.

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Embora seja indiscutível que, em todo o historial da produção e venda do fumeiro, se observaram diversas fases, como o confirmam os expositores/produtores, para 14 dos expositores, as suas vendas ampliaram-se, enquanto para 3 estas diminuíram; 7 asseguram que sempre mantiveram a mesma quantidade e qualidade, adaptada ao número, idade e condições físicas dos membros da família. Finalmente, 36 expositores, (60%) não responderam. Ainda assim, apontaram que a melhor fase de vendas foi o ano de 2023, enquanto durante o Covid19 houve uma redução significativa das vendas. Por último, há que referir que, a geração mais nova, adulta, preocupa-se com o facto dos pais, os produtores, terem mais de 65 anos, pois tal coloca problemas de continuidade. (Tabela 4)

Apesar dos problemas existentes e das dificuldades que têm de superar, para os que prosseguem, resilientemente, a Feira do Fumeiro de Montalegre corresponde ao momento preferencial das vendas. Na verdade, a venda de fumeiro nesta Feira é um sucesso. Repare-se que 45 dos expositores (75%) indicam que as vendas têm progressivamente aumentado, fase ascensional apenas interrompida durante o período do COVID19 (Tabela 5). Entretanto, 23,3 % dos inquiridos apontam

Tabela 4 – As fases da venda do fumeiro

Diferentes fases na venda do fumeiro	N.º de Expositores	Percentagem
Não	7	11,67%
Sim, diminuiu	3	5,00%
Sim, aumentou	14	23,33%
Não responderam	36	60,00%
Total	60	100%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Tabela 5 – Momento preferencial da venda de fumeiro

Frequência de vendas na Feira do Fumeiro	N.º de Expositores	Percentagem
Aumenta pouco	3	5,00%
Aumenta significativamente	8	13,33%
É o melhor período de vendas	45	75,00%
Não responderam	4	6,67%
Total	60	100%

Fonte: Inquérito próprio, janeiro de 2025

para a manutenção/estagnação das vendas, pois vivem sozinhos e não conseguem aumentar a criação, ou, dada a avançada idade, apresentam problemas físicos que os impedem de executar todas as tarefas. Finalmente, apenas 7 % indica que a produção tem diminuído, na sequência de um ano que consideram mais fraco, ou mesmo por falta de tempo (Tabela 6).

Tabela 6 – As variações na venda do fumeiro ao longo dos tempos. Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Variação na venda do Fumeiro	N.º de Expositores	Percentagem
Sim, tem aumentado	27	45,00%
Não, manteve-se	14	23,30%
Tem diminuído	4	6,70%
Não responderam	15	25,00%
Total	60	100%

Fonte: Inquérito próprio, janeiro de 2025

c) – O futuro da exploração agrícola e da produção do fumeiro- algumas sugestões.

Que futuro para as explorações agrícolas de Montalegre que se dedicam à produção de suínos e de fumeiro?

É inquestionável que, para 40% dos produtores/expositores (Tabela 7), está assegurada a continuidade da exploração agrícola, da criação de suínos. Maioritariamente, correspondem àqueles agregados

cujos filhos pretendem continuar a explorar e a desenvolver o património familiar, que, aliás, pretendem ampliar. Ambicionam também investir em melhores técnicas e equipamentos novos. Todavia, 26,66%, dos produtores têm uma visão menos favorável, perspetivando que a exploração agrícola vai terminar. Restam cerca de 11 elementos (18,33%) para os quais o futuro ainda é uma incógnita.

Tabela 7 – O futuro da exploração agrícola

Previsão de futuro para a Exploração Agrícola	N.º de Expositores	Percentagem
Continuidade da exploração agrícola	24	40,00%
Fim da exploração agrícola	16	26,67%
É uma incógnita	11	18,33%
NS/NR	9	15,00%
Total	60	100,00%

Fonte: Inquérito próprio, janeiro de 2025

As causas principais para esta situação têm a ver com a situação da população estar a envelhecer, existindo casos onde realçam a falta de herdeiros que continuem e preservem as tradições, já que estes enveredaram por outras profissões, não residindo na região e não estando nos seus planos regressar. Assim, assumem que, enquanto puderem vão continuar, mas quando atingirem a reforma, provavelmente, prosseguirão apenas com uma produção limitada, para autoconsumo. Quanto aos mais apreensivos com a continuidade e futuro das respetivas explorações, classificando-o como “uma incógnita”, tal decorre da idade avançada dos produtores/expositores e não saberem se os filhos querem ou não continuar com a exploração agrícola, já que enveredaram por outras profissões. Acrescentam as condições climáticas e ambientais e os incêndios rurais, ou ainda as doenças que atacam as colmeias, agudizando os problemas. Por último, as perspetivas financeiras pouco favoráveis, também contribuem para esta incerteza.

Tabela 8– O futuro do fumeiro.

Visão de Futuro para a atividade de Fumeiro	N.º de Expositores	Percentagem
Visão otimista	26	43,33%
Visão pessimista	18	30,00%
Não responderam	16	26,67%
Total	60	100%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Neste contexto, qual o futuro do afamado fumeiro de Montalegre? Constatamos que para 43,33 % (26) dos produtores, os prognósticos são otimistas, enquanto para 30,0 % impera uma visão pessimista (18). Salienta-se que 26,6 % não responderam (Tabela 8). O Fumeiro só continuará, só terá futuro, se

os jovens quiserem ou permanecerem na região. Outra alternativa incide na implantação de mudanças estruturais associadas ou não a projetos financiados pela União Europeia.

De facto, os problemas apontados são de difícil solução. Aliás, quando questionamos sobre estratégias para mitigar/ultrapassar o problema do envelhecimento dos produtores e a escassez de mão de obra, a resignação imperou: 33, (55%) dos produtores não responderam e 33% não tiveram nada a dizer. Dos restantes, 11,7%, pensam recorrer ao apoio dos familiares ou, como alternativa, também à concretização de um bom casamento. Nestas circunstâncias, é inevitável a necessidade de apoios direcionados à agricultura, principalmente incentivos aos jovens, para além de uma maior divulgação do evento através das redes sociais. Por último, mas sendo preponderante, a redução da burocracia.

Em síntese, estamos perante um município do extremo norte do país, com belezas naturais extraordinárias, com tradições seculares únicas para a criação de gado, onde as suas gentes são especialistas na arte de bem fazer e bem receber.

Tal como todo o interior português, também em Montalegre se regista uma redução da população residente, persistindo a envelhecida. Não obstante, muita dela é empreendedora e resiliente, razão pela qual têm consciência que há que lutar e continuar na manutenção da sua exploração agrícola e no saber-fazer fumeiro segundo as tradições, aprendidas e transmitidas geracionalmente. Aliás, não podemos ignorar que este fumeiro é promotor de uma boa fonte de rendimento para os produtores do concelho de Montalegre. Todavia, as adversidades são grandes e muitos necessitam de mão de obra, nomeadamente de uma geração de jovens que continue a tradição, que prossiga com a criação de suínos e a consequente produção do famoso fumeiro de Montalegre, mas que, neste momento, escasseiam.

Como mitigar/solucionar esta situação? Um dos principais desafios que as regiões do interior de Portugal enfrentam é a necessidade de encontrar formas de integrarem as atividades tradicionais associadas ao mundo rural, com o desenvolvimento dos centros urbanos, em complementaridade, e acrescentar valor aos produtos agrícolas, mas também desenvolver outras atividades, nomeadamente as industriais e os serviços.

O Fumeiro tem sido uma forma de integrar uma atividade tradicional muito presente no mundo rural, mas porque não atrair empresas do ramo alimentar e de marketing no sentido da divulgação do produto em maior escala, obviamente, criando condições de sustentabilidade para um aumento da produção? E como ignorar as empresas de tecnologias de informação de modo a gerar oportunidades de emprego para os mais novos da região, tanto de trabalho operacional, como em funções mais qualificadas? A tecnologia deve chegar às pequenas explorações agrícolas, criando ambientes rurais sustentáveis, mediante o uso, por exemplo, de energias renováveis e bioenergias. Acresce proporcionar formação e informação aos jovens, mas também aos menos jovens. Através de uma Escola Profissional Agrícola, na sequência de parcerias estabelecidas entre a Câmara Municipal de Montalegre e o Ministério de Educação, tal seria exequível, permitindo a formação de jovens não só com grau de qualificação elevado (de III a V), mas impulsionando o gostar da sua terra, promover o seu património e perceber o que podem fazer por ela, sem deixar de serem jovens dos nossos dias.

Obviamente, há também que promover habitação condigna para atrair jovens casais para o Município, através da criação de incentivos fiscais e melhores infraestruturas.

1.5 - O Impacte Do Turismo Em Montalegre

1.5.1- Notas introdutórias

Dada a sua importância nas dinâmicas de desenvolvimento implantadas em Montalegre, há que nos debruçarmos sobre o setor do turismo em particular, dada a sua rápida ascensão. Neste contexto, há que efetuar uma análise estatística do destino turístico Montalegre. Assim, proceder-se-á a uma inventariação da oferta turística básica existente em Montalegre, através de material cartográfico, e, finalmente, empreender-se-á uma análise estatística da atividade turística concelhia. Deste modo, a metodologia utilizada para a concretização do estudo deste setor, contemplará a análise secundária de dados oficiais, tanto do Instituto Nacional de Estatística, quanto do Registo Nacional de Turismo, do Turismo de Portugal, não descurando ainda os dados obtidos junto do Município de Montalegre, respeitantes aos visitantes que ocorrem ao Ecomuseu do Barroso.

1.5.2- Inventariação da oferta turística básica de Montalegre

De acordo com o Registo Nacional de Turismo (Turismo de Portugal, 2025a), existem 12 agentes de animação turística registados no concelho de Montalegre, sendo que a grande maioria (5) se situam na freguesia de Cabril (Fig. 55)

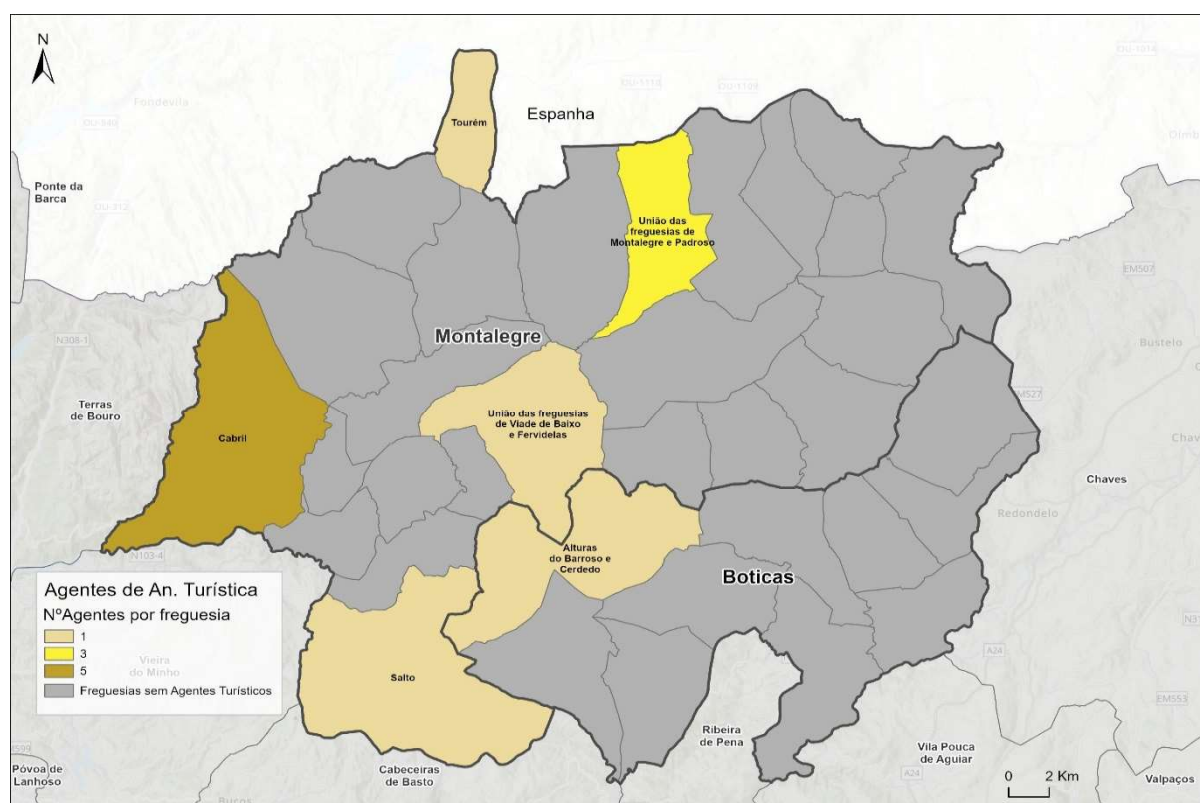


Figura 55- Agentes de animação turística em Montalegre.

Fonte: Turismo de Portugal (2025)

No tocante aos retalhistas de serviços turísticos no concelho, apenas se regista a existência de duas agências de Viagens de Turismo, a Javsport-Organização Eventos Desportivos Unipessoal Lda com sede em Cabril e a Nevetur Viagens e Turismo Lda com sede em Montalegre (Turismo de Portugal, 2025). Há, porém, que analisar o impacte e dispersão territorial das diferentes tipologias de alojamento direcionadas aos turistas/visitantes, sempre em ascensão, na sequência das solicitações associadas

aos eventos emblemáticos como as Sextas Feiras 13, a Feira do Fumeiro e outros, nomeadamente os de carácter desportivo.

No que se refere aos Alojamentos Locais (AL) de modalidade “apartamento”, verifica-se a existência de 12 unidades (Figura 56), sendo que, parte substancial dos mesmos se situam em Venda Nova e Pondras (7).

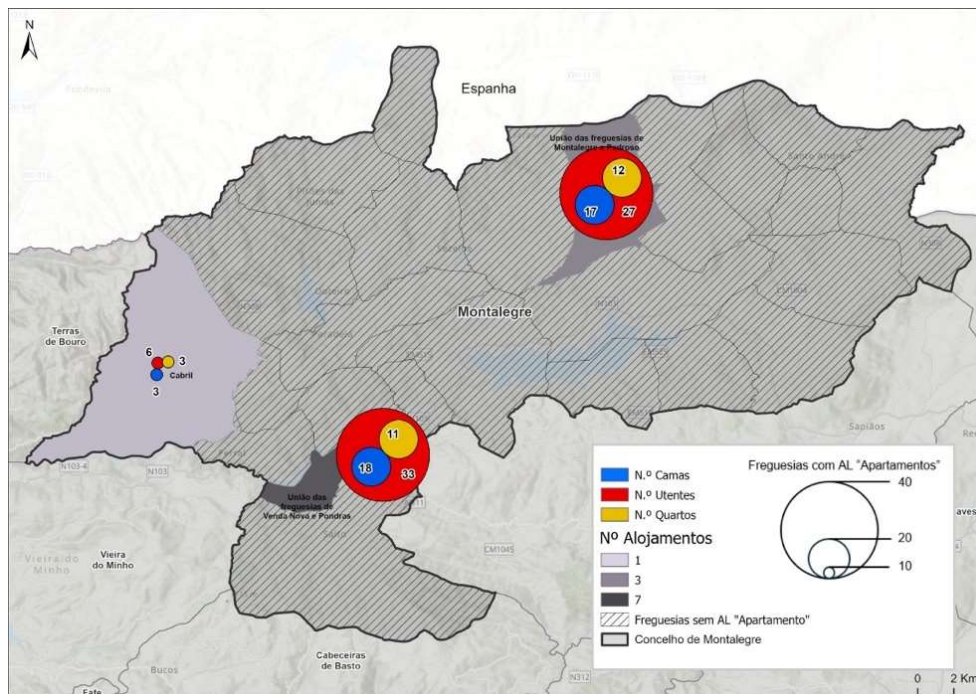


Figura 56- Estabelecimentos de alojamento local de modalidade “apartamento” em Montalegre
Fonte: Turismo de Portugal (2025).

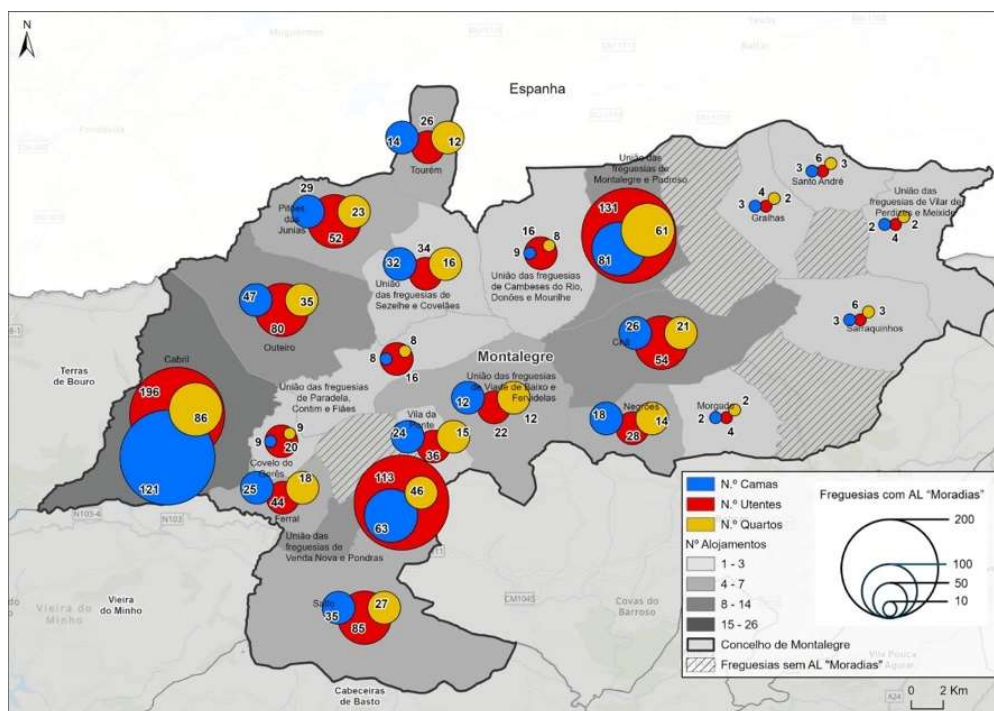


Figura 57- Estabelecimentos de alojamento local de modalidade “Moradia” em Montalegre.
Fonte: Turismo de Portugal (2025).

Verifica-se ainda a existência de 121 moradias registadas na plataforma. Destas, 26 situam-se na freguesia de Cabril, 14 em Montalegre e Padroso, 11 em Outeiro, 10 em Chã e 7 em Pitões de Júnias. Acrescem 5 em Ferral e Negrões, 4 em Salto, 3 em Sezelhe e Covelães, 2 em Cambeses do Rio, Donões e Mourilhe e em Paradela, Contim e Fiães e uma em Gralhas e Sarraquinhos (Fig.57).

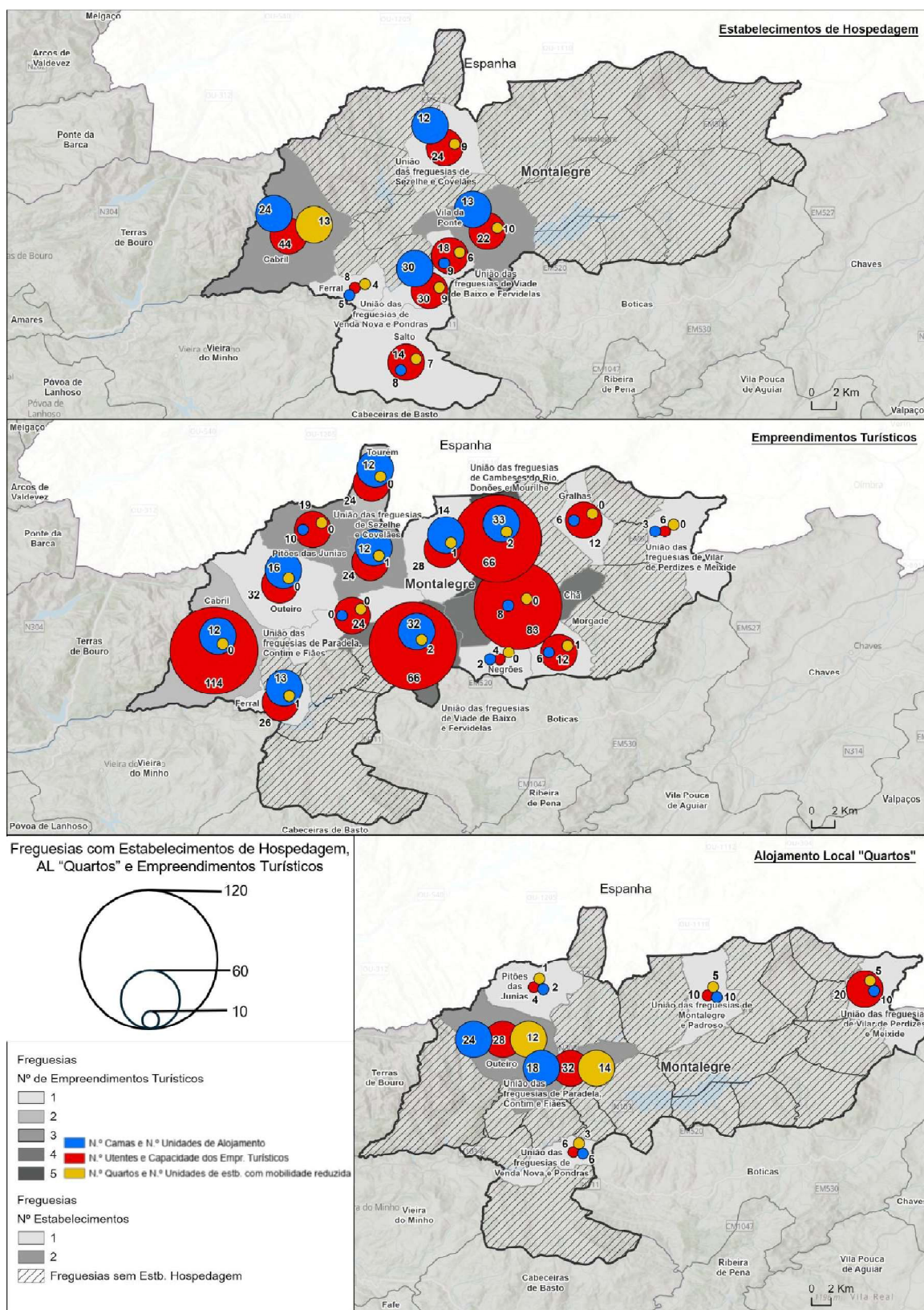


Figura 58- Estabelecimentos de Hospedagem em Montalegre
 Fonte: Turismo de Portugal (2025)

Se observarmos a figura 58, que diz respeito aos Estabelecimentos de Hospedagem, Empreendimentos Turísticos e Alojamento Local “Quartos” no concelho de Montalegre, podemos ver que, no que à localização geográfica dos “quartos individuais” disponibilizados no concelho de Montalegre, dos oito registos, verifica-se uma preeminência das freguesias de Paradela e Outeiro, com 2 unidades cada. Por seu turno, no que diz respeito aos estabelecimentos de hospedagem em Montalegre, estes cifram-se em 12 unidades e encontram-se dispersos pelas freguesias do concelho. Finalmente, é de relevar a diversidade dos “empreendimentos turísticos”,.

Encontramos ainda no concelho em apreço, Hotéis Rurais, Casas de Campo, Parques de Campismo, Turismo de Habitação e Hotel. Abundam, pois, os Empreendimentos de Turismo no Espaço Rural.

Assim, em jeito de súmula, tendo em conta a informação disponibilizada pelo Turismo de Portugal, podemos constatar que o sistema turístico de Montalegre ainda é algo incipiente e baseado em unidades de alojamento de feição rural com escassa capacidade de hospedagem, mas encontra-se em expansão. Não obstante, há que realçar que, em termos comparativos com outros concelhos vizinhos e sobremaneira, quando avançamos para o interior e para espaços de morfologia topográfica mais difícil, o cenário de Montalegre sobressai pela positiva. Certamente, tal justifica-se pelas apostas nos eventos icónicos que analisaremos com pormenor neste relatório.

1.5.3 -Análise estatística do Turismo em Montalegre

Se nos reportarmos a outra fonte estatística, o Instituto Nacional de Estatística (INE, s.d.) analisando a oferta e a procura turística em Montalegre, bem como os indicadores regionais da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região Norte (CCDRN, s.d.), que também se baseiam nos dados coligidos pelo INE, ou ainda nos dados cedidos pela edilidade de Montalegre, respeitantes ao número de visitantes do Eco-Museu do Barroso e do Castelo, obteremos resultados muito relevantes. Aliás, analisaremos também dados secundários provenientes do Travel BI do Turismo de Portugal (2025b), baseados, de igual modo, em dados originais recolhidos pelo Instituto Nacional de Estatística.

No tocante às dormidas em estabelecimentos hoteleiros de alojamento turístico, verifica-se alguma instabilidade, no que diz respeito à variação deste indicador. De facto, foi em 2014 que a região atingiu o apogeu de dormidas, 27. 054, valor que contrasta com o que sucedeu em 2023 (último ano da série), em que houve somente 20 642 dormidas. Esta variação não ecoou a variação das dormidas na CIM do Alto Tâmega e Barroso, que atingiu o seu zénite em 2023 e apenas conheceu uma retração no início do período pandémico (fig.59).

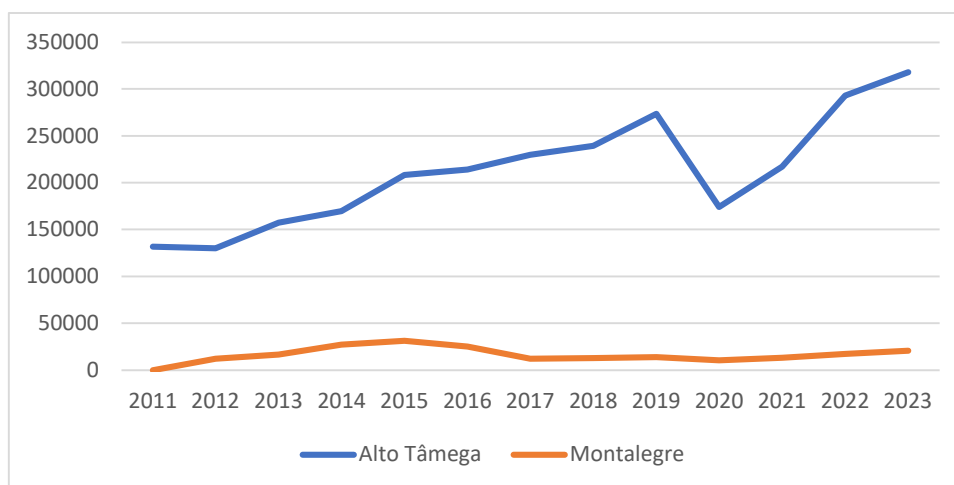


Figura 59 - Dormidas em estabelecimentos hoteleiros

Fonte: CCDR-N (s.d.), adaptado de INE, Inquérito à permanência de hóspedes na hotelaria e outros alojamentos

Na tabela 8, verifica-se que, em 2023, no tocante à estadia média de hóspedes não residentes, esta ficou-se nas 1,9 pernoitas (em linha com a CIM), mas correspondendo a um indicador mais reduzido do que o da região Norte (2,2 noites) e o do país (3,0 noites). No que diz respeito à capacidade de alojamento por 1000 habitantes, em Montalegre atinge-se um valor de 52,0 o que evidencia uma capacidade superior à do Alto Tâmega e Barroso (34,5), mas também da região Norte (23,9) e do país (45,2).

Quanto ao número de hóspedes por habitante, com um quantitativo de 1,3, corresponde a uma cifra menor que a da CIM (2,2), bem como a da região Norte (1,9) e a de Portugal (2,8).

No respeitante à sazonalidade, verifica-se que a proporção de dormidas entre Julho-Setembro é de 51,6 % em Montalegre, sendo muito superior à da CIM (37,9%), assim como a da região Norte (34,5%) e a do país (35,2%). Confirma-se a forte sazonalidade turística em Montalegre, mas que, paulatinamente, na sequência dos investimentos feitos, tende a reduzir-se.

No que é atinente ao número de dormidas em estabelecimentos de alojamento turístico por 100 habitantes, verifica-se uma cifra muito menor em Montalegre (225,8) do que na CIM (380,6), na região Norte (362,7) e no país (729,6). Há que corrigir esta diferença, adicionando às iniciativas já consolidadas, outras complementares e distribuídas ao longo do ano, aproveitando as especificidades e potencialidades endógenas.

Finalmente, com relação ao rendimento médio por quarto (Rev Par), em milhares de euros, Montalegre continua muito atrás das restantes unidades territoriais em análise. Assim, o concelho apresenta um valor de 13,7 milhares de euros, para 29,3 milhares de euros da CIM, 53,8 milhares de euros da região Norte e 64,8 milhares de euros do país (ver tabela 1). Obviamente, tem de se ter em consideração as diferenças de escala quando se analisam estes valores.

Tabela 8 - Seleção de Indicadores do Turismo em Portugal, no Norte, na CIM Alto Tâmega e Barroso e no concelho de Montalegre

Região	Estadia média de hóspedes não residentes (N.º noites)	Capacidade de alojamento por 1000 habitantes (N.º)	Hóspedes por habitante (N.º)	Proporção de hóspedes não residentes	Proporção de dormidas entre julho-setembro	Dormidas em estabelecimentos de alojamento turístico por 100 habitantes (n.º)	Rendimento médio por quarto (Rev Par) (milhares €)
Portugal	3	45,2	2,8	60,70%	35,20%	729,6	64,8
Norte	2,2	23,9	1,9	54,70%	34,50%	362,7	53,8
Alto Tâmega e Barroso	1,9	34,5	2,2	19,20%	37,90%	380,6	29,3
Montalegre	1,9	52	1,3	13,40%	51,60%	225,8	13,7

Fonte: INE, s.d.

No que concerne à taxa líquida de ocupação-cama, verifica-se que, em valores percentuais (13,1%), esta é muito inferior à do Alto Tâmega e Barroso (30,8%), ou à da região Norte (44,2%) e do País (48,0%). O mesmo indicador é ainda menor no caso do Turismo no Espaço Rural e Turismo de Habitação, sendo que, em Montalegre, este se cifra em 12,8%, no Norte, em 25,1% e no país em 28,3%. Apesar dos eventos já instituídos e valorizados, há que apostar noutra de pequena e média

dimensão, mas que, com apoio e *marketing*, podem e devem firmar-se, decalcando, aliás, o que sucedeu com as Sextas-feiras 13, nascidas em Vilar de Perdizes.

Tabela 9 – Taxa líquida de ocupação-cama em Portugal, no Norte, na CIM Alto Tâmega e Barroso e no concelho de Montalegre

Região	Total	Hotelaria	Alojamento local	Turismo no espaço rural e de habitação
Portugal	48,00%	52,10%	38,40%	28,30%
Norte	44,20%	49,90%	36,30%	25,10%
Alto Tâmega e Barroso	30,80%	...	14,00%	...
Montalegre	13,10%	12,80%

Fonte: INE, s.d.

Recorrendo agora à plataforma do Travel BI referente às dormidas em alojamento por município, constata-se que a evolução da intensidade turística – indicador que mede a relação entre o número de dormidas nos estabelecimentos hoteleiros e o número de habitantes de um local conclui-se que a intensidade turística que conheceu uma grande contração na pandemia, tem oferecido uma recuperação constante desde então (fig. 60).

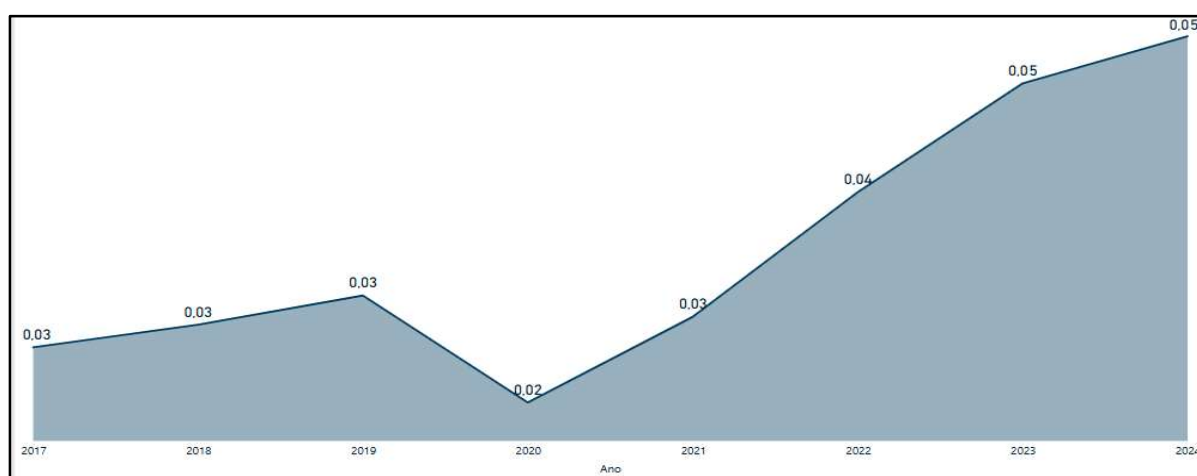


Figura 60 – Intensidade turística no concelho Montalegre

Fonte: Turismo de Portugal, 2025b

Já no tocante à taxa de sazonalidade (fig. 61), verificam-se valores mínimos em 2017 e 2022, tendo sido em plena pandemia (2020) que este valor alcançou o zénite (61,5%). Em 2024, este indicador cifrava-se em 50,2%.

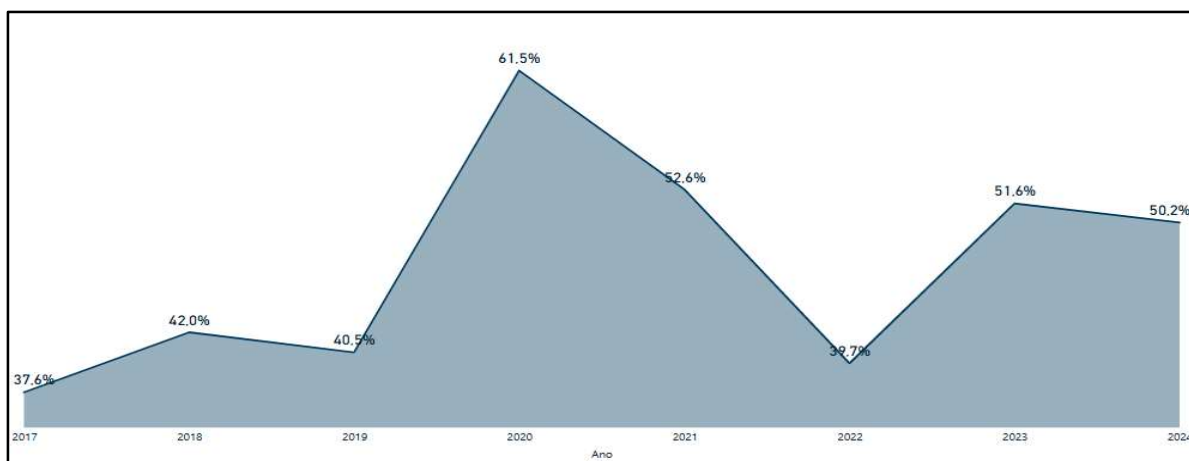


Figura 61 – Taxa de sazonalidade do concelho Montalegre
 Fonte: Turismo de Portugal, 2025b

1.5.4- O ecomuseu do Barroso

Resta efetuar uma breve análise sobre o número total de visitantes anuais que acorreram ao Ecomuseu de Barroso. Entre 2009 e 2021, torna-se evidente a proeminência do ano de 2015 como aquele em que mais visitas houve. Os anos pandémicos contrastam com aquele ano, pela escassez de visitantes que ingressaram no museu (fig. 62). Assim, em 2015 registaram-se 30255 visitantes e, em 2020, no dealbar da pandemia, somente se contabilizaram 8627 visitantes.

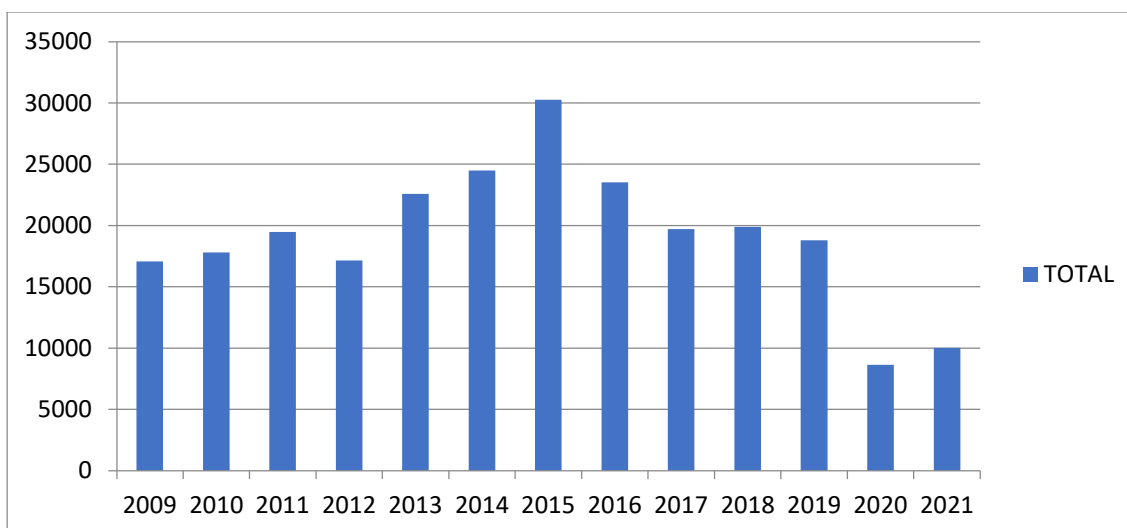


Figura 62 – Total de visitantes no Ecomuseu de Barroso (2009-2021)
 Fonte: Município de Montalegre

No que diz respeito à sazonalidade referente ao número de visitas ao ecomuseu do Barroso, tendo em conta um intervalo de tempo em tudo semelhante ao anterior, verifica-se a relevância dos meses de julho, agosto e setembro, mas, sobretudo, daquele mês em que há um retorno dos emigrantes às suas origens (Fig. 63).

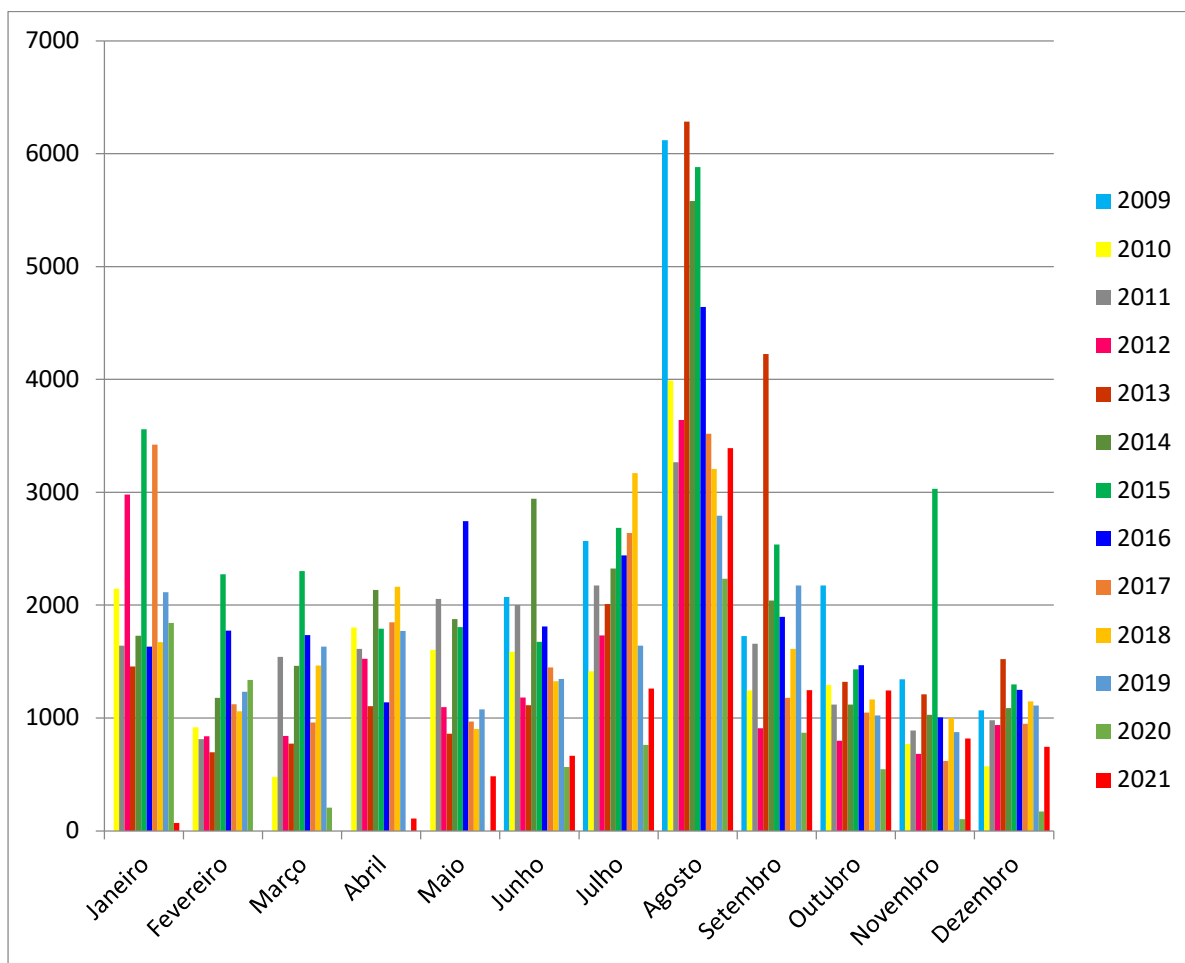


Figura 63 – Visitantes por mês no Ecomuseu de Barroso (2009-2021)
 Fonte: Município de Montalegre

Se analisarmos os dados de visitantes do Ecomuseu do Barroso por distrito, de 2011 a 2021, chegamos à conclusão que, do total de visitantes (249.644,) a maioria provém do estrangeiro (37.946), sendo seguidos de perto pelos nacionais oriundos dos distritos do Porto (33.939), Braga (31.639) e Lisboa (20.512). Verifica-se, de igual modo, que os visitantes pertencentes ao concelho de Montalegre (24.680) também se deslocam ao museu em grande número. Se acrescentarmos aos anteriores os visitantes provenientes de outros concelhos do mesmo distrito de Vila Real, concluímos que a maioria dos visitantes provém deste distrito (41.167).

Finalmente, no que diz respeito aos visitantes estrangeiros que ingressaram no museu, de 2011 a 2024, salvaguardando que não dispomos de dados para os anos 2021, 2022 e 2023, a maioria são originários de Espanha (16.440), França (10.297), Brasil (1.538) e Estados Unidos da América (1.199). Assim, a proximidade geográfica, a diáspora e os laços culturais, parecem ser fatores que explicam o predomínio de visitantes daqueles países (figura 64).

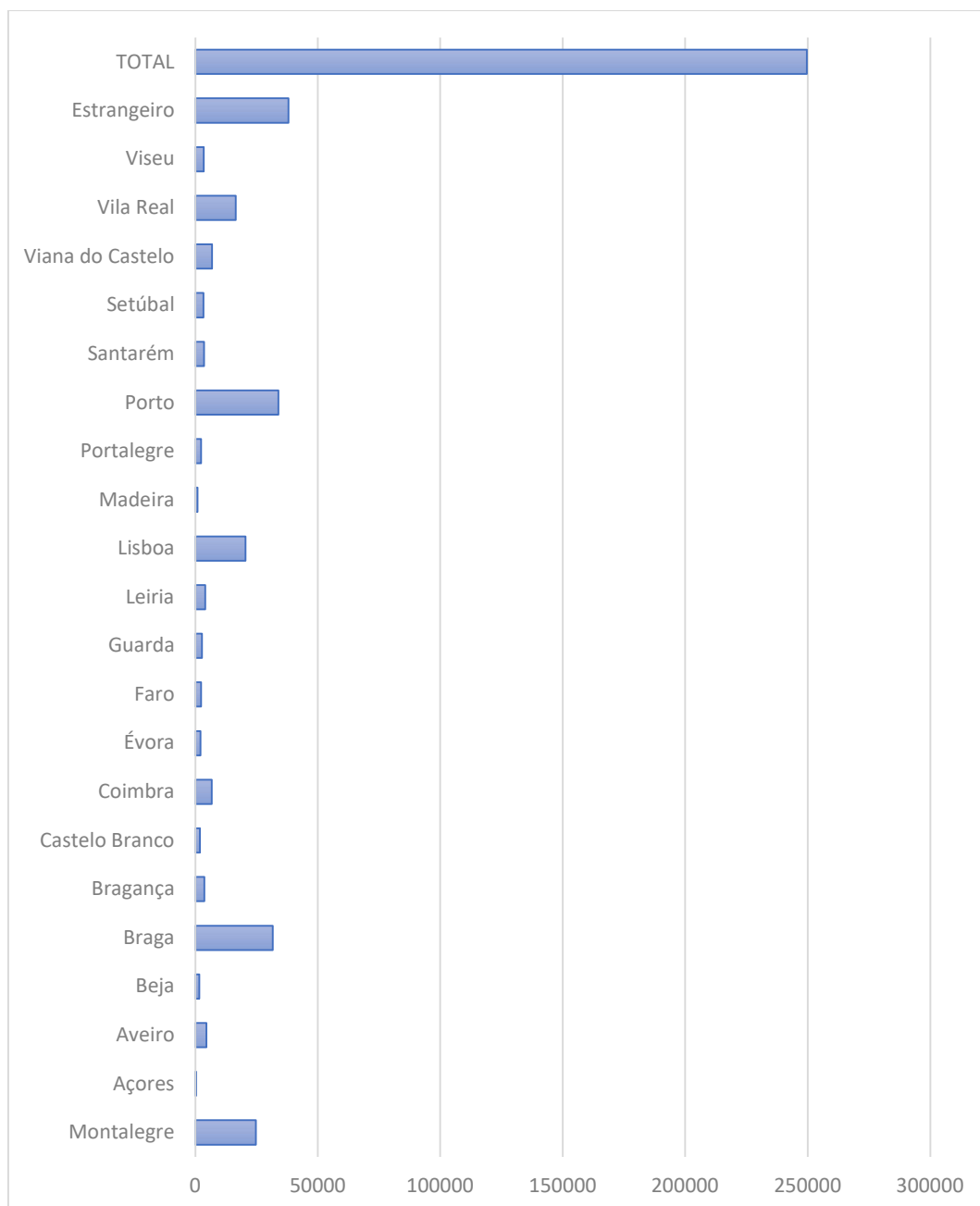


Figura 64 – Visitantes do Ecomuseu do Barroso por proveniência (2011-2021)
 Fonte: Município de Montalegre

1.5.5 – O impacte da restauração em Montalegre

Muito sumariamente, vamos abordar também o grau de implantação, dispersão territorial e impacte do setor da restauração, uma vertente que se deve conjugar com o setor das dormidas. Infelizmente, o seu número pode ser considerado muito reduzido, com exceção da sede concelhia. Apesar de todos os atrativos gastronómicos, paisagísticos e culturais, o seu número é limitado e, nem sempre se encontram disponíveis durante todo o ano.

Pela análise da fig. 65, constatamos que dominam as freguesias com apenas um ou dois estabelecimentos (8 freguesias), sobressaindo Cabril e Chã com 7 e, como seria expectável, a sede com 21. Tal dispersão reflete a maior concentração habitacional e de serviços. As restantes freguesias

e união de freguesias, apresentam um número de restaurantes que variam entre dois a quatro restaurantes.

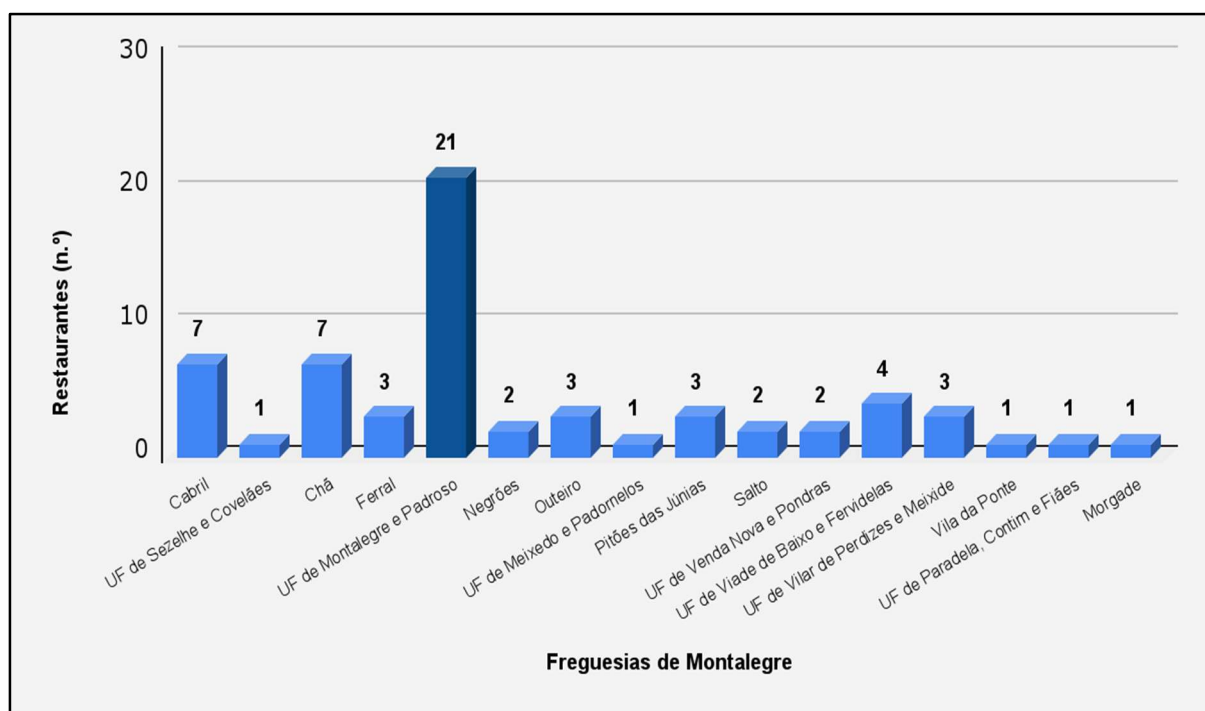


Figura 65 – Número de restaurantes por freguesia.

Fonte: Turismo de Portugal

A fig. 66 “Estabelecimentos de restauração que servem almoços e jantares” reflete as diferentes formas de funcionamento durante o dia, o serviço sazonal e o serviço de reservas. Desta forma, cerca de 67,8% dos estabelecimentos oferecem os serviços de almoço e de jantar aos clientes, mas 10,2% oferecem apenas os almoços. Os estabelecimentos que detêm o serviço de reservas, com serviços mais especializados e exclusivos, representam uma fração de 13,6% quando comparado com os restantes serviços. E por último, apenas 8,5% dos estabelecimentos oferecem um serviço sazonal em determinadas épocas do ano (férias, verão, eventos).

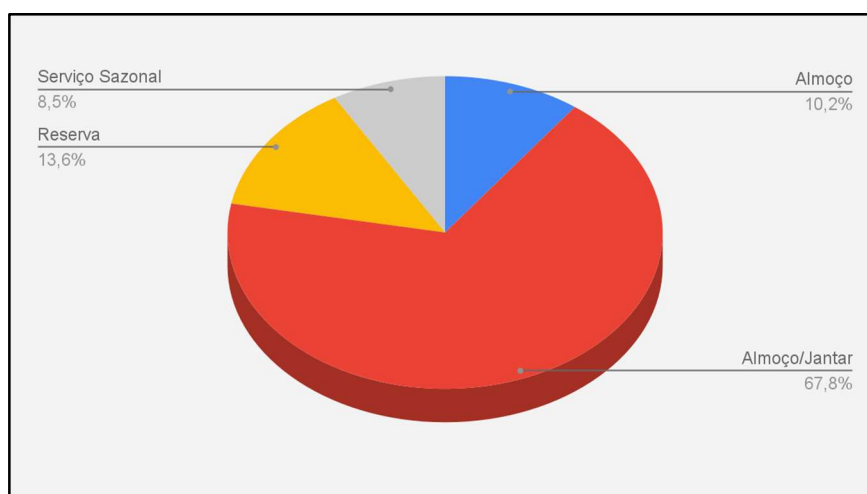


Figura 66 – Estabelecimentos de restauração de acordo com a disponibilidade de serviços, de refeições.

Fonte: Turismo de Portugal

Deixamos uma questão: será sustentável o aumento deste tipo de estabelecimentos, nas condições atuais? Só diversificando os eventos, a atratividade e especificidades dos produtos endógenos, aliado ainda a uma ampla campanha de *marketing*, tal será sustentável.

1.5.6- Breves notas finais

À guisa de remate, verifica-se que o número de dormidas no concelho declinou nos anos pandémicos, com variações negativas em 2020 e 2021 de 25,2% e 5%, respetivamente. Não obstante, a partir de 2022, a variação face ao ano de 2019 foi sempre em crescendo. Assim, em 2022, face a 2019, a variação foi de 24,4%, em 2023 de 50%, em 2024 de 61% e, em 2025, até ao momento da publicação dos presentes dados, houve um acréscimo de 91,5% face a 2019. Deste modo, a evolução dos indicadores de dormidas permitem-nos perspetivar um futuro auspicioso para o turismo neste território (turismo de Portugal, 2025b), certamente retratando os investimentos feitos em múltiplas vertentes, nomeadamente nos eventos mais proeminentes, como as Sextas-Feiras 13, a Feira do Fumeiro ou o Rally Cross e outros eventos desportivos. O mesmo se aplica à restauração, ainda que tal exija empreendedorismo, inovação associada à tradição, sem perder as especificidades que já conquistaram o seu posicionamento. Obviamente, exige-se formação e uma ampla divulgação indissociável de semanas gastronómicas, concursos que congreguem os locais, motivando-os para a sua participação e, como é evidente, amplas campanhas de *marketing*. Montalegre tem argumentos que fundamentam estas apostas, a palição destas estratégias.

PARTE II –
OS EVENTOS ICÓNICOS EM MONTALEGRE E DINÂMICAS ASSOCIADAS

1- Enquadramento Geral dos Eventos Locais

Montalegre é um concelho marcadamente montanhoso, localizado no extremo norte de Portugal, onde domina uma cobertura vegetal constituída por floresta e mato, a que se associa uma policultura tradicional e pastagens, dada a importância da pecuária neste território. Representa um território pleno de potencialidades, mas também repleto de desafios ao seu dinamismo.

Espaço de baixa densidade populacional, proporciona-nos de facto quadros paisagísticos únicos, mas desafiadores. Disponibiliza-nos um soberbo património natural, arquitetónico, cultural e religioso, e a persistência de tradições centenárias, únicas, que urge preservar. E como ignorar as raças autóctones e os famosos enchidos? Foi este quadro que possibilitou a sua distinção pela UNESCO, em 2018, como Património Agrícola Mundial, o único no espaço português.

Nesta conjuntura, não podemos, porém, ignorar os obstáculos à sobrevivência deste território, sendo eles de origem natural, patrimonial, mas, cada vez mais, humana. De facto, em termos demográficos, constatamos a existência de um acentuado declínio da sua população, migrando os mais jovens e adultos para os núcleos urbanos mais próximos, ou para as principais áreas nacionais, ou mesmo para o estrangeiro. Subsistem os mais idosos, arreigados às suas tradições, mas que, inegavelmente, correspondem a autênticas enciclopédias vivas, um repositório de uma cultura ancestral, de tradições únicas que têm de ser revitalizadas e preservadas.

Neste contexto, aprofunda-se em Montalegre um acentuado abandono dos espaços agrícolas, dominando as explorações agrícolas de estrutura familiar, com a consequente redução da vitalidade das comunidades rurais.

Há, porém, que apostar em múltiplas estratégias que proporcionem a preservação de um equilíbrio ecológico, social e económico, onde o setor agrícola e o turismo são primordiais. Tal tem sido feito pela edilidade camarária, apoiando-se nos diversos *stakeholders* e na população residente, apesar de envelhecida e em declínio.

Para tal, há que avaliar o impacto dos eventos locais emblemáticos como o *Rallycross*, as Sextas-Feiras 13 e a Feira do Fumeiro e do Presunto, procurando medir o retorno económico e social destas iniciativas para Montalegre. Para tal, é necessário identificar estratégias que impulsionem o crescimento sustentável do turismo e de outras atividades, valorizando o seu património, mas também os produtos autóctones e as tradições culturais.

Realizaram-se diversas tarefas contratualizadas, adicionamos às pesquisas documentais e estatísticas, basilares para a apresentação de um diagnóstico da situação municipal, a aplicação de inquéritos aos visitantes e residentes no período em que se concretizaram os eventos com maior impacto, icónicos, tentando perceber a sua perspetiva sobre o *Rallycross*, as sextas-feiras 13 (13 de setembro e 13 de dezembro no ano de 2024) e, obviamente, a Rainha dos Fumeiros, a Feira do Fumeiro e do Presunto, concretizada no final de janeiro de 2025.

Nesta segunda parte do relatório far-se-á uma análise dos inquéritos efetuados, quer aos visitantes, quer à população residente, valorizando os elementos distintivos do município, as suas potencialidades e as expectativas dos diferentes *stakeholders* locais e dos residentes, afinal, os principais beneficiários das dinâmicas a abordar. Assim surgirão propostas estratégicas, complementares das já existentes, consolidadas, que pretendem otimizar o retorno dos eventos turísticos existentes e outros a criar, eventualmente, conjugando a tradição com projetos/dinâmicas inovadoras.

Para tal, criamos uma equipa multidisciplinar que proporcionou a obtenção de uma perspetiva holística, a que se reuniram cerca de 60 voluntários, discentes que aplicaram os inquéritos quer aos visitantes, quer aos residentes.

Muito sinteticamente, analisemos os principais resultados.

2- O Rallycross (setembro de 2024)

Relatório WorldRX 2024

08 e 09 de setembro, Montalegre

Nível de confiança: 99%

Margem de erro: 5%

Tamanho da população (nº bilhetes adquiridos): 3 595

Tamanho mínimo da amostra: 348*

Respostas obtidas: 678

* Para calcular o tamanho mínimo de uma amostra de uma população finita (a inquirir), utilizou-se a seguinte fórmula estatística:

$$n = (N * z^2 * p * (1 - p)) / ((e^2 * (N - 1)) + (z^2 * p * (1 - p)))$$

Onde:

- n = tamanho da amostra (o valor a ser calculado)
- N = tamanho da população (finita)
- z = valor crítico da distribuição normal padrão (1,96 para 95% de confiança)
- p = proporção estimada da população com a característica de interesse (0,5 se desconhecida)
- e = margem de erro tolerada (por exemplo, 0,05 para 5%)

Fonte: Triola, M. F. (2017). Introdução à Estatística (12ª ed.). Pearson Education.

2.1- O perfil sociocultural dos visitantes

Evento concretizado entre 7 e 8 de setembro de 2024, foram realizados 678 inquéritos aos visitantes do *Rallycross*.

a) Origem dos visitantes

Podemos inferir, através da análise das Figs. 67 a 69, o domínio de visitantes com residência em Portugal, abrangendo quase ¾ da globalidade dos participantes no *Rallycross* (77,9%). Seguem-se os provenientes de diversos países europeus, abarcando 20,8%, e, por fim, os provenientes de outros continentes como Brasil, EUA e Austrália (1,3%). Realce-se também a importância da Galiza, dada a proximidade territorial (Fig. 68).

Quanto aos residentes em Portugal, estes provêm sobretudo do Norte (86,9%), seguindo-se o Centro (9,7%), enquanto 2,7% são originários do Oeste e Vale do Tejo (Tabela 10). Do Alentejo, descortinamos somente 0,8%.

Quando a análise incide sobre o território português, se aprofundarmos um pouco (Fig. 69), constata-se que este evento atrai os aficionados deste desporto residentes em concelhos vizinhos e núcleos urbanos mais próximos como Braga e Guimarães, ou Chaves e Boticas, mas também da área

metropolitana do Porto e do polo Paredes/Penafiel/Lousada onde este desporto tem também muitos entusiastas e praticantes. No entanto, a tendência aponta para um alastrar ao centro do país e, sobretudo, a Aveiro e concelhos limítrofes, acompanhando os principais eixos viários, nomeadamente as autoestradas. Quando avançamos para sul, os valores são insignificantes

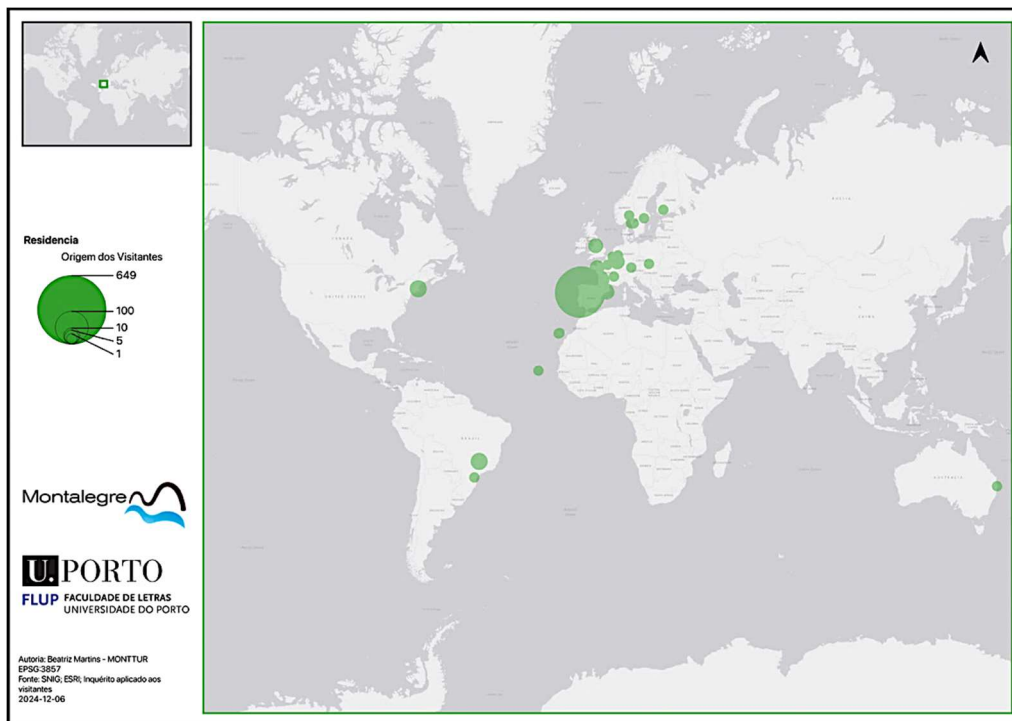


Figura 67 - Origem dos Visitantes do Rallycross, nacionais e internacionais (%).
Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

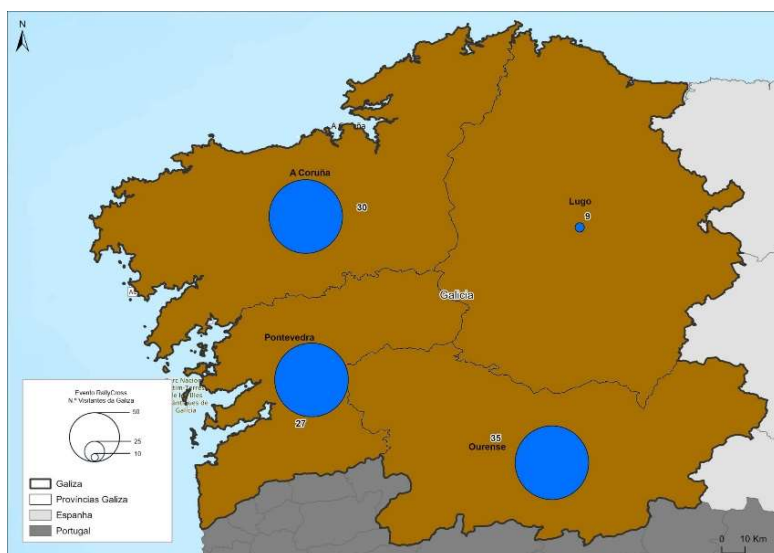


Figura 68 – Visitantes provenientes da Galiza.
Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

Tabela 10 - Origem dos visitantes portugueses do Rallycross, por região.

Região de Origem	N.º de visitantes	Percentagem
Norte	459	86,9%
Centro	51	9,7%
Alentejo	4	0,8%
Oeste, Vale do Tejo e Lisboa	14	2,7%
Total	528	100,0%

Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

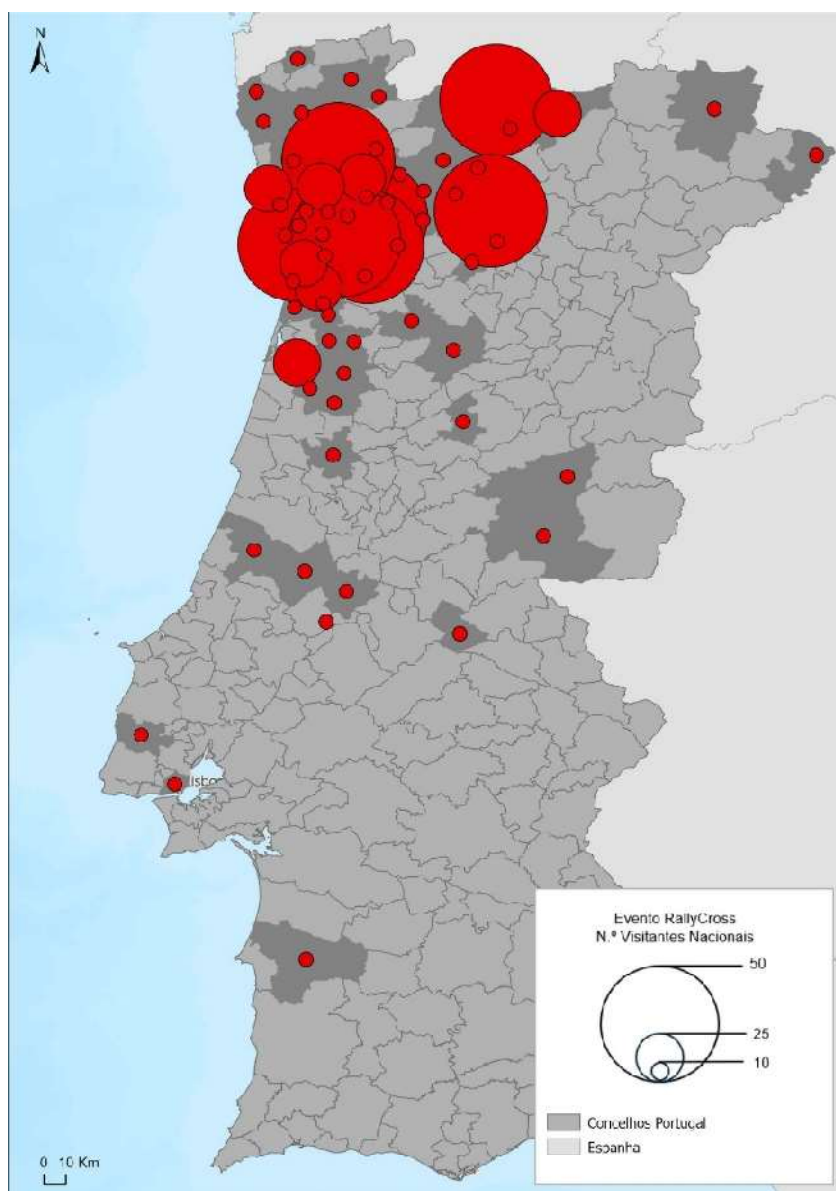


Figura 69 – Origem dos participantes no Rallycross, por concelho de residência.

Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

b) Perfil sociocultural do visitante: género, grupo etário e ocupação laboral

Tabela 11 - Visitantes do Rallycross, por género.

Género	N.º de Visitantes	Percentagem
Masculino	501	73,9%
Feminino	177	26,1%
Total	678	100,0%

Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

Pela análise da tabela 11 percebe-se o domínio do género masculino (73,9%), enquanto o género feminino corresponde, maioritariamente, a acompanhantes dos aficionados por este desporto automobilístico. Por outro lado, se analisarmos a Fig. 70 que se debruça sobre a estrutura etária destes visitantes do *Rallycross*, constata-se que há uma predominância de pessoas com idades compreendidas entre os 25 e os 44 anos, seguindo-se a faixa etária dos 45 aos 64 anos. O grupo dos 18 aos 24 anos, encontra-se em terceiro lugar, e por fim, o grupo dos 65 anos ou mais. Podemos, pois, concluir que este evento atrai sobretudo um público mais jovem-adulto, apaixonado, que acompanha com todo o interesse as diversas etapas e os diversos circuitos, sobretudo os mais próximos do lugar de onde são originários.

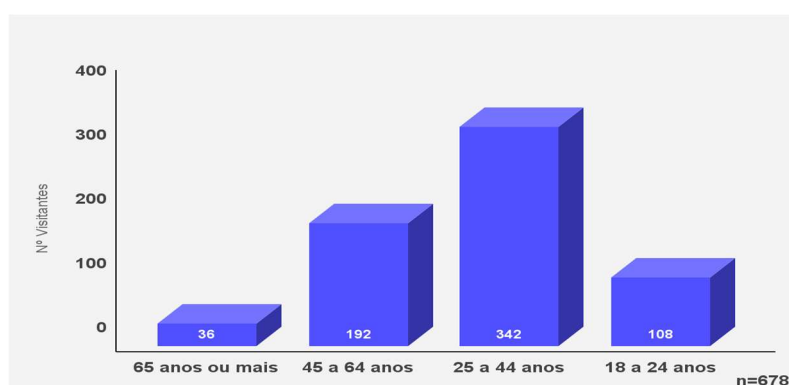


Figura 70- Visitantes Rallycross, por grupo etário.

Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

No que se refere à ocupação laboral dos visitantes do *Rallycross* (Tabela 12), verifica-se que $\frac{3}{4}$ correspondem a população ativa (78,3%), e, conseqüentemente, com capacidade financeira e logística para se deslocar, seguindo-se os estudantes (9,4%), a nova geração continuadora do interesse familiar. É, de facto, a população ativa que possui disponibilidades para se deslocar, acompanhada pelos familiares e/ou amigos. Neste grupo, há uma forte presença de empregados do setor terciário (60,8%), seguindo-se o secundário (33,8%), enquanto os restantes não apresentam grande expressividade. (Tabela 13)

Tabela 12- Visitantes *Rallycross*, por ocupação laboral.

Ocupação	N.º de Visitantes	Percentagem
Empregado	531	78,3%
Estudante	64	9,4%
Reformado	43	6,3%
Desempregado	27	4,0%
Trabalhador-Estudante	13	1,9%
Total	678	100,0%

Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

Tabela 13 - Visitantes do Rallycross, por setor de atividade.

Setor de Atividade	N.º de Visitantes	Percentagem
Setor Primário	37	5,5%
Setor Secundário	229	33,8%
Setor Terciário	412	60,8%
Total	678	100,0%

Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

c) Deslocação a Montalegre e duração da sua permanência no concelho- importância do AL e outras modalidades de alojamento

Relativamente à duração da visita dos participantes no evento (tabela 14), verifica-se que cerca de 43,2% apenas permaneceu 1 dia, o dia principal do evento, enquanto 49,1% assistiu também aos treinos, permanecendo durante 2 a 3 dias, eventualmente mais. Aproveitam para conhecer melhor Montalegre e toda a logística associada às equipas automobilísticas, aos treinos, etc.

Tabela 14- Visitantes do Rallycross de acordo com a duração da visita a Montalegre.

Qual a duração da visita?	N.º de Visitantes	Percentagem
1 dia	293	43,2%
2 ou 3 dias	333	49,1%
4 dias ou mais	52	7,7%
Total	678	100,0%

Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

Se analisarmos o grupo dos que optaram por pernoitar na região, constatamos que a hospedagem no concelho de Montalegre não foi a mais comum, já que apenas 33,9% dos inquiridos se alojaram em Montalegre, enquanto 66,1% pernoitou noutra município.

Acresce que no concelho não se observa uma distribuição equitativa das dormidas pelas diferentes freguesias, dominando a sede concelhia onde a oferta é mais significativa (81 dos 264 inquiridos integrados neste grupo), seguido da freguesia de Cabril onde 48 visitantes aí pernoitarem, como se pode observar na Figura 71. Estamos perante um sintoma claro da uma insuficiente disponibilidade de quartos, ou outras tipologias de oferta turística de alojamento, quando ocorre um evento como este, razão pela qual, é nos concelhos vizinhos, sobretudo em Chaves com o seu núcleo termal (Fig. 72), que os visitantes se alojam, seguindo-se Boticas e a Galiza, contígua a Montalegre e com acessos rodoviários fáceis. Este padrão é comum em eventos como os desportivos, sobretudo numa área transfronteiriça como é o caso de Montalegre.

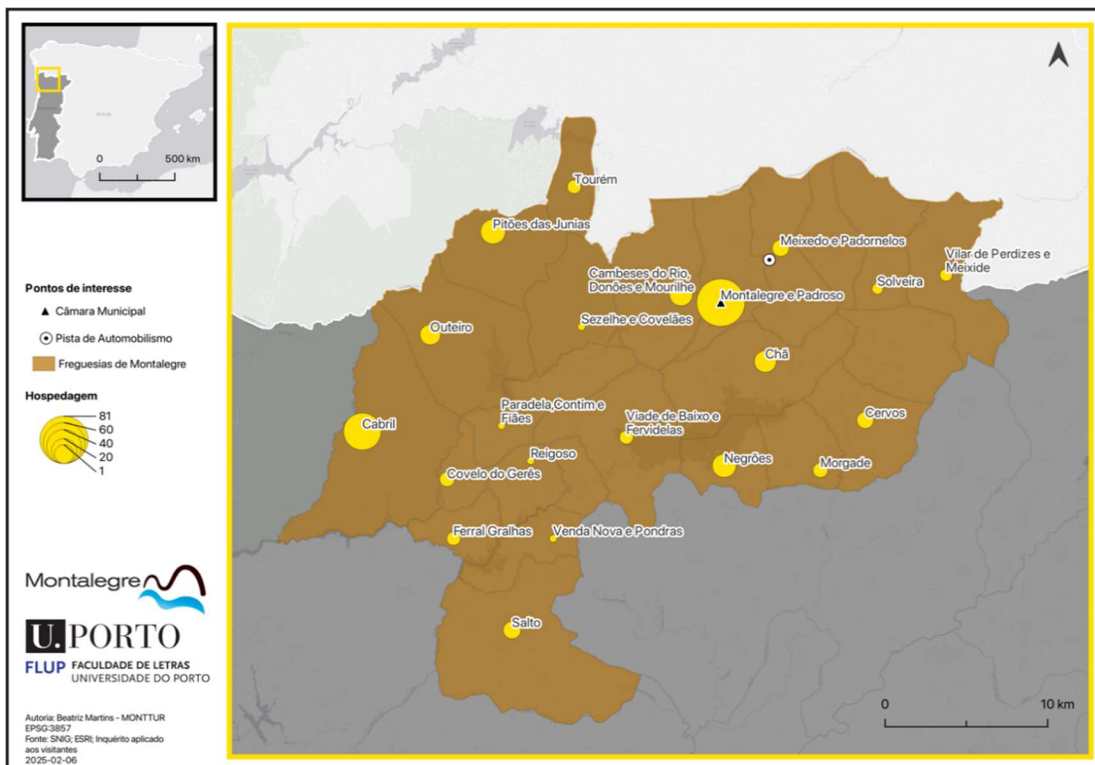


Figura 71- Visitantes Rallycross, por freguesia, com hospedagem no concelho de Montalegre.
Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

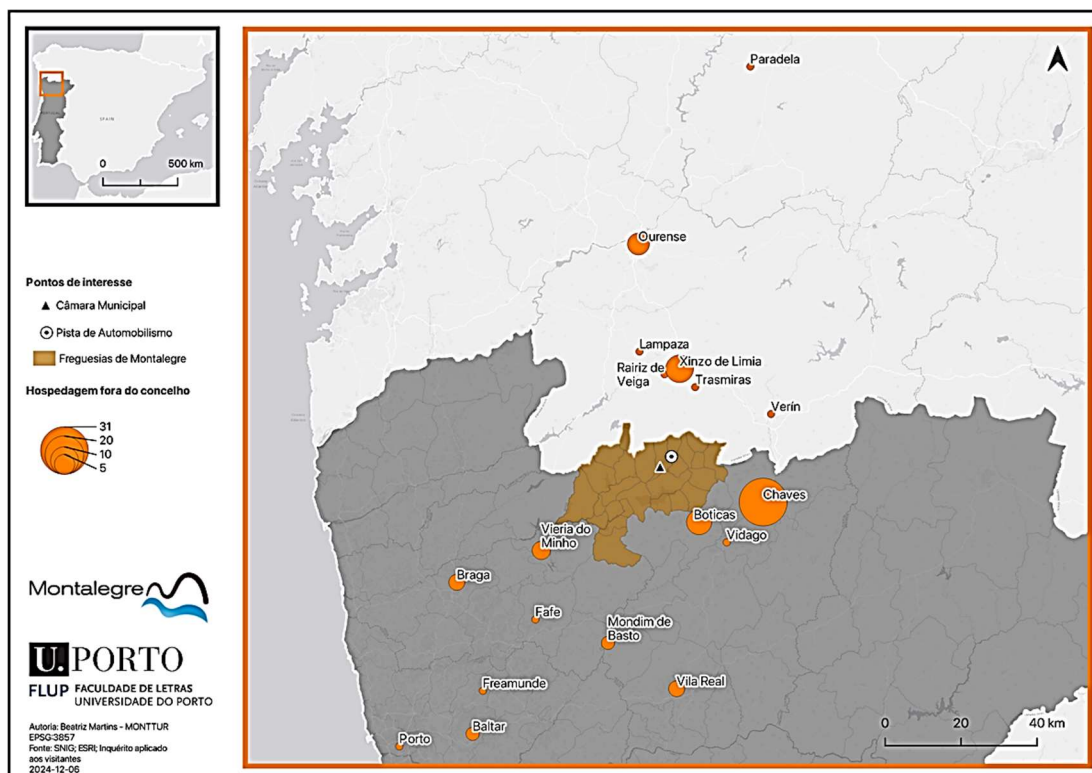


Fig. 72- Concelho de hospedagem dos visitantes exterior a Montalegre.
Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

Aliás, estes participantes no *Rallycross*, maioritariamente, já se deslocaram a Montalegre em anteriores edições, com mais de 50% a repetir pela terceira vez, ou mais (Tabela 15). São aficionados deste desporto.

Tabela 15 - Visitas anteriores ao Rallycross, por visitante.

Quantas vezes já veio ao Rallycross?	N.º de Visitantes	Percentagem
1 vez	44	6,5%
2 vezes	65	9,6%
3 vezes ou mais	350	51,6%
NS/NR	219	32,3%
Total	678	100,0%

Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

Para tal, e dada a exiguidade de transportes públicos, 644 dos visitantes deslocaram-se de carro até ao evento. Os restantes utilizaram outros meios, sobretudo aqueles que residem nas proximidades: a pé (15), de bicicleta, motocicleta ou outro (Fig. 73).

Para um melhor enquadramento deste cenário, há que recordar que o Circuito Internacional de Montalegre, pista homologada para provas internacionais como Europeus de Rallycross, ou os Mundiais, se encontra a cerca de 4,5 km de distância da sede concelhia.

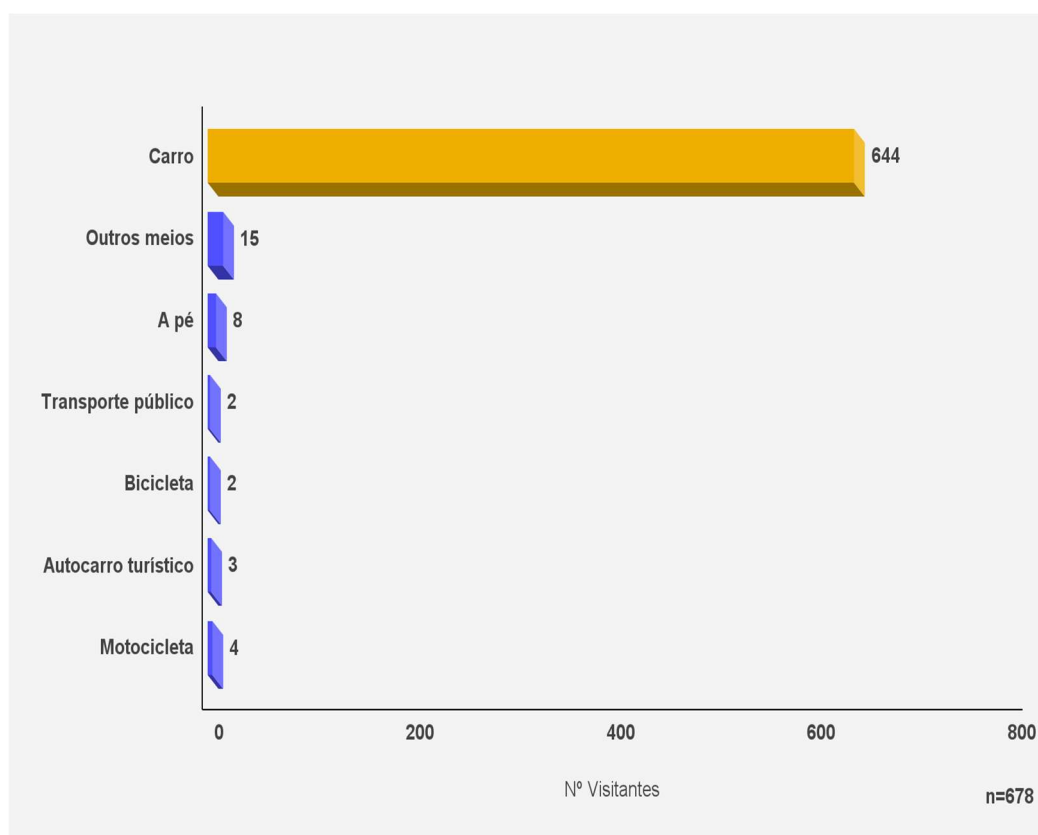


Figura 73- Meio de deslocação utilizado para aceder ao *Rallycross*.

Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

d) Refeições e outros dispêndios

Tabela 16- Local onde fez as refeições durante a sua estada no Rallycross.

Onde efetuou as refeições?	N.º de Visitantes	Percentagem
Refeição própria	147	21,7%
Em restaurante do evento	331	48,8%
Em restaurante fora do evento	111	16,4%
No alojamento	87	12,8%
Sem refeição	2	0,3%
Total	678	100,0%

Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

Eis outra vertente relevante para a economia local, as refeições, a restauração e similares, pois corresponde a um dos setores mais solicitados (Tabela 16). Dado que as opções disponíveis no inquérito eram: refeições no evento, refeições fora do evento, refeições próprias, no alojamento e sem refeição, constatou-se que, perante a distância a que a sede do concelho se encontra, a maior parte dos visitantes realizou as suas refeições em instalações do evento (48,8%), seguindo-se a refeição própria (21,7%). Fora do recinto do evento, apenas aqueles que tinham transporte próprio o fizeram (16,4% visitantes), alguns dos quais no alojamento reservado (12,8%).

Reunindo todos os gastos efetuados para participar neste evento, em média constatamos que cerca de 42,8% dos visitantes gastou menos de 50€, enquanto 39,4% despendeu, em média, 51€ a 100€. Cerca de 11,9% gastou entre 101€ e 200€ e apenas 5,9% ultrapassou os 200€ (Tabela 17). Neste contexto, mais de **350 000€ animaram a economia local** e regional (transporte, alojamento, refeições e outras despesas)

Tabela 17 - Gasto médio por visitante durante o Rallycross.

Gasto médio por pessoa	N.º de Visitantes	Percentagem
até 50€	290	42,8%
51€ a 100€	267	39,4%
101€ a 200€	81	11,9%
201€ a 300€	21	3,1%
mais de 301€	19	2,8%
Total	678	100,0%

Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

Tabela 18- Outros eventos que pretende visitar no concelho de Montalegre

Eventos em que pretende visitar	N.º de Visitantes	Percentagem
Sexta-feira 13	389	57,4%
Feira do Fumeiro	111	16,4%
Outros	49	7,2%
Congresso de Medicina Popular de Vilar de Perdizes	34	5,0%
N/R	95	14,0%
Total	678	100,0%

Fonte: Inquéritos próprios, agosto de 2024

Por outro lado, indiretamente, este evento anima ainda os seus frequentadores a conhecerem o concelho, nomeadamente nos dias dos principais eventos como as sextas-feiras 13 (66.7%) e a Feira do Fumeiro (19%), repercutindo-se desta forma, em datas posteriores, os reflexos positivos do *Rallycross* no concelho. Aliás, para além disso, os inquiridos também mostraram interesse noutros eventos como o Congresso de Medicina Popular, outros eventos desportivos, caça, etc. (Tabela 18).

2.2- Equipas do Rallycross – seu impacte local

Ao contexto anterior, há que reunir também os dispêndios financeiros efetuados pelas equipas, provenientes de diversos países.

Embora cerca de 30,4% das equipas seja portuguesa (Fig. 74), as restantes são maioritariamente europeias, destacando-se a Hungria, a Suécia, a França e a Suíça. E, ainda que a maior parte das equipas se alojasse no recinto, utilizando os meios logísticos da equipa (9), as restantes aproveitaram o Alojamento Local (AL) ou os hotéis, nomeadamente os localizados em Chaves. O alojamento de Montalegre, de facto, esgota-se rapidamente (Tabela 19).

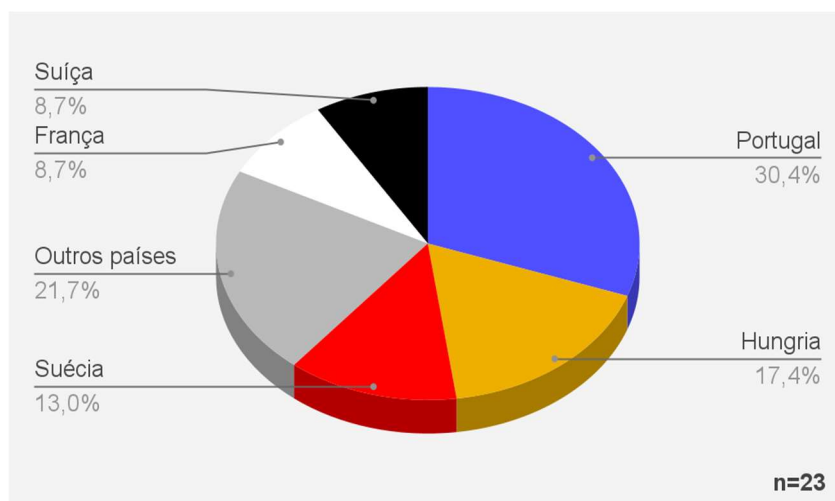


Figura 74 - Origem das Equipas de *Rallycross*, em percentagem.
Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

Idêntico cenário se descobre no que se refere às refeições, pois embora a maioria as efetue no recinto, 21,7% deslocam-se à vila. Acresce que há alimentos que são adquiridos também na vila pelos responsáveis pela manutenção das equipas, nomeadamente frutas e legumes frescos, ou a carne, dadas as suas afamadas características organoléticas.

Tabela 19- Local onde as equipas do *Rallycross* se hospedaram durante o evento.

Onde ficam hospedados?	N.º de Equipas	Percentagem
Alojamento Local	7	30,4%
No recinto	9	39,1%
Hotel	7	30,4%
Total	23	100,0%

Fonte: Inquéritos próprios, junho de 2024

Em síntese, os reflexos financeiros decorrentes do *Rallycross* não se restringem ao recinto nem aos dias do evento, pois alastram a todo o concelho, nomeadamente para se alojarem e efetuarem as suas refeições. Durante este período e perante os cenários envolventes muito apelativos, estes visitantes idealizam e alicerçam também futuras deslocações a Montalegre, nomeadamente para participar nos eventos de carácter cultural e turístico.

d) Recomendações

Como o circuito se encontra implantado em meia encosta, perfeitamente enquadrado em termos paisagísticos, a leste da vila, dado o seu afastamento da sede concelhia, foram apresentadas algumas recomendações por parte dos inquiridos:

- 1- Maior área para estacionamento devidamente infraestruturada e, se possível, mais próxima do circuito
- 2- Maior quantidade e diversidade de barraquinhas de bebidas e comida
- 3- Disponibilização de um *transfer*, recorrendo a carrinhas camarárias ou de outra entidade local, para efetuar as ligações entre a vila, os parques de estacionamento e o circuito
- 4- Maior número de instalações sanitárias
- 5- Hipótese de cobertura de alguma(s) bancada(s)

3- Sexta-feira 13 de setembro e dezembro de 2024

3.1- Sexta-feira 13 de setembro de 2024

<p style="text-align: center;">Relatório Sexta 13/09/24</p> <p>13 de setembro, Montalegre</p> <p>Tamanho da população (estimativa por observação): 54 131*</p> <p>Nível de confiança: 95%</p> <p>Margem de erro: 5%</p> <p>Tamanho mínimo de amostra: 382**</p> <p>Respostas obtidas: 452</p>
--

*A área de espaço público com maior afluência durante as sextas-feiras 13 é de 9842 m² (calculada no Google Earth).

Em termos científicos, na sexta-feira 13 de setembro, estima-se, por observação que estariam 5,5 pessoas por m² (9842 m² x 5,5 pessoas = 54 131 pessoas).

** Para calcular o tamanho mínimo de uma amostra de uma população finita (a inquirir), utilizou-se a seguinte fórmula estatística:

$$n = (N * z^2 * p * (1 - p)) / ((e^2 * (N - 1)) + (z^2 * p * (1 - p)))$$

Onde:

- n = tamanho da amostra (o valor a ser calculado)
- N = tamanho da população (finita)
- z = valor crítico da distribuição normal padrão (1,96 para 95% de confiança)
- p = proporção estimada da população com a característica de interesse (0,5 se desconhecida)
- e = margem de erro tolerada (por exemplo, 0,05 para 5%)

Fonte: Triola, M. F. (2017). Introdução à Estatística (12ª ed.). Pearson Education.

3.1.1- Perfil dos visitantes e a sua percepção sobre o evento

Debrucemo-nos sobre um dos eventos icónicos, com grande impacte em Montalegre, mas também cada vez mais com projeção nacional e na Galiza. Concretizaram-se 452 inquéritos.

Com raízes ancestrais, este evento foi recuperado pelo Pe. António Lourenço Fontes, evoluindo de tal forma, que transitou da freguesia de Vilar de Perdizes para a sede do concelho, sendo, desde então, coordenada pela edilidade camarária. Este evento reflete tradições cujas raízes recuam no tempo, agregando milhares de pessoas atraídas pelo misticismo, se bem que, cada vez mais, pela constante reinvenção e vertente lúdica.

Evento que nasceu em Vilar de Perdizes, no início da década de oitenta do século passado sob a égide do Pe. António Lourenço Fontes, reflete a identidade cultural do Barroso na sua relação com o sobrenatural, o fantástico. Na fase inicial, estava interligado com o Congresso de Medicina Popular e tinha como objetivo desafiar a superstição nefasta associada à sexta-feira 13, envolvendo misticismo, bruxas, feitiços e a tradicional queimada. Na atualidade, associa-se cada vez mais à música, à teatralização do “cerimonial libertador e protetor de todo o mal”, e a diversas manifestações culturais que projetam cada vez mais Montalegre, e este evento, tanto no país, como além fronteiras.

Designada a “Noite das Bruxas”, corresponde efetivamente a um grande espetáculo de teatro e de entretenimento que se desenrola nas envolências do castelo e zona histórica da sede concelhia, sendo protagonizado por diversas companhias teatrais, grupos musicais locais, regionais e nacionais, preenchendo por completo o centro histórico de Montalegre.

A divulgação mediática e a aceitação quer pela população local, mas sobretudo pela regional e nacional, ou mesmo pela internacional, proporcionaram que este evento ganhasse diversos prémios: em 2009 obteve o Prémio de Revelação do Ano, enquanto em 2010, reincidindo em 2012, foi galardoado com o prémio do “Melhor Evento Público”. Já em 2019, este evento foi certificado pela Environment Global Facilities com o certificado de “Ecoevento”.

E a sua projeção avoluma-se. Mas analisemos a perceção que os visitantes e os residentes possuem do evento. No ano de 2024 tivemos a oportunidade de festejar a sexta-feira 13 de setembro, numa noite estival, o que proporcionou, de acordo com as entidades abordadas, uma afluência record. Por seu turno, a sexta-feira 13 de dezembro, correspondeu já a uma noite gélida, mas vibrante e também muito frequentada.

A divulgação mediática e o marketing associado, possibilitou que aquele evento cujo embrião surgiu em Vilar de Perdizes, congregue, nos dias de hoje, uma população não só local, mas já regional e, progressivamente, nacional e internacional.

Iniciemos a análise pela sexta-feira 13 de setembro.

a) Origem dos visitantes

A Fig. 75 é elucidativa: 410 visitantes, ou seja 90,7% daqueles que frequentaram este “Dia das Bruxas”, eram portugueses, seguindo-se os galegos (29 participantes – 6,4%), provenientes sobretudo de Ourense. Correspondem a populações com superstições e tradições muito similares, sobretudo os residentes em espaços onde a ruralidade permanece resiliente. Abrangiam 6,4% do valor global. Outros 13 provinham de diversos países, sobretudo europeus (França, Alemanha, Países Baixos), mas também do Canadá e de Israel, totalizando 9,3% (Figs.75 e 76).

Estes valores refletem não só a diáspora dos naturais de Montalegre, mas também a atração que este evento exerce, progressivamente, sobre os cidadãos e outros povos.

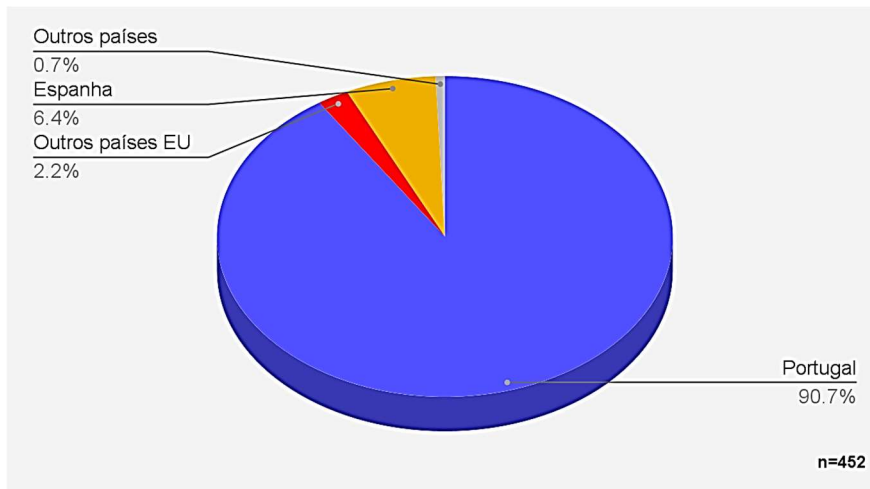


Figura 75 - Origem dos Visitantes de Sexta-Feira 13 de setembro, nacionais e internacionais em percentagem.
 Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

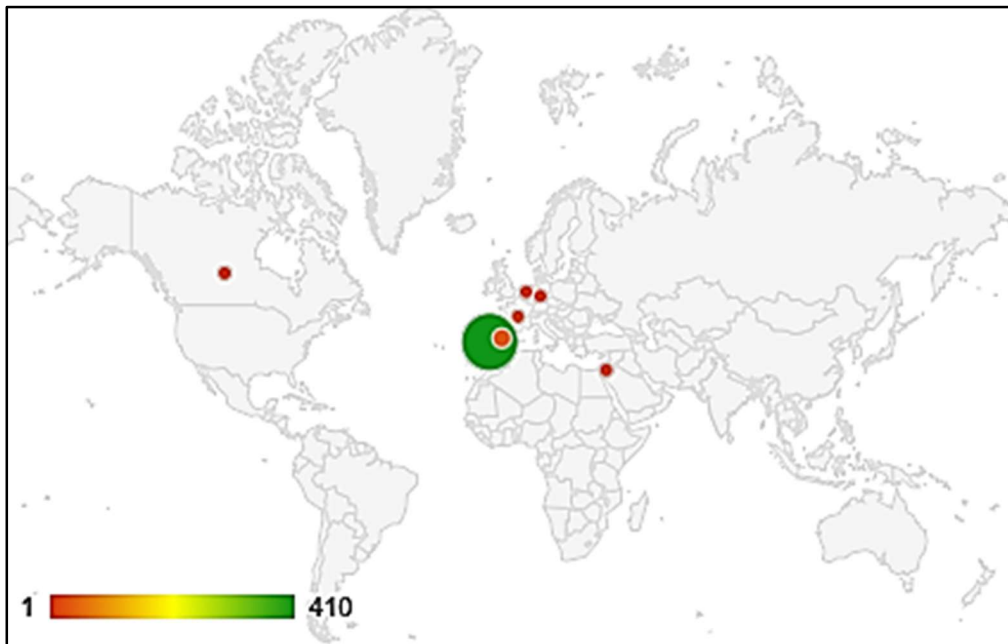


Figura 76- Países de origem dos participantes na sexta-feira 13 de setembro de 2024.
 Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

Mas, de facto, é a população portuguesa que mais participa neste evento (Fig. 77). Por outro lado, trata-se de uma população de cariz predominantemente urbano em busca de experiências, do distintivo com raízes ancestrais, ainda que as edições atuais agreguem constantemente inovações

Eram, sobretudo, originários da região norte (75,6%), mas com o destaque evidente da área metropolitana do Porto e dos núcleos urbanos mais próximos de Montalegre, como Braga e Guimarães, ou mesmo Barcelos e Famalicão.

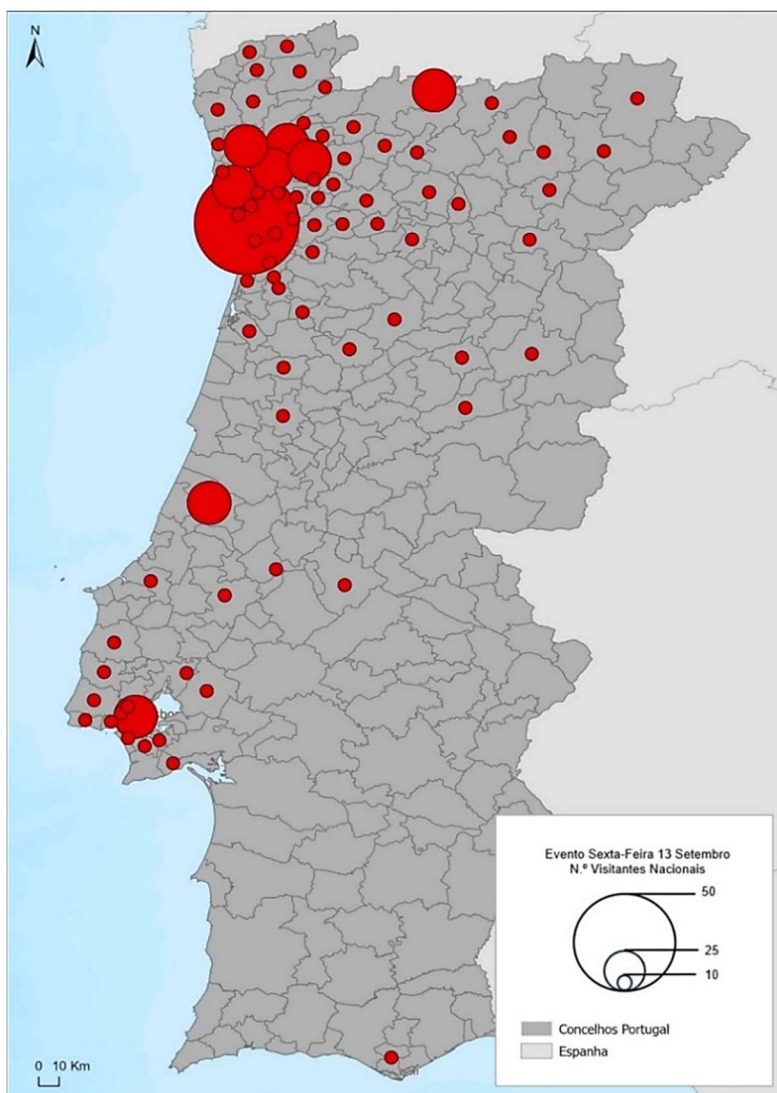


Figura 77- Origem dos Visitantes de Sexta-Feira 13, por região de Portugal (%).
 Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

Há que realçar também a área metropolitana de Lisboa (9,3%), ou ainda Coimbra e concelhos circunvizinhos. Dos restantes, a maioria dos participantes no evento provinha de concelhos contíguos a Montalegre (exemplo de Chaves e Boticas), ou do NW e Trás-os-Montes, mas com pequena representação (Fig.77). Em síntese, aquele evento que emergiu com implantação local quando renasceu nos anos oitenta do século XX, paulatinamente, sofreu uma expansão da sua área de influência. Alastra também ao sul, sobremaneira se as acessibilidades forem boas (existência de autoestradas ou IP e IC). De facto, da Região Centro eram originários 12,5% dos inquiridos, enquanto de regiões mais longínquas, como o Alentejo e o Algarve, provinham, respetivamente, 2,2% e 0,5% do total de inquiridos.

b) Perfil sociocultural do visitante: género, grupo etário e ocupação laboral

Pela análise da tabela 20, verificamos que existe algum equilíbrio entre os géneros (Homens- 49,8% e Mulheres com 50,2%). Esta diferença mínima reflete já outro aspeto a realçar: são as famílias, os casais, que, conjuntamente, participam neste evento, fazendo-se acompanhar pelos filhos e familiares mais idosos. É a atração exercida por este evento de natureza lúdica, mística com reminiscências longínquas,

que renascem entre os mais idosos e atraem os mais jovens. Trata-se, na verdade, de um evento distinto das festividades habituais concretizadas entre os jovens, o que desperta neles a curiosidade, a necessidade de experienciarem e descobrirem outros aspetos conectados com tradições ancestrais.

Tabela 20 - Visitantes da Sexta-Feira 13 de setembro, por género.

Género	N.º de Visitantes	% do Total
Feminino	227	50.2%
Masculino	225	49.8%
Total	452	100.0%

Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

Esta constatação confirma-se quando analisamos a distribuição por grupos etários dos participantes no evento (Fig. 78). Facilmente se ratifica a predominância das pessoas com 45 a 64 anos (36,5%), acompanhadas, maioritariamente, pelos mais idosos, pessoas com 65 ou mais anos (englobam 30% do total de inquiridos), ou seja, estes dois grupos etários representam 66,5% da globalidade dos participantes neste evento. Trata-se, como foi referido, do recuperar das tradições, atraindo todos os grupos etários, ainda que com a predominância dos ativos e idosos, enquanto a geração mais nova (10% dos visitantes), expectante, tenta descobrir uma vertente cultural desconhecida. O incentivo ainda é mais notório, dado que a vertente lúdica regista grandes alterações anuais, inovações, nomeadamente as de carácter musical e teatral.

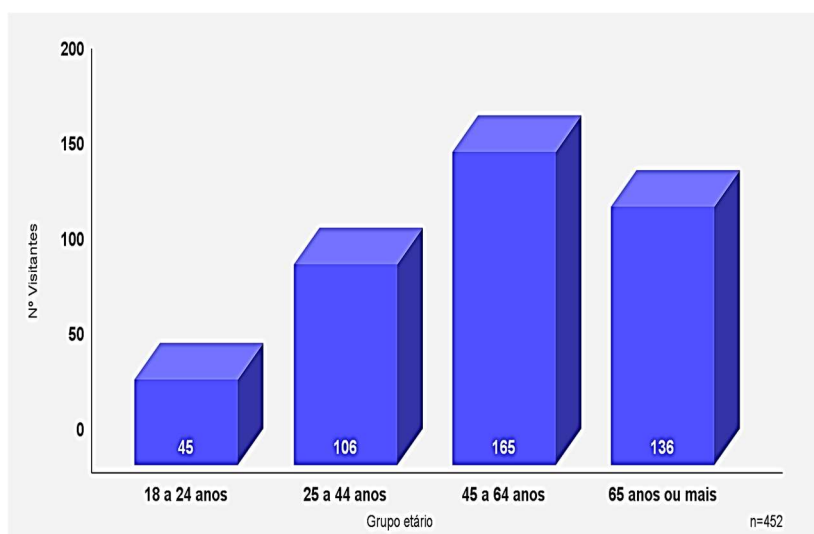


Figura 78 - Visitantes Sexta-Feira 13, por grupo etário.

Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

No que se refere à ocupação laboral dos visitantes (Fig.79), registe-se que mais de metade (55,3%), encontra-se ativa, empregada, todavia 33,2% são reformados, atestando a informação antes apresentada, relacionada com a idade dos inquiridos. Neste contexto, não estranhámos que, dos 452 inquiridos, apenas 249 indicassem a sua área profissional (Fig. 80). Entre este último grupo, é interessante verificar que há a predominância de empregados com áreas profissionais ligadas ao setor terciário (92,8%), enquanto os ativos no setor secundário (6,4%) e, sobretudo, no primário (0,8%), a sua representatividade seja limitada. Estamos, de facto, perante uma população predominantemente urbana, mas com raízes familiares no mundo rural.

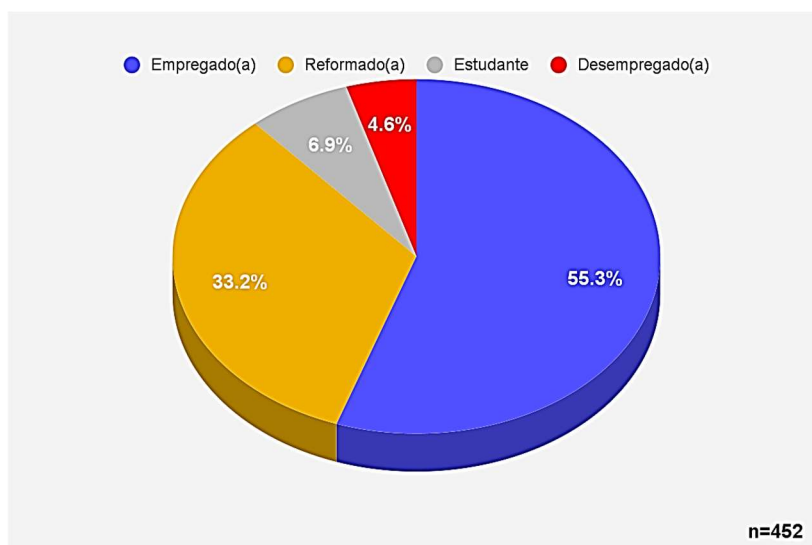


Figura 79- Visitantes Sexta-Feira 13, por ocupação.
 Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

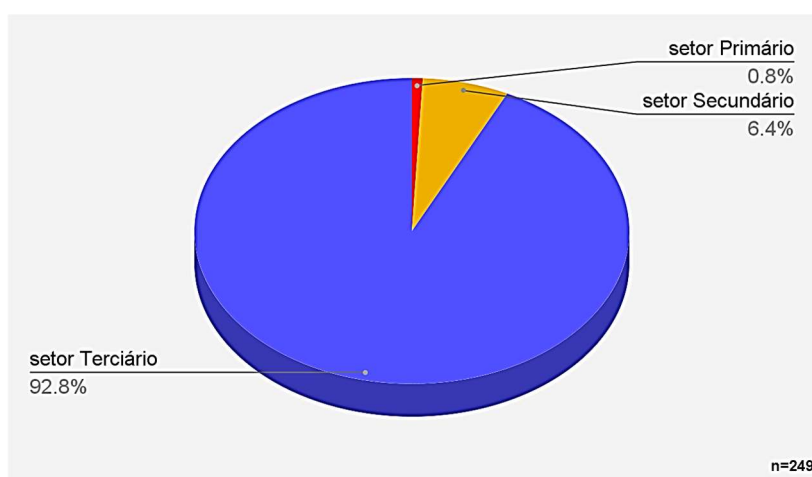


Figura 80 - Visitantes Sexta-Feira 13, por setor de atividade.
 Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

c) Deslocação a Montalegre e duração da sua permanência no concelho – importância do AL e outras modalidades de alojamento

Por seu lado, a análise da tabela 21, permite-nos constatar que 95,1% dos visitantes não residem em Montalegre, já que apenas 4,9% aí têm a sua morada. É notória a pequena participação dos autóctones no que se refere a este evento, pois efetua-se anualmente, em número variável de ano para ano, pelo que, geralmente, nos dias de hoje, quando o fazem, é para acompanhar familiares e amigos de outras proveniências, já que, muito provavelmente, participaram em anteriores edições.

Relativamente à duração da visita daqueles que participam no evento (Fig. 81), observamos que cerca de 59,7% apenas permaneceu em Montalegre durante 1 dia, ou mesmo parte do dia, a reservada ao evento. Aliás, a observação direta confirma esta constatação, pois a generalidade daqueles que se

deslocam a Montalegre nesta noite, apenas o fazem após o período laboral normal, regressando ao seu domicílio na madrugada do dia 14, após a conclusão da vertente teatral e mística a decorrer no castelo, a que acresce o fogo de artifício. Eis o reflexo da escassez de alojamento em Montalegre, notório nos dias de eventos emblemáticos como as sextas-feiras 13. Não obstante, 35,8% prolongam a sua estadia por 2 a 3 dias, ultrapassando pontualmente este valor, permanecendo no concelho a descobrir todos os seus atrativos (culturais, paisagísticos, monumentais, ou ainda os gastronómicos). Mais recentemente, englobando de modo particular os mais jovens, avoluma-se o ecoturismo.

Tabela 21- Visitantes Sexta-Feira 13, por residência no concelho de Montalegre.

Residente do concelho	N.º de Visitantes	Percentagem
Não	430	95.1%
Sim	22	4.9%
Total	452	100.0%

Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

Aqueles que permanecem em Montalegre por 4 ou mais dias, totalizam 4,4% dos inquiridos. Há, de facto, que apostar num marketing territorial incisivo, divulgando as iniciativas existentes não só no dia 13, mas, por exemplo, nos seguintes, pois estamos num fim de semana e as potencialidades de prolongar a estada em Montalegre são inúmeras.

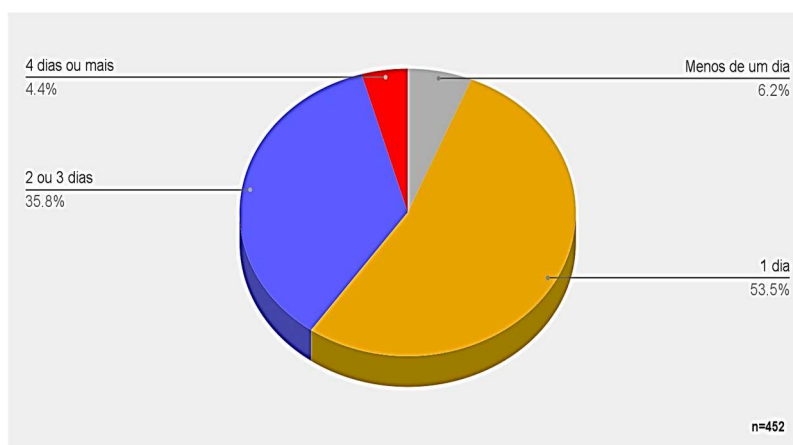


Figura 81 - Visitantes Sexta-Feira 13, por duração da visita.

Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

Mas, inquestionavelmente, a hospedagem no concelho de Montalegre não foi a opção predominante entre os visitantes (Tabela 22), já que somente 18,6% dos inquiridos ficaram alojados no município. A maioria regressa ao seu local de residência, ou instala-se em concelhos vizinhos como Chaves (17) ou Braga com 18 inquiridos, ou, para acrescentar mais um exemplo, Boticas, com 5 respostas. Os restantes, dispersam-se pelos principais núcleos urbanos existentes nas proximidades, ou mesmo em Espanha, na Galiza.

Registe-se que, dos 82 visitantes que declararam pernoitar em Montalegre (Fig. 82), 54 optaram pelas hipóteses concentradas na sede concelhia, enquanto 8 permaneceram naquelas freguesias mais próximas e com bons acessos, ou aproveitando para desfrutar de outros atrativos disponibilizados por pequenas unidades de animação turística, com sucede em Cabril, onde estão sedeadas 5 destas unidades.

Tabela 22 - Visitantes de Sexta-Feira 13, por hospedagem no concelho de Montalegre.

Hospedou-se em Montalegre ?	N.º de Visitantes	Percentagem
Não	368	81.4%
Sim	84	18.6%
Total	452	100.0%

Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

Registe-se que, dos 82 visitantes que declararam pernoitar em Montalegre (Fig. 82), 54 optaram pelas hipóteses concentradas na sede concelhia, enquanto 8 permaneceram naquelas freguesias mais próximas e com bons acessos, ou aproveitando para desfrutar de outros atrativos disponibilizados por pequenas unidades de animação turística, com sucede em Cabril, onde estão sedeadas 5 destas unidades.

Na Figuras 83 percecionamos que, dos 452 inquiridos, mais de metade (290), ou seja, 64,2%, já tinha ido ao evento pelo menos uma vez, enquanto 15% revisitaram Montalegre no “Dia das Bruxas” pelo menos duas vezes e 19,2% já tinham ido ao evento três ou mais vezes. O interesse pelo evento e a sua divulgação entre amigos e familiares, fundamenta este retorno no “Dia das Bruxas”.

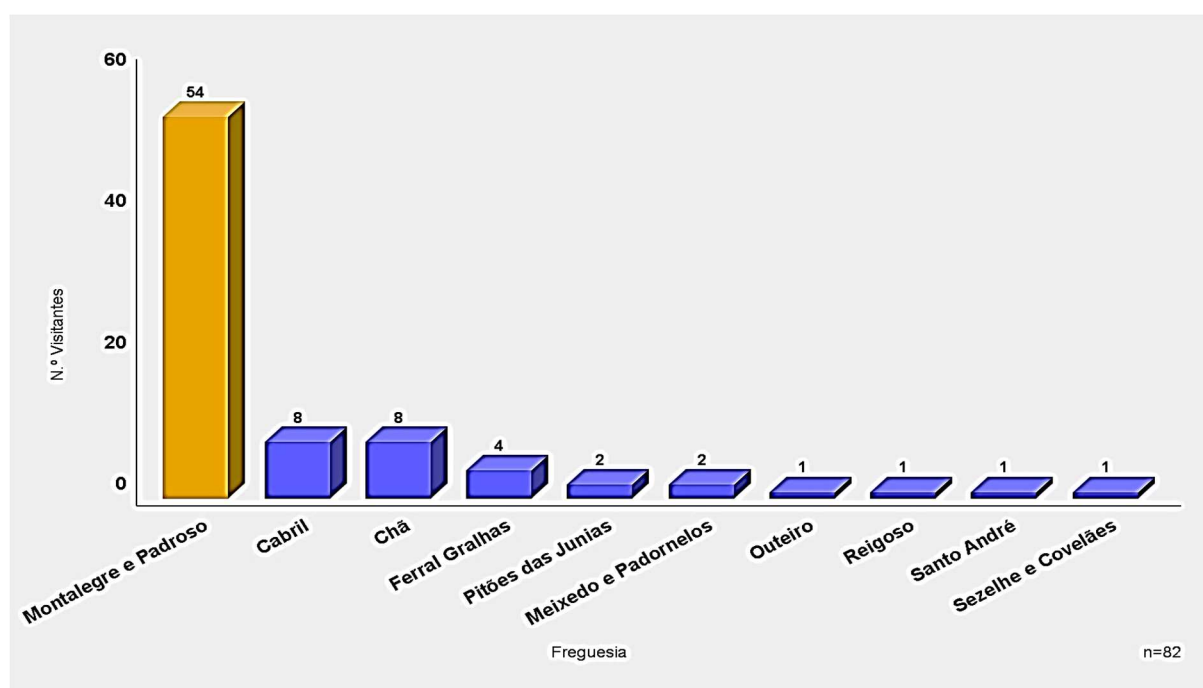


Figura 82 - Visitantes Sexta-Feira 13, por freguesia de hospedagem no concelho de Montalegre.

Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

Outro aspeto importante relaciona-se com o meio de transporte utilizado para aceder ao evento. Entre 447 visitantes respondentes a esta questão, 379 (84,8%), deslocaram-se no veículo próprio ou em autocaravanas (de forma de ultrapassar a carência de alojamento). Os restantes recorreram a um autocarro turístico (5,8%) ou ao transporte público (0,7%). Obviamente que aqueles que residem no concelho de Montalegre, ou nos vizinhos, deslocaram-se de motocicleta (1,1%), a pé (1,8%), ou recorrendo a outros meios de transporte (5,8%) (Fig. 84)

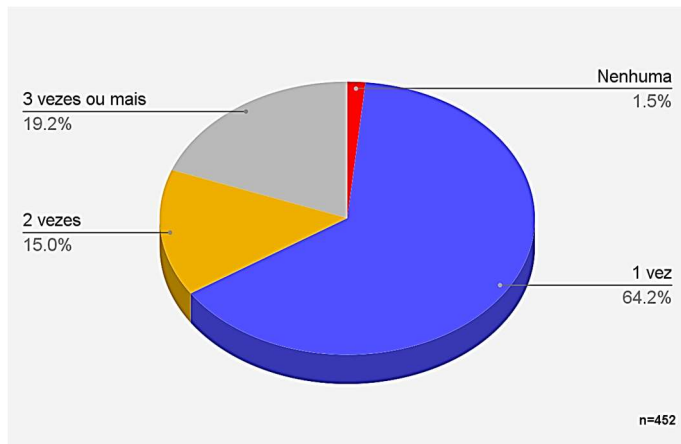


Figura 83 - Número de visitas nas Sexta-Feira 13, por visitante.
 Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

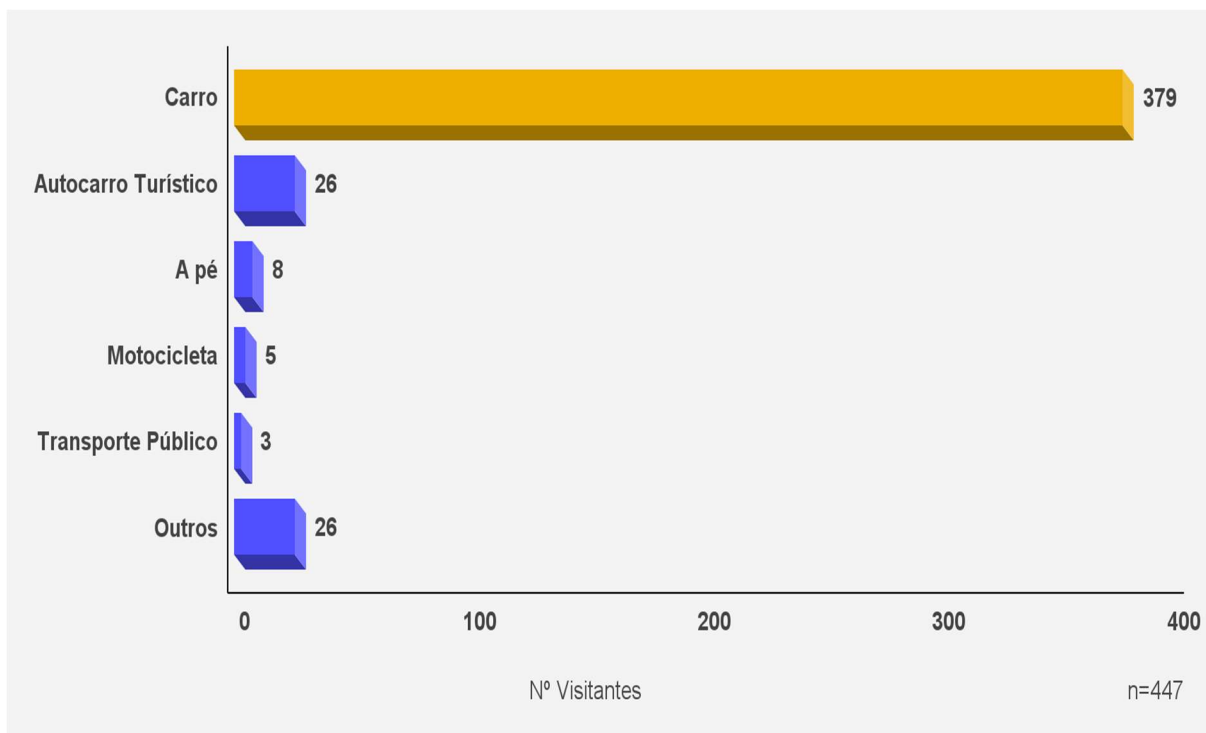


Figura 84- Meio de deslocação utilizado para chegar ao evento Sexta-Feira 13.
 Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

As afirmações anteriores confirmam-se pela análise da Fig. 85, pois a maioria dos participantes no evento integrava-se em grupos familiares e /ou de amigos, seguindo-se aqueles que se organizam através de uma agência de viagens, pelo que utilizam autocarros turísticos (uma opção em crescendo) ou mesmo através de IPSS que, com fins sociais, organizam esta deslocação a Montalegre. Desta forma, através da figura antes mencionada, observamos que 94% dos visitantes foram acompanhados por família ou amigos, enquanto 4% integravam grupos turísticos. Dos remanescentes, apenas 2% foram sozinhos ou integrados em grupos empresariais/profissionais.

Por uma questão de logística e redução da pegada de carbono (a formação ambiental amplia-se...), cada vez mais se criam grupos mais amplos que recorrem a autocarros turísticos e, na generalidade dos casos, regressam aos locais de origem quando os festejos terminam.

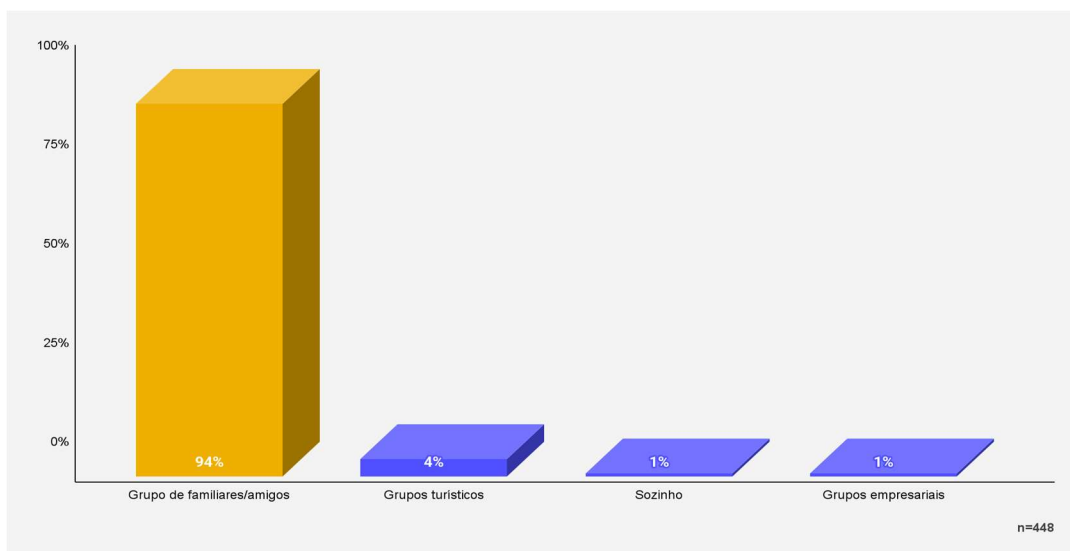


Figura 85- Em que circunstância se deslocou ao evento Sexta-Feira 13.

Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

d) Refeições e outros dispêndios

Representado na Figura 86, estão os locais onde os visitantes realizaram as suas refeições, havendo 4 opções disponíveis de resposta: refeições no evento, refeições fora do evento, no alojamento e refeições próprias, ou seja, refeições elaboradas pelos visitantes. Desta maneira, os inquiridos afirmaram maioritariamente, que realizaram as suas refeições em restaurantes ou outras tipologias de prestação deste serviço como barraquinhas e roulettes instaladas nas artérias de acesso ao castelo, correspondendo a 66,6%. Logo de seguida, surge a concretização das refeições no alojamento (19,5%), enquanto 11,9% dos visitantes se alimentam em restaurantes fora do evento. Registe-se que 2% dos visitantes confeccionaram e comeram a sua própria refeição em Montalegre, em local previamente selecionado para tal, incluindo o recinto da Feira local, pois apresenta infraestruturas, incluindo as sanitárias.

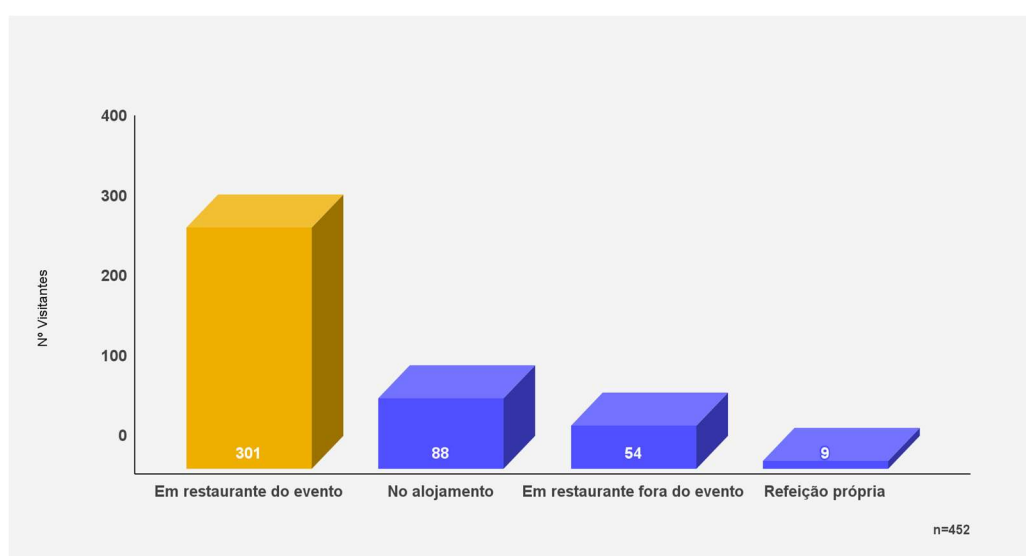


Figura 86 - Local onde fez as refeições na Sexta-Feira 13.

Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

Neste contexto, uma questão imprescindível, relaciona-se com os dispêndios financeiros efetuados nesta deslocação. E, indelevelmente, o seu impacte em Montalegre é notório, como se confirma através da Fig. 87. Em termos médios, cada visitante inquirido gasta 73 €, sendo que mais de metade (46,5%) gastou em média 51€ a 100€ e a outra metade (43,4%) despendeu menos de 50€. Entre os remanescentes, o gasto médio ronda os 101€ a 200€ (7,5% dos visitantes) e 2,7% ultrapassam esse valor. Neste contexto, o retorno financeiro para Montalegre e áreas circundantes, incluindo os transportes, aproxima-se dos **4,1 milhões de Euros**. Estamos perante um retorno significativo para o concelho. Aliás, este valor seria mais relevante caso existissem mais infraestruturas de restauração e similares, alojamento e programas devidamente divulgados que, de uma forma lúdica, aliciássemos os visitantes a prolongar a sua estadia em Montalegre. Como é óbvio, esta hipótese de expansão dos alojamentos e restauração só é exequível se a sazonalidade dos eventos for mitigada com a criação de outros. Assim se rentabilizariam, de forma sustentável, os investimentos necessários, encontrando-se uma grande recetividade por este cenário entre os visitantes.

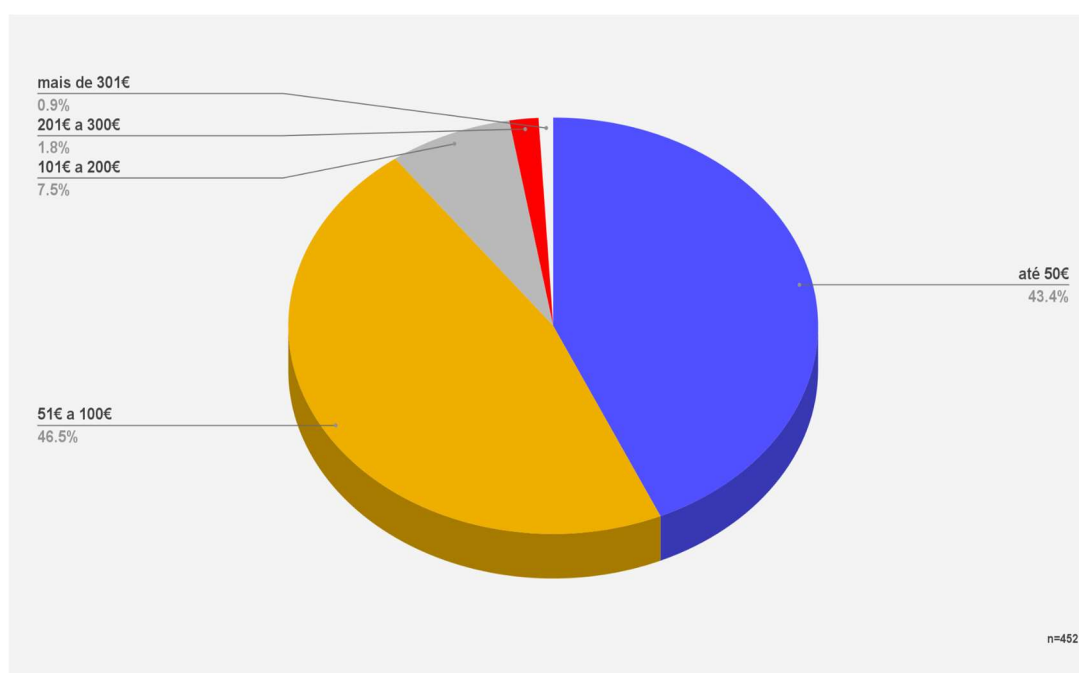


Figura 87 - Gasto médio por visitante durante a Sexta-Feira 13.
Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

Na realidade, embora os restantes eventos já consolidados em Montalegre sejam referidos pelos participantes na sexta-feira 13 de setembro de 2024, como outra alternativa para retornar a Montalegre (Fig. 88), desejo confirmado por 277 visitantes (56,9%), a que se devem acrescentar 182 participantes que pretendem visitar também a Feira do Fumeiro, outros 55 o *Rallycross* e 37 o Congresso de Medicina Popular de Vilar de Perdizes, têm os outros eventos menos divulgados são esquecidos. São as experiências, o descobrir do específico e distintivo que fundamenta estas afirmações, razão pela qual devem ser consideradas pela edilidade e *stakeholders* locais e regionais.

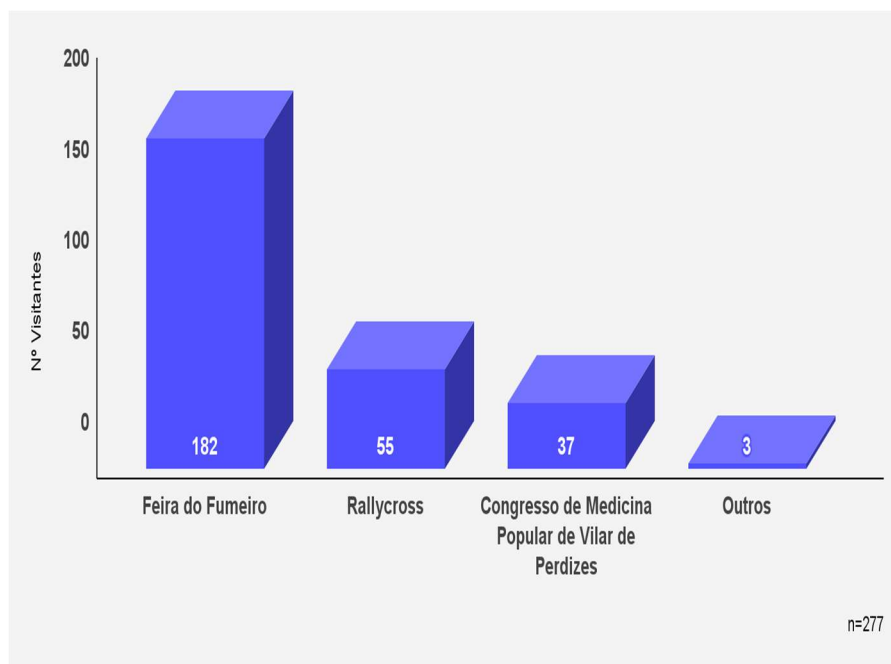


Figura 88- Outros eventos que pretende visitar no concelho de Montalegre, para além da Sexta-Feira 13.
 Fonte: Inquéritos próprios, setembro de 2024

Em suma, estamos perante um evento que há muito ultrapassou os limites concelhios, tendo uma abrangência que incide sobretudo no norte e centro do país, mas que, progressivamente, alastra a outras áreas, sobremaneira aos grandes núcleos urbanos onde as gerações ativas, bem como as mais novas, apreciam cada vez mais o rústico, as tradições, o misticismo “embalado” num cariz lúdico, apelativo. Há, no entanto, que apostar estrategicamente na inovação constante e em infraestruturas que sustentem uma possível expansão, diversificando os eventos com raízes populares genuínas, assim como divulgando as potencialidades endógenas e especificidades montalegrenses.

e) Os responsáveis pelos transportes turísticos

Reconhecendo a importância que os transportes turísticos organizados por agências de viagens, grupos de amigos, associações de carácter diverso com fins não lucrativos (IPSS, por exemplo), entre outros, têm para o transporte dos participantes deste evento, estratégia em expansão, foram também inquiridos alguns dos responsáveis pela organização destes grupos. Dado que, como foi referido anteriormente, a generalidade parte dos respetivos destinos após o período laboral, só a partir das 19h, de facto, estes veículos se acumulam em Montalegre, esgotando o parque a eles destinados, pelo que estacionam nas bermas das estradas principais e onde é possível (estima-se que rondariam os 150). Foram feitos inquéritos a responsáveis de 27 autocarros nesta Sexta-Feira 13 de setembro de 2024, completados por mais 6 concretizados na Sexta-Feira 13 de dezembro de 2024. Desta forma apurou-se que 22 já repetiam este serviço (Fig. 89). Os restantes eram primários.

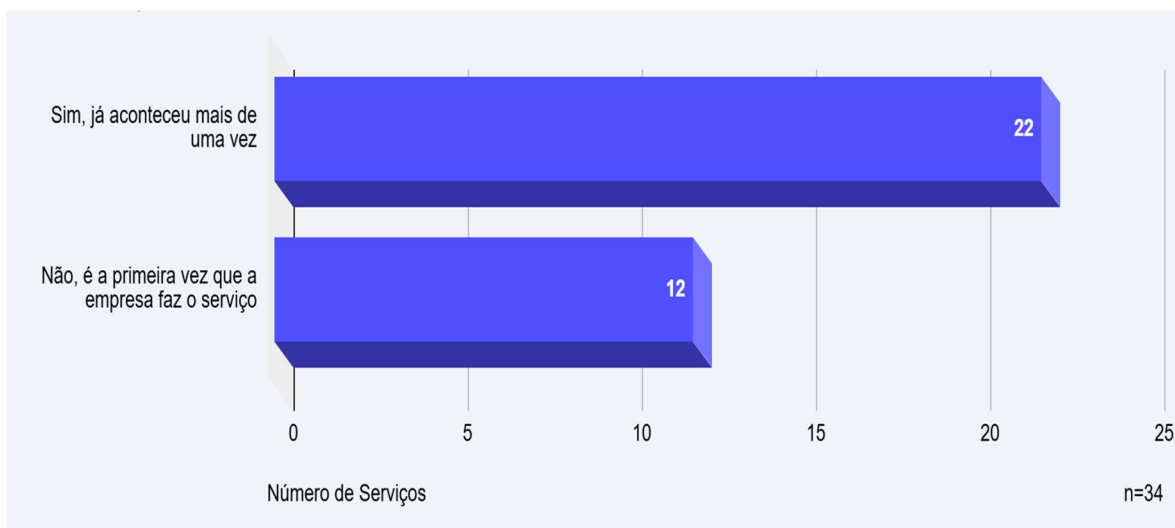


Figura 89 - Distribuição da Frequência do Serviço de Autocarros, Sexta-Feira 13.
 Fonte: Inquéritos próprios, setembro e dezembro de 2024

Registe-se que 16 dos 34 autocarros iniciaram a sua viagem nos principais núcleos urbanos do norte de Portugal, com destaque da área metropolitana do Porto, seguindo-se Vila Real e Guimarães. Existem muitas outras origens, mas, com a exceção de Pombal, todas se implantaram na região norte ou centro, com algum realce para Aveiro e concelhos limítrofes (Fig. 90).

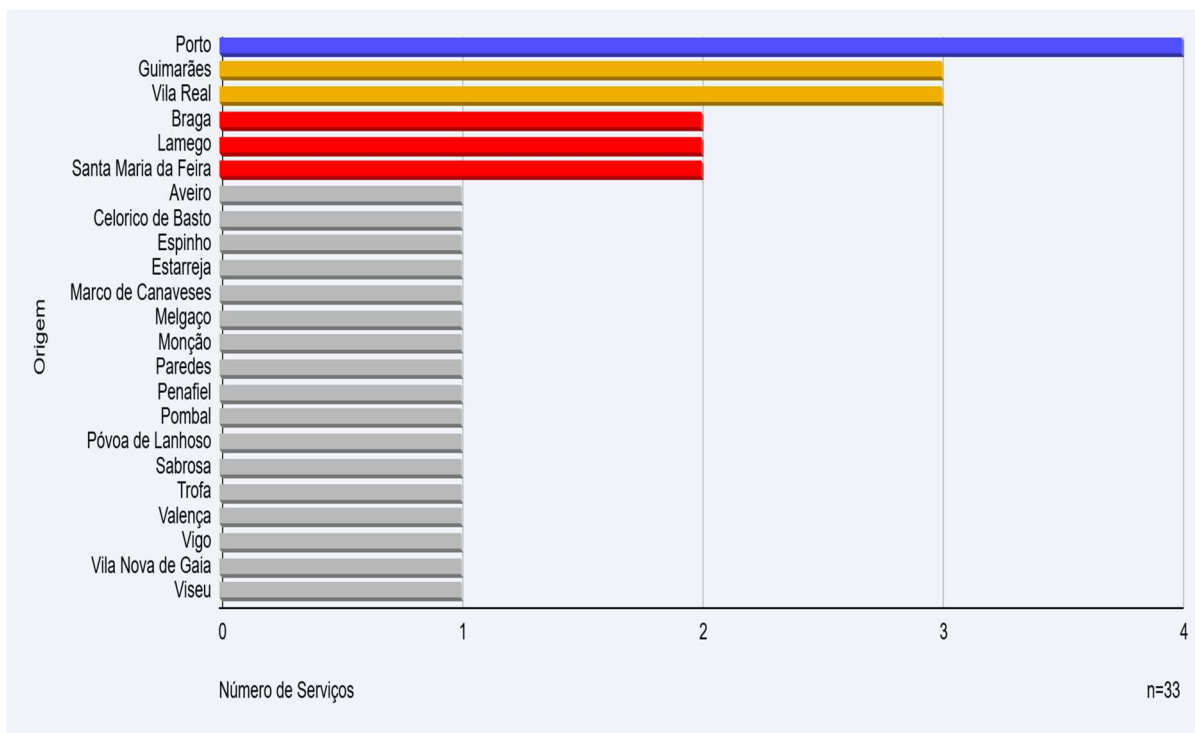


Figura 90- Distribuição dos autocarros pela sua origem, Sexta-Feira.
 Fonte: Inquéritos próprios, setembro e dezembro de 2024

Progressivamente, por questões financeiras, de sociabilidade e ambientais, avoluma-se o número de pessoas que recorrem a transportes turísticos, o que demonstra o interesse crescente pelo evento e pelas questões ambientais e de estacionamento. Por outro lado, embora em expansão e a sofrerem melhorias técnicas, as acessibilidades constituem também um obstáculo, pois somente aqueles

concelhos/núcleos urbanos com melhores acessos a Montalegre despontam e afirmam-se nesta área dos transportes turísticos. Aqui está uma vertente a ser valorizada pelas entidades supramunicipais, como as CIM's, por exemplo.

Sugestões apresentadas:

- maior número e diversidade de restaurantes e, entre as entidades ambulantes, maior diversidade e preços não inflacionados
- redução do volume da música nas vias de acesso ao castelo, concentrando-se os volumes mais elevados nas imediações do castelo e nos largos onde se concretizam os espetáculos musicais de diferentes estilos (aspeto muito valorizado pelos visitantes)
- questões de limpeza e higiene, com a necessidade de multiplicar os recipientes para o lixo e desperdícios que se criam
- exiguidade de instalações sanitárias

3.1.2- Perfil sociocultural e perceção da população local sobre o evento

Havia que questionar também a população residente, de facto o grupo recetor de muitos milhares de visitantes para participarem neste evento premiado na categoria de “O Melhor Eventos Público”. Não podemos ignorar que os autóctones vêm o seu quotidiano alterado por completo. Todavia, para o sucesso de qualquer evento, o binómio residentes/visitantes tem de funcionar de forma colaborativa, pois a recetividades dos autóctones é fundamental. Obviamente, também os apoios e incentivos de diversas modalidades (financeira, indutora de aspetos basilares como o engalanar da vila com a participação de todos, o aceitar transtornos no trânsito, etc.), geralmente da responsabilidade das entidades oficiais, sobremaneira da Câmara Municipal, são indispensáveis. Recorde-se que a Câmara Municipal é a responsável pela organização do evento.

Para a execução destes inquéritos (aleatoriamente), houve que estipular uma metodologia que fosse exequível. Por razões logísticas, nomeadamente transportes, número de voluntários e tempo disponível para esta tarefa, e já que as atividades associadas ao “Dia das Bruxas” se concentram na vila, sobremaneira na parte histórica, todos os inquéritos se concretizaram na vila de Montalegre, dividindo os discentes por setores, de modo a que a amostra fosse o mais representativa possível.

Por outro lado, dado o reduzido número de moradores que residem nas ruas históricas de acesso ao castelo, optamos também por fazer incidir a aplicação dos inquéritos, com prévia autorização, nos supermercados de maior destaque localizados na vila. Efetivamente, associados às feiras semanais, correspondem aos locais onde todos os montalegrenses se deslocam, não só para se abastecerem dos produtos locais e outros relativamente aos quais não são autosuficientes, mas também o fazem por questões de sociabilidade. Nestas circunstâncias, obtiveram-se, no total, 299 respostas, distribuídas pelos principais eventos (sextas-feiras 13 e Feira do Fumeiro e do Presunto).

Com duas secções distintas, este inquérito colocava questões sobre o perfil sociocultural do residente, mas, sobretudo, pretendia conhecer a sua perceção sobre o evento nas suas diversas vertentes (positivas e negativas), concluindo com a apresentação de hipóteses de eventual melhoria.

Eis os resultados, começando pela sexta-feira 13 de setembro. Nesta data, obtiveram-se 111 respostas.

a) Perfil sócio-cultural dos residentes

Dos respondentes (Tabela 23) fácil é contatar a predominância do género feminino, aquele que tradicionalmente arca com as maiores responsabilidades na manutenção da sua família, descolando-se, sozinha ou acompanhada, para fazer as compras necessárias. Por outro lado, são os ativos com 45

a 64 anos de idade, os predominantes, seguindo-se os mais idosos e os mais jovens mas ativos (Tabela 24) Não obstante, 68,0% dos inquiridos possuíam 45 ou mais anos. Não podemos ignorar que, embora na sede concelhia se concentre, habitualmente, a população mais jovem, estes valores refletem o cenário apresentado na análise demográfica disponibilizada na primeira parte deste relatório.

Tabela 23- População residente por género, Sexta Feira 13- Setembro 2024.

Género	N.º de Pessoas	Percentagem
Feminino	73	58,40%
Masculino	52	41,60%
Total	125	100%

Fonte: Inquéritos próprios, setembro 2024

Tabela 24- População residente por grupo etário, Sexta Feira 13- Setembro 2024.

Grupo etário	N.º de Pessoas	Percentagem
18 a 24 anos	11	8,80%
25 a 44 anos	29	23,20%
45 a 64 anos	56	44,80%
65 anos ou mais	29	23,20%
Total	125	100%

Fonte: Inquéritos próprios, setembro 2024

Outro aspeto relevante a estudar relaciona-se com a situação profissional dos residentes inquiridos. E o Tabela 25 é elucidativo: 64,80% integravam-se na população ativa, exercendo maioritariamente as suas funções no setor terciário (serviços camarários, profissões liberais, atividades associadas à Santa casa de Misericórdia local, mas também comércio, etc.). Por outro lado, os reformados constituem o segundo grupo, agregando 22,40%. Estes dois grupos concentram 87,2% do total de respondentes ao inquérito

Tabela 25 - População residente por situação profissional, Sexta Feira 13- Setembro 2024.

Situação profissional	N.º de Pessoas	Percentagem
Desempregado	9	7,20%
Empregado	81	64,80%
Estudante	7	5,60%
Reformado	28	22,40%
Total	125	100%

Fonte: Inquéritos próprios, setembro 2024

Quando se aborda a dimensão dos agregados familiares, como seria expectável, dominam aqueles compostos por 2 a 4 elementos (80,0%), se bem que os constituídos apenas por dois membros se destacassem, englobando 32,8%, ou seja, quase 1/3 do global (Tabela 26). Correspondem a casais em início de vida, ou, geralmente, aos mais idosos.

Os agregados familiares de maiores dimensões são ocasionais e, na generalidade dos casos, coincidem com aqueles onde várias gerações convivem, pois os mais idosos, quando deixam de ser autónomos, embora com relutância, abandonam as suas raízes para viverem com os filhos na sede concelhia, onde se concentram os serviços de apoio.

Tabela 26- Número de pessoas em alojamento por agregado familiar, Sexta Feira 13- Setembro 2024.

N.º de Pessoas por Alojamento	Agregados Familiares	Percentagem
0	2	1,60%
1	7	5,60%
2	41	32,80%
3	31	24,80%
4	28	22,40%
5	9	7,20%
6	5	4,00%
7	1	0,80%
8	1	0,80%
Total	125	100%

Fonte: Inquéritos próprios, setembro 2024

De acordo com as informações metodológicas preliminares apresentadas nesta alínea, facilmente se compreende o Tabela 27 referente à freguesia de origem dos inquiridos. Indiscutivelmente, são os residentes no agrupamento de freguesias de Montalegre e Padroso, local onde se concretizam os festejos do “Dia das Bruxas”, que dominam (73,6%). Segue-se a freguesia contígua, Chã, mas apenas com 4 pessoas.

Tabela 27- Residentes no concelho de Montalegre por freguesia, Sexta Feira 13- Setembro 2024.

Freguesia de Residência	N.º de Pessoas	Percentagem
Chã	4	3,20%
Montalegre e Padroso	92	73,60%
Morgade	0	0,00%
Cambeses do Rio, Donões e Mourilhe	1	0,80%
Meixedo e Padornelos	0	0,00%
Salto	1	0,80%
Cabril	0	0,00%
Viade de Baixo e Fervidelas	1	0,80%
Negrões	2	1,60%
Vilar de Perdizes e Meixide	2	1,60%
Gralhas	1	0,80%
Outeiro	0	0,00%
Cervos	0	0,00%
Sezelhe e Covelães	0	0,00%
Boticas	0	0,00%
Paradela, Contim e Fiães	0	0,00%
Pitões das Júnias	0	0,00%
Sarraquinhos	1	0,80%
Não responderam	20	16,00%
Total	125	100%

Fonte: Inquéritos próprios, setembro 2024

Embora seja nítido o desequilíbrio entre os representantes das diversas freguesias, é importante referir que, de acordo com a metodologia seguida na aplicação dos inquéritos, engobamos os residentes mais envolvidos nos festejos.

b) Perceção sobre o evento e seus impactes

Se analisarmos a perceção que os residentes têm sobre o “Dia das Bruxas”, os resultados do inquérito são esclarecedores: domínio absoluto da perspectiva positiva, realçando a vivência de tempos áureos, nunca antes perspectivados. Na verdade, referem que o evento atrai à vila milhares de pessoas, incluindo muitos estrangeiros, para além de familiares e amigos que também se deslocam a Montalegre para viver estes momentos. Um inquirido refere “É o melhor evento de rua! Através dele, transmite-se cultura, tradição e alegria!”. A divulgação que é feita, inclusivamente pela Câmara Municipal, é eficaz.

Por outro lado, em termos económicos, a vila dinamiza-se, torna-se efervescente, sobretudo na restauração, cafés e similares, e nos alojamentos. Por consequência, surgem múltiplos empregos entre os jovens, se bem que ocasionais. Entretanto, o restante comércio e outras atividades, não sentem qualquer valorização.

Por seu turno, na vertente negativa, reclamam da confusão que se gera e que interfere com o quotidiano dos residentes. Com bastante insistência referem também o ruído (“quase ensurdecador”) da música e o congestionamento do trânsito.

Sugestões:

- recorrer a mais jovens para apoiarem o evento, criando mais empregos, apesar de ocasionais;
- ter em atenção as questões sanitárias e a disponibilização de uma alimentação mais variada;
- mudar, eventualmente, o evento para outro local (mas sem concretizarem...); esta sugestão surge acompanhada, como alternativa, com a colocação de um maior número de ecrãs gigantes nos pontos estratégicos para todos terem acesso ao espetáculo principal que decorre nas imediações do castelo;
- expandir a festa às freguesias rurais (várias referências);
- espetáculos mais inovadores, diferenciados de evento para evento;
- decoração condizente com a temática do evento (cafés, casas comerciais, ...), tal como fazem os restaurantes;
- atividades durante a tarde de sexta-feira, mas, sobretudo, no fim de semana; deveriam ser diversificadas e amplamente divulgadas, em simultâneo com a sexta-feira 13.

3.2- Sexta-feira 13 de dezembro de 2024

Relatório Sexta 13/12/24

13 de dezembro, Montalegre

Tamanho da população (estimativa por observação): 39 368*

Nível de confiança: 95%

Margem de erro: 5%

Tamanho mínimo da amostra: 381**

Respostas obtidas: 508

*A área de espaço público com maior afluência durante as sextas-feiras 13 é de 9842 m² (calculada no Google Earth).

Em termos científicos, na sexta-feira 13 de setembro, estima-se, por observação que estariam 5,5 pessoas por m² (9842 m² x 5,5 pessoas = 54 131 pessoas).

**Para calcular o tamanho mínimo de uma amostra de uma população finita (a inquirir), utilizou-se a seguinte fórmula estatística:

$$n = (N * z^2 * p * (1 - p)) / ((e^2 * (N - 1)) + (z^2 * p * (1 - p)))$$

Onde:

- n = tamanho da amostra (o valor a ser calculado)
- N = tamanho da população (finita)
- z = valor crítico da distribuição normal padrão (1,96 para 95% de confiança)
- p = proporção estimada da população com a característica de interesse (0,5 se desconhecida)
- e = margem de erro tolerada (por exemplo, 0,05 para 5%)

Fonte: Triola, M. F. (2017). Introdução à Estatística (12ª ed.). Pearson Education.

3.2.1- Perfil sociocultural dos visitantes e a sua percepção sobre o evento

a) Origem dos visitantes

Avancemos rapidamente para a sexta-feira 13 de dezembro de 2024. Apesar da proximidade da época natalícia, com os gastos inerentes e das temperaturas pouco convidativas para a participação num evento como a sexta-feira 13, o calendário assim o ditou.

Concretizaram-se 508 inquéritos. Quando analisamos o perfil dos visitantes, detetamos algumas similitudes com as características observadas três meses antes, mas também outras distintas. Na verdade, no que se refere à origem dos participantes neste evento, tal como em setembro, dominam largamente os portugueses (89,7%), seguindo-se os galegos (6,5%) (Fig. 91). Relativamente ao

restantes países de origem, com exceção dos originários de França que participaram em maior número do que em setembro (de 7 transitaram para 11), os restantes apresentam valores residuais (1 a 3), compreendendo países como Andorra ou Inglaterra no espaço europeu, mas também Estados Unidos da América, África do Sul ou Brasil (Fig. 91 e Tabela 28). Neste contexto, a presença de população estrangeira neste evento, representou 10,3%, valor muito similar ao de setembro, embora com distintas origens.

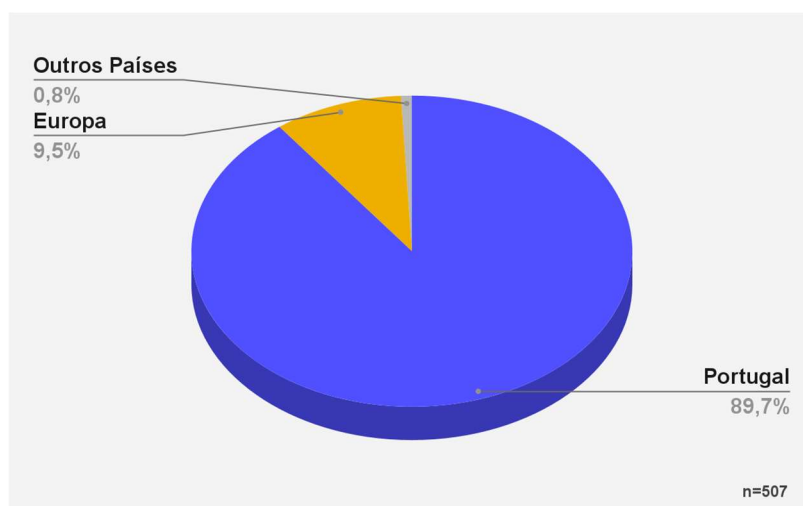


Figura 91 - Origem dos Visitantes Sexta-Feira 13, nacionais e internacionais (%).
Fonte: Inquéritos próprios, dezembro de 2024

Tabela 28 - Países de origem dos visitantes da Sexta-feira 13 de dezembro.

País de residência	Nº	% do Total
Portugal	455	89.7 %
Espanha	33	6.5 %
Andorra	2	0.4 %
Estados Unidos da América	2	0.4 %
França	11	2.2 %
Inglaterra	2	0.4 %
África do Sul	1	0.2 %
Brasil	1	0.2 %

Fonte: Inquéritos próprios, dezembro de 2024

Dominando os portugueses, há que aprofundar esta análise nesta vertente, pois é necessário conhecer a distribuição territorial de onde são originários os participantes neste evento de dezembro. E, novamente, são os oriundos da região Norte que dominam, agregando 80,5%, provenientes de modo particular da área metropolitana do Porto, e dos principais núcleos urbanos localizados nas proximidades de Montalegre (Braga, Guimarães, Vila Nova de Famalicão e Barcelos), mas também Chaves e Boticas, concelhos contíguos, ou ainda Bragança (Figs. 92 e 93).

Da região Centro provêm 11,9%, embora apresentando uma maior dispersão territorial do que em setembro. Referimo-nos, por exemplo, a Aveiro, núcleo urbano menos representado em Dezembro do que em setembro, enquanto concelhos do interior desta região pontuam em maior número. Da região do Oeste, Vale do Tejo e Lisboa provêm 5,0%, mas também evidenciando uma maior dispersão

territorial, diluindo-se o destaque anterior de Lisboa. Das restantes regiões, a participação é residual, totalizando 2,6%.

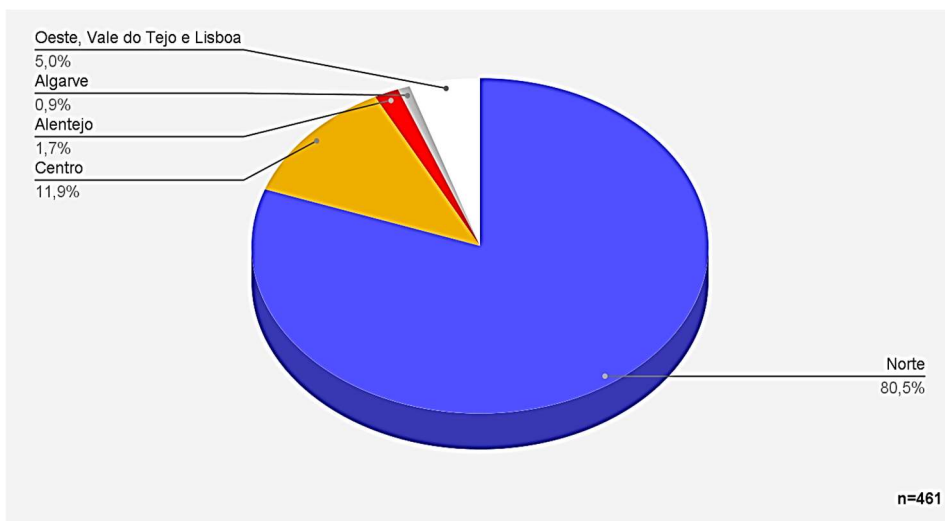


Figura 92 - Origem dos Visitantes Sexta-Feira 13, por região de Portugal (%).
 Fonte: Inquéritos próprios, dezembro de 2024

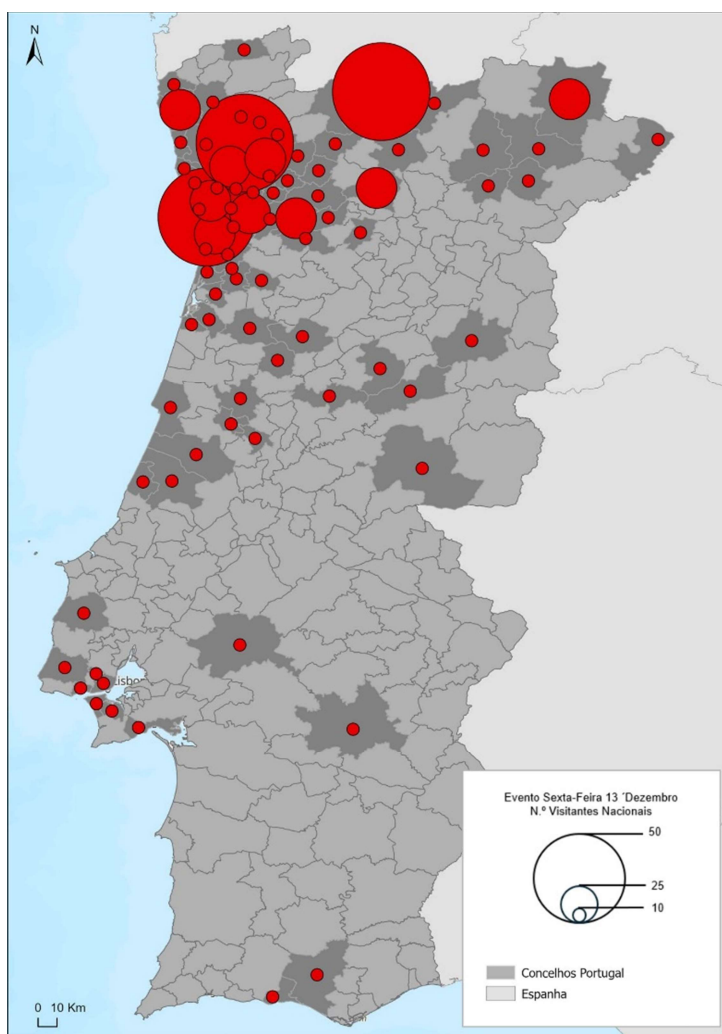


Figura 93 - Origem dos Visitantes portugueses participantes na Sexta-Feira 13, por concelho (%).
 Fonte: Inquéritos próprios, dezembro de 2024

b) Perfil sociocultural dos visitantes: género, grupo etário e ocupação laboral

No que se refere ao perfil dos visitantes, há que referir que o género feminino dominou em dezembro (Tabela 29), abrangendo 57,8% do total de visitantes. Não obstante, prossegue a ascendência da população ativa (Fig. 24), visto que 29,19€ possuíam entre 25 e 44 anos de idade mas 41,22% entre 45 e 64 anos. Já os mais idosos, aqueles que ultrapassaram os 65 anos, o seu valor diminuiu significativamente, representando em dezembro apenas 13,81%. As condições do estado de tempo, com baixas temperaturas e as comorbidades que lhes estão habitualmente associadas, poderão ter dissuadido a sua participação.

Tabela 29- Visitantes Sexta-Feira 13, por género.

Género	N.º de Visitantes	Percentagem
Feminino	293	57,8%
Masculino	214	42,2%
Total	507	100,0%

Fonte: Inquéritos próprios, dezembro de 2024

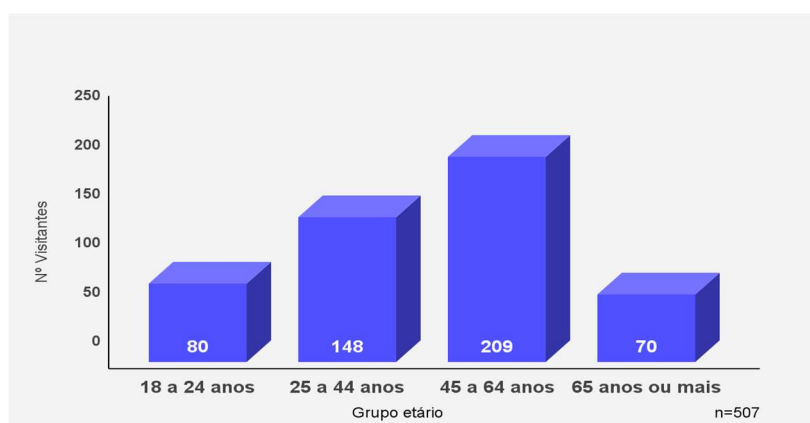


Figura 94 - Visitantes Sexta-Feira 13, por grupo etário.

Fonte: Inquéritos próprios, dezembro de 2024

No que se refere à ocupação laboral e ao setor de trabalho dos visitantes inquiridos (Figs. 95), dominam os empregados, os ativos, enquanto os reformados perderam parte da sua anterior expressividade. O mesmo se repetiu entre o grupo dos estudantes e dos desempregados. Aliás, estes resultados estão em concordância com os anteriormente apresentados. Efetivamente, mais de metade dos visitantes inquiridos, era população empregada (63,9%), enquanto os reformados englobavam apenas 14,8%, e os estudantes cerca de 14,2%. Por seu turno, a população desempregada abrangia 7,1% do total dos inquiridos.

Para analisarmos a área profissional destes visitantes, há que referir que apenas 324 indicaram a respetiva área laboral (Fig. 96). Todavia, e tal como sucedeu em setembro, os respondentes exercem sobretudo a sua atividade profissional no setor terciário, mas com menor expressividade (85,5%, quando em setembro neste setor trabalhavam 92,8%), enquanto no setor secundário deparamos com

um valor um pouco maior, atingindo 12,7%. A exercerem funções no setor primário, e tal como era expectável, apenas 1,9%, o referiram.

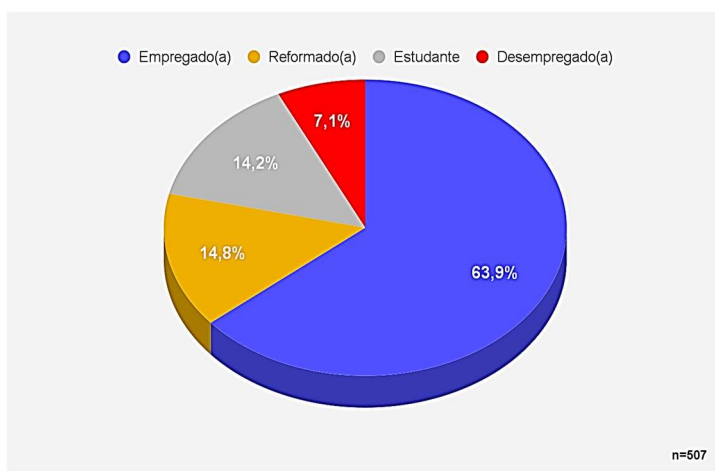


Figura 95 - Visitantes Sexta-Feira 13, por ocupação.
Fonte: Inquéritos próprios, dezembro de 2024

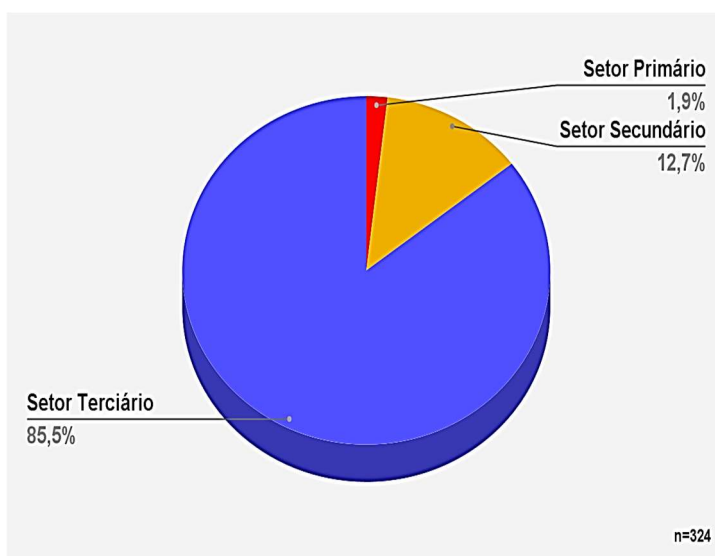


Figura 96 - Visitantes Sexta-Feira 13, por setor de atividade.
Fonte: Inquéritos próprios, dezembro de 2024

c) A deslocação a Montalegre e a duração da sua permanência no concelho: a importância do AL e de outras modalidades de alojamento

Tal como em setembro, confirma-se que a generalidade dos participantes na sexta-feira 13 de dezembro não reside em Montalegre (94,1%), sendo originários sobretudo da região norte e, secundariamente, da região centro. Por outro lado, outro aspeto que se repete, é o que se relaciona com o tempo de permanência no concelho, dominando largamente 1 dia (13,8%) ou menos, ou seja, o tempo necessário para assistirem ao espetáculo onde o místico se mistura com o lúdico (61,0%). Nestas circunstâncias, foi mais significativo o número daqueles que regressaram ao seu local de residência em dezembro, após a sessão do fogo de artifício (enquanto em setembro estes totalizaram 59,7%, em dezembro este valor ascendeu a 74,8%). Ainda assim, deparamos com visitantes que

permaneceram durante 2 a 3 dias (23,1%), ou prolongaram mais a sua estada até 4 dias ou mais, mas agregando somente 2,1% (Fig. 97).

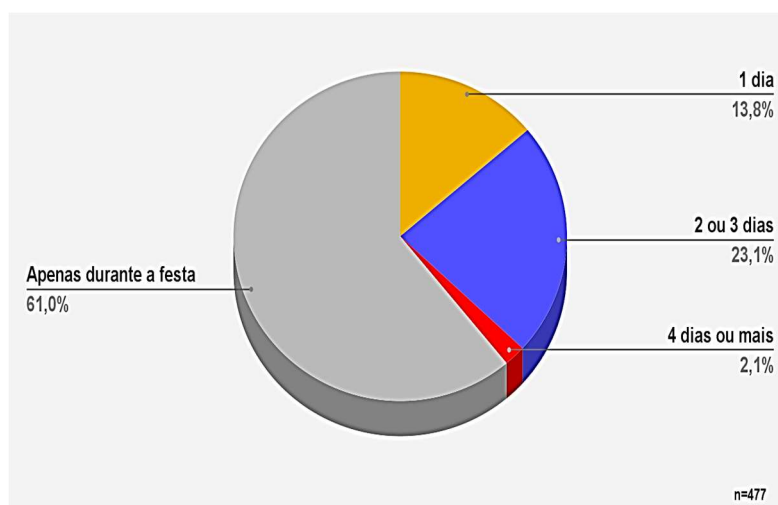


Figura 97- Visitantes Sexta-Feira 13, por duração da visita.
Fonte: Inquéritos próprios, dezembro de 2024

No que concerne à hospedagem, questão a que responderam apenas 268 visitantes (tabela 30), deparamo-nos com um cenário distinto do observado em setembro. Na verdade, embora o número de visitantes que permaneceu em Montalegre não fosse significativo, não obstante enquanto na anterior sexta-feira 13 apenas 82 visitantes pernoveram em Montalegre (18,14%), em dezembro esse valor ascendeu a 123 (24,7%) (Fig. 98). A noite gélida e a eventual maior disponibilidade de quartos, deve ter justificado este valor. Ainda assim, a hospedagem no concelho de Montalegre foi superior à reservada nos concelhos limítrofes, pois se em Montalegre pernoveram 123 visitantes e respetivas famílias (56,3%), nos concelhos vizinhos instalaram-se 73, ou seja 43,7%. Mas, há que recordar que a maioria regressou no mesmo dia às suas origens.

Tabela 30 - Visitantes Sexta-Feira 13, por hospedagem no concelho de Montalegre.

Hospedou-se em Montalegre ?	N.º de Visitantes	Percentagem
Não	117	43,7%
Sim	151	56,3%
Total	268	100,0%

Fonte: Inquéritos próprios, dezembro de 2024

Se nos fixarmos apenas nos que pernoveram em Montalegre, tal como em setembro, não se observou uma distribuição equitativa dos visitantes pelo concelho, pois a maior concentração incidiu na freguesia de Montalegre e Padroso, (opção de 65 dos 123 inquiridos), seguindo-se a freguesia de Chã, contígua à sede, e a freguesia de Cabril (Fig. 98). Neste aspeto, existem similitudes com o quadro observado em setembro.

Os restantes visitantes que permaneceram na região, privilegiaram Chaves e Boticas (Fig. 9), ou, como alternativa, a Galiza e cidades próximas de Montalegre como Braga e outros núcleos da região norte, mas próximos.

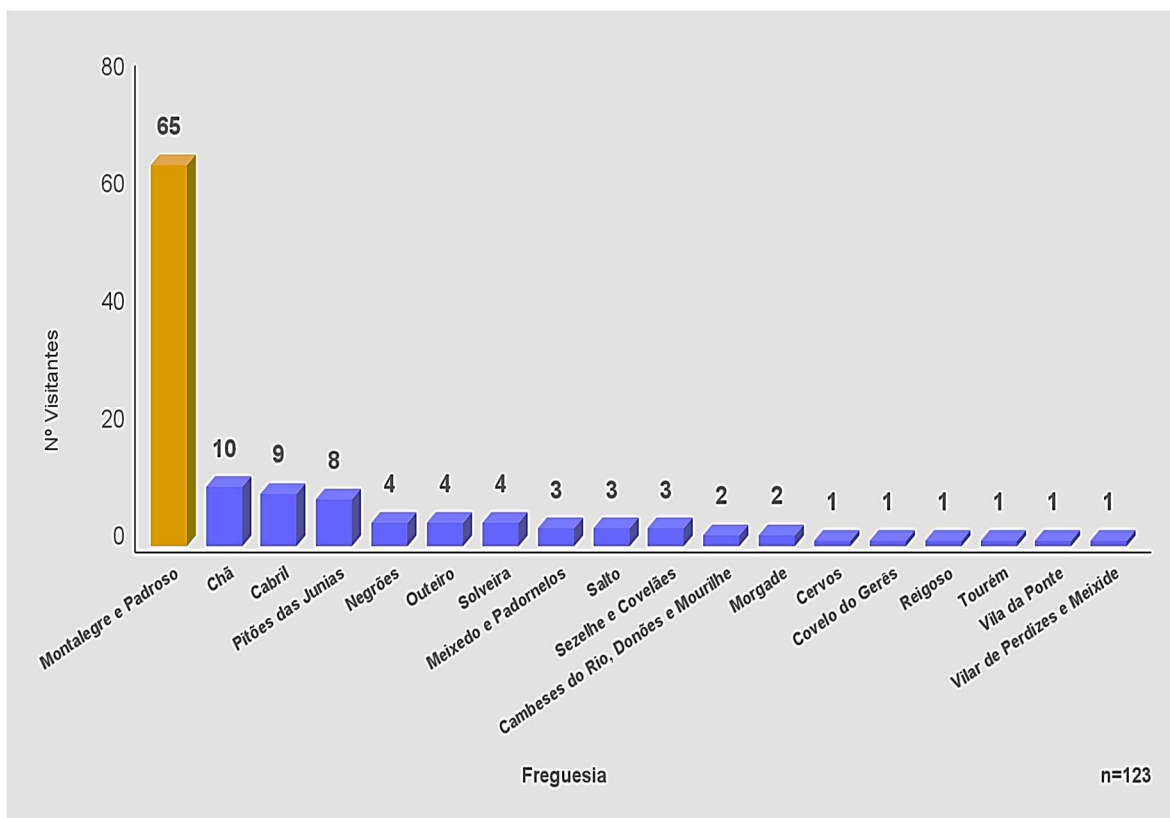


Figura 98 - Visitantes Sexta-Feira 13, por freguesia de hospedagem no concelho de Montalegre.
 Fonte: Inquéritos próprios, dezembro de 2024

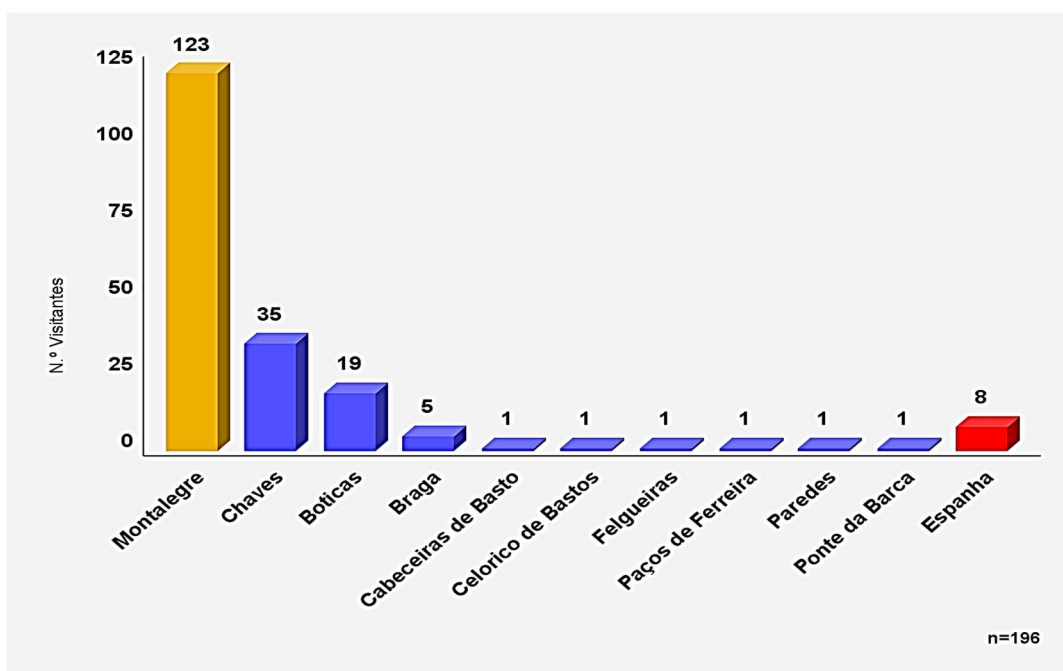


Figura 99 - Visitantes Sexta-Feira 13, por concelho de hospedagem.
 Fonte: Inquéritos próprios, dezembro de 2024

Apesar da época em que ocorreu o evento, dezembro, aproximadamente 43% dos visitantes eram reincidentes. Aliás, cerca de 53,4% daqueles que responderam à questão, já se deslocavam a Montalegre pela terceira ou quarta vez (Tabelas 31 e 32). A atratividade das sextas-feiras 13, ainda que

este evento ocorra no inverno e sob copiosa queda de chuva, ou mesmo de neve, não afasta os mais entusiastas.

Tabela 31- Anteriores participações na Sexta-Feira 13, por visitante.

Já participou na sexta-feira 13?	N.º de Visitantes	Percentagem
Não	288	56,8%
Sim	219	43,2%
Total	507	100,0%

Fonte: Inquéritos próprios, dezembro de 2024

Tabela 32 - Participações anteriores ao evento Sexta-Feira 13, por visitante.

Visitas anteriores ao evento	N.º de Visitantes	Percentagem
1 vez	36	16,4%
2 vezes	66	30,1%
3 vezes ou mais	117	53,4%
Total	219	100,0%

Fonte: Inquéritos próprios, dezembro de 2024

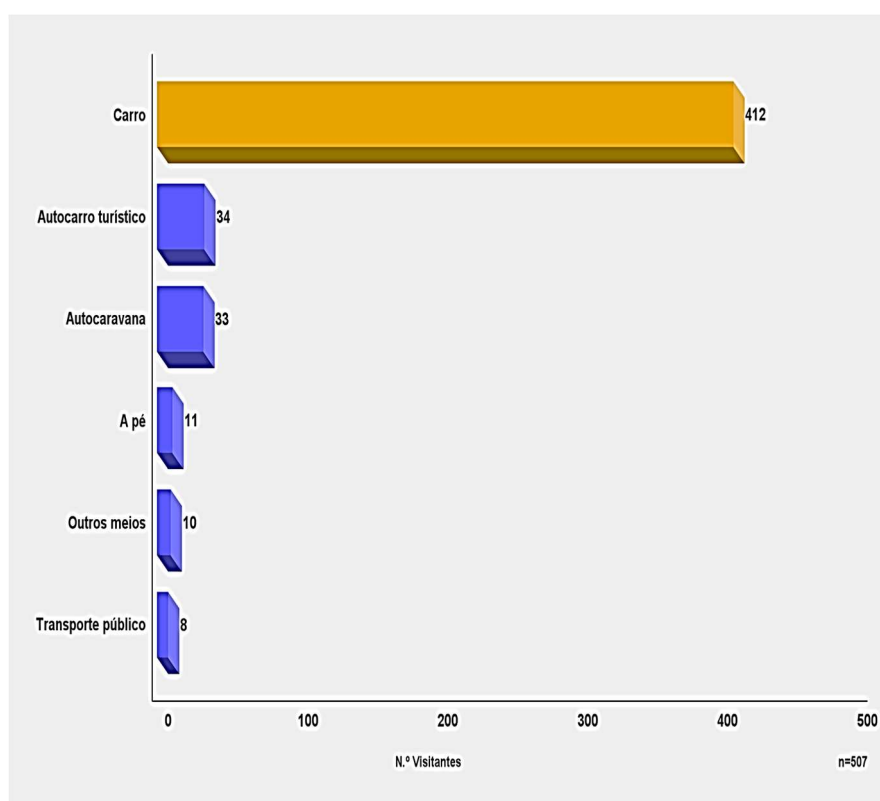


Figura 100 - Meio de deslocação utilizado para chegar ao evento Sexta-Feira 13.

Fonte: Inquéritos próprios, dezembro de 2024

Outro aspeto importante a abordar relaciona-se com o meio de transporte utilizado para aceder ao evento (Fig. 100). Registe-se que, dos 507 visitantes inquiridos, 412 (81,1%), deslocaram-se em viatura própria. As dificuldades no acesso a transportes públicos são notórias, pois são em número reduzido e

em horários incompatíveis com os do evento. Os restantes inquiridos, deslocaram-se em autocarro turístico (34) e 33 em autocaravana. Os remanescentes são em número restrito.

Geralmente fazem-no em família ou com grupos de amigos (91,5%) e apenas 6,7% integravam grupos turísticos. Os restantes 1,8% compareceram sozinhos ou em grupos empresariais, ou mesmo escolares (tabela 33).

Tabela 33- Meio de deslocação utilizado para chegar ao evento Sexta-Feira 13.

Como se deslocou ?	N.º de Visitantes	Percentagem
Carro	412	81,1%
Autocarro turístico	34	6,7%
Autocaravana	33	6,5%
A pé	11	2,2%
Outros meios	10	2,0%
Transporte público	8	1,6%
Total	508	100,0%

Fonte: Inquéritos próprios, dezembro de 2024

d) Refeições e outros dispêndios

Outro aspeto muito relevante para o município, correspondendo, aliás, a um dos setores muito favorecido neste período (conjuntamente com o alojamento), relaciona-se com o setor dos restaurantes e similares que se engalanam para receber os seus hóspedes numa noite mística (Fig. 101). Sendo disponibilizadas 5 opções no inquérito (refeições no evento, refeições fora do evento, refeições próprias, refeição no alojamento ou sem refeição), constatou-se que a maioria dos participantes realizaram as suas refeições em restaurantes ou roulotes e barraquinhas instaladas no espaço onde ocorre o evento (324, ou seja, 63,9%). Logo de imediato, segue-se a refeição fora do evento com 76 visitantes (15%), valor muito próximo daqueles que ingeriram alimentos transportados de casa (70). Os restantes correspondem a valores residuais.

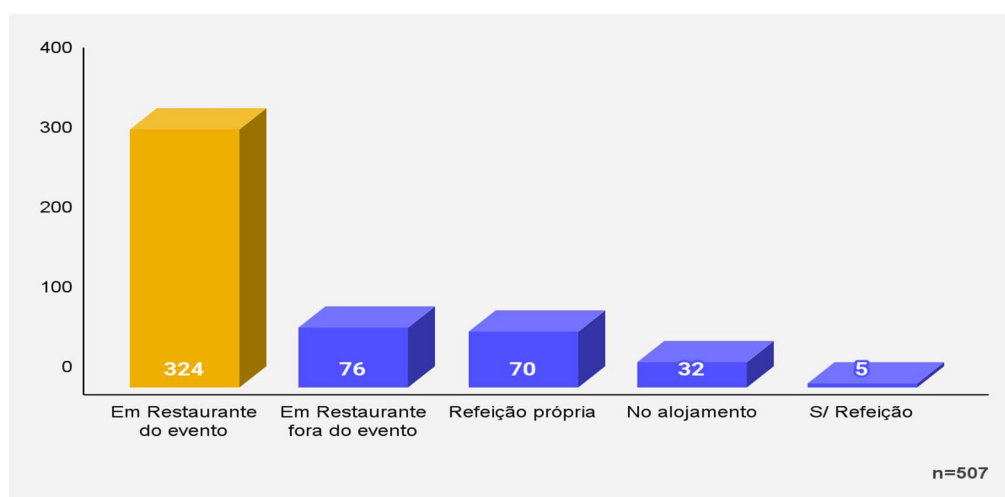


Figura 101 - Local onde fez as refeições na visita ao evento Sexta-Feira 13.

Fonte: Inquéritos próprios, dezembro de 2024

Estamos, de facto, perante um evento turístico com matizes místicas e lúdicas, propulsoras da economia local e regional. Neste contexto, uma questão imprescindível, relaciona-se com os dispêndios financeiros efetuados nesta deslocação pelos visitantes. E, indelevelmente, o seu impacte

em Montalegre é inquestionável também em dezembro, como se confirma através da Fig. 102. Em termos médios, cada visitante inquirido gastou 86,3€, sendo que 42,4% gastou em média cerca de 50€ e 37,5% entre 50€ a 100€. No grupo dos remanescentes, o gasto médio ronda os 190€. Neste contexto, o retorno financeiro para Montalegre e áreas circundantes, aproxima-se dos **3,4 milhões de Euros**. Estamos perante um retorno significativo para o concelho, justificando a realização deste evento.

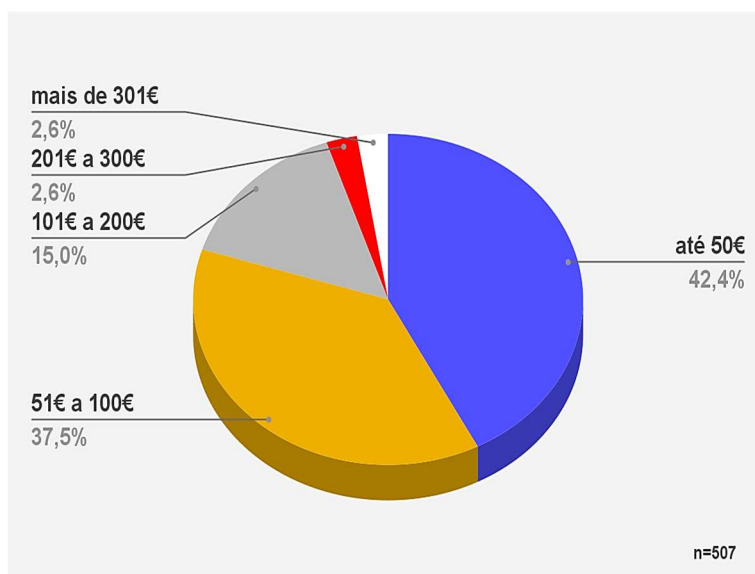


Figura 102 - Gasto médio por visitante durante o evento Sexta-Feira 13.
Fonte: Inquéritos próprios, dezembro de 2024

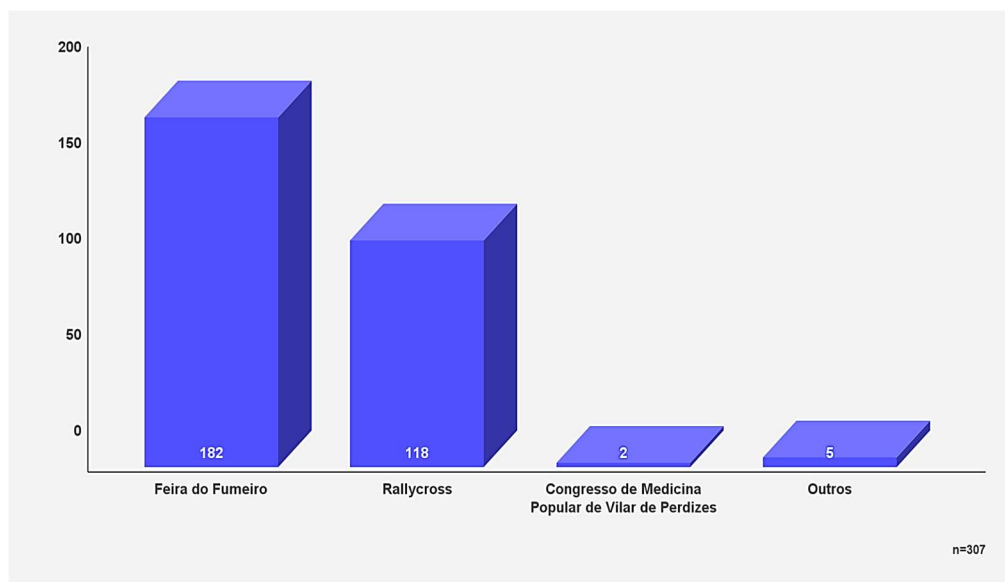


Figura 103- Outros eventos que pretende visitar no concelho de Montalegre, Sexta-Feira 13.
Fonte: Inquéritos próprios, dezembro de 2024

Correspondendo a eventos já consolidados em Montalegre, ainda assim, quando se questionam os visitantes sobre outros eventos que os motivasse a regressar a Montalegre, para além de referirem a participação noutra sexta-feira 13 (Fig.103), acrescentaram a Feira do Fumeiro, embora com menor representatividade, e outros eventos como o Congresso de Medicina Popular de Vilar de Perdizes, ou outros. São novas experiências que motivam estes visitantes a deslocarem-se a Montalegre e a afastarem-se do bulício, do *stress* citadino. Desta forma, se nos basearmos nos 307 visitantes

inquiridos que responderam a esta questão, 182 pretendem visitar também a Feira do Fumeiro, enquanto 118 referem o *Rallycross*.

Em síntese, se nos reportarmos ao “Dia das Bruxas” que, em 2024, englobou dois eventos, concretizando o primeiro em setembro, mas envolto num tempo muito apelativo, de verão, enquanto o segundo se efetuou nas vésperas da época natalícia e sob um tempo gélido, não obstante, a aderência a este evento místico-lúdico é indiscutível, como sucedeu sobretudo em setembro.

Toda a família adere, se bem que sejam os ativos com idades compreendidas entre os 24 e os 64 anos os mais entusiastas, mas logo acompanhados pelos mais idosos quando as condições climatéricas não desaconselham. Nestas circunstâncias, embora seja toda a família que se desloca a Montalegre, prolongando um pouco mais a sua estada no município em setembro, coincidente com a maior participação dos idosos reformados, em dezembro estes inibem-se mais, prevenindo-se contra eventuais reflexos na sua saúde. Ainda assim, os mais reincidentes são os que se aventuraram em dezembro, apostando mais nos transportes turísticos e, obviamente, nas viaturas próprias, quer automóveis, quer autocaravanas.

Em qualquer das circunstâncias, o apelo de Montalegre é elevado, pois uma percentagem muito significativa conhecia outros eventos que se concretizam no concelho, ainda que com o destaque indesmentível da “Feira do Fumeiro e do Presunto”, na qual muitos já participaram e pretendem continuar, dada a excelência dos produtos autóctones.

O retorno social e económico destes eventos está comprovado.

Sugestões:

- perante as condições climatéricas, caso houvesse disponibilidade, gostariam de pernoitar em Montalegre, evitando as estradas congestionadas e perigosas no inverno (apesar da proximidade da época natalícia e gastos associados);
- condições sanitárias mais favoráveis;
- maior diversidade de alimentos e bebidas.

Em síntese, uma repetição das apresentadas em setembro.

3.2.2 – Perfil sociocultural e perceção da população local sobre o evento

a) Perfil sociocultural dos residentes

No ano de 2024 Montalegre acolheu outro “Dia das Bruxas” em dezembro, como já referimos. Inquiridos os residentes, a principal ilação é a aprovação deste evento, pois dinamiza, de facto, o concelho, se bem que sobretudo a vila. A sede concelhia renasce, envolta em misticismo e decoração condizente, para além de música.

Relativamente ao perfil socioeconómico dos inquiridos em dezembro, repete-se o domínio da população feminina (Tabela 34), assim como os grupos etários dominantes. Na realidade, 65,77% dos inquiridos ultrapassavam os 45 anos de idade, dos quais 28,83% os 65 anos (Tabela 35)

Tabela 34- População residente por género, Sexta Feira 13- dezembro 2024.

Género	N.º de Pessoas	Percentagem
Feminino	66	59,46%
Masculino	45	40,54%
Total	111	100%

Fonte: Inquéritos próprios, dezembro 2024

Tabela 35 - População residente por grupo etário, Sexta Feira 13- dezembro 2024.

Grupo etário	N.º de Pessoas	Percentagem
18 a 24 anos	10	9,01%
25 a 44 anos	28	25,23%
45 a 64 anos	41	36,94%
65 anos ou mais	32	28,83%
Total	111	100%

Fonte: Inquéritos próprios, dezembro 2024

Quando analisamos a situação profissional daqueles residentes que responderam ao inquérito, constatamos que em dezembro, apesar das baixas temperaturas, o resultado é similar ao observado em setembro. A única diferença a registar aponta para uma maior representação dos reformados (Tabela 36). Não obstante, os restantes grupos (desempregados e estudantes), agregavam apenas 16 pessoas (14,41%).

Tabela 36- População residente por situação profissional, Sexta Feira 13- dezembro 2024.

Situação profissional	N.º de Pessoas	Percentagem
Desempregado	11	9,91%
Empregado	66	59,46%
Estudante	5	4,50%
Reformado	29	26,13%
Total	111	100%

Fonte: Inquéritos próprios, dezembro 2024

Idênticas ilações se extraem no que concerne à dimensão do agregado familiar, já que dominam os agregados com 2 a 4 membros, mas com o destaque de 2 (36,04%). Este grupo de reduzidas dimensões, constituído sobretudo por idosos, atingia 81,08% do total (Tabela 37). A situação é preocupante, pois retrata uma realidade débil. Recorde-se que se houvesse hipóteses de efetuar inquéritos nas freguesias de cariz rural profundo, os resultados seriam ainda mais inquietantes.

Tabela 37- Número de pessoas em alojamento por agregado familiar, Sexta Feira 13- dezembro 2024.

N.º de Pessoas por Alojamento	Agregados Familiares	Percentagem
0	1	0,90%
1	13	11,71%
2	40	36,04%
3	24	21,62%
4	26	23,42%
5	7	6,31%
6	0	0,00%
7	0	0,00%
8	0	0,00%
Total	111	100%

Fonte: Inquéritos próprios, dezembro 2024

Por fim, também a dispersão territorial dos inquiridos foi abordada. Embora mais significativa do que a observada em setembro, evidencia a ascendência daqueles que residem na freguesia sede do concelho, seguida de Chã (Tabela 38) freguesia contígua com algum dinamismo, nomeadamente em termos de alojamento.

Tabela 38 - Residentes no concelho de Montalegre por freguesia, Sexta Feira 13- dezembro 2024.

Freguesia de Residência	N.º de Pessoas	Percentagem
Chã	18	16,22%
Montalegre e Padroso	63	56,76%
Morgade	0	0,00%
Cambeses do Rio, Donões e Mourilhe	4	3,60%
Meixedo e Padornelos	6	5,40%
Salto	2	1,80%
Cabril	5	4,51%
Viade de Baixo e Fervidelas	2	1,80%
Negrões	1	0,90%
Vilar de Perdizes e Meixide	1	0,90%
Gralhas	0	0,00%
Outeiro	0	0,00%
Cervos	1	0,90%
Sezelhe e Covelães	0	0,00%
Boticas	0	0,00%
Paradela, Contim e Fiães	1	0,90%
Pitões das Júnias	0	0,00%
Sarraquinhos	0	0,00%
Não responderam	7	6,31%
Total	111	100%

Fonte: Inquéritos próprios, dezembro 2024

b) Percepção sobre o evento e seus impactes

Neste âmbito, tal como em setembro, dominam os elogios, a classificação de “excelente”, pois o “Dia das Bruxas” proporciona um maior dinamismo social e económico, sobretudo na vila. Realçam a boa organização, as campanhas de marketing eficazes, o que, inegavelmente, favorece o turismo, “um interregno no vazio habitual da vila”. Contudo, embora ocasionais, surgem críticas similares às antes apontadas, designadamente o ruído, a sujidade e questões sanitárias.

Sugestões:

- criar condições para cativar mais as pessoas das restantes freguesias, sobretudo das mais periféricas;

- aumentar o número de parques de estacionamento;

- logística (mais sanitários e caixotes do lixo);

- aumentar a animação cultural e lúdica durante a tarde do dia 13, mas, sobretudo, durante o fim de semana;

- como era inverno, as fogueiras não só amenizavam o ambiente, como criaram “sub-núcleos” de animação onde deveriam ser colocados ecrãs gigantes;

- criar condições para divulgar os produtos endógenos;

- criar outros eventos similares;

-obviamente, mais alojamentos e alimentação mais diversificada (barraquinhas).

4- Feira do Fumeiro e do Presunto

Relatório: Feira do Fumeiro e do Presunto

23 a 26 de janeiro de 2025, Montalegre

Tamanho da população (contabilizados): 41 747

Nível de confiança: 95%

Margem de erro: 5%

Tamanho mínimo da amostra: 381*

Respostas obtidas: 739

* Para calcular o tamanho mínimo de uma amostra de uma população finita (a inquirir), utilizou-se a seguinte fórmula estatística:

$$n = (N * z^2 * p * (1 - p)) / ((e^2 * (N - 1)) + (z^2 * p * (1 - p)))$$

Onde:

- n = tamanho da amostra (o valor a ser calculado)
- N = tamanho da população (finita)
- z = valor crítico da distribuição normal padrão (1,96 para 95% de confiança)
- p = proporção estimada da população com a característica de interesse (0,5 se desconhecida)
- e = margem de erro tolerada (por exemplo, 0,05 para 5%)

Fonte: Triola, M. F. (2017). Introdução à Estatística (12ª ed.). Pearson Education.

$$n = (N * z^2 * p * (1 - p)) / ((e^2 * (N - 1)) + (z^2 * p * (1 - p)))$$

Onde:

- n = tamanho da amostra (o valor a ser calculado)
- N = tamanho da população (finita)
- z = valor crítico da distribuição normal padrão (1,96 para 95% de confiança)
- p = proporção estimada da população com a característica de interesse (0,5 se desconhecida)
- e = margem de erro tolerada (por exemplo, 0,05 para 5%)

**Para calcular o tamanho mínimo de uma amostra de uma população finita (a inquirir), utilizou-se a seguinte fórmula estatística:

$$n = (N * z^2 * p * (1 - p)) / ((e^2 * (N - 1)) + (z^2 * p * (1 - p)))$$

Onde:

- n = tamanho da amostra (o valor a ser calculado)
- N = tamanho da população (finita)
- z = valor crítico da distribuição normal padrão (1,96 para 95% de confiança)
- p = proporção estimada da população com a característica de interesse (0,5 se desconhecida)
- e = margem de erro tolerada (por exemplo, 0,05 para 5%)

Fonte: Triola, M. F. (2017). Introdução à Estatística (12ª ed.). Pearson Education.

Na sua 34ª edição, a “Feira do Fumeiro e do Presunto de Montalegre” concretizou-se entre 23 e 26 de janeiro de 2025 no Parque de Exposições e Feiras de Montalegre (Pavilhão Multiusos), divulgando os seus enchidos típicos, tradicionais. Inaugurada em 1992 noutras instalações, é na atualidade uma organização conjunta da Câmara Municipal de Montalegre e da Associação de Produtores de Fumeiro da Terra Fria Barrosã.

Depois da resistência inicial dos produtores, a primeira edição contou com 35 expositores, vendendo 1226 Kg de uma produção específica, familiar, tendo por base raças autóctones de suínos, como a bísara, ou esta raça cruzada com outras de modo a aumentarem a qualidade e a quantidade de enchidos e de presuntos.

Dadas as especificidades organolépticas reconhecidas, a venda dos produtos tem crescido exponencialmente, sobretudo desde que a Feira se instalou no Pavilhão Multiusos, em 2016. A cada produtor é atribuída uma “barraquinha” onde expõe e vende os seus produtos, estando identificado o produtor e a localização da sua exploração agrícola (freguesia).

Na sequência desta opção estratégica conjunta por parte da Câmara Municipal e da Associação de Produtores de Enchidos da Terra Fria Barrosã, instituiu-se uma gestão, apoio técnico e controlo colaborativos que acompanham o produtor desde a criação dos animais até à produção do fumeiro.

Existem, porém, problemas que se acentuam como verificamos já, nomeadamente o decorrente do envelhecimento do produtor e a dificuldade na retenção dos mais jovens. Não obstante, surgem iniciativas no sentido de os cativar e fidelizar, apostando em técnicas e mecanização moderna. Neste sentido, as tradicionais cozinhas barrosãs, estão hoje a ser substituídas por cozinhas de produção, por vezes construídas com o recurso a fundos comunitários, ou outros.

Vamos, pois, avaliar o perfil sociocultural do visitante da “Rainha do Fumeiro”, bem como a sua perceção sobre o evento. Obtivemos 739 respostas ao inquérito.

4.1- Perfil dos visitantes e a sua perceção sobre o evento

a) Origem dos visitantes

Um dos aspetos a destacar relaciona-se com a origem territorial dos visitantes, pois permite-nos perceber a área de influência do evento. É importante começar por referir que dos 739 visitantes que visitaram a Feira do Fumeiro de Montalegre, 693 residem em Portugal (93,8%), enquanto 46 são originários de vários países, maioritariamente europeus. Através da análise da Fig. 104, constatamos que a maioria dos estrangeiros que visitam a Feira, 21 provêm de França, enquanto do país vizinho apenas acolhemos 11. Dos restantes, refira-se a Suíça (3), para além de outros com 1 ou 2 representantes (Reino Unido, Luxemburgo, Alemanha ou Itália). Os sobejantes, com 1 ou 2 representantes, eram originários dos Estados Unidos ou do Brasil. Estamos perante elementos que se integram, na generalidade dos casos, na diáspora de Montalegre.

Se limitarmos a nossa análise aos visitantes portugueses, constatamos que as regiões com maior representatividade implantam-se no Norte de Portugal e, muito particularmente, no NW (Fig. 104). É o caso de Braga com 217 visitantes, seguindo-se a Área Metropolitana do Porto com 188 visitantes e, por fim, Vila Real com 127 visitantes. Estas três regiões abrangem um total de mais de 500 visitantes, ou seja, 71% do total. Integram-se neste grupo os representantes dos principais núcleos urbanos, como Braga, Guimarães, Barcelos, Vila Nova de Famalicão, ou mesmo Viana do Castelo, Ponte de Lima ou Bragança. De referência obrigatória é também Chaves, mas não os concelhos limítrofes de Montalegre que têm as respetivas feiras do fumeiro, ou mesmo de Trás-os-Montes onde se implantam outras feiras do fumeiro também renomadas. Felizmente existe uma calendarização que minimiza as sobreposições.

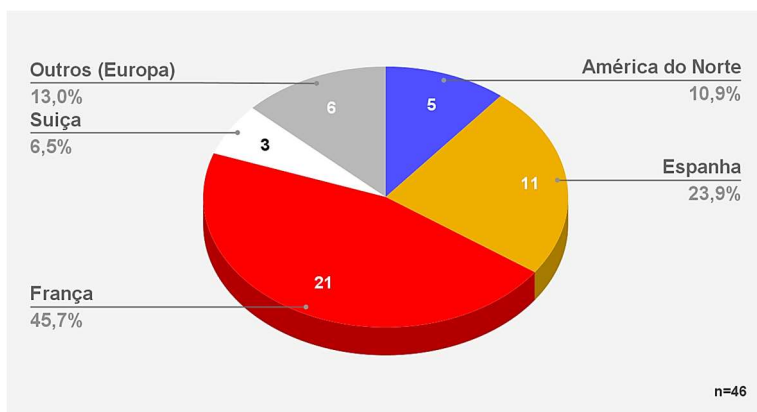


Figura 103 - Origem dos Visitantes internacionais da Feira do Fumeiro (%).
 Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

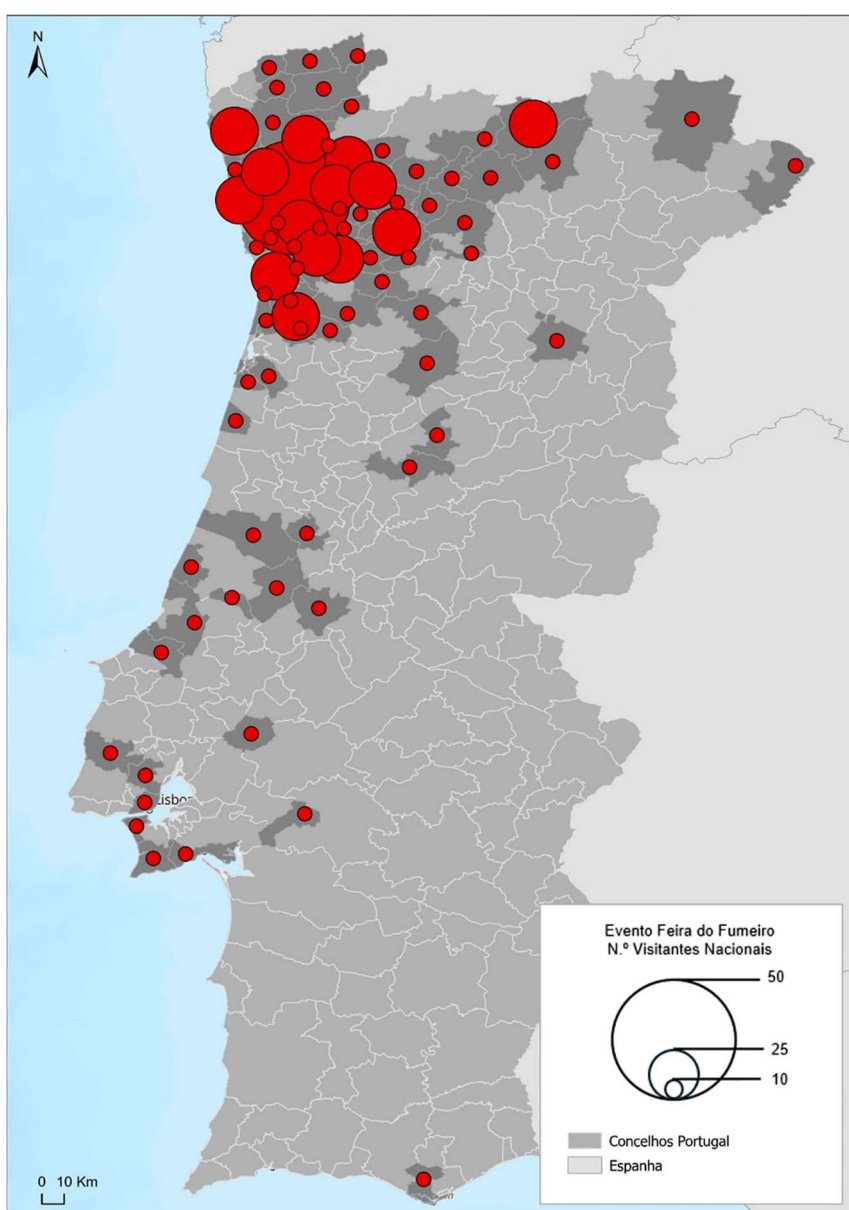


Figura 104- Origem dos Visitantes da Feira do Fumeiro, por local de residência.
 Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Reportando-nos à região centro, destaque-se Coimbra, Viseu ou Leiria e concelhos limítrofes destes núcleos urbanos, ou Lisboa e Vale do Tejo (Lisboa, Sintra, Setúbal, ainda que com valores pouco significativos, inferiores a 6 a Área Metropolitana. Sobejam apenas Santarém e Faro com 2 elementos, e 4 provenientes da Madeira.

Em suma, dada a concorrência existente com outras regiões produtoras contíguas, ainda que com enchidos que apresentam características organolépticas distintas, mas também de elevada qualidade, verificamos que os frequentadores da Feira do Fumeiro e do Presunto de Montalegre, se concentram bastante no NW e na Área Metropolitana do Porto. No entanto, a “Rainha do Fumeiro”, progressivamente, amplia a sua área de influência (Fig. 104).

b) Perfil sociocultural do visitante: género, grupo etário e ocupação laboral

Dos visitantes inquiridos na Feira do Fumeiro, 446 são do sexo feminino (Tabela 39), o que representa 60,4% do total, demonstrativo do interesse das mulheres, tradicionalmente consideradas as responsáveis pela cozinha e, conseqüentemente, possuidoras de mais conhecimentos para fazerem a opção correta numa eventual compra de produtos existentes na Feira.

Tabela 39 - Visitantes Feira do Fumeiro, por género (%).

Género	N.º de Visitantes	Percentagem
Feminino	446	60,4%
Masculino	293	39,6%
Total	739	100,0%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Por outro lado, se associarmos à informação anterior a distribuição dos visitantes de acordo com o grupo etário em que se inserem (Fig. 105), verificamos que a maioria possui 45 a 64 anos (37,1%), enquanto o grupo etário dos mais idosos abrange 233, valor muito próximo do anterior, equivalente a 31,5% do total,. Na realidade, estamos perante uma população feminina e tendencialmente idosa que preserva as tradições e busca os produtos autóctones, tradicionais, totalizando 68% da amostra.

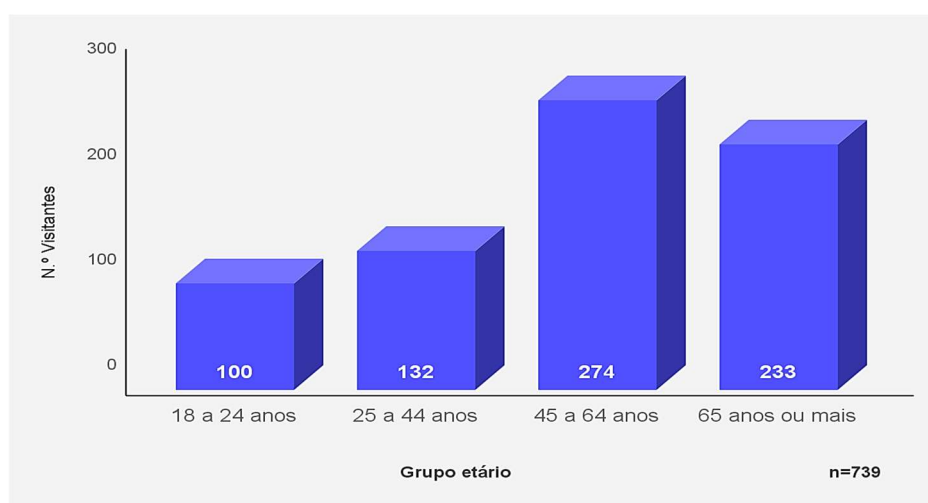


Figura 105 - Visitantes da Feira do Fumeiro, por grupo etário.

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Os jovens com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos, correspondem à faixa com menor significado (apenas 100), o que pode indicar um reduzido interesse por parte deste grupo etário na participação na feira, se bem que participem em atividades lúdicas noturnas.

Neste âmbito, será importante referir que esta Feira decorreu sob um temporal que afastou grande número daqueles que se deslocam habitualmente, em família, em viatura própria, enquanto aqueles que recorreram ao autocarro turístico, cujas reservas tinham sido feitas com bastante antecedência, não desistiram.

Outro aspeto a evidenciar relaciona-se com o estatuto laboral dos visitantes (Figs. 106 e 107). Em concordância com o referido anteriormente, percebemos que quase metade dos inquiridos se encontra empregada, representando 49,4%, enquanto os reformados abarcavam 34,8%. Efetivamente, estamos perante um público que se desloca à Feira não apenas como visitantes, mas também para adquirirem os produtos de qualidade. Aliás, uma percentagem significativa, sabia o feirante a abordar para fazer as suas compras, pois já era conhecido de certames anteriores. Outra alternativa relaciona-se com a existência de raízes familiares em Montalegre, conhecendo bem os vendedores. Assim se cria uma fidelização que urge continuar e aprofundar-se.

Apenas 5% dos visitantes se encontravam desempregados, enquanto os estudantes totalizavam 10,8%.

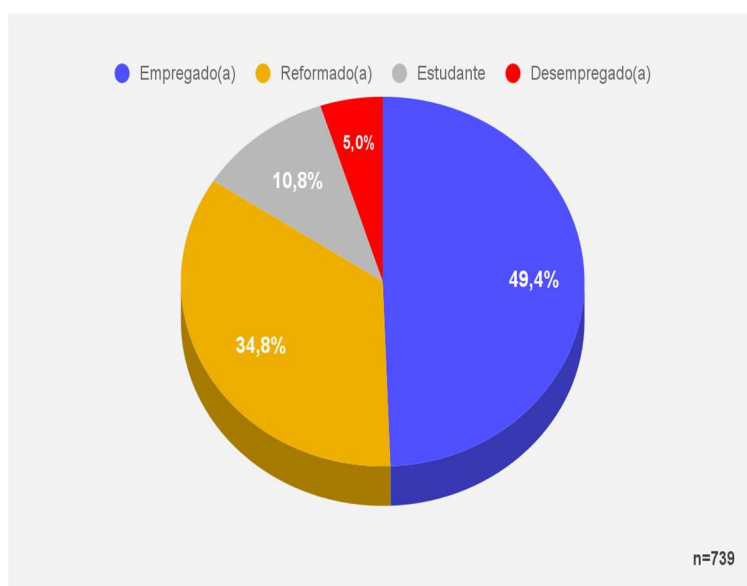


Figura 106 - Visitantes da Feira do Fumeiro, por ocupação laboral.

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Relativamente ao setor de atividade dos visitantes da Feira do Fumeiro, predominam de forma irrefutável aqueles que exercem a sua atividade laboral no setor terciário (84,4%), sobejando para os restantes setores valores pouco significativos. Repare-se que os que exercem a sua atividade no setor secundário corresponde a 13,7% dos inquiridos, enquanto apenas 1,9% estavam adstritos ao setor primário (Fig. 107). Estes dados indicam que o evento atrai, maioritariamente, indivíduos ligados aos serviços, comércio e atividades profissionais urbanas, o que pode refletir o perfil socioeconómico dos visitantes, com conhecimentos e algum poder económico. Tal propulsiona um dinamismo inegável na região. Aliando a qualidade ao perfil do visitante e ao seu poder económico, facilmente

compreendemos que, no último dia do evento, múltiplos stands se encontrassem quase desprovidos de fumeiro para venda.

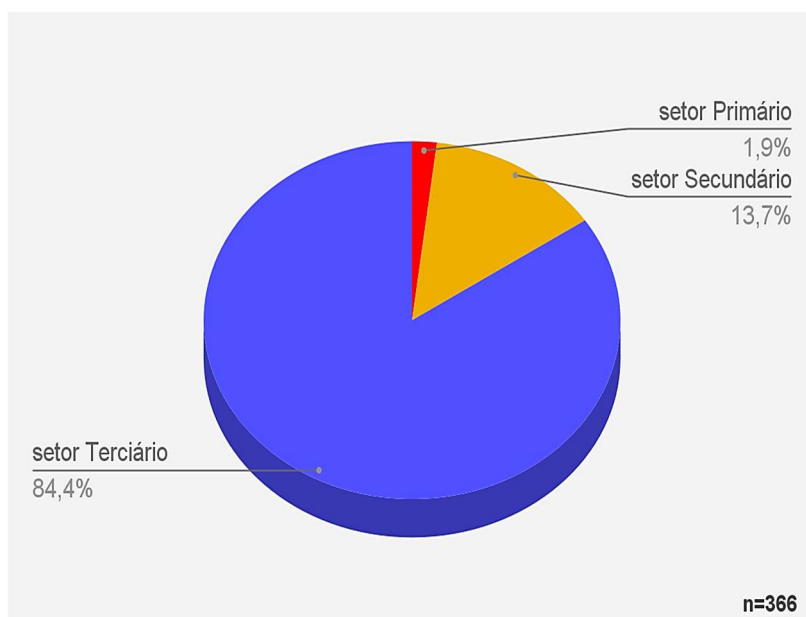


Figura 107- Visitantes Feira do Fumeiro, por setor de atividade.
Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

c) Deslocação a Montalegre e duração da sua permanência no concelho – a importância do AL e outras modalidades de alojamento

Dado que a produção de fumeiro é tradicional no concelho, como constatamos através dos inquéritos aplicados aos produtores/expositores, não é de estranhar que 656 (88,8%) dos visitantes residam fora do Município de Montalegre. No entanto, 83 são residentes, dos quais 27 na sede concelhia, onde se realiza o evento (Fig. 108). No entanto, é provável que estes se tenham deslocado sobretudo por questões de sociabilidade ou lúdicas.

Os restantes visitantes que residem no concelho, moram nas freguesias próximas (Fig. 108), como sucede com Chã (9 respostas), Ferral/Gralhas, Viade de Baixo e Fervidelas com 6 respostas cada. Possuem também acessos rodoviários confortáveis. Os restantes, ou produzem para autoconsumo, ou adquirem fora do certame, dado que, provavelmente, convivem com os produtores.

Como a Fig. 109 é muito explícita, 525 visitantes apenas permanecem no recinto o tempo suficiente para percorrerem todo o certame e fazer as suas aquisições já habituais. Nestas circunstâncias, apenas 6,7%, ou seja, 44 pessoas, ficaram um dia e 9,8% entre 2 a 3 dias (64), sendo este o segundo grupo mais representativo.

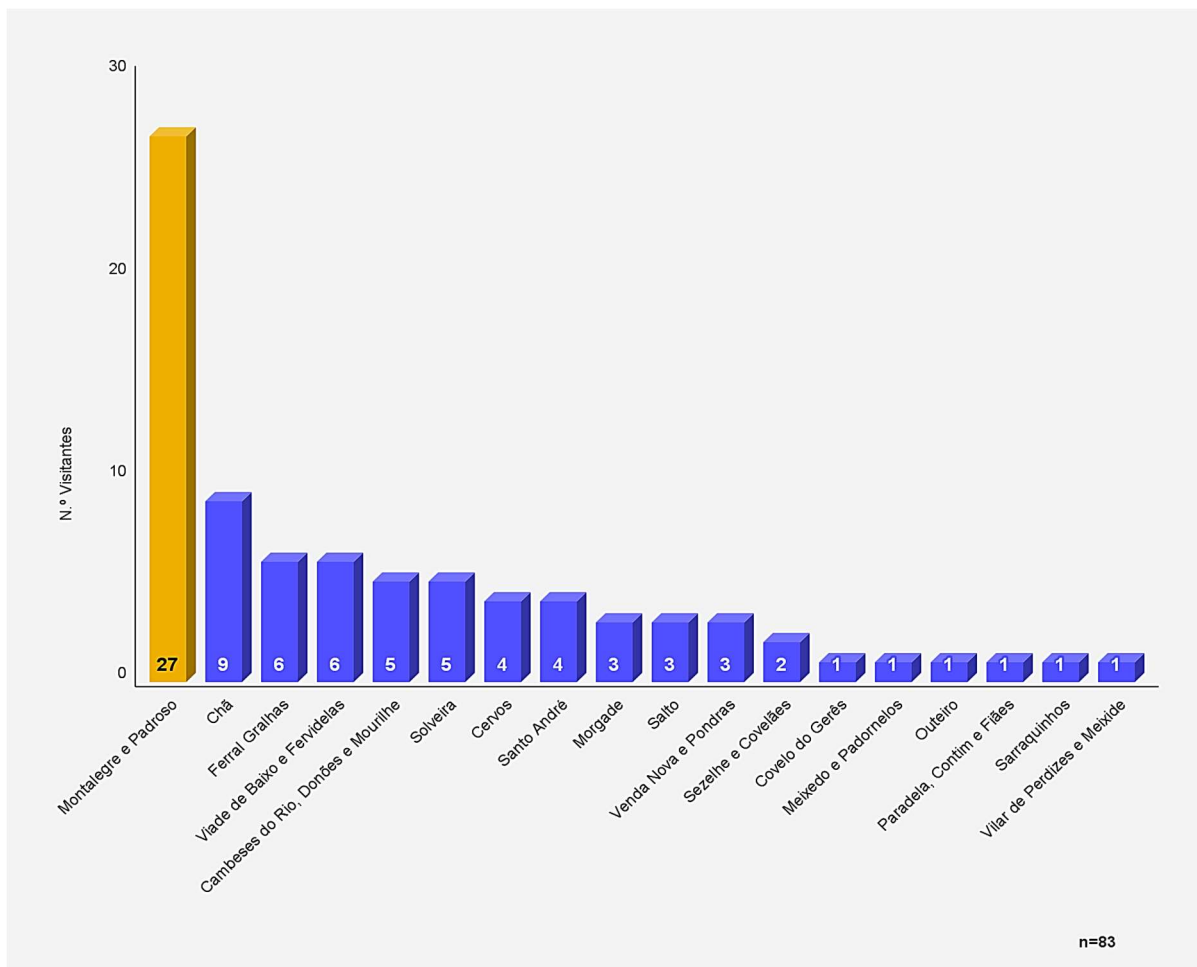


Figura 108 - Visitantes Feira do Fumeiro, residentes no concelho de Montalegre, por freguesia.
 Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

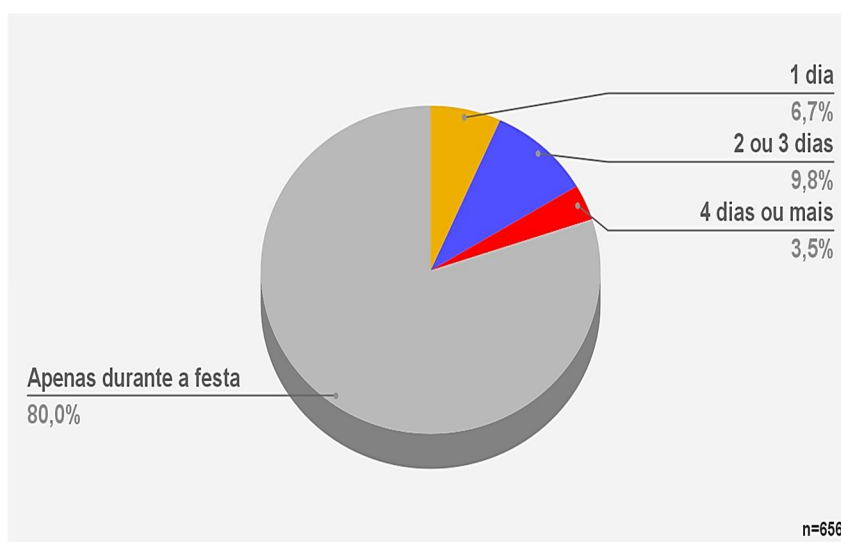


Figura 109 - Visitantes Feira do Fumeiro, por duração da visita.
 Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

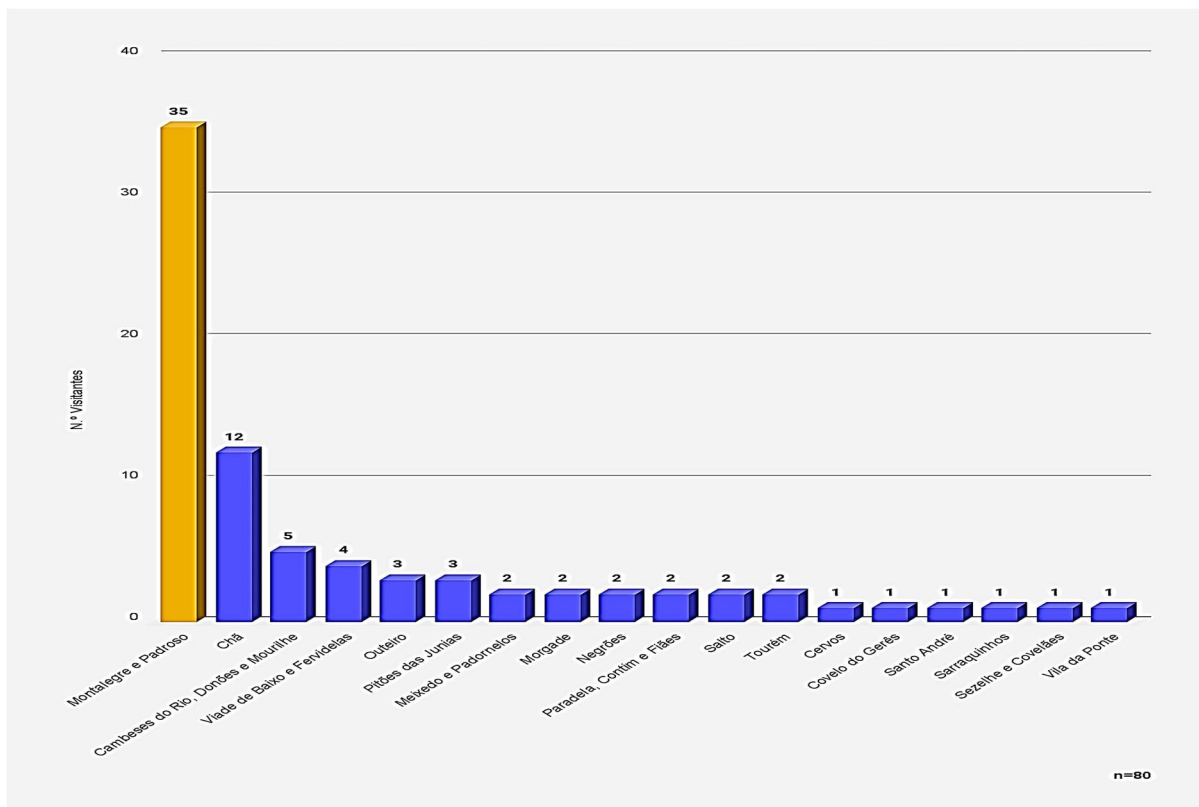


Figura 110- Visitantes Feira do Fumeiro, por freguesia de hospedagem no concelho de Montalegre. Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Uma estadia mais prolongada é ocasional e, aproveitando nesta época do ano, sobretudo o fim de semana, para visitar os amigos e parentes ou para conhecerem um pouco mais do património montalegrense. Naturalmente, apenas 80 pernoveram no município (Fig. 110) e, dada a maior oferta disponível e a proximidade ao Pavilhão onde decorre o certame, instalam-se na sede concelhia (35), seguindo-se Chãs, freguesia contígua. Os restantes visitantes que não regressaram ao seu domicílio, pernoveram em concelhos contíguos, sobretudo em Chaves e Boticas (Fig. 111). Assim se realça a necessidade de maior oferta de alojamento local durante o evento, fortalecendo a economia local também nesta vertente. Aliás, a informação obtida confirma ainda que, embora Montalegre concentre a maior parte da procura dos alojamentos neste período, os concelhos circundantes também beneficiam do fluxo turístico gerado pelo evento, evidenciando um impacto regional positivo.



Figura 111 - Visitantes Feira do Fumeiro, por concelho de hospedagem. Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025.

Aliás, outro aspeto a destacar relaciona-se com a eficácia do evento na atração de novos públicos, com forte adesão de participantes recorrentes e uma boa capacidade de renovação do público. Efetivamente, cerca de 71,3% dos visitantes já estiveram na Feira do Fumeiro pelo menos três vezes,

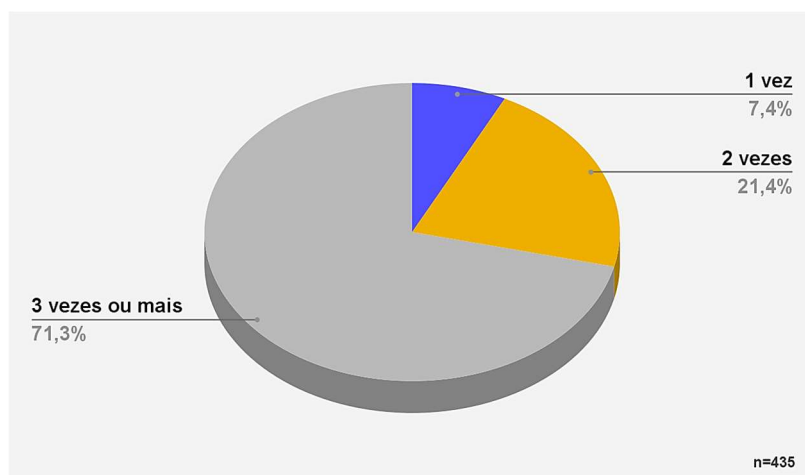


Figura 112 - Visitas ao evento Feira do Fumeiro, por visitante.
Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

o que pode indicar um elevado grau de satisfação com o evento e a qualidade dos seus produtos. Além disso, 21,4% visitaram a feira pela segunda vez e somente 7,4% participaram pela primeira vez, induzidos por familiares e amigos. Aliás, somando o número de visitantes que estiveram na feira duas vezes ou mais, abarcamos mais de 92%, dos visitantes, demonstrando que o evento não atrai apenas novos públicos, mas também fidelizar os seus visitantes ao longo do tempo. Aliás, para facilitar essa fidelização e a memória visual dos aquisitores, na generalidade dos casos, cada expositor conserva o número e a barraquinha ao longos anos.

No que se relaciona com os meios de transporte utilizados para se deslocarem à Feira do Fumeiro (Fig. 113), é inegável a predominância do veículo individual, com 482 visitantes a deslocarem-se de carro para o evento. Em segundo lugar, surge o autocarro turístico utilizado por 229 visitantes, representando uma alternativa coletiva relevante e em crescendo. Apenas 28 pessoas chegaram a pé, ou utilizaram outros meios. Faziam-se acompanhar por familiares e/ou amigos (513 visitantes, 69,5%), seguindo-se os grupos turísticos que agregavam 212 respostas (28,7%). As outras alternativas eram irrelevantes (Tabela 40).

Tabela 40- Em que circunstância se deslocou à Feira do Fumeiro.

Em que grupo se integra?	N.º de Visitantes	Percentagem
Grupo de familiares/amigos	513	69.5%
Grupos turísticos	212	28.7%
Grupos empresariais	8	1.1%
Sozinho	3	0.4%
Comissão de festas Santiago de modelo passos de Ferreira	1	0.1%
Grupo de trabalho	1	0.1%
Total	738	100.0%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

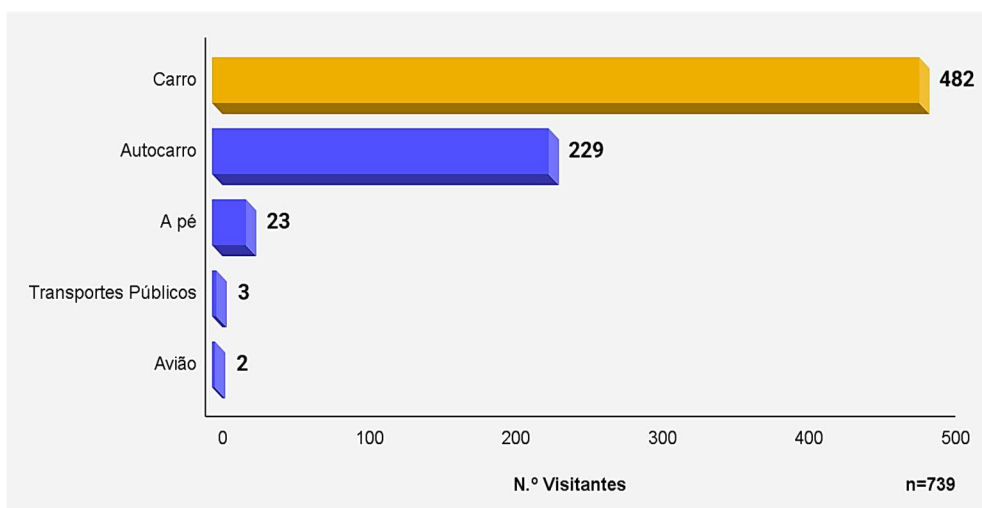


Figura 113- Meio de deslocação utilizado para chegar à Feira do Fumeiro.
Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Para além das campanhas de divulgação do evento e o marketing associado, o “contágio” entre amigos e familiares, potencializa este evento.

d) Refeições e outros dispêndios

Outro aspeto muito relevante para o município, correspondendo, aliás, a um dos setores muito favorecido neste período (conjuntamente com o alojamento), relaciona-se com o setor dos restaurantes (Tabela 41). Das opções disponibilizadas no inquérito, constatou-se que a maioria dos participantes realizaram as suas refeições em restaurantes fora do espaço destinado ao evento, totalizando 49,1%. Em lugar imediato surgem aqueles que tomaram a sua refeição em instalações localizadas no recinto (34,0%), o que totaliza 83,1%, o dobro daqueles que ingeriram alimentos confeccionados no seu domicílio. Os restantes casos são residuais.

Tabela 41 - Local onde fez as refeições na visita à Feira do Fumeiro.

Onde efetuou as refeições?	N.º de Visitantes	Percentagem
Em restaurante fora do evento	363	49.1%
Em restaurante do evento	251	34.0%
Refeição própria	112	15.2%
No alojamento	12	1.6%
Sem refeição	1	0.1%
Total	739	100.0%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Estamos, de facto, perante um evento turístico e económico de grande impacto em Montalegre impulsionador da economia local e regional. Neste contexto, uma questão imprescindível, relaciona-se com os dispêndios financeiros efetuados nesta deslocação pelos visitantes. E, confirma-se: o seu impacto em Montalegre é inquestionável, como se percebe através da Fig. 13. Em termos médios, cada visitante inquirido gastou 76,3€, sendo que 48,3% gastou em média menos de 50€ e 30,4% entre 51€ a 100€. No grupo dos remanescentes, o gasto médio ronda os 195€. Neste contexto, o retorno financeiro para Montalegre e áreas circundantes, aproxima-se dos **3,2 milhões de Euros**. Estamos

perante um evento cujo retorno para o município é indiscutível, fundamentando a continuidade da “Feira do Fumeiro e do Presunto”. Aliás, esta é a perspetiva de todos, visitantes, expositores e residentes, como constataremos de seguida.

E, tal como sucedeu nos outros eventos analisados neste relatório, os visitantes também foram questionados sobre a hipótese de frequentar outro evento que se concretize em Montalegre. E, pela primeira vez, verificou-se uma grande dualidade. De facto, das 739 respostas obtidas, 379 (51,3%) afirmaram que pretendem participar em futuros eventos no concelho, enquanto 360 (48,7%) indicaram não ter essa intenção. Este equilíbrio nas respostas demonstra a importância de consolidar estratégias que favoreçam a fidelização dos visitantes e a valorização da oferta cultural e turística local. Repare-se que das 739 respostas, 379 responderam que pretendem participar em mais eventos concretizados no concelho, enquanto 360 responderam de forma negativa. Ainda assim, das 545 respostas obtidas para esta questão (211 não se pronunciaram), os eventos mais atrativos foram destacadamente, a *Sexta-feira 13*, com um total de 344 referências, seguida pelo *Rallycross*, com 154 indicações, e pelo *Congresso de Medicina Popular*, com 35. Além destes, foram ainda mencionados ocasionalmente outros eventos como a *Feira da Vila*, a *Feira de São Miguel* e o *Festival de Música Eletrónica*, que obtiveram um número reduzido de votos (1 a 5).

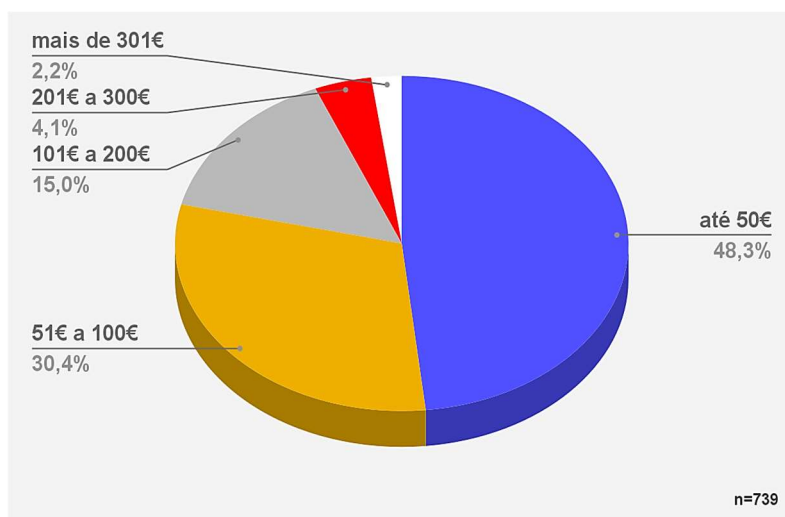


Figura 114 - Gasto médio por visitante durante a Feira do Fumeiro.
Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025.

Em síntese, após a breve análise dos resultados apurados através dos inquéritos aplicados aos visitantes dos eventos emblemáticos de Montalegre, concluímos que todos eles são importantes estrategicamente para o desenvolvimento deste território. Todavia, o menos valorizado pelos montalegrenses é o *Rallycross*.

No que se refere às sextas-feiras 13, o evento que todas as entidades inquiridas dão a primazia pelos seus impactes socioeconómicos relevantes, apresenta um grau de abrangência territorial que já ultrapassa o NW de Portugal, “alastrando” progressivamente a todo o Norte e Centro do país. Atrai, sobretudo, famílias citadinas, mas com raízes no mundo rural, apresentando algumas dissemelhanças no perfil sociocultural dos visitantes de acordo com a época do ano em que se concretiza o evento.

Apesar da recetividade confirmada pelos diversos intervenientes no desenvolvimento local, as sextas-feira 13 são, no entanto, um pouco secundarizadas pelas populações residentes nas freguesias onde o grau de ruralidade é maior, dado o declínio demográfico indissociável do envelhecimento estrutural

dos residentes. Mais conservadores, mas, sobretudo, debilitados, por vezes consideram este evento um desvirtuar da ideia inicial, realçando negativamente a “poluição sonora” que ecoa pelos vales. Apesar disso, as sextas-feiras 13 são aguardadas ansiosamente por todos, reinventando-se constantemente, única forma de oferecer atrativos permanentes, inovações constantes aos visitantes. Tal proporciona que a sua ascensão seja inquestionável. Registe-se que os setores de atividade mais favorecidos são a restauração e similares, para além do alojamento, sempre esgotados nestes períodos.

Apesar da persistência da vertente mística, progressivamente a lúdica impera, apoiando-se a edilidade camarária em grupos locais, nomeadamente os musicais, mas, sobretudo, em equipas especializadas exteriores ao município. O êxito desta estratégia tem sido real, mas observada com algumas reservas, até porque também favorece primordialmente a sede concelhia, o núcleo histórico.

Em relação à “Feira do Fumeiro e do Presunto de Montalegre”, trata-se do evento mais agregador dos diversos agentes locais, incluindo os produtores e a população autóctone, quer resida na sede concelhia, quer nas freguesias menos privilegiadas a debaterem-se com desafios de sobrevivência. Na verdade, este evento é o mais polarizador. Inseparável da produção e divulgação do icónico fumeiro tradicional que estava em declínio, com formação e os apoios técnicos, financeiros e sanitários disponibilizados, sob a égide da Câmara Municipal e da Associação dos Produtores de Fumeiro das Terras Frias Barrosãs, renasceu e reconverteu-se.

A qualidade e a conjugação de esforços da população autóctone e do poder político, visível a diversos níveis, para além da intervenção dos principais *stakeholders* e a anuência explícita dos produtores, proporciona que Montalegre reúna todas as potencialidades para se revitalizar e desenvolver. Todavia, há que observar os impactes da sazonalidade, pois constitui um obstáculo a ultrapassar, já que dificulta a aplicação de investimentos necessários para a resolução destes desafios. Efetivamente, há que diversificar o quadro económico local, numa perspetiva inclusiva, inovadora e dinâmica.

Em suma, para uma revitalização sustentável de Montalegre urge criar novas oportunidades, pois as potencialidades endógenas são múltiplas e polifacetadas. Podendo ter como sustentáculo de base o turismo ou não, as estratégias a implementar terão de ser sustentáveis, agregadoras e inclusivas, congregando todos os agentes locais, sem descurar os idosos.

Obviamente que o poder autárquico é primordial. Mas, para tal desiderato, é necessário estruturar estratégias inclusivas e inovadoras.

4.2- Perfil sociocultural e perceção da população local sobre o evento

a) Perfil sociocultural dos residentes

Por fim, reportemo-nos ao período em que se concretiza a “Feira do Fumeiro e do Presunto de Montalegre”, janeiro de 2025, inquirindo também sobre este evento os residentes.

Sob um forte temporal, como já referimos, concretizaram-se 63 inquéritos, no entanto, os resultados demonstraram, mais uma vez, o domínio do género feminino, se bem que menos pronunciado (Tabela 42). Por seu lado, a população residente inquirida com mais de 65 anos de idade, superou todas as expectativas, já que 66,67% dos inquiridos se enquadrava neste grupo etário (Tabela 43). Os fundamentos são diversos, ainda que similares aos já apresentados anteriormente.

Tabela 42- População residente por género, Feira do Fumeiro- janeiro 2025.

Género	N.º de Pessoas	Percentagem
Feminino	33	52,38%
Masculino	30	47,62%
Total	63	100%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro 2025

Tabela 43- População residente por grupo etário, Feira do Fumeiro- janeiro 2025.

Grupo etário	N.º de Pessoas	Percentagem
18 a 24 anos	0	0,00%
25 a 44 anos	5	7,94%
45 a 64 anos	16	25,40%
65 anos ou mais	42	66,67%
Total	63	100%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro 2025

Tabela 44- População residente por situação profissional, Feira do Fumeiro- Janeiro 2025.

Situação profissional	N.º de Pessoas	Percentagem
Desempregado	5	7,94%
Empregado	22	34,92%
Estudante	0	0,00%
Reformado	36	57,14%
Total	63	100%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro 2025

Tabela 45- Número de pessoas por agregado familiar, Feira do Fumeiro- Janeiro 2025.

N.º de Pessoas por Alojamento	Agregados Familiares	Percentagem
0	0	0,00%
1	6	9,52%
2	35	55,56%
3	9	14,29%
4	11	17,46%
5	2	3,17%
6	0	0,00%
7	0	0,00%
8	0	0,00%
Total	63	100%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro 2025

Por seu turno, quando analisamos a situação profissional dos inquiridos (Tabela 44), a usual ascendência dos empregados, da população ativa, na Feira do Fumeiro, foi largamente superada pelos reformados. A atração da Feira por parte dos mais idosos, sobretudo para rever amigos e familiares, é inquestionável, apesar do temporal que decorria no exterior. Entretanto, a dimensão do agregado

familiar antes observada repetia-se mais uma vez, dominando aqueles constituídos por 2 a 4 elementos (Tabela 45), deixando de pontuar os agregados de maior dimensão.

Outra hipótese explicativa ressalta quando se avalia a freguesia de residência dos inquiridos. Em janeiro, no período em que decorria a Feira do Fumeiro, deparamos com uma maior dispersão territorial dos inquiridos pelas diversas freguesias do concelho (Tabela 46). Ainda assim, 65% residiam na sede do município.

Tabela 46- Residentes no concelho de Montalegre por freguesia, Feira do Fumeiro- Janeiro 2025.

Freguesia de Residência	N.º de Pessoas	Percentagem
Chã	7	11,67%
Montalegre e Padroso	39	65,00%
Morgade	0	0,00%
Cambeses do Rio, Donões e Mourilhe	2	3,33%
Meixedo e Padornelos	2	3,33%
Salto	4	6,67%
Cabril	0	0,00%
Viade de Baixo e Fervidelas	0	0,00%
Negrões	1	1,67%
Vilar de Perdizes e Meixide	0	0,00%
Gralhas	1	1,67%
Outeiro	3	5,00%
Cervos	1	1,67%
Sezelhe e Covelães	0	0,00%
Boticas	0	0,00%
Paradela, Contim e Fiães	0	0,00%
Pitões das Júnias	0	0,00%
Sarraquinhos	0	0,00%
Total	60	100%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro 2025

b) Perceção sobre o evento e seus impactes

Resta analisar os comentários oferecidos pelos residentes durante o período da Feira. Mais uma vez, estamos perante o domínio indiscutível dos elogios, enfatizando que este evento tinha algo muito especial: envolvia toda a comunidade, proporcionando a revitalização da produção do fumeiro, único, e o seu escoamento em condições excepcionais. Com este evento, não é só a restauração e os alojamentos que beneficiam, mas todo o concelho, os produtores agrícolas e a população em geral.

Obviamente também referem os transtornos causados pelo trânsito e pelo ruído, mas muito ocasionalmente (4).

Sugestões:

- fiscalizar melhor o fumeiro;
- impulsionar a adesão dos jovens;

- ampliar a área destinada ao estacionamento;
- melhorar as condições sanitárias;
- disponibilizar condições no recinto, para a população idosa poder descansar um pouco.

5- CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

5.1 – Principais conclusões

O projeto MONTTUR permitiu desenvolver uma análise aprofundada sobre o concelho de Montalegre, centrando-se nas dinâmicas económicas com destaque para o turismo e nas estratégias de desenvolvimento sustentável em territórios rurais.

A caracterização territorial de Montalegre evidencia um conjunto de especificidades estruturais e desafios persistentes. Trata-se de um concelho com um vasto património natural e cultural, enquadrado num contexto geográfico montanhoso, de baixa densidade populacional e acessibilidades carentes de incremento. Estas características, embora constituam uma mais-valia do ponto de vista da autenticidade e do potencial turístico, estão também na origem de problemáticas estruturantes, como o despovoamento e o envelhecimento populacional.

Entre 2011 e 2021, Montalegre registou uma redução da população residente, atingindo a generalidade das freguesias do concelho. Esta tendência de declínio demográfico reflete-se numa diminuição acentuada dos grupos etários mais jovens e num aumento do índice de envelhecimento. Estes dados evidenciam uma perda progressiva de vitalidade social e económica, impondo a necessidade urgente de definição de políticas públicas e estratégias locais que possam mitigar tais efeitos.

No plano económico, Montalegre mantém uma forte ligação ao setor agro-silvo-pastoril, com um predomínio de explorações agrícolas familiares de pequena dimensão. A produção de suínos e a transformação artesanal do fumeiro continuam a ser pilares relevantes da economia local, sendo a Feira do Fumeiro e do Presunto um evento emblemático que contribui para o escoamento da produção e a valorização dos produtos locais. No entanto, a sustentabilidade destas atividades encontra-se comprometida pela escassez de sucessores, pela dependência de ciclos sazonais e pela necessidade de certificação e adaptação às exigências dos mercados contemporâneos.

Paralelamente, Montalegre apresenta uma oferta turística em crescimento, ancorada no seu património ambiental, cultural, arquitetónico e paisagístico. Os eventos locais, como o Rallycross, as Sextas-Feiras 13 e a Feira do Fumeiro e do Presunto, desempenham um papel central na dinamização económica e na captação de visitantes. A análise dos dados recolhidos junto dos visitantes e da população residente revela que estes eventos constituem importantes polos de atração regional, nacional e mesmo internacional, com impactos positivos diretos e indiretos em setores como a restauração e o alojamento local. No entanto, subsistem limitações estruturais à consolidação desta dinâmica, nomeadamente a reduzida oferta de alojamento e a concentração das receitas em curtos períodos do ano.

O Rallycross, por exemplo, atrai maioritariamente público jovem-adulto, predominantemente masculino e proveniente da região Norte, sendo composto essencialmente por trabalhadores ativos com capacidade financeira para suportar deslocações e estadias. No entanto, apenas cerca de um terço dos visitantes pernoita em Montalegre, evidenciando uma limitação clara da capacidade de alojamento local. A maior parte dos visitantes realiza as suas refeições no recinto do evento, embora haja também impacto nos estabelecimentos da sede concelhia e em municípios vizinhos. Estima-se que o volume de negócios gerado por este evento ultrapasse os 350 mil euros, o que confirma a sua relevância enquanto motor económico local.

A Sexta-Feira 13, evento de natureza cultural e lúdica, regista um perfil de público mais diversificado e equilibrado entre géneros e escalões etários. Este evento, profundamente enraizado na tradição local, sofreu ao longo dos anos uma progressiva reinvenção, tornando-se num espetáculo cénico e místico

de grande visibilidade mediática e projeção nacional. Apesar disso, a permanência dos visitantes em Montalegre é ainda maioritariamente de curta duração, comprometida pela insuficiência de estruturas de acolhimento e pela ausência de estratégias eficazes de retenção e diversificação de experiências turísticas.

A Feira do Fumeiro e do Presunto, considerada a “rainha dos eventos” de Montalegre, mantém um público fiel, valorizador dos produtos endógenos e das tradições gastronómicas locais. Para os produtores, representa uma janela de oportunidades para promoção e comercialização, embora as disparidades entre produtores mais estruturados e outros mais informais se mantenham evidentes. Este evento reforça o sentido de identidade local, enquanto contribui para a dinamização económica do concelho.

A análise da perceção dos visitantes e residentes sinalizou a importância da valorização crescente dos eventos, embora com sugestões concretas de melhoria ao nível da logística, segurança, acessibilidades e oferta cultural complementar. Os dados sugerem um potencial inexplorado na promoção de estadias prolongadas e no desenvolvimento de rotas turísticas associadas a patrimónios específicos (gastronómico, religioso, natural, etc.).

As potencialidades de Montalegre são múltiplas, destacando-se a autenticidade das suas práticas culturais e sociais, a sua classificação pela FAO como Património Agrícola Mundial, e uma base natural ainda bem preservada. No entanto, o território continua a enfrentar desafios complexos, entre os quais se destacam a fragilidade demográfica, a dependência de eventos sazonais, e a escassez de alojamento. Para além disso, a insuficiência de canais de promoção e comercialização digital limita o alcance dos produtos e experiências de Montalegre no mercado nacional e internacional.

Neste contexto, o projeto MONTTUR formulou um conjunto de propostas estratégicas: qualificação da oferta turística; reforço da comunicação digital e marketing territorial; aposta em eventos sustentáveis e identitários; estruturação de produtos turísticos integrados; incentivo à fixação de jovens através de apoio ao empreendedorismo; e criação de mecanismos de monitorização contínua dos impactos turísticos e económicos.

Finalmente, o projeto MONTTUR aponta para a necessidade de uma visão integrada e sustentável de desenvolvimento territorial, recomendando estratégias centradas na qualificação e diversificação da oferta turística, na valorização dos produtos locais, no reforço das parcerias institucionais, na criação de uma marca territorial forte e na capacitação dos agentes locais. A promoção do empreendedorismo, em especial jovem e feminino, e a aposta em plataformas digitais para reservas, informação e comércio são igualmente essenciais para consolidar a atratividade do concelho. A monitorização contínua dos impactos dos eventos, a promoção da educação patrimonial e o envolvimento ativo da população residente são vetores determinantes para assegurar uma trajetória de desenvolvimento verdadeiramente sustentável e inclusiva.

5.2- Limitações e Perspetivas de Continuidade

Embora o projeto MONTTUR tenha alcançado uma visão abrangente das dinâmicas de Montalegre, é importante reconhecer limitações metodológicas e operacionais. Em primeiro lugar, a recolha de dados em eventos massivos, como as Sextas-feiras 13, implicou desafios logísticos e condicionou a representatividade exata da amostra, dado o carácter flutuante e espontâneo da presença de visitantes.

Além disso, a escassez de dados estatísticos atualizados e desagregados por freguesia limitou algumas análises comparativas, sobretudo no que diz respeito ao impacto económico real em determinados

setores e à variação inter-anual da estrutura produtiva local. Esta limitação reforça a necessidade de bases de dados locais e de uma estrutura permanente de observação territorial.

A dimensão temporal do projeto, centrada num único ciclo anual de eventos, não permite avaliar efeitos de médio ou longo prazo, nomeadamente em termos de fidelização de visitantes ou impacto cumulativo na estrutura económica. Uma abordagem longitudinal, acompanhando a evolução ao longo de vários anos, seria desejável para aprofundar estes aspetos.

Perspetivando o futuro, recomenda-se a criação de um Observatório Local de Desenvolvimento Sustentável, capaz de produzir indicadores regulares e fomentar a colaboração entre academia, poder local e agentes económicos. Tal entidade poderia apoiar a gestão estratégica dos eventos, a monitorização de impactos e o desenho de políticas baseadas em evidência.

Sugere-se também a aposta em estratégias digitais, nomeadamente na análise de dados oriundos de redes sociais, plataformas de reservas e Sistemas de Informação Geográfica (SIG), para melhor compreender, com acrescido rigor espacial e geográfico, os padrões de mobilidade e preferências dos visitantes. Esta análise em tempo real permitiria adequar a oferta às novas exigências do mercado turístico.

Do ponto de vista da capacitação local, o envolvimento das escolas, IPSS, associações e jovens em iniciativas de voluntariado e em projetos turísticos-pedagógicos poderá contribuir para a dinamização cívica e para o surgimento de novos atores locais do desenvolvimento.

Por fim, é fulcral uma perspetiva integrada de desenvolvimento rural que articule turismo, agricultura sustentável, património material e imaterial, e inovação social com vista a consolidar Montalegre como território resiliente, atrativo e sustentável. A continuidade do projeto MONTTUR ou de projetos análogos poderá garantir a consolidação dos avanços já conseguidos, reforçando o papel dos eventos icónicos como motor de regeneração territorial.

Bibliografia

- Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região Norte – CCDRN (s.d.). *Indicadores Regionais*. Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região Norte. <https://www.ccdrn.pt/pagina/regiao-norte/indicadores-regionais> (Acedido em 10 de julho de 2025).
- Instituto Nacional de Estatística- INE. (n.d.). *Unidades territoriais: Municípios*. Instituto Nacional de Estatística. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_unid_territorial&menuBOUI=13707095&contexto=ut&selTab=tab3 (Acedido em 10 de julho de 2025).
- Kim, S. (2015). *ppcor: Partial and Semi-Partial (Part) Correlation*. [R package]. <https://cran.r-project.org/package=ppcor>.
- Município de Montalegre (2009-2021). *Estatística do Ecomuseu do Barroso*. [Arquivo Excel].
- The jamovi project (2024). *jamovi*. (Version 2.5) [Computer Software]. <https://www.jamovi.org>
- Triola, M. F. (2017). *Introdução à Estatística* (12ª ed.). Pearson Education.
- Turismo de Portugal. (2025a). *Registo Nacional de Turismo*. Turismo de Portugal. <https://rnt.turismodeportugal.pt/RNT/HomePage.aspx> (Acedido em 10 de julho de 2025)
- Turismo de Portugal. (2025b). *TravelBI: portal de inteligência para o setor do turismo*. TravelBI by Turismo de Portugal. <https://travelbi.turismodeportugal.pt/> (Acedido em 10 de julho de 2025)
- R Core Team (2023). *R: A Language and environment for statistical computing*. (Version 4.3) [Computer software]. <https://cran.r-project.org>. (R packages retrieved from CRAN snapshot 2024-01-09).

ANEXOS

Quadro 1- Explorações Agrícolas por classes de SAU (ha) em 2019.

Freguesias	Total da SAU					
	Classes de superfície agrícola utilizada					
	Total	Inferior a 1 ha	1 ha- < 5 ha	5 ha- < 20 ha	20 ha- < 50 ha	Superior ou igual a 50 ha
	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º
Continente	262114	39157	150097	49018	11758	12084
Montalegre (concelho)	2517	104	1245	974	124	70
Cabril	119	20	88	9		2
Cervos	101	1	44	48	5	3
Chã	211	2	83	107	16	3
Covelo do Gerês	45	1	34	9		1
Ferral	60	5	36	17	1	1
Gralhas	91	3	69	19		
Morgade	97	1	41	41	11	3
Negrões	63		22	35	5	1
Outeiro	56	4	28	21	1	2
Pitões das Júnias	63	1	29	30	2	1
Reigoso	60	1	35	21		3
Salto	253	34	78	94	31	16
Santo André	74	1	41	31		1
Sarraquinhos	119	2	29	74	10	4
Solveira	63	1	38	23		1
Tourém	30		12	16	1	1
U. Freguesias Cambeses do Rio, Donões e Mourilhe	117	3	51	51	8	4
U. Freguesias Meixedo e Padornelos	141	7	80	45	5	4
U. Freguesias Montalegre e Padroso	129	6	81	36	2	4
U. Freguesias Paradela, Contim e Fiães	99	5	53	31	5	5
U. Freguesias Sezelhe e Covelães	101		50	39	8	4
U. Freguesias Venda Nova e Pondras	39	4	18	15	1	1
U. Freguesias Viade de Baixo e Fervidelas	182	1	94	75	9	3
U. Freguesias Vilar de Perdizes e Meixide	160	1	94	62	2	1
Vila da Ponte	44		17	25	1	1

Fonte: Recenseamento Agrícola de 2019, INE

Quadro 2- Explorações Agrícolas por classes de SAU (ha) em 2009.

Freguesias	Total da SAU					
	Classes de superfície agrícola utilizada					
	Total	Inferior a 1 ha	1 ha- < 5 ha	5 ha- < 20 ha	20 ha - < 50 ha	Superior ou igual a 50 ha
N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	
Continente	276776	46160	160902	49311	10356	10047
Montalegre	2410	36	1115	1045	159	55
Cabril	126	5	95	23		3
Cervos	88		14	56	17	1
Chã	245		101	120	22	2
Covelo do Gerês	51	2	42	6		1
Ferral	75	1	40	33		1
Gralhas	89		60	25	3	1
Morgade	84	2	29	38	13	2
Negrões	64		22	37	4	1
Outeiro	41		12	24	3	2
Pitões das Junias	43		5	32	5	1
Reigoso	68		25	37	5	1
Salto	182	8	52	82	28	12
Santo André	83	1	48	30	3	1
Sarraquinhos	123	1	43	65	13	1
Solveira	60		42	16	1	1
Tourém	35		13	20	1	1
U. Freguesias Cambeses do Rio, Donões e Mourilhe	115		45	61	5	4
U. Freguesias Meixedo e Padornelos	139		83	49	5	2
U. Freguesias Montalegre e Padroso	111	1	57	44	6	3
U. Freguesias Paradela, Contim e Fiães	93	1	45	41	2	4
U. Freguesias Sezelhe e Covelães	82		20	49	9	4
U. Freguesias Venda Nova e Pondras	41	1	17	21		2
U. Freguesias Viade de Baixo e Fervidelas	171	6	79	75	9	2
U. Freguesias Vilar de Perdizes e Meixide	154	7	113	33		1
Vila da Ponte	47		13	28	5	1

Fonte: Recenseamento Agrícola de 2009, INE

Quadro 3- Explorações Agrícolas por classes de SAU (ha) em 1999.

Freguesias	Total da SAU					
	Classes de superfície agrícola utilizada					
	Total	Inferior a 1 ha	1 ha- < 5 ha	5 ha- < 20 ha	20 ha - < 50 ha	Superior ou igual a 50 ha
N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	
Continente	378880	85371	210639	61490	11768	9612
Montalegre	2472	40	967	1176	241	48
Cabril	150	8	122	16	1	3
Cervos	87		13	53	18	3
Chã	223	1	64	123	34	1
Covelo do Gerês	52	7	39	5		1
Ferral	97	3	73	20		1
Gralhas	91		62	28		1
Morgade	73		19	38	13	3
Negrões	57		10	38	8	1
Outeiro	49	1	15	29	3	1
Pitões das Junias	38	2	2	28	4	2
Reigoso	65		23	39	2	1
Salto	170	5	35	84	43	3
Santo André	87		41	43	2	1
Sarraquinhos	112		41	63	7	1
Solveira	68		38	29		1
Tourém	29		5	19	4	1
U. Freguesias Cambeses do Rio, Donões e Mourilhe	109		9	76	18	6
U. Freguesias Meixedo e Padornelos	114	1	25	76	10	2
U. Freguesias Montalegre e Padroso	106	2	34	56	12	2
U. Freguesias Paradela, Contim e Fiães	128	3	56	58	8	3
U. Freguesias Sezelhe e Covelães	97	1	24	53	16	3
U. Freguesias Venda Nova e Pondras	58		23	31	3	1
U. Freguesias Viade de Baixo e Fervidelas	185	4	64	87	26	4
U. Freguesias Vilar de Perdizes e Meixide	180	1	115	59	4	1
Vila da Ponte	47	1	15	25	5	1

Fonte: Recenseamento Agrícola de 1999, INE

Quadro 4 - Explorações Agrícolas por classes de SAU (ha) em 1989.

Freguesias	Total da SAU					
	Classes de superfície agrícola utilizada					
	Total	Inferior a 1 ha	1 ha- < 5 ha	5 ha- < 20 ha	20 ha - < 50 ha	Superior ou igual a 50 ha
	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º
Continente	546658	144246	301938	78867	12557	9050
Montalegre (concelho)	3001	110	1576	1221	91	3
Cabril	173	25	140	8		
Cervos	97		29	64	4	
Chã	216	1	56	135	23	1
Covelo do Gerês	67		57	10		
Ferral	92	13	77	2		
Gralhas	86	1	60	25		
Morgade	94	1	37	46	10	
Negrões	65	1	27	33	4	
Outeiro	67	8	35	23	1	
Pitões das Júnias	55	3	16	34	1	1
Reigoso	82	2	41	39		
Salto	213	6	99	100	8	
Santo André	98	1	52	43	2	
Sarraquinhos	154	1	62	88	3	
Solveira	59		37	22		
Tourém	49	1	25	23		
U. Freguesias Cambeses do Rio, Donões e Mourilhe	139	2	52	79	6	
U. Freguesias Meixedo e Padornelos	137	3	55	75	4	
U. Freguesias Montalegre e Padroso	181	8	105	64	4	
U. Freguesias Paradela, Contim e Fiães	142	5	87	49	1	
U. Freguesias Sezelhe e Covelães	145	3	73	67	1	1
U. Freguesias Venda Nova e Pondras	96	1	74	20	1	
U. Freguesias Viade de Baixo e Fervidelas	206	8	99	88	11	
U. Freguesias Vilar de Perdizes e Meixide	238	12	166	59	1	
Vila da Ponte	50	4	15	25	6	

Fonte: Recenseamento Agrícola de 1989, INE

Quadro 5- Evolução da SAU média por exploração (ha) (1989, 1999, 2009 e 2019).

Freguesias	Período de referência dos dados			
	2019	2009	1999	1989
	ha	ha	ha	ha
Continente	14,4	12,7	9,8	7
Montalegre (concelho)	12,8	22,8	13,9	6
Cabril	10,2	61,4	8,7	2
Cervos	12,5	20,5	16,5	8,7
Chã	12,2	9,4	14,6	10,3
Covelo do Gerês	7	8,7	5,6	2,9
Ferral	9,3	15,2	4,3	1,9
Gralhas	3,8	14,4	8,5	4,3
Morgade	12,1	14,1	21,6	9
Negrões	12,8	18,5	19,1	8
Outeiro	13,6	129	22	4,5
Pitões das Júnias	21,8	73	37,6	8,8
Reigoso	11,3	21,8	12,3	5,4
Salto	14,7	25,6	26,2	7,3
Santo André	14,3	16,4	11,3	5,6
Sarraquinhos	18,9	17,4	13,1	6,6
Solveira	12,2	10,7	5,6	4,9
Tourém	27,4	41,8	22,1	5,7
U. Freguesias Cambeses do Rio, Donões e Mourilhe	15,2	27,1	16,5	7,3
U. Freguesias Meixedo e Padornelos	12,3	16	14,3	7,1
U. Freguesias Montalegre e Padroso	11,4	18,3	14,7	5
União das freguesias de Paradela, Contim e Fiães	11,7	20,4	10,4	5,1
União das freguesias de Sezelhe e Covelães	15,2	34	14,4	6
União das freguesias de Venda Nova e Pondras	11,6	19,7	10,3	3,8
União das freguesias de Viade de Baixo e Fervidelas	11,6	11,2	14,8	6,7
União das freguesias de Vilar de Perdizes e Meixide	10,7	10,4	6,3	4
Vila da Ponte	12,6	22,8	16,9	8,6

Fonte: Recenseamentos agrícolas, INE

Quadro 6 - Evolução do número médio de suínos por exploração (1989, 1999, 2009 e 2019).

Freguesias	Suínos por exploração (N.º)				Evolução 1989/2019
	Período de referência dos dados				
	2019	2009	1999	1989	
	N.º	N.º	N.º	N.º	%
Continente	85,5	41,5	19,2	10,7	799,1
Montalegre (Concelho)	5,1	4,6	3,9	2,9	175,9
Cabril	4,1	2,5	2,4	2,1	195,2
Cervos	4	3,2	3,9	3,5	114,3
Chã	6,6	5,7	4	3,4	194,1
Covelo do Gerês	2,5	2,3	2,9	2,2	113,6
Ferral	5,5	3,9	3,3	2,4	229,2
Gralhas	1,9	2,6	3	3,6	52,8
Morgade	4,3	10,7	3,5	2,5	172,0
Negrões	5,9	5,1	4,3	2,5	236,0
Outeiro	7,4	16	4,4	3,9	189,7
Pitões das Júnias	5,6	6,6	4,4	3,2	175,0
Reigoso	2	6	3,4	2,7	74,1
Salto	13,9	6,8	4,7	2,9	479,3
Santo André	4,4	3,9	3,6	2,9	151,7
Sarraquinhos	2,3	2,5	3	2,5	92,0
Solveira	3,6	8,3	3,2	2,9	124,1
Tourém	3,8	2	2,3	2	190,0
Uni. Freguesias Cambeses do Rio, Donões e Mourilhe	3,2	5	2,7	3	106,7
Uni. Freguesias Meixedo e Padornelos	3	7,4	4,2	3,9	76,9
Uni. Freguesias Montalegre e Padroso	6	4,9	22,4	3,2	187,5
Uni. Freguesias Paradela, Contim e Fiães	10,5	5,3	3,3	2,5	420,0
Uni. Freguesias Sezelhe e Covelães	6,6	4	2,8	2,5	264,0
Uni. Freguesias Venda Nova e Pondras	8,3		1,9	2,1	395,2
Uni. Freguesias Viade de Baixo e Fervidelas	2,6	3,9	3	2,9	89,7
Uni. Freguesias Vilar de Perdizes e Meixide	6,8	4,4	3	4,4	154,5
Vila da Ponte	1	3	3,3	3,6	27,8

Fonte: Recenseamentos Agrícolas, INE

Quadro 7 - População agrícola familiar (N.º, HM) por freguesia e escolaridade, em 2019.

Freguesias	TOTAL	Nenhu m	Básico	Secundário/Pó s-secundário	Superi or	Básico
	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	(%)
Continente	599497	69110	376008	85343	69036	62,7
Montalegre (concelho)	5673	896	3620	694	463	63,8
Cabril	275	53	158	40	24	57,5
Cervos	211	31	141	21	18	66,8
Chã	415	55	265	63	32	63,9
Covelo do Gerês	105	20	67	9	9	63,8
Ferral	142	29	89	18	6	62,7
Gralhas	189	30	130	19	10	68,8
Morgade	208	21	145	23	19	69,7
Negrões	131	19	93	12	7	71,0
Outeiro	136	18	97	19	2	71,3
Pitões das Junias	157	27	106	14	10	67,5
Reigoso	96	9	80	4	3	83,3
Salto	619	101	362	71	85	58,5
Santo André	160	22	104	26	8	65,0
Sarraquinhos	397	53	266	48	30	67,0
Solveira	158	42	85	22	9	53,8
Tourém	55	5	44	2	4	80,0
União freg. de Cambeses do Rio, Donões e Mourilhe	284	46	175	46	17	61,6
União freg. de Meixedo e Padornelos	257	50	163	21	23	63,4
União freg. de Montalegre e Padroso	287	34	178	46	29	62,0
União freg. de Paradela, Contim e Fiães	195	51	115	14	15	59,0
União freg. de Sezelhe e Covelães	197	42	122	24	9	61,9
União freg. Venda Nova e Pondras	81	9	50	12	10	61,7
União freg. Viade de Baixo e Fervidelas	384	52	269	33	30	70,1
União freg. de Vilar de Perdizes e Meixide	447	66	267	75	39	59,7
Vila da Ponte	87	11	49	12	15	56,3

Fonte: Recenseamento agrícola, INE

Quadro 8- População agrícola familiar (N.º, HM) por freguesia e escolaridade, em 2009.

Freguesias	TOTAL	Nenhum	Básico	Secundário/Pós-secundário	Superior	Básico
		N.º	N.º	N.º	N.º	(%)
Continente	709928	155834	444408	61669	48017	62,6
Montalegre	6044	1703	3708	369	264	61,4
Cabril	357	111	193	29	24	54,1
Cervos	213	64	119	16	14	55,9
Chã	639	142	444	30	23	69,5
Covelo do Gerês	135	46	80	6	3	59,3
Ferral	196	58	117	12	9	59,7
Gralhas	245	62	165	10	8	67,3
Morgade	197	51	123	9	14	62,4
Negrões	153	41	104	7	1	68,0
Outeiro	114	26	75	11	2	65,8
Pitões das Júnias	115	27	70	13	5	60,9
Reigoso	148	51	85	8	4	57,4
Salto	484	139	266	42	37	55,0
Santo André	202	51	133	12	6	65,8
Sarraquinhos	297	67	207	11	12	69,7
Solveira	147	61	80	4	2	54,4
Tourém	95	13	65	10	7	68,4
União freg. Cambeses do Rio, Donões e Mourilhe	252	106	134	8	4	53,2
União freg. Meixedo e Padornelos	341	116	199	14	12	58,4
União freg. Montalegre e Padroso	296	55	192	30	19	64,9
União freg. Paradela, Contim e Fiães	208	77	116	8	7	55,8
União freg. Sezelhe e Covelães	178	54	108	9	7	60,7
União freg. Venda Nova e Pondras	100	33	59	6	2	59,0
União freg. Viade de Baixo e Fervidelas	445	91	300	29	25	67,4
União freg. Vilar de Perdizes e Meixide	376	127	211	26	12	56,1
Vila da Ponte	111	34	63	9	5	56,8

Fonte: Recenseamento agrícola, INE

Quadro 9- População agrícola familiar (N.º, HM) por freguesia e escolaridade, em 1999.

Freguesias	TOTAL	Nenhum	Básico	Secundário/Pós-secundário	Superior	Básico
		N.º	N.º	N.º	N.º	(%)
Continente	1123418	369084	642873	69408	42053	57,2
Montalegre	7328	2942	3910	331	145	53,4
Cabril	472	213	216	31	12	45,8
Cervos	274	97	166	8	3	60,6
Chã	673	226	417	22	8	62,0
Covelo do Gerês	180	72	95	8	5	52,8
Ferral	325	133	164	23	5	50,5
Gralhas	208	71	123	5	9	59,1
Morgade	209	88	99	12	10	47,4
Negrões	176	80	85	7	4	48,3
Outeiro	167	77	82	5	3	49,1
Pitões das Júnias	155	54	91	6	4	58,7
Reigoso	171	81	83	7		48,5
Salto	624	236	320	49	19	51,3
Santo André	231	66	156	6	3	67,5
Sarraquinhos	314	125	181	5	3	57,6
Solveira	156	92	62	1	1	39,7
Tourém	80	31	46	3		57,5
União freg. Cambeses do Rio, Donões e Mourilhe	268	113	146	6	3	54,5
União freg. Meixedo e Padornelos	310	117	169	15	9	54,5
União freg. Montalegre e Padroso	317	81	198	25	13	62,5
União freg. Paradela, Contim e Fiães	322	165	144	12	1	44,7
União freg. Sezelhe e Covelães	259	137	110	6	6	42,5
União freg. Venda Nova e Pondras	167	81	75	9	2	44,9
União freg. Viade de Baixo e Fervidelas	613	262	316	27	8	51,5
União freg. Vilar de Perdizes e Meixide	490	182	276	22	10	56,3
Vila da Ponte	167	62	90	11	4	53,9

Fonte: Recenseamento agrícola, INE

Quadro 10-População agrícola familiar (N.º, HM) por freguesia e escolaridade, em 1989.

Freguesias	TOTAL	Nenhum	Básico	Secundário/Pós-secundário	Superior	Básico
		N.º	N.º	N.º	N.º	(%)
Continente	1799736	767322	897202	115693	19519	49,9
Montalegre	9900	5206	4271	390	33	43,1
Cabril	620	381	217	22		35,0
Cervos	343	181	148	12	2	43,1
Chã	774	305	431	36	2	55,7
Covelo do Gerês	220	93	112	15		50,9
Ferral	351	188	142	21		40,5
Gralhas	217	124	90	2	1	41,5
Morgade	285	156	117	11	1	41,1
Negrões	197	116	75	6		38,1
Outeiro	239	138	93	8		38,9
Pitões das Júnias	206	127	71	8		34,5
Reigoso	264	137	123	2	2	46,6
Salto	823	416	401	6		48,7
Santo André	278	156	115	6	1	41,4
Sarraquinhos	474	267	197	9	1	41,6
Solveira	154	116	37	1		24,0
Tourém	152	69	77	6		50,7
União freg. Cambeses do Rio, Donões e Mourilhe	423	234	185	3	1	43,7
União freg. Meixedo e Padornelos	400	219	167	14		41,8
União freg. Montalegre e Padroso	650	215	310	111	14	47,7
União freg. Paradela, Contim e Fiães	425	266	152	7		35,8
União freg. Sezelhe e Covelães	408	249	148	11		36,3
União freg. Venda Nova e Pondras	291	144	126	19	2	43,3
União freg. Viade de Baixo e Fervidelas	749	419	315	15		42,1
União freg. Vilar de Perdizes e Meixide	744	394	312	33	5	41,9
Vila da Ponte	213	96	110	6	1	51,6

Fonte: Recenseamento agrícola, INE

Lista dos expositores presentes na 34ª Feira do Fumeiro de Montalegre- .

- 1- Pedro Gonçalves Pereira
- 2- José Maria Alves Pereira
- 3- Rosa Correia e José Pedro
- 4- José Manuel Gonçalves Pereira
- 5- Sílvia Manuela Pereira
- 6- Fumeiro Berta Batista & Niza
- 7- Nuno Afonso Júnior
- 8- Casa dos Acacinhos
- 9- Sebastião Fernandes
- 10- João Pinto Baía
- 11- António Moura
- 12- Casa da Tulha
- 13- Inês Costa
- 14- Cibinhos d'Avó
- 15- Daniela Gonçalves
- 16- Manuel Pereira Duarte
- 17- Domingos Pires de Moura
- 18- Nuno Daniel Pires
- 19- Cláudio Manuel Alves
- 20- Joaquina Alves da Costa
- 21- Luís Costa Gonçalves
- 22- Normanda Pires
- 23- Casa do Abel (Maria Fernanda)
- 24- Zulmira Canto Fernandes
- 25- Maria Luísa Veloso
- 26- Márcio Azevedo
- 27- Rosa Moura
- 28- Casa Lanos
- 29- Adriana Sofia Alves Costa
- 30- Casa Chanquinhas
- 31- Luísa Costa
- 32- Maria Cristina Serra
- 33- Carla Pires
- 34- Ana Damião
- 35- Glória Sousa
- 36- Amadeu Antunes Dias
- 37- Margarida Gonçalves
- 38- António Calado Martins
- 39- Teresa Cunha Araújo
- 40- Maria das Dores Justo
- 41- Rosa Vilaça
- 42- Nélinha e Alzarinho
- 43- Aromas e Sabores de Pitões
- 44- Padaria de Pitões de Júnias
- 45- Mel Moura
- 46- Augusto Garcia
- 47- Carvalho de Moura
- 48- Luís Carlos Gonçalves
- 49- Maria da Conceição Albedo Gonçalves

- 50- Preciosa Dias Canto
- 51- Maria Lina Murta Cruz
- 52- Fernanda de Jesus Martins
- 53- Ana Maria Teixeira Gonçalves
- 54- António Andrade
- 55- João Paulo Lopes
- 56- António Dias
- 57- Ana da Eira Martins
- 58- Sara Jorge
- 59- D'Fafião (Odete Laja)
- 60- Os de Pitões

Quadro 11 – Distribuição do número de expositores de fumeiro por concelhos e freguesias (janeiro de 2025).

Concelho	Freguesias	Nº de Expositores
Montalegre	Cabril	3
	Chã	10
	Ferral	3
	Morgade	1
	Outeiro	5
	Pitões de Júnias	7
	Santo André	3
	Salto	7
	Solveira	1
	Tourém	2
	U. F. de Meixedo e Padronelos	4
	U.F. de Montalegre e Pedroso	5
	U.F. de Paradela, Contim e Fiães	1
	U.F. de Sezelhe e Covelães	4
	U.F. de Vilar de Perdizes e Meixide	1
Vila da Ponte	1	
Boticas	Altura do Barroso/ Cerdedo	2

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Quadro 12 – Como surgiu a ideia de criar suínos e fazer fumeiro

Expositores de fumeiro	Atividade que surgiu antes da Feira	<ul style="list-style-type: none"> - De Geração em geração, autoconsumo, por tradição. - Começaram a produzir para vender para obterem mais rendimento, para promoverem os produtos endógenos de qualidade. - É uma terapia. 	40	81,6%
	Atividade que surgiu com a Feira do Fumeiro	<ul style="list-style-type: none"> - Família acreditou no projeto e investiram, nomeadamente, as mães/avós. - Retorno ao concelho. - Reformado. 	9	18,4%
Expositores de Outros produtos (mel, licores, plantas medicinais, etc.)		<ul style="list-style-type: none"> - Dar continuidade ao negócio e atividade dos pais. - Falta de emprego/empreendedorismo 	8	
Não responderam			3	

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Quadro 13 – Ano de início da atividade.

Intervalos de tempo	Número de expositores	Porcentagem (%)
Entre 1991 a 1995	11	18,33
1996 a 2000	10	16,66
2001 a 2005	8	13,33
2006 a 2010	5	8,33
2011 a 2015	8	13,33
2016 a 2020	5	8,33
2021 a 2025	6	10,00
anos 80/90	1	1,66
Não se lembra	1	1,66
Reiniciou	1	1,66
Não responderam	4	6,66

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Quadro 14– Os problemas encontrados pelos expositores.

Problemas encontrados	Totais	Perc.%	
Não encontraram problemas	37	61,66	
Foram surgindo problemas	3	5,00	
Aumento das regras técnicas e sanitárias	O equipamento exigido	4	6,66
	Condições exigidas pelas autoridades locais	1	1,66
	Exigências alimentares	1	1,66
	Exigências sanitárias	1	1,66
Isolamento	1	1,66	
Falta de mão de obra	1	1,66	
Aumento dos custos de produção	2	3,33	
Incêndios rurais e doenças/Barroa	1	1,66	
Tinham falta de dinheiro e de clientes	1	1,66	
Competitividade	2	3,33	
Adaptação dos animais às novas instalações	2	3,33	
Não responderam	3	5,00	

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Quadro 15 – Como superou os problemas?

Transferência de meios financeiros provenientes de outras produções	1
Com o tempo, os porcos habituaram-se (instalações)	2
Os problemas foram resolvidos conforme foram surgindo	1
Com o apoio da família, do turismo e a grande procura do mel, consegue escoar o produto	1
Ultrapassou com a compra do centeio a vários fornecedores	1
Com a qualidade	1
O tratamento à doença “Barroa”; o tratamento é preventivo, mas não tem dado resultado.	1
Não responderam	52 /86,66%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Quadro 16 – Os apoios dados aos expositores

Apoios dados ao expositores		Totais	Perc.%
Não teve apoios		16	26,66
Não teve, mas gostava de ter tido		8	13,33
Teve apoios	Da C. Montalegre e Associação	19	31,66
	A Fundo Perdido	1	1,66
	PRR	1	1,66
	Só na Feira	1	1,66
Pediu apoio para a ag. e biodiversidade		1	1,66
Tem poucos apoios por ser apicultor		1	1,66
Gostaria de ter mais apoios		2	3,33
Preferia ter com o abate e não com sacos		1	1,66
Não responderam		9	15,00

36,64%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Quadro 17 – Propostas de apoio aos expositores.

Para agricultura caseira	1
Para montar a cozinha	5
Para a comida dos animais	2
Assistência do veterinário	1
Monetário	2
Para formação	1
Para atrair população jovem	1
Mitigar a burocracia	1
Para construir um novo estábulo	1
Subsidiar o porco para haver mais criação	1
Gostaria de ter mais	2
Gostaria de ter mais, mas não sabe para quê	1
É suficiente	1
Não responderam	40/66,66%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Quadro 18 – O Género dos responsáveis pelas exploradores agrícolas

Género	Número	Percentagem
Género Feminino	34	56,66%
Género Masculino	26	43,33%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Quadro 19– O nível etário dos responsáveis pelas exploradores agrícolas

Nível etário (anos)	Número	Percentagem
18 – 24	2	3,33%
25- 44	9	15,00%
45- 64	31	51,66%
65 ou +	14	23,33%
Não responderam	4	6,66%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Quadro 20 – O grau de instrução dos responsáveis pelas explorações agrícolas agrícolas

Grau de Instrução	Número	Percentagem
1º ciclo básico	8	13,33%
2º ciclo básico	8	13,33%
3º ciclo básico	20	33,33%
Secundário	12	20,00%
Licenciatura	5	8,33%
Mestrado	1	1,66%
Doutoramento	0	0
Não responderam	6	10,00%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Quadro 21 – Número de elementos do agregado familiar que auxiliam na exploração agrícola.

Números de elementos	Número total	Percentagem
1	1	1,66%
2	14	23,33%
3	10	16,66%
4	13	21,66%
5	5	8,33%
6	3	5,00%
7	2	3,33%
8	2	3,33%
9	2	3,33%
10	2	3,33%
11	0	0,0%
12	1	1,66%
Não responderam	5	8,33%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Quadro 22 – Género de quem ajuda na exploração agrícola.

Ajudantes por agregado	Ajudantes do Sexo Masculino	Ajudantes do Sexo Feminino
0	4/6,66%	4 / 6,66%
1	22/ 36,66%	15 / 25,00%
2	12 %20,0%	15/ 25,0%
3	11 / 18,33%	11 / 18,33%
4	3 / 5,00%	3 / 5,00%
5	2 / 3,33%	2/ 3,33%
6	1 /1,66%	4 /6,66%
7	0	0
Não responderam	5 /8,33%	6 /10,0%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Quadro 23 – Grupo etário dos ajudantes do agregado familiar

< 18 anos	18-24 anos	25-44 anos	45-64 anos	➤ 65 anos	Total
2 / 0,90%	14 /6,33	57 /25,79%	89 / 40,27%	59 / 26,69%	221 / 100%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Quadro 24 – Grau de instrução dos ajudantes do agregado familiar

Ensino Básico	Ensino Secundário	Ensino Superior	Total
89/ 46,6%	69 /36,12%	33 /17,27%	191/100%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Quadro 25 – A área das explorações agrícolas (ha).

Área das explorações agrícolas	Número dos proprietários	Percentagem
Não tem	1	1,66%
< 1 ha	2	3,33%
1 ha a < 5 ha	13	21,66%
5 ha a < 20 ha	16	26,66%
20 há a < 50 ha	13	21,66%
50 há a < 100 ha	2	3,33%
<100 ha	0	0,0%
Não responde	7	11,66%
Não sabe	4	6,66%
baldios	1	1,66%
300 colmeias	1	1,66%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Quadro 26 – Número de suínos criados por ano.

Número de suínos criados	Proprietários	Porcentagem
Entre 1 e 10	16	26,66%
11 e 20	18	30,00%
21 e 30	6	10,00%
31 e 40	4	6,66%
41 e 50	2	3,33%
51 e 60	0	0,0%
61 e 70	1	1,66%
Não responderam	10	16,66%
Varia conforme o nº de crias/Conforme o ano anterior	3	5,0%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Quadro 27 – Raças de suínos utilizadas para a produção do fumeiro.

Raças	Nº de suínos	Porcentagem
Cruzada	30	50,00%
Cruzada e bísara	7	11,66%
Bísara	5	8,33%
Bísara, Cruzada e Landrace	1	1,66%
Cruzada com Duroc	1	1,66%
Duroc + Pietrain	1	1,66%
Bísara + Cruzada + Branca	2	3,33%
Outros produtos	5	8,33%
Não responderam	8	13,33%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Quadro 28 – Onde são comprados os leitões

A compra de leitões	Totais	Porcentagem
Não compram	18	30,00%
Compram	18	30,00%
Compram quando precisam	5	8,33%
Tanto Compram como criam	10	16,66%
Não responderam	9	15,00%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Quadro 29 – Produção do Fumeiro de Montalegre

Desde quando se produz o fumeiro	Produtores	Porcentagem
Desde sempre	16	26,66%
>= 30 anos	4	6,66%
25 anos a 29 anos	8	13,33%
20 anos a 24 anos	6	10,00%
15 anos a 19 anos	3	5,00%
10 anos a 14 anos	5	8,33%
5 anos a 9 anos	6	10,00%
1 ano a 4 anos	2	3,33%
Parou de vender/vendeu até 2018	2	3,33%
Não responderam	2	3,33%
Outros produtos (mel, compotas, pão, etc)	6	10,00%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Quadro 30 – Adesão à Feira do Fumeiro

Adesão dos produtores à Feira	Produtores	Percentagem
1 ano a 4 anos	5	8,33%
5 anos a 9 anos	8	13,33%
10 anos a 14 anos	5	8,33%
15 anos a 19 anos	2	3,33%
20 anos a 24 anos	8	13,33%
25 anos a 29 anos	10	16,66%
>= a 30 anos	10	16,66%
Parou de vender/vendeu até 2028	2	3,33%
Outros produtos	7	11,66%
não responderam	3	5,00%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Quadro 31 – Venda também noutras feiras

Venda do Fumeiro em Feiras	Número de vendedores	Percentagem (%)
Sim	13	21,66 %
Não	37	61,66%
Já vendeu	5	8,33%
Vai vender	1	1,66%
Não responderam	4	6,66%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Quadro 32 – Alterações verificadas ao longo dos tempos.

Vendas de fumeiro ao longo dos tempos					
Mantêm-se	Aumentaram	Diminuíram	Varia consoante as crias/ano anterior	Não responderam	Outros produtos
4	11	4	3	31	7
6,66%	18,33%	6,66%	5,0%	51,66%	11,66%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Quadro 33 – Diferentes fases na venda do fumeiro

Fases	Não		7	11,66%
	Sim	Diminuiu		
		Aumentou	14	23,33%
Não responderam			36	60,00%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Quadro 34 – Durante o período da Feira do Fumeiro aumenta a frequência e vendas do Fumeiro

Melhores períodos de venda	Produtores	Percentagem
Aumenta pouco	3	8,33%
Aumenta significativamente	8	13,33%
É o melhor período de vendas	45	75,00 %
Não responderam	4	6,66 %

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025

Quadro 35 – As variações na venda do fumeiro ao longo dos tempos

Varição na venda	Produtores	Percentagem
Sim, tem aumentado	27	45,00%
Não, manteve-se	14	23,33%
Diminuiu	4	6,66%
Não responderam	15	25,00%

Fonte: Inquéritos próprios, janeiro de 2025